Pe. ANTONIO GIACONE, S. S.

OS TUCANOS

E OUTRAS TRIBUS DO RIO UAUPÉS AFLUENTE DO NEGRO - AMAZONAS

◆

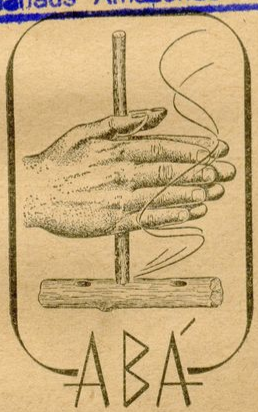
NOTAS ETNOGRÁFICAS E FOLCLÓRICAS
DE UM MISSIONÁRIO SALESIANO

◆

EDITADO SOB OS AUSPÍCIOS DA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS AMERINDIANISTAS

Bt. Mário Ypiranga Monteiro
Manaus Amazonas



1949
IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO
SÃO PAULO

ÍNDICE

PARTE PRIMEIRA

	Págs.
Prefácio	3
Regras para a fonética da Língua Tucana	3
As tribus do Rio Uaupés e afluentes e seu habitat	5
A psicologia do nosso selvícola. (P. João Marchesi)	11
Ritos e cerimônias que acompanham o nascimento dos filhos	11
Como os selvícolas criam seus filhos	16
Quando a menina chega à puberdade	19
Iniciação dos jovens	20
O matrimônio	21
Peáperí	23
As viuvas e os órfãos	24
Os velhos	25
Origem das doenças. Os doentes	27
Morte e entêrro	31
O pagé	37
Idéias religiosas	43
Uakti-ié ou festas profanas	45
Bakçacé — Cantos e Dansas	51
Infanticídio	53
Limpeza e higiene	54
Caça e pesca	57
Tuchaua-Viogue	61
Alimentos de todos os dias e petiscos raros	65
Capacidade intelectual	69
A conversa e a recepção	71
Episódio interessante	73
A condição da mulher indígena	75
A pacificação dos índios Barás pelo P. João Marchesi	77
História de um indiozinho da missão de Taracuá	83
Os índios "Macús"	87
Como os índios "Macus" preparam o curare	89

PARTE SEGUNDA

ETNOGRAFIA E FOLCLORE DAS TRIBUS DO RIO UAUPÉS

Págs.

Lendas em língua tucana e tradução para o português..... 93
Iamacurú makçampé quekti = Do diabo do sepulcro história.. 95
O sepulcro de Iamacurú (Diabo) — (tradução corrente)..... 97
Uakti uaí uehengue = O diabo pescador 99
O diabo pescador (tradução corrente) 100
Deró diicana dohótohapa akquea = Como os "Tuiucas" viraram macacos 103
Como os "Tuiucas" viraram macacos (tradução livre) 104
Deró dikporópê uekque bahuliótohami quee viogue nicerê nipetina ekcana bui = Como a anta perdeu, outróra, a supremacia sôbre os outros animais 105
Como a anta perdeu, outróra, a supremacia sobre os outros animais (tradução corrente) 107
Deró "pokçá" dohótohapa iekcea = Como os índios "Macús" viraram pórcos do mato 109
Como os índios "Macús" viraram pórcos do mato (tradução corrente) 109
Bu tariana quekti = Lenda dos Tarianos sôbre a cotia 111
Lenda dos índios Tarianos sôbre a cotia (tradução corrente).. 113
Maricauassú buia (Fato verídico)..... 115
Lenda sobre as estrelas "Três Marias" 117
O Buiauaçú 117
"Patrona de Macaco" 118
A Piranha 118
Lenda dos índios Piratapuias sôbre a Origem das Tribus: Tucana, Dessana, Arapaço e Piratapuia 118
Curupíra 119
Os Macús do Cauaburí ou Caburí, afluente do rio Negro..... 121
À margem de um escrito de Stradelli 125
O rio Uaupés na atualidade 129
Quadro comparativo dos diversos dialetos falados no rio Uaupés e seus afluentes 133

PARTE TERCEIRA

Pequena Gramática (e Dicionário) da Língua Tucana..... 141
Vocábulos de uso mais corrente 167
Dicionário prático da língua Tucana 171

DUAS APRESENTAÇÕES

Êste livro do missionário salesiano Padre Antônio Giacone é fruto de tenacidade admirável, animada pelo desejo de contribuir para o mais exato conhecimento da vida, dos sentimentos e das tradições dos nossos índios.

Só quem conhece a dureza do clima equatorial do vale do rio Negro, "super-úmido" na classificação de Morize e Delgado de Carvalho, "debilitante e enervante, porém não totalmente malsão", segundo Le Cointe, pode avaliar a soma de energias de que precisa ser dotado o ser humano para poder levar avante, em anos a fio, pacientes observações e anotações que originam obras como esta.

Mais do que para os fatores climáticos e o desconfôrto físico, temos de olhar para a ausência quase absoluta de convívio intelectual em que vivem os missionários naquele fim de mundo, assoberbados pelas rudes tarefas materiais de desbravar largos tratos da floresta virgem, erguer construções, formar roças, assegurar os transportes e garantir a subsistência de centenas de pessoas, ao lado da preocupação dominante de lançar a semente do cristianismo entre o gentío.

Mesmo assim o Padre Giacone, que lá se encontra há mais de 20 anos, achou vagares para atender ao nosso apêlo e registrar de maneira despretensiosa, porém com profundo respeito e amor à verdade, como faz aqui, o que pôde observar em tão longo convívio com os índios tucanos, cuja língua domina a bacia do rio Uaupés.

Os salesianos, com suas Missões inauguradas há bem pouco tempo em nosso País, podem orgulhar-se da sua operosidade como educadores e civilizadores,

bem como do cuidado que vêm demonstrando em estudar as tribos com as quais se põem em contacto, cooperando com inexcedível boa vontade na colheita, classificação e preservação de material de valor etnográfico. "Os Bororos Orientais", a magnífica obra dos Padres Antônio Colbacchini e César Albisetti, da Missão de Mato Grosso, é o estudo mais completo que possui a Etnologia brasileira sôbre os orarimogodogues. E agora a Missão do rio Negro nos dá êste trabalho do seu "soldado" Antônio Giacone, como já nos ofereceu "Pelo Rio-Mar", através do incansável esfôrço e incomparável diligência de D. Pedro Massa, Bispo Titular de Hebron, Prelado de Rio Negro. E brevemente nos surpreenderá com as valiosas observações de João Marchesi, grande missionário do Uaupés, e João Francisco Bigiaretti, médico pela Universidade de Roma, onde foi aluno dileto de Castellani. A respeito de Bigiaretti há uma história fascinante que um dia, que não está muito longe, esperamos poder narrar à guisa de apresentação do seu "Estudo Gramatical Comparativo sôbre as Sete Línguas Amazônicas Filiadas ao Grupo Étnico Aruac: Baré, Baníua, Bauana, Uarequena, Arapasso, Xirianá e Tariana".

Temos, assim, uma realidade palpável: estas observações sôbre usos, costumes e língua dos tucanos, do Padre Antônio Giacone. E temos também um punhado de perspectivas animadoras, que são as notas e estudos já iniciados por outros missionários. Isso, para só falar na bacia do rio Negro, tão favorável ao florescimento de povos indígenas, tribos, línguas, dialetos e encantadoras tradições e lendas. Somos animados, ainda, pela esperança de poder criar possibilidades tão boas de trocas com as demais Missões espalhadas pelo território nacional, quanto as que foram até o presente conseguidas com os salesianos do Amazonas.

Data de 1926 o início da nossa correspondência e boas relações até hoje mantidas com êsses discípulos de D. Bosco, a princípio com a Missão de São Gabriel, onde a saudosa Irmã Catarina Lopes de Oliveira dirigia o Colégio e a Santa Casa. A partir de 1935 passamos a nos corresponder não só com os outros núcleos de catequese daquele rio, como também com os mis-

sionários do Madeira, e paulatinamente com outras Missões de catequese religiosa e grupos leigos, destacando-se útil contacto com os beneditinos do rio Branco, com catequistas do baixo Amazonas e salesianos de Mato Grosso.

Dessa aproximação resultou grande parte do valioso material que enriquece atualmente o Museu de Etnografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, uma vez que conseguimos com relativo êxito pôr em prática o nosso escopo de coletar em São Paulo tôda sorte de donativos úteis e distribuí-los por aquêles núcleos de catequese que, interessados em manter êsse intercâmbio conosco, nos brindaram, em retribuição, com a colheita do mais variado material para os nossos museus e instituições científicas.

Mas a verdade é que trabalho dessa natureza não pode ser realizado individualmente. E' por demais complexo e inçado de dificuldades, exigindo acima de tudo continuidade e perseverança, pois os resultados definitivos só aparecem após anos de esforços. Nem sempre podíamos corresponder pronta e satisfatòriamente aos pedidos e à boa vontade dos missionários, por não nos acharmos preparados suficientemente, quer quanto aos recursos econômicos, quer quanto à soma de donativos em mercadorias arrecadados, e ainda por não dispormos da cooperação de grande número de pessoas capazes de colaborar em iniciativas dêsse vulto. Mesmo assim os resultados foram tão bons, tão animadores, as possibilidades surgiram tão fascinantes e admiráveis em prol única e exclusivamente da colheita, estudo e preservação de precioso acervo de peças indígenas, que a obra não podia cessar e sim prosseguir, ampliada e amparada por entidade fundada especialmente para esse fim.

Com a guerra interrompemos o intercâmbio com as missões. E nesses anos todos vínhamos estudando a possibilidade de fundar em São Paulo uma associação capaz de se servir com generosidade, compreensão e patriotismo, da inesgotável paciência, boa vontade e conhecimentos dos missionários, a fim de ver levada avante em todo território nacional uma obra mais do que oportuna, mais do que necessária: imprescindível!

— a da colheita e preservação do material etnográfico que ainda resta no País. E quando essa organização estiver em pleno funcionamento temos a certeza de que, ao lado do simples ato de colher e classificar, irão surgindo, vindas de todos os recantos do Brasil onde ainda existem grupos, aldeias, toldos e tribos indígenas, obras como esta do padre Giacone, que vale como primeiro passo, oportuno e meritório, no estudo definitivo e completo das tribos do rio Negro.

O nome da entidade está escolhido. O seu programa está gizado. As suas atividades, que parecem à primeira vista irrealizáveis pela sua extensão, não nascerão, como acima foi explicado, de um projeto jamais provado e sim de vários anos de experiência. O que hoje figura no museu da Universidade é a prova palpável do quanto se poderá conseguir com um trabalho bem orientado e persistente.

Aqueles que amam as nossas coisas, aquêles que não desprezam nem se envergonham do poderoso contingente de sangue ameríndio que circula em nossas veias, aquêles que sentem e compreendem a necessidade de legarmos aos nossos filhos, rigorosamente classificado e bem resguardado nas estantes dos museus — nós que somos um povo tão pobre de tradições — o precioso material tão próximo a desaparecer completamente, não nos negarão o seu apoio prático e duradouro, a fim de que os objetivos da Associação Brasileira dos Amerindianistas — ABÁ, cujo esboço de estatutos passamos a reproduzir, sejam atingidos de maneira completa e feliz —

DO NOME —

Associação Brasileira dos Amerindianistas, cujas iniciais formam a palavra **abá** (= **homem**, na língua tupi).

DOS FINS —

a) Estimular e realizar estudos e pesquisas sôbre o homem americano, seus usos, costumes, civilização e línguas, através das tribos ainda existentes no território nacional e naqueles outros países e regiões onde tais pesquisas e

estudos se fizerem necessários, bem como através de escritos e vestígios de tribos e povos extintos;

b) Estudar e conhecer seguramente a verdadeira situação dos indivíduos e agrupamentos indígenas do Brasil, assentando fundamentalmente, a respeito, o ponto de vista da Associação Brasileira dos Amerindianistas, e depois bater-se por aquêle conjunto de medidas e providências, oficiais e particulares, que possam determinar mais justo e digno amparo ao remanescente das grandes tribos ameríndias;

c) Coletar material, estimular e realizar pesquisas e estudos folclóricos no território nacional e naqueles outros países e regiões onde porventura existam fontes originais dessa rica diversidade de usos e costumes que caracterizam a nossa gente, sempre, é claro, que tais estudos e pesquisas fora do País se façam necessários para completar os trabalhos encetados;

d) Grafar, gravar, estimular e realizar estudos e pesquisas lingüísticas, não só entre os aborígenes como entre caboclos e habitantes de diferentes regiões e estados brasileiros, onde linguajares e dialetos, em seus aspectos fonológico, morfológico e etimológico apresentam características especiais, dignas de registro;

e) Coletar material, estimular e realizar, no território nacional, estudos e pesquisas sôbre artes populares, incentivando o seu florescimento e preservando-as, tanto quanto possivel, de uma industrialização que lhes destrua as características próprias;

f) Estimular estudos e colheita de material zoológico (principalmente entomológico e ornitológico), botânico, paleontológico, geológico e mineralógico, em todo o território brasileiro, utilizando-se dos recursos e relações criadas pela Associação no desempenho de

suas atividades mais objetivas, e servindo as organizações científicas especializadas já existentes no País;

g) Estimular e auxiliar a formação, em todo o País, de museus municipais que possam ser as primeiras células de colheita e preservação de coleções referentes à Zoologia, à Etnologia, à Botânica, ao Folclore, às Artes Populares, à História, à Mineralogia, à Paleontologia, etc.;

h) Trabalhar pela formação de museus centrais nas capitais dos Estados, abrangendo de preferência, em cada setor de especialização, o resultado das pesquisas, estudos e colheitas realizadas dentro das fronteiras estaduais e conseguidas mediante feliz entrosamento com os museus municipais;

i) Organizar bibliotecas especializadas cujas obras versem os seguintes assuntos:

1) Antropologia (História, Lingüística, Etnografia);

2) Folclore;

3) Artes Populares;

4) Paleontologia.

j) Organizar uma discoteca original, com as seguintes secções:

1) Línguas, dialetos, canções, lendas, narrativas indígenas;

2) Temas musicais caboclos;

3) Linguajares regionais;

4) Línguas, dialetos, temas musicais, canções, narrativas, lendas, etc. (de outros povos, países e regiões), os quais possam ter possíveis relações e utilidade nas pesquisas e estudos comparativos de interêsse puramente brasileiro.

l) Promover e incentivar, por todos os meios aconselháveis e indicados no momento, o apro-

veitamento artístico de temas, motivos e assuntos brasileiros, de maneira a cooperar eficazmente para o florescimento das artes nacionais, inspiradas nos mais autênticos assuntos, motivos e temas autóctones, afro e luso-brasileiros;

m) Editar uma publicação trimestral que seja ao mesmo tempo divulgadora dos trabalhos sociais da ABÁ e que publique também, em primeira mão, todas as colaborações recebidas.

*

Os originais desta obra encontravam-se há muito tempo em nossas mãos, tendo sido vários os fatores que impediram a sua rápida impressão. Hoje, com as últimas provas revistas, é de justiça mencionarmos aqui os nomes daqueles que são credores dos nossos agradecimentos, pela contribuição prestada na impressão de "Os Tucanos e outras Tribos do Rio Uaupés, afluente do Rio Negro".

Devemo-los em primeiro lugar ao próprio Estado, na pessoa do Dr. Abelardo Vergueiro Cesar, quando Secretário da Justiça, pois foi êle quem destinou uma verba para a impressão; a Aristides Lobo, que reviu o português dos originais; à Senhora Noemi Veras da Rocha, que os dactilografou paciente e cuidadosamente; ao Revdmo. Padre salesiano Dr. Alcionílio B. Alves da Silva, que acompanhou dia a dia os trabalhos dos linotipistas, relendo tôdas as provas; ao clérigo Geraldo Cintra, que na ausência do Padre Alcionílio releu as provas finais; à boa vontade e interesse do Sr. Pedro Caropreso, Diretor da Imprensa Oficial; ao Sr. Miguel Sposito, chefe substituto das Oficinas de Obras da Imprensa Oficial, que apressou os serviços de composição; a José Gomes de Azevedo, da Secção Tipográfica e ao competente linotipista João Dalla Déa, a cujo meticuloso cuidado e interêsse se deve o reduzido número de erros na composição, principalmente no que se refere às palavras da difícil língua tucana, e aos srs. Benedito Pedro, chefe da Impressão e Henrique Wirthmann chefe da Encadernação, pela dedicação especial votada a êste árduo trabalho.

A todos, portanto, o nosso reconhecimento.

JOAQUIM CARLOS NOBRE

Dois belos "trocanos" usados pelas tribus do rio Negro. O "trocano" é um instrumento de percussão, formado por um grande pedaço de tronco de árvore inteiramente oco. Ambas as peças já se encontram no Museu Etnográfico da Universidade de São Paulo, trazidos pela ABA'.

PREFÁCIO

Sai hoje à luz da publicidade mais um trabalho do mui digno Pe. Giacone. Trata-se de preciosa contribuição para o estudo das falas indígenas do rio Uapés e seus afluentes e, de modo geral, para a etnografia brasileira, cheia ainda de muitos e muitos pontos obscuros ou mal estudados até agora.

Lendo-a integralmente e com o maior cuidado, afigura-se-nos que nesta obra há muito que aprender, graças à competência do autor e à sua admirável dedicação nesse campo de estudos.

Verificamos, com a maior facilidade, que o que se acha aqui reunido é a síntese de um empreendimento que exigiu forte capacidade de trabalho e grande e despretensioso amor ao indígena brasileiro, nessa alma de verdadeiro missionário, eivada do mais alto espírito de sacrifício e de boa-vontade.

Conhecida a importância dos estudos lingüísticos para a compreensão da psicologia e da vida social dos grupos humanos, reveste-se ainda mais de inestimável valor êste trabalho do Pe. Giacone.

Fruto de estudo consciencioso — trabalho de sacerdote paciente e abnegado — eis o que se encontrará nas páginas que vêm a seguir. Oxalá possam ser úteis a todos quantos se interessam pelos estudos da lingüística ameríndia.

CARLOS DRUMOND
(1.º Assistente da Cadeira de Etnografia e Língua Tupí-guaraní, da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo).

REGRAS PARA A FONÉTICA DA LÍNGUA TUCANA

K tem sempre som duro como em português antes de *a, o, u,* como: cara, cura, côco; e conserva o mesmo som tambem antes de *e, i.* Assim, lê-se: *kero, ki.*

G tem sempre som duro como em português antes de *a, o, u,* e conserva o mesmo som tambem antes de *e, i,* substituindo os sons do *gue, gui,* português.

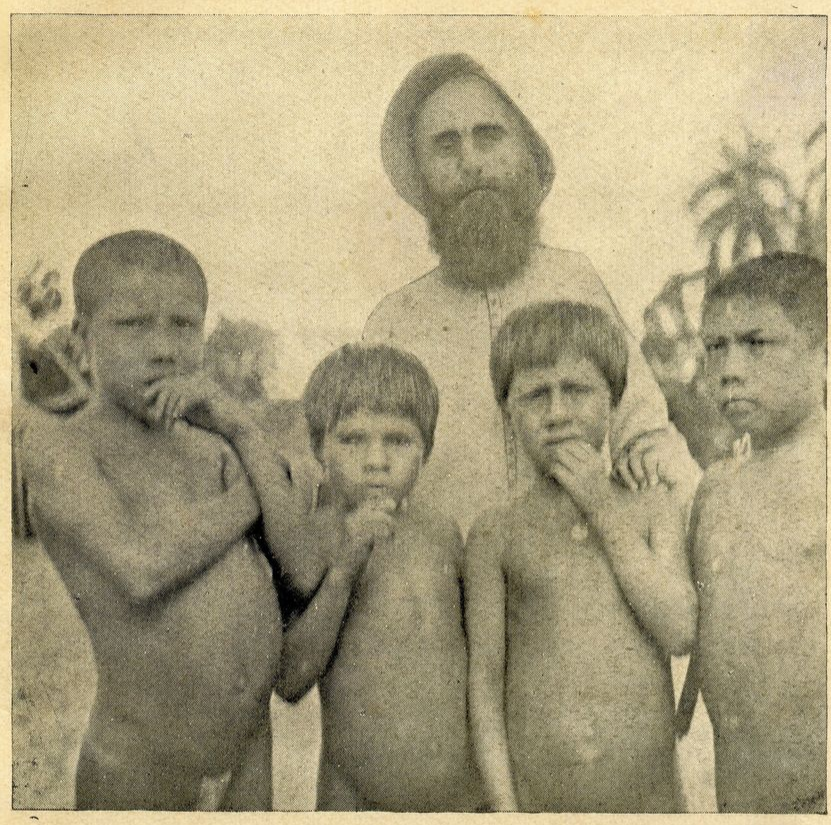
H é sempre aspirada, tanto no princípio como no corpo da palavra. Ex.: *Héripona* = coração; *bahuámi* = aparece.

S corresponde ao *c* português e pronucia-se forte. Ex.: *Darasé* = trabalhar.

ê lê-se fechada com um som entre *e* e *u.*

û lê-se como *u* francês. Ex.: *emu.*

Todas as outras letras e vogais lêem-se como em português.



O autor, padre Antonio Giacone, entre meninos que acabam de chegar como alunos internos das Missões.

PRIMEIRA PARTE

AS TRÍBUS DO RIO UAUPÊS E SEU "HABITAT"

No rio Uaupés e em seus principais afluentes da margem direita, Tiquié e Papurí (êste último confinante com a Colômbia), há, em território brasileiro, nove tríbus: Tucanos, Tarianos, Dessanos, Piratapúias, Arapaços, Tuiucas, Miriti-Tapuias, Uananas e Macus. Há, também, um pequeno núcleo de índios Carapanás, na cabeceira do Umarí-igarapé, afluente do Tiquié que vieram do território colombiano há uns trinta anos atrás.

As tríbus mais numerosas são as dos Tarianos, Tucanos e Dessanos, e as menos povoadas as dos Arapaços e Miriti-Tapuias. Essas tríbus não têm "habitat" em um só lugar, acontecendo mesmo que uma tríbu pode achar-se espalhada em localidades numerosas e bastante distanciadas umas das outras. Assim, por exemplo, há índios Tucanos nas margens do Uaupés, do Tiquié e do Papurí, e até no Rio Negro, acima e abaixo de S. Gabriel. Os Tucanos nunca fizeram malocas nos igarapés, mas só nas margens do rio grande. Como sua língua passou a ser a língua de todos os habitantes dessa região, consideram-se superiores aos outros índios; porém, de fato, nem pelo físico, nem pelo moral, nem pelo poder, nada têm que justifique essa pretensão.

A tradição reinante, entre êles, diz que vieram do território colombiano, em época muito remota, mas não sabem calcular quantas gerações se passaram. Parece que os conquistadores da Colômbia, à medida que avançavam no interior do país, obrigavam os selvícolas a se internarem cada vez mais, até chegarem às cabeceiras dos rios Papurí e Tiquié, por onde entraram no Brasil, para aqui se fixarem definitivamente. Nesses rios, encontraram os índios Macús e Dessanos, e os obrigaram a se internarem. Os Macús foram para o centro da mata, de onde nunca mais sairam, e os Dessanos foram para as cabeceiras dos igarapés. No princípio da invasão, os Tucanos uniram-se para se defender mais facilmente; mas, quando cessaram as guerras, começaram a separar-se, por dois

motivos: dificuldade de encontrar alimentos para todos e, especialmente as discórdias que, também naqueles tempos, como agora, surgiram entre os homens. Separavam-se, também, por mêdo de serem envenenados uns pelos outros, o que explica a existência de vários núcleos de Tucanos em localidades diversas.

Os Tarianos, ou Tárias, ocupam o primeiro lugar depois dos Tucanos; não vieram, porém, do território colombiano, mas emigraram de outras regiões do Amazonas, muito provavelmente do Alto Orinoco, Venezuela, passando pelo rio Issana. De fato, a língua dos Tarianos tem semelhança com a língua baniva, idioma dos índios do rio Issana com os quais se entendem, ao passo que os tucanos nada sabem daquele dialeto.

Os Tarianos dizem que descendem diretamente de Capiriculí, filho de Deus. Conhecidos como valentes e destemidos na guerra, hábeis em fazer enfeites e armas, dizem que lutaram muito para estabelecer-se definitivamente nas margens do rio Uaupés, sendo o seu "habitat" principal na foz do rio Papurí, em Iauareté Cachoeira. Mais tarde, como os Tucanos, espalharam-se por outras localidades, mas sempre nas margens do mesmo rio (sem entrar no Papurí) e perto das cachoeiras.

Atualmente, os Tarianos falam muito bem o tucano e poucos a língua tariana. Ainda, há pouco, pedia-me o principal tuchaua dos tarianos: — "Padre, escreva a nossa língua, como escreveu a dos Tucanos. Se continuarmos assim, a nossa língua vai desaparecer por completo. Nossos filhos, antes de entrarem na escola da missão, só falam a língua das mães, que são piratapuias, tucanas, uananas; depois, na escola, aprendem o português e não aprendem mais a língua tariana". E assim falava com inteira razão.

Na parte final dêste modesto trabalho vão umas lendas dos Tarianos. Os Tarianos não se casam com os Dessanos, alegando que são parentes, mas sem dar a origem do parentesco.

Os Uananas vivem no Alto rio Uaupés, parte no Brasil e parte na Colômbia. Seu idioma é semelhante ao dos Piratapuias, e Dessanos, mas conhecem bem o tucano, a língua cubéua, (de uma tríbu colombiana) e, vários dêles, até o castelhano. Emigraram também do Alto Orinoco, como os Tarianos, se bem que chegados ao Uaupés em época anterior.

Os Dessanos (filhos do trovão) possuem língua própria e, antes da chegada dos Tucanos, tinham "habitat" circunscrito ao rio Tiquié e seus afluentes: Umarí, igarapé Castanho, Ira, etc. Depois, retiraram-se para as cabeceiras dêsses igarapés e muitos passaram para o rio Papurí. Como os outros índios, são agricultores e bons pescadores, assim como os mais hábeis em fazer peneiras com desenhos caprichosos e em fiar tucum. Em geral, o tipo dessano é pequeno de estatura, porém forte e resistente ao trabalho, como os outros índios. Por terem malocas nas cabeceiras dos igarapés, estão mais perto dos Macus, que vivem no centro da mata, e estes são os seus melhores ajudantes nos trabalhos da roça e na construção das malocas. Quando os Tucanos ocuparam os principais sítios do rio Tiquié, muitos Dessanos, em lugar de subir para os igarapés, desceram para o baixo rio Uaupés, estabelecendo-se em diversas localidades, enquanto outros entraram no rio Negro. Esses Dessanos, pelo contacto com os caboclos e brancos, são os mais adiantados: além do próprio dialeto e do tucano, falam o nheengatú e, muitos o português. Todos os anos, alguns dêles sobem o Tiqué e o Papurí, em visita aos seus irmãos, levando-lhes mercadorias ganhas com os brancos e recebendo, em troca, farinha de mandioca, peneiras, aturás ou cestos, novelos de tucum e canôas.

Os índios Arapaços são os que primeiro tiveram "habitat" no rio Uaupés, onde ocupavam os melhores sítios antes da chegada dos Tucanos e Tarianos. Não consta que tenham emigrado de outras regiões. Por isso, desde tempos imemoráveis, estiveram sempre em contacto com todos os brancos que subiam o Uaupés, aos quais acompanhavam nas viagens, por serem de índole dócil. Sua tríbu está muito reduzida, porque os brancos, ao deixarem o Uaupés, levavam sempre bom número deles para o rio Negro, onde se misturaram com os caboclos. Consta, pela tradição, que, certa vez, foram levados para o baixo rio Negro todos os Arapaços de uma grande maloca, para os trabalhos da extração da borracha, tendo a maior parte perecido de febres e outras doenças. Um grupo de Tarianos ocupou a terra por êles deixada. Os Arapaços não têm língua própria. Só falam o tucano. Ocupam alguns sítios no rio Uaupés, entre as cachoeiras do Ipanuré e Jauareté. Há, entre êles, tipos tão bem formados e tão belos que parecem brancos.

Piratapuias são os índios que, desde remotos tempos, têm "habitat" no rio Papurí e seus afluentes. Não consta, pela

— 8 —

tradição, que tenham vindo de outras regiões; porém, como a língua é muito parecida com a dos Tucanos, é muito provável que pertençam à mesma raça. Quando o Papurí foi ocupado por Tucanos e Dessanos, muitos Piratapuias desceram o baixo rio Uaupés, mas nunca entraram no rio Tiquié.

Miriti-tapúia é uma pequena tribu de índios estabelecidos em duas localidades do rio Tiquié, desde tempos remotos. São tipos altos, bem formados, valentes e destemidos. Os maiores crimes, nesse rio, foram praticados por êles. Têm sempre muitos Macus a seu serviço.

Tuiucas são os que têm "habitat" na cabeceira do rio Tiquié, perto do marco da fronteira colombiana. Parece terem vindo da Colômbia, depois dos Tucanos, mas de outras regiões, muito provàvelmente do rio Apaporis. Falam língua própria e bem diferente da tucana, também usada por muitos. É a única tríbu onde os homens fazem rêdes com tucum de trinta fios, para dormir. Fazem-nas também para as mulheres e as crianças. São habilíssimos na construção de ubás e canôas, que vendem aos brancos e aos outros índios. Pouco dados à caça e pesca, são todos comedores de ipadu.

Como todas as tribus mencionadas, compreendem e falam a língua tucana. Usos e costumes também iguais, pelo parentesco existente entre todas, uma vez que os homens, para a constituição da família, procuraram sempre mulheres de tribus diferentes. Apenas, os Uananas e os Tarianos usam, nas dansas, uma grande máscara, além dos enfeites comuns entre os outros índios.

*
* *

Antes de passar a descrever, com a maior simplicidade e sinceridade, os usos e costumes dêsses selvícolas, tenho o prazer de presentear os meus poucos leitores com o capítulo a seguir, da lavra do Revmo. Pe. João Marchesi, que há 25 anos vive entre êles e lhes maneja a língua com a mesma facilidade que o português. Fala com a longa experiência de inúmeras viagens pelo rio Uaupés, seus afluentes e sub-afluentes, tendo alcançado as mais afastadas e recônditas malocas, como a dos Macus, no centro da mata. Otimamente relacionado com os índios de tôdas as tríbus, suas ordens, decisões e conselhos são geralmente acatados pelos tucháuas, a ponto de ter sido muitas vezes o pacificador das contendas. O Exmo. Sr. General Ale-

xandrino da Cunha, quando inspecionou as fronteiras, constatou de *visu* o prestígio e a ascendência do Pe. João Marchesi sôbre os selvícolas e, porisso, cognominou-o "O Anchieta desta imensa região de índios puros".

Estas minhas despretenciosas notícias foram lidas, corrigidas e aprovadas por êle. Sem a sua aprovação eu não lhes daria publicidade, para não me confundir com os narradores de coisas fantásticas sôbre os nossos selvícolas, pois numerosos, infelizmente, são os que assim aparecem em artigos de jornais, revistas e outras publicações. Trata-se, aqui, de um modesto trabalho sem cunho científico: é simplesmente o relato desataviado do que vimos e notámos entre essas tríbus em seu estado selvagem. O nosso ativíssimo prelado D. Pedro Massa insistiu para que fossem registados, com a máxima fidelidade, os usos e os costumes dêsses índios, porque mais tarde seria um trabalho muito mais difícil de realizar, pelo fato consolador de que a civilização e a moral avançam rapidamente naquela região, sendo educados e instruidos gratuitamente os pequenos índios mantidos nas escolas da Missão Salesiana, a saber 400 crianças internadas nos três centros escolares de Taracuá, Iauareté e Parí-Cachoeira.

Os índios "Dessanos" são dos mais habeis e pacientes na execução de finos e belos trançados de esteiras, peneiras, tepitis, etc..

A PSICOLOGIA DO NOSSO SELVÍCOLA

(Pe. JOAO MARCHESI)

Dar em poucas palavras a fisionomia dos nossos índios, não é coisa fácil. O selvícola, nas suas manifestações, não é expansivo, especialmente perante o civilizado. Sómente uma larga convivência com êle, ou ao menos com freqüentes contactos, se pode dar alguma idéia da sua fisionomia moral.

O nosso índio é sempre alegre — A primeira característica que lhe notamos é o seu humor, sempre alegre e risonho. Debaixo do sol causticante ou da chuva torrencial, nas fadigas mais enervantes ou nas provas mais duras que atravessa no mundo selvagem em que vive, não perde a costumeira alegria, que êle demonstra em suas típicas risadas.

Vive despreocupado — Nenhuma preocupação tem com a vida: feliz ou infeliz na pesca ou na caça, vive sempre contente, na abundância como na penúria. Na luta incessante com os elementos da natureza selvagem que o rodeia, nos sofrimentos mais duros, conserva a calma e a jovialidade inalteráveis. Eis porque suportou, paciente, as sevícias dos civilizados, os seus maus tratos e crueldades, sem protestar, sequer, contra os que o exploravam com tanta injustiça.

Espírito de imitação — O índio é, por natureza, observador: tudo quer ver e saber, como as crianças, e quer imitar. Nos primeiros trabalhos das missões, nos trabalhos geográficos das comissões de limites, quantos observadores! Certa vez, tendo eu encontrado uma família abrindo uma grande picada na mata, perguntei ao chefe a razão daquele estranho trabalho, ao que êle me respondeu: — Estou marcando o meu terreno para que ninguem o ocupe, como fizeram as Comissões do Brasil e Colômbia.

Só sabiam construir grandes malocas; mas, depois que viram as primeiras residências missionárias, em poucos anos desapareceram as primitivas malócas e surgiram casas como as das missões em todos os pontos.

A inteligência do índio — A vida materializada que o índio leva, a pobreza das idéias, o ambiente sempre uniforme e monótono em que vive, dão-nos a impressão de que a sua inteligência é curta e inerte. As crianças que entram em nossos internatos são disso um exemplo. No entanto, depois de certo tempo, como que desabrocham e, com bastante facilidade, aprendem as matérias escolares e decoram com presteza as lições. Nas matérias especulativas, como a aritmética, encontram graves dificuldades; mas, nos trabalhos praticos, exercícios de caligrafia, desenhos, tarefas manuais, saem-se muito bem e apresentam ótimos resultados.

Docilidade dos índios — O selvícola é docil e adaptável a tudo que lhe falta. Basta saber orientá-lo. Infelizmente, só tem encontrado gente capaz de explorá-lo. Seu braço é muito procurado: aplica-se a todos os trabalhos, por uma paga muitas vezes irrisória. Porisso, volta para casa sem ter assimilado, no contacto com o civilizado, os elementos da civilização, exceto os vícios. O índio colombiano e o venezuelano, no contacto com os patrícios civilizados, aprende a falar castelhano, mas o nosso índio, ao contrário, aprende apenas alguns termos da língua do país, porque a maior parte dos civilizados prefere conservá-los no estado selvagem, a fim de o explorar mais fàcilmente.

A lógica do índio — O selvícola, diante dos prodígios da civilização, — o motor, o aeroplano, o rádio, as armas, etc. — fica admirado, pasmo. Não se julgue porém, que isso signifique estima e veneração pelos autores dessas maravilhas. O seu raciocínio é claro e simples: — "Para o branco, tudo é possível, porque tem tudo e nada lhe falta. Tem meios, tem quem lhe ensine, ao passo que nós nada podemos fazer, porque tudo nos falta. Nós, também, nas mesmas condições, faríamos o mesmo. É verdade que o branco tem coisas que nós não sabemos fazer, mas nós também temos coisas que êle não sabe fazer."

A falta de estima e acatamento pelo branco parece ter origem no abismo que se formou entre o índio e o civilizado nas gerações passadas. O índio não esquece que os civilizados foram autores dos feitos antigos e modernos de crueldades e sevícias, cuja memória passa de geração em geração. O índio recebe o branco com frieza e desconfiança. Sem remuneração, o índio nada dará ao branco. Em tôda casa de índio se encontra comida e agasalho, mas o branco sòmente os receberá, em troca de alguma coisa. Por quantas necessida-

des o próprio missionário não passaria nesses rios, se não levasse recursos ! Podemos pensar que seja egoismo inato do nosso índio, mas é a pura paga dos maus tratos e injustiças praticados pelos nossos irmãos civilizados contra o pobre selvícola.

O coração do índio — Se entre o selvícola e o civilizado não há amor e carinho, verificar-se-á o mesmo entre os índios ? Sentem e sofrem uns pelo mal dos outros ? Há entre êles amor recíproco ? São perguntas que procuraremos responder, tanto quanto possível, de acôrdo com o que observamos. Antes de tudo, não podemos pretender que haja entre êles a caridade cristã, fruto da civilização, lançada no coração do indígena pela palavra evangelizadora de Cristo. Também não existe aquilo que é fruto exclusivo da educação. Devemos apreciar o selvícola no seu estado primitivo, não só material, mas também moral. Nas relações individuais, familiares e sociais, encontraremos elementos para responder a tais indagações.

Relações individuais — Entre os elementos da mesma tríbu, que se consideram irmãos, há certa cordialidade externa e comiseração pelo sofrimento alheio, mas não generosidade, nem oferecimento expontâneo de auxílios e meios: é um egoismo frio e estéril. Na mesma casa, às vezes, agoniza um parente, mas nem porisso terão o menor cuidado para poupar-lhe a algazarra de uma orgia infernal de dois dias. Diante do próprio irmão morto, prorromperão em choro desesperado e, com a mesma naturalidade, passarão às gargalhadas mais sonoras e descompostas.

Relações familiares — Na família, os pais amam os filhos e os avós os netinhos, satisfazendo-lhes todos os caprichos. Quantos cuidados, quantos sacrifícios pelos filhos, no estado de pobreza em que vivem ! Não obstante, embora os pais cheguem a praticar atos de heroismo para sustentar os filhos, êstes não correspondem ao amor e à dedicação dos pais. Já um pouco crescidos, afastam-se dos cuidados paternos, tornam-se donos da própria vontade e parecem perder o amor pelos pais no dia em que constituem família. Os velhos pais ficam abandonados, quando não passam da casa de um filho para a de outro, a fim de não representarem um pêso.

Nem o amor natural dos genitores se pode dizer que tenha base segura, pelo cinismo com que enterram vivos os recém-nascidos, sufocando-os como se faria com qualquer animalzinho, quando isso é imposto pelas prescrições da tríbu ou pelas imposições do pagé.

Outra realidade que prova a falta de amor familiar é o rápido esquecimento dos mortos. Depois do entêrro, acabam geralmente as lágrimas e nunca mais se falará no finado. As mulheres, às vezes, poucas semanas depois da morte do marido, passam a viver com outro.

Relações de tríbu a tríbu — Uma tríbu considera os de outras como estranhos. O contacto é feito e mantido principalmente pela troca de mulheres, que constitui o fundamento das relações, mas há muita desconfiança. Qualquer ocorrência adversa, morte, roubo ou malefício, — é atribuida sempre aos elementos da tríbu vizinha. O espírito de vingança é muito arraigado. Externamente, desaparece o litígio, mas, um dia, apresenta-se a oportunidade e a vindita se consuma. São capazes de vingar-se depois de muitos anos, quando nem mais se poderia suspeitar. Essa é a razão porque, muitas vêzes, após uma briga, mudam de residência, com tôda a família, queimando a casa abandonada e destruindo tudo o que possa ter utilidade para os inimigos. A razão mais freqüente das brigas entre as várias tríbus é a posse das terras ou a pesca. Por mera *conditio occupantis*, sem título algum, consideram-se proprietários de uma zona inteira, de um trecho do rio ou de uma cachoeira. Apaziguá-los nessas questões é coisa dificílima de conseguir-se, porquanto mesmo que resolvam ceder, será tão sòmente a título de empréstimo e temporàriamente.

O que também serve para manter relações entre as várias tríbus, além da troca das mulheres, são objetos de uso, que, às vezes, só uma tríbu produz. Os Tucanos são procurados pelos banquinhos, os Tuiucas pelas bonitas ubás, os Dessanos pelas peneiras e baláios pintados, os Banivas pelos ralos para mandioca, etc. Essa razão comercial, digámo-lo assim determina o estabelecimento de relações. O meio social, por assim dizer, que os une um pouco, são as festas, para as quais são convidados também os elementos de outras tríbus, surgindo daí certa união. Tais relações, porém, têm fundamento em certo oportunismo e no interêsse material, nada influindo para despertar o sentimento de amor aos próprios semelhantes. E, se êste é tão pobre entre os iguais, que será entre os estranhos ? O espírito filantrópico, entre os índios, é o que há de mais precário, o que se não deve estranhar muito, uma vez que entre os pagãos é completamente desconhecida a caridade que o Redentor introduziu neste mundo.

RITOS E CERIMÔNIAS QUE ACOMPANHAM O NASCIMENTO DOS FILHOS

O nascimento de um filho é sempre acompanhado de diversas práticas e superstições. Quando nasce uma criança, o pai deita-se na rêde por três dias e submete-se ao seguinte regime: só comerá três vezes por dia, *mekcá* — formigas sauvas, *depótina* — formigas sauvas de cabeça grande e *iamicá* — formigas grandes e gordas, maiores do que as térmitas. Ao anoitecer, tomará manicuera e farinha com água ou mingáu de tapioca. É-lhe absolutamente proibido comer carne de anta, paca ou porco, e qualquer peixe grande, como uaracú, tucunaré, etc.

A mãe, nos primeiros dias, só come alimentos vegetais, ou melhor, só as diversas espécies de cará. Os avós paternos, nos primeiros dias, fazem os augúrios ao recém-nascido.

O avô é encarregado da cerimônia e, à falta dêle, é outro parente mais próximo quem toma a criança nos braços e diz mais ou menos estas frases: — "Meu netinho, tu apareceste agora entre nós; desejamos que sejas sempre feliz, cresças forte e robusto, e que ninguém te dê má sorte (dohoceré), devendo morrer os que te quiserem envenenar..."

Se fôr homem, acrescentará: — Que sejas bom pescador e bom caçador". E se fôr menina: — "Que sejas boa trabalhadeira, tratando bem da roça, fazendo muita farinha e meiú".

Acabados os augúrios, o velho dá o nome, que geralmente é de animal, de planta ou de coisas despreziveis. Eis alguns nomes de menino: *"Uekó* — papagáio; *Bu* — paca; *Uekkê-Pikkón* — rabo de anta; *Okó Bekságe* — tirar água da canôa; *Mikpiro — Uasaí* — mingáu, etc. Nomes de menina: *Iepalio* — espécie de semente; *Akkeá* — macaca; *Dikpoti* — formiga; *Maniuara — Iokció* — barata, etc....

Logo em seguida o pagé é convidado a fazer sôbre o recém-nascido o *baksocé* ou cerimônia. Prepara um cigarro

comprido, envolvendo-o na entrecasca da árvore tauarí, e depois, sentado perto da criança, aspira grande quantidade de fumaça, debruça-se e espalha a fumaça sôbre o corpinho. Repetirá a cerimônia muitas vêzes, a fim de afastar as doenças e os malefícios. Após os exorcismos do pagé, a mãe leva ao rio umas cinzas, também exorcizadas pelo pagé, e dá na criança o primeiro banho, lavando-se tambem a sí mesma. A cerimônia, que é feita à noite, chama-se *"Pinó Sahancé"* — entrada da cobra. Na volta do banho, cumprido escrupulosamente tudo o que manda o ritual, o marido pode levantar-se da rêde e comer *seá* — peixinhos. Depois de um mês, poderá comer peixes grandes, como uaracús e tucunarés, etc.

Os velhos disseram-me que o pai da criança recém-nascida fica sem trabalhar, para que o filho cresça forte e robusto, a fim de que êste não tenha umbigo grosso, o que seria uma vergonha. Usa como vestido tão sómente um cueiro.

COMO OS SELVÍCOLAS CRIAM SEUS FILHOS

Como os índios têm um vocabulário referente à idade das crianças, passemos a explicá-lo, para melhor esclarecer o assunto.

Soagá — Nome que se dá à criança recém-nascida. A mãe nunca se separa do filho, carregando-o nos braços, como um cachorrinho, e colocando-lhe sôbre o corpo apenas um trapo nojento ou pedaço de saia usada e descolorida. Tôdas as manhãs, leva-o ao rio, para um banho rápido e barulhento. Sem enchugá-lo, põe-no na rêde, perto do fogo, e deixa-o dormindo ou chorando, enquanto prepara o meiú e a quinhapira.

Já na primeira semana, quando não, antes, a mãe leva a criancinha para a roça, acostumando-a logo aos ardentes raios do sol tropical. Para trabalhar mais desembaraçadamente, amarra uma pequena rêde de trinta fios a dois paus fincados no chão e coloca-a dentro, balançando-a um pouco, para fazê-la dormir. Terá o cuidado de plantar ao lado uns galhos com fôlhas, para o sol a não queimar. Não sendo envolvida em faixas, mas simplesmente coberta com um miserável trapo, com qualquer movimento ela se descobre, acontecendo então, quase sempre, que as mutucas, os mosquitos e piúns dão ferroadas e chupam o sangue da criancinha. A criança chora, chora ! Virá a mãe, tôda empapada em suor, a tomará nos

braços e a amamentará. Se o vento dobra as folhas que faziam sombra, tomará um banho de sol, mitigado às vezes por uma pancada imprevista de chuva. Assim, a cútis delicada e tenra, edurecer-se-á à força de sol e chuva, tornando-se mais tarde quase insensível às inclemências do tempo. Todos os dias, das seis da manhã às duas ou três horas da tarde, a criança estará na roça, a respirar o ar puro e saudável da mata virgem. Pelas dez horas, a mãe vai tomar cibé (farinha com agua) em um riacho, onde se banhará juntamente com a *soagá*. Voltando da roça nas horas de maior calor, a mãe carrega às costas uns 40 quilos de mandioca num *aturá* (cesto) preso à testa com uma casca de árvore, em cima dêste um feixe de lenha e nos braços a criancinha. Assim decorrem os primeiros meses das crianças indígenas.

Do quarto ao quinto mês em diante, já se alimenta a criança com um pouco de mingáu de tapioca uma vez por dia, e banana bem amadurecida que a mãe lhe enfia na bôca depois de tê-la esmagado com os dedos, como se faz com os passarinhos.

Beage — É a criança que já se arrasta sentada no chão. Nesse período, vive muitas horas do dia sôbre a terra, arrastando-se por tôda parte, sempre coberta de sujeira, terra e cinza, a divertir-se com os cachorrinhos. Tudo o que agarra nas mãozinhas, leva à bôca. Nunca sai da maloca e, quando levada à roça, adquire mais liberdade, carregada pela mãe ao colo, a cavalo ou nos quadrís. Na roça, diverte-se muito e, com as mãozinhas, já se defende dos mosquitos e mutucas. Para que não chore, a mãe lhe põe nas mãos um pedaço de meiú, molhado na quinhapira, que a criança vai chupando, embora muitas vêzes coberto de terra. Se chora, a mãe põe-na às costas, como um macaquinho, dando-lhe assim um banho de sol. Se pertinho da roça houver um pequeno riacho com dois dedos de água, o *beage* será feliz e incomodará pouco a mãe, porque poderá chafurdar-se horas a fio.

Mamá-nokunge — É a criança que já sabe ficar de pé mas só anda de gatinhas. Aumenta sua liberdade por tôda a parte e já faz pequenas saídas da maloca, mas sempre sob o olhar materno. É como um passarinho que está criando asas, batendo-as a miúde, a ensaiar a fuga.

Nokunge — É a criança que sabe andar sózinha. Começa então a verdadeira liberdade. Já vai tomar banho no rio ou riacho com os irmãozinhos, brincando horas a fio na água e na praça. Como nunca vestiu roupa, sua pele vai fi-

cando, aos poucos, bem curtida, pois a única roupa é a pintura, que varia à vontade, e a imundície, embora se banhe com frequência. É o tempo em que as crianças apanham, com mais facilidade, a verminose e disenterias, que causam verdadeira mortandade, porque os pais não sabem trata-las e os remédios do pagé servem sómente para acelerar a morte. Entretanto, os pais atribuem a *causa mortis* à gente inimiga, que lhes teria envenenado os filhos.

As mães têm grande amor aos filhinhos, embora não o demonstrem com carícias e beijos, como as mães civilizadas. Não os ensinam a caminhar, nem a falar. Os pequenos vão apreendendo sózinhos. Dos cinco anos em diante, começa a aparecer um traço distintivo entre o menino e a menina. Esta começará a trabalhar com a mãe: em casa, carregando água, cuidando dos irmãozinhos, do fogo e, especialmente, ralando mandioca para fazer meiú e farinha; e na roça, plantando maniva, arrancando as ervas daninhas, e, na volta, carregando um aturázinho de mandioca, um pouco de lenha ou o irmãozinho nos quadrís. Essa é a sorte da menina indígena; trabalhar, trabalhar sempre, para só divertir-se quando fôr tomar banho no rio. E o menino ? É o reverso da medalha. Mãe alguma, entre os índios, ousará jamais, impôr a própria vontade ao filhinho: assim ensinaram os velhos pagés, assim quiseram os antigos tuchauas, assim cresceram todos os índios, assim sempre se viveu nas malócas de tôdas as tríbus. E, quando o menino abandona os braços maternos e dá os primeiros passos fóra da choupana, o mundo grande e novo é todo seu. Sua vontade será sempre a mais viva e a mais forte.

Buktuiage ou Uimange — É o jovem de 8 a 16 anos. Quando o indiozinho está em condição de flechar bem os peixinhos às margens do rio, abandona a mãe e concentra tôda a sua atividade na pesca, na caça aos lagartos e aos passarinhos, ou na procura de formigas e frutas silvestres. Ninguém tem o direito de lhe dar ordens. O menino selvagem vive ao seu bel-prazer, livre, completamente livre

O pai irá trabalhar na floresta, caçar ou pescar. O filho, se lhe apraz, acompanha-o. Do contrário, irá vagabundear nas margens do rio: pesca, banha-se, rola na areia como um pequeno leitão. A mãe precisa de água ou de lenha ? Não creiam que mandará o filho. Nem por sombra ! Irá ela mesma, com filhinho ao braço e outro ao colo, se for necessá-

Curiosa maneira de que se servem as meninas de 7 a 10 anos, para carregar seus irmãozinhos menores.

rio, pois o maior já é um pássaro fora do ninho e goza de plena liberdade. A paixão da pesca é tão forte que, em certos dias, o indiozinho passa horas e horas à margem do rio, com o arco entesado e pronto a desfechar a flecha, olhos fixos na água, imperturbável aos raios do sol ou à violência do aguaceiro. Sua felicidade é completa quando póde voltar à maloca levando uma duzia de peixinhos: acocorado ao pé do fogo, fará assá-los, a fim de comê-los depois, avidamente.

O menino, até a idade de dez anos mais ou menos, fala o dialeto da mãe. Aprenderá, depois, o dialeto do pai, porque essa é a tríbu à qual êle pertence.

A completa liberdade torna-o egoista. Demonstra pouco amor aos pais, embora aceite com certo respeito os conselhos paternos. Quando um filho ganha alguma coisa, fica com ela. A revolta do filho contra o pai é coisa rara, sendo reprovada e castigada por todos; só acontece sob o efeito de excitação alcoólica, e a reconciliação é facil.

*
* *

QUANDO A MENINA CHEGA À PUBERDADE

Quando atinge 14 ou 15 anos, idade da puberdade, a menina é submetida ao seguinte regime: uma semana de segregação completa em casa fechada e rigoroso jejum, podendo alimentar-se sómente de cará (espécie de batata de gôsto geralmente adocicado e chamada em tucano, *ñamú, ñaino, uaméperí e uaktí ñamú*), fôlhas de *cakpó* e manicuera, que é o caldo de mandioca doce, apenas fervido e sem engrossar. Aos que perguntam onde está a mocinha, respondem: — *Amó weemo* — "Está de regime".

Terminada a semana de reclusão e jejum, os pais preparam um caxiri e chamam o pagé para fazer as cerimônias. A maior parte da bebida é levada a uma casa vizinha, onde os convidados possam beber à vontade, sem incomodar a mocinha, enquanto que só uma pequena parte ficará em casa. Com a assistência dos pais, o pagé bebe, fuma e corta os cabelos da menina, queimando-os depois no fogo preparado *ad hoc*. A cerimônia é feita de manhã, ao nascer do sol e com as portas fechadas, enquanto outras pessoas da família vigiam, nas portas e janelas, a fim de que ninguem se atreva a perturbar o

pagé em tais cerimônias, que duram quase duas horas. O fogo onde foram queimados os cabelos continuará aceso até à boca da noite, e, uma vez apagado, as cinzas são exorcisadas pelo pagé com sopros e aspirações e depois as entregará à mocinha. Altas horas da noite, quando todos os índios estão dormindo e a povoação em profundo silêncio, a menina, sózinha, leva as cinzas às águas do rio, toma banho e volta em seguida à casa. Dão a isso o nome de *pinó wihiacé* (saida da cobra), para significar que as cinzas exorcizadas representam o mau espírito expulso do corpo pelas cerimônias do pagé.

No dia seguinte, a moça poderá comer peixes e, se os pais não tiverem tido tempo de prepará-los, outros parentes lhos ofertarão. Ficará ainda uma semana fechada e depois sairá e fará parte das que podem casar-se.

*
* *

INICIAÇÃO DOS JOVENS

Com a idade de 15 a 17 anos, os jovens são levados a uma barraca provisória, bem longe, na floresta. Lá, só poderão comer frutas, formigas e beber manicuera, que as mães terão o cuidado de lhes dar. A permanência nessa barraca será de duas ou mais luas (mêses), conforme aprenderem mais depressa tôdas as coisas que lhes forem ensinadas.

Um velho pagé ensiná-los-á a tocar todos os instrumentos para as festas, dar-lhes-á lições práticas de dansas e cantos e pô-los-á no conhecimento de todos os deveres e obrigações que deverão ter com os da tríbu, com a futura espôsa e com os filhos. Contar-lhes-á minuciosamente as tradições da tríbu, dos antepassados, especialmente no que se refere ao Juruparí, cujo segredo nunca deverá ser manifestado às mulheres. Ensinar-lhes-á, também, quando e como devem ser celebradas as festas.

Se os jovens não aprenderem bem depressa tôdas essas coisas, serão castigados com açoites e jejuns, que lhes abalará a saude.

Quando o pagé e os velhos julgam que os rapazes aprenderam bem tudo e são dignos de entrar na categoria de adultos, então mandam preparar um grande caxiri na povoação. Os jovens iniciados são adornados com os melhores enfeites e, embocando uma grande flauta de bambú, acompanhados pelo

pagé e alguns velhos, saem do mato e voltam para a malóca. A entrada solene e triunfal dá-se à noitinha. Vem à frente um grupo de tocadores de flautas, que marcam o passo batendo fortemente o pé direito no chão. Os rapazes tocam e dansam também, enquanto as mulheres e as crianças os contemplam extasiadas. Após a entrada, começa a dansa, em que todos tomam parte e, que dura tôda a noite e o dia seguinte. Durante êsse tempo, todos bebem, ficando de tal modo embriagados que caem como mortos por tôda a parte, entrando depois em sono profundo.

As velhas, que não tomam parte nestas orgias, começam a limpeza da malóca, que naturalmente ficou como um verdadeiro chiqueiro. Retiram o vasilhame da bebiba e preparam o beiju e a quinhapira, para que os homens, ao acordarem, encontrem logo comida, pois que durante a festa, ninguem provou alimento algum, mas só bebida e mais bebida.

*
* *

O MATRIMÔNIO

Para a constituição da família, existem leis especiais, respeitadas por todos.

A primeira e mais importante é que os índios nunca se casam com indivíduos da mesma tríbu, porque êstes embora de povoação distante e sem nenhum parentesco, são considerados "irmãos" e assim chamados entre si.

A segunda lei é que o primeiro a casar será sempre o filho maior, vindo depois os outros em ordem de idade. Se um filho menor casasse antes, seria isso uma grande vergonha para o mais velho.

A terceira lei, finalmente, é que os índios só casam depois dos 20 anos.

Não existe o namoro e, para o casamento, não há festa, nem dansa, nem cerimônia alguma. Mas, perguntar-se-á, se não há namoro, como pode um índio conhecer a futura espôsa? É que êles não consideram o matrimônio segundo o conceito da moral cristã, isto é, como união entre homem e mulher que se juram fidelidade até à morte, para se consagrarem à procriação e educação dos filhos, mas sómente como união exigida pela natureza e submetida exclusivamente aos princípios desta. O

índio, não tendo amor e carinho para com a mulher, ficará satisfeito com a que lhe derem não se importando que seja bonita ou feia: basta que seja trabalhadora e que lhe dê muitos filhos; se fôr estéril, repudiá-la-á, como coisa inútil, pois todo índio que se casa faz questão de ter muitos filhos

Quem procura a mulher não é quem se vai casar, mas os pais, ou, se o pretendente fôr órfão, o tuchaua e os parentes mais próximos, que então visitam os índios de outras tríbus e, quando a encontram, fazem o pedido aos pais. Estes, naturalmente, opõem mil dificuldades, dizendo que a filha lhes faz muita falta para os trabalhos da roça e afazeres de casa. Fazem-no, às vezes, sem avisar a interessada. Os pedintes, então, prometem diversas recompensas: roupa, machados, facões, etc Concluido o ajuste, os pretendentes retiram-se.

Algumas semanas depois, o pai do noivo, acompanhado apenas por alguns homens, partem em busca da noiva, a toda a velocidade. Se lhes perguntardes aonde vão com tanta pressa, respondervos-ão, sem parar os remos: "Vamos comprar canoa."

Não se apresentam à casa da moça, mas se escondem perto da malóca onde ela estiver, espreitando a ocasião propícia para raptá-la, o que fazem quase sempre à noite. Os pais da moça gritam e protestam, em particular a mãe, que se vê privada de um bom auxílio. Isso, porém, não passa de cerimônia, conforme ao ritual indígena, porque o rapto fôra combinado entre as duas famílias. Tanto assim é que os pais da moça, embora protestem e ameacem, nunca vão no encalço dos raptores. No regresso, feito com a máxima velocidade, os homens respeitam a mulher, entregando-a ao moço, sem cerimônias ou cumprimentos. Às vezes, é o primeiro encontro entre os dois.

Ela mostra-se tímida e retraida, enquanto tôdas as mulheres a cumprimentam e procuram animá-la, exaltando as qualidades do moço, e convidando-a a ir com elas à roça e demais trabalhos. Se ela começa a trabalhar e mostra-se satisfeita cumprindo os afazeres de casa, como preparar meiú, carregar água, lenha, etc., é sinal de que deu consentimento, e o casamento está feito.

Semanas mais tarde, o pai e outros parentes irão reclamá-la, mas o noivo, se gostou dela, tomará precauções, escondendo-a em lugar seguro. O pai, então, receberá os presentes combinados e voltará para casa. Quando fizer outra visita com tôda a família, levará presentes para a filha e o genro.

Estreitam-se, desse modo, as relações de amizade e parentesco. Ajudando-se reciprocamente nos trabalhos, os homens abatem o mato, fazem canoas e consertam a casa, enquanto as mulheres dedicam-se aos trabalhos da roça ou fazem farinha.

O rapto é, muitas vêzes, condição necessária para obter o consentimento da moça, à qual agradará o arrojo daquele que a deseja como esposa. Se ela não o quiser de forma alguma, deixam-na voltar com os pais, após alguns dias de reclusão.

*
* *

PEÁPERI

Outro modo de fazer o casamento é o chamado *peáperi*, isto é, *do ut des*: dou-te minha filha para o teu filho, e tu me darás a tua para o meu. O caso se complica quando, na família do noivo, não há moças a casar. Precisa-se então, recorrer a parentes colaterais, ou se procura a mulher em família onde há muitas filhas, o que torna desnecessária a troca.

A espôsa não leva dote algum. O espôso, ao contrário, para ser agradável à espôsa, procurará adquirir, antes do casamento, saias, espelhos, pentes, ralos para ralar mandioca e outras coisas de utilidade para a mulher, além de uma canoa, mala e, se possível, uma espingarda.

Se, durante os primeiros mêses, a espôsa ficar doente, virão os pais e levá-la-ão para casa, acusando o espôso de querer envenená-la. E assim o matrimônio ficará dissolvido. Pode-se afirmar, com quase tôda a certeza, que a união matrimonial só é estável e segura depois do nascimento do primeiro filho.

Entre êstes índios, não existe a bigamia. Antigamente, o tuchaua podia ter mais de uma mulher; agora, não. O adultério é coisa rara, se bem que, nas orgías prolongadas, ocorram frequentes casos de imoralidade. Externamente, as mulheres ostentam certo pudor, mas, nas grandes reuniões, especialmente depois das alterações alcoólicas, desaparece o recato, que cede lugar a leviandades e licenças, sobretudo quando se encontram com elementos de outras tribus.

Pràticamente, a pouca moralidade é devida ao fato de que os pais não se decidem a dar em casamento as filhas por lhe serem úteis. Daí resultam os abusos.

Outra causa de imoralidade é a vida em comum, o turpilóquio, as liberdades perigosas, que êles não consideram males. Só consideram maus os atos contra a moral, tal como a concebem. Os adultos não têm nenhuma consideração pelas crianças, as quais são testemunhas de tudo o que se passa.

*
* *

AS VIUVAS E OS ÓRFÃOS

Quando uma índia fica viuva, não pode mais permanecer entre os parentes do marido, porque ela é de outra tríbu; por isso, procurará voltar para junto dos pais. Se estiver muito longe e não puder fazer a viagem, mandará um recado aos pais ou parentes mais próximos, para que venham buscá-la o mais cedo possível.

Os filhos não pertencem à mãe, mas à tríbu; porisso, o tuchaua do lugar ou os parentes mais próximos do finado procurarão impedir que a viuva, ao retirar-se, leve consigo os filhos. Se êstes, porém, são lactantes, irão com a mãe a fim de serem criados; mas, logo que não precisarem dos cuidados maternos, os parentes da tribu a que pertencia o pai irão buscá-los e levá-los-ão, separando-os para sempre da própria mãe.

Às vêzes, há viuvas que fazem todo o possível para fugir de noite e levar às escondidas os filhos. Mas, se os da tríbu chegam a tempo, arrancam-lhe bruscamente e sem compaixão os filhos como eu mesmo ví mais de uma vez.

Dá-se o caso, também, de que os parentes paternos deixam que a viuva leve os filhos e os crie até quase a puberdade; mas, um belo dia, irão buscá-los e separá-los-ão para sempre da mãe.

Retirando-se a pobre viuva para junto dos pais ou parentes, as roças que plantou ficarão com os cunhados ou parentes mais próximos do marido. Ela não terá direito a coisa alguma, porque não pertence a essa tribu.

Depois de alguns mêses de viuvez junto dos pais, procurará outro marido, que será, geralmente, um viuvo. Se êste fôr da mesma tríbu do primeiro, muito melhor, porque os filhos ficarão com ela, a menos que se trate de outra povoação distante.

Um patriarca "tucano". Pelas suas rugas e cabelos grisalhos é facil calcular que a sua idade é quase centenária

Fazem exceção a essa regra geral as viuvas velhas, que já não podem ter filhos. Nesse caso, ficam com os filhos do defunto marido, os quais, sendo já adultos, fazem parte da tríbu. Ninguém se interessará por ela, pois já contribuiu para o desenvolvimento da tríbu. Se em lugar de filhos, só tiver filhas, não ficará na tríbu do marido, porque as filhas se casarão com índios de outra tríbu e a mãe seguirá com elas.

Há casos de velhas viuvas, que, não combinando com as noras, preferem unir-se a algum viuvo e viver em paz com êle os seus últimos dias, sem esperança de ter filhos.

A condição dos órfãos, obrigados a separar-se da mãe e a viver com os tios paternos, ou á falta dêstes, com o tuchaua, é melindrosa e triste. Embora não lhes falte alimento, porque todos lhes dão o que têm, êles não são mais expansivos e alegres: sentem-se isolados e às vezes, parecem adultos. Ví crianças de 5 a 6 anos, das quais nunca pude arrancar um sorriso, pois eram sempre sérios e melancólicos.

*
* *

OS VELHOS

Entre os índios dêsses rios, a condição dos velhos é das mais penosas. Enquanto o velho índio e a velha índia vivem unidos e se ajudam mutuamente, — êle pescando, caçando e colhendo frutas, e ela tratando das plantações de mandioca, de cará, de bananas, mas especialmente fazendo farinha e meiu, — as coisas vão muito bem. Mas, quando morre um dos cônjuges, o pobre supérstite começa um verdadeiro calvário. Poderiamos dizer, sem medo de errar, que o velho ou a velha, quando não pode mais trabalhar para a família, é considerado como *bananeira que já deu cacho*, e ninguem terá compaixão dêles.

Se os filhos já tiverem formado família, tôdas as suas preocupações e cuidados são para os filhos. O velho pai ou a velha mãe terá apenas um pouco de comida, mas nunca um pedaço de fazenda para cobrir-se e resguardar-se da friagem.

Vimos índios, que, trabalhando em nossas missões ou com comerciantes, ganharam bastantes roupas, mas estas eram primeiro para êles, depois para a mulher e os filhos; para os velhos pais, nada. Os filhos casados nunca dizem "meu pai" e "minha mãe", mas "o velho" e "a velha".

Apesar dêsse tratamento, tão indiferente e desumano, a ponto de, muitas vezes, receberem maus tratos, os velhos concentram tôdas as suas alegrias e felicidades no cuidado dos netinhos, carregando-os por tôda parte e satisfazendo-lhes tôdas as vontades. Os pais nunca repreendem os filhos pelas faltas de respeito ou grosserias para com os avós. Vimos, perto da missão de Iauareté, uma pobre velha, ainda forte, mas completamente cega, que passava o dia ralando mandioca para os da família. Quando precisava sair de casa, ia de gatinhas, como criança, e, se por acaso apalpava alguma coisa inútil ou caia, os que a viam davam sonoras gargalhadas, como se se tratasse de um brinquedo. E essa velha tinha criado, parece-me, seis filhos. Agora, nenhum deles tinha compaixão da pobrezinha.

Quando o velho cai doente, sua condição é a mais desoladora que se possa imaginar. Estendido em miseravel rêde, tem por único companheiro um pouco de fogo, alimentado de quando em vez por algum membro da família. Já não podendo tomar banho diariamente e nem gozar por instantes o benefício dos ráios do sol matutino, cobre-se-lhe o corpo, por efeito do suor e da fumaça, com uma camada de sujeitra tão horripilante que êle nem mais parece um ser humano.

Se tiver algum objeto de valor ou instrumento de trabalho, virá o pagé e, com cerimônias e sopros, o levará consigo; e, se nada tiver, o pagé não lhe fará nem uma visita, mas dirá simplesmente que está envenenado e que morrerá. Após tal sentença, ninguem mais se interessará por êle. É facil imaginar como serão os últimos dias de um pobre velho assim abandonado. A falta de alimentação e o maior desleixo pelas mais elementares normas de higiene abreviar-lhe-ão os dias. Os parentes multiplicam as visitas ao ancião, não para o consolar ou ajudar em alguma necessidade, mas para constatar se o fio daquela vida ainda não foi cortado. E ao se retirarem, dirão infalivelmente a frase habitual: — *Canoaca dikçaa* — "Falta só um pouquinho".

Entrando o velho em agonia, os homens começam logo a fazer o caixão, perto do agonizante, o qual bem pode compreender porque estão tão atarefados.

Exalado o último suspiro, os presentes desatam em gritos, lamentações e prantos. Não são os olhos que derramam lágrimas, mas é o nariz que vai gotejando. Todos se debruçam, entretanto, sôbre o cadaver, para exprimir a dor que sentem pelo falecimento! Tais lamentações duram enquanto se ul-

timam os preparativos para o enterro, que se realiza com a maior rapidez. Feito isso, acabam-se para sempre os sinais de dor e tristeza, e nunca mais se falará no falecido.

ORIGEM DAS DOENÇAS — OS DOENTES

Os nossos índios acreditam que quase tôdas as doenças são causadas pelo veneno (*nimá*) e pelo malefício, sôpro ou mau-olhado (*dohocé*). Dizem que tanto o *nimá* como o *dohocé* é subministrado por inimigos, e o meio principal é o sôpro. Qualquer sôpro de pessoa inimiga, ou suspeitada como tal, pode causar doenças e mortes. Aquele que pretende vingar-se aproveita a passagem da vítima para soprar-lhe o veneno, quer sobre a pessôa, quer sôbre os objetos. Às vezes, o inimigo prepara um cigarro envenenado, que deposita em algum esconderijo da casa da vítima, o que lhe produzirá alguma doença mais tarde.

O catarro e a gripe, dizem êles, são doenças dos brancos ou civilizados, que as introduzem no meio dos índios, por meio das mercadorias que lhes vendem. Todos os índios têm um medo pavoroso do catarro e afastam-se das pessoas endefluxadas, especialmente dos "brancos" ou de índios de tribu diversa. O defluxo dos da mesma tribu não causa receio, porque, afirmam, não é venenoso, ao passo que o dos civilizados é virulento.

Em 1929, o Pe. João foi iniciar os trabalhos da nova missão de Iauareté, entre os Tarianos, em frente à Missão de Taracuá. Antes de regressar, encarregou os índios de diversos trabalhos: uns deviam trazer esteios, outros derrubar a mata e as mulheres limpar bem as novas ruas que tinham demarcado; prometeu-lhes pagar o serviço com tecidos, fósforos, anzois, tabaco, etc. Todos aceitaram contentes as respectivas incumbências, e o padre partiu para Taracuá. Os índios trabalharam só poucos dias, porque, passando por Iauareté, outros índios, que iam subindo o rio, lhes disseram: — "Em Taracuá, chegou muito catarro nas caixas de mercadorias, e o Pe. João lhes pagará com essas mercadorias cheias de catarro". Foi o suficiente para que todos, homens e mulheres, largassem as ferramentas e fugissem.

Após poucas semanas, lá voltou o padre, numa grande canôa repleta de volumes. Ninguem foi ao pôrto recebê-lo. Os índios olhavam de longe e, à medida que êle se aproximava mais se afastavam. O padre suspeitou que algo de grave acon-

tecêra. Mandou descarregar o material pelos tripulantes, inclusive as caixas de mercadorias, que os índios não perdiam de vista; depois, chamou todos os moradores do lugar, mas êles só obedeceram quando os outros índios, que acompanhavam o padre, os chamaram. O missionário perguntou-lhes porque se mostravam tão retraídos e desconfiados, e a resposta não se fez esperar. — "Trazes muito catarro nas caixas de mercadorias". Então, para os convencer do contrário, abriu tôdas as caixas e mostrou-lhes que só trazia coisas boas e uteis para êles, e nada mais.

Para facilitar a passagem da terrivel cachoeira de Ipanuré, o mesmo padre construiu uma estrada de cinco quilômetros, larga e cômoda, por onde o transporte de mercadorias é rápido e seguro. Os índios de Ipanuré, povoação que está no pé da cachoeira, e os de Urubucuara, no alto, são os encarregados de fazer o transporte, recebendo tanto por volume. Por essa estrada, transitam tambem os colombianos, que levam a Manaus seus produtos e sobem com outras mercadorias.

Uma vez, chegaram de Manaus, uns colombianos com numerosas caixas e, como de costume, pediram aos índios que fizessem o transporte. Estes tinham ouvido dizer que os comerciantes estavam gripados, e responderam-lhes: — "Não queremos carregar essas caixas; têm muito catarro, e não queremos morrer. Passem as cargas pelo rio como faziam antes de se construir a estrada". Os colombianos pediram, insistiram, prometeram pagar mais que das outras vezes. Foi tudo inutil. Os selvícolas iam-se afastando e os comerciantes levavam as mãos à cabeça, não sabendo o que fazer. Finalmente, um deles teve uma idéia mágica! Conversou com os companheiros baixinho e depois disse bem alto aos índios: — "Ou vocês nos levam as caixas acima da cachoeira ou, agora mesmo vamos abrí-las e espalharemos o catarro por tôda a povoação". Bastou isso para resolver a questão. Os índios olharam-se entre sí, falaram poucas palavras e imediatamente puzeram-se a transportar o "catarro encaixotado", antes que fosse espalhado pelo lugar.

Tornemos ao assunto das doenças. As febres, dizem êles, estão escondidas debaixo das grandes pedras, que há perto do rio; e, sempre que em nossas missões foi preciso quebrar pedras para os alicerces das construções, os índios se queixavam e mostravam-se muito contrariados, porque temiam que as febres descobertas atacassem o pessoal.

As disenterias acompanhadas de vômitos são atribuidas exclusivamente ao *nimá* (veneno), e eu penso que às vezes têm razão. Não há muito tempo, eu mesmo ví um caso de homem forte e sadio que, tendo tomado às três horas da tarde, farinha com água, oferecida por um parente com o qual brigára alguns mêses antes, durante uma festa, começou, duas horas depois, a sentir sintomas de disenteria, acompanhada de vômitos. À meia-noite, estava morto. Esses venenos costumam ser misturados na bebida por ocasião das festas ou nas simples bebedeiras. Assim morreu, quase repentinamente, o tuchaua de Parí-Cachoeira, que era o mais valente e destemido do rio Tiquié.

Entre esses índios, não se encontram a lepra, a sífilis e as doenças venéreas, sendo raríssimos os casos de feridas bravas. As doenças que causam mais vítimas são a disenteria, a pneumonia, e o sarampo. A bronquite e o catarro descuidado degeneram, às vezes, em tuberculose. Como têm sangue bastante puro, saram com facilidade das feridas motivadas por acidentes de trabalho. As doenças da garganta chamam *Uakti poali* — cabelo do diabo.

Os doentes — Quando um índio adoece, deita-se na rêde, com um bom fogo ao lado, e fica jejuando. Se fôr velho, ninguem se preocupa com êle; se fôr criança, a mãe passará o dia e a noite perto da rêde, olhando-a com tristeza, chorando às vezes e quase sempre xingando e amaldiçoando as pessoas que julga terem-na envenenado. Depois chamará o pagé para que lhe aplique as extravagantes cerimônias. Nos primeiros dias, todos os índios tratam com bastante cuidado e dedicação os pobres doentes; mas, se a enfermidade for longa, ou especialmente se o pagé deu a fatal sentença de que o doente está fatalmente envenenado e de que nenhum remédio o pode curar, então o pobre doente será quase abandonado. Só lhe darão um pouco de mingáu e manterão o fogo perto da rêde. O infeliz paciente, sabedor do seu estado grave, desanima, perde a vontade de alimentar-se e pouco a pouco vai definhando, até realizar-se a terrível sentença do pagé. Quantos doentes assim abandonados foram salvos pelo bom Pe. João, que lhes forneceu remédios, animou-os com boas palavras e, especialmente, alimentou-os bem. Diante dêsses casos, para êles extraordinários, só tinham uma expressão: — Pai João *makcipeomi* — Pe. João sabe muito.

Mais triste é o caso de algum tuberculoso. Vendo-o enfraquecer cada vez mais, apesar de todos os esforços e ceri-

mônias dos pagés, os parentes se convencem de que deve morrer e, porisso, sem ter mais compaixão, desejam que morra logo. O coitado, vendo-se abandonado, sofre horrivelmente. Alguns me diziam: — "Padre, estou muito aborrecido e quero morrer..." Às vêzes, os parentes, vendo que o doente já não se move ou não responde aos chamados, dizem que já morreu e começam logo a chorar e a gritar, conforme ao ritual... Os homens, depois de um desabafo ruidoso e rápido, tratam logo do entêrro, enquanto o infeliz chorado por morto, ainda está vivo, ouvindo e compreendendo o porque daquelas lamúrias.

Não faz muito tempo, presenciei uma cena semelhante. Era uma menina tuberculosa. A mãe gritou: — "Minha filha morreu" — e desatou em pranto, acompanhada por todos os da família e pelos vizinhos. O pai da pequena, depois de alguns gritos, chamou outros homens e com êles saiu em busca de uma ubá, para fazer o caixão. Corri imediatamente, para verificar se a menina estava mesmo morta. Qual não foi minha suspresa, ao ver que estava ainda viva! Mandei suspender as choradeiras, afastei todos do quarto e proibí que continuassem a fazer o caixão. A pobrezinha viveu ainda dois dias, conservando até ao último instante as faculdades mentais. Se alí não estivesse o missionário, te-la-iam enterrado viva, como fizeram com outros moribundos.

Certa ocasião, chegou a uma das missões um cortejo fúnebre, composto de poucas pessoas. Dois fortes índios carregavam, amarrada a um pau, a metade de uma ubá, e um terceiro trazia ao ombro a outra metade. O saudoso Pe. Bálzola, vendo que descansavam à sombra de uma barraquinha, disse-lhes:

— Vamos, mais um pouquinho; a capela está perto.

— Padre, — respondeu um deles, — ainda não morreu.

— Como ! Ainda não morreu ? Vocês vão enterrar uma pessoa viva ? Quero ver.

E o Padre constatou, de fato, que a velha estava viva.

— Por que é que vocês trazem a pobre mulher viva ?

— Ora essa, já faz quasi um mês que está doente e não quer morrer, — foi a resposta.

— Ainda que fizesse um século, não se pode pôr uma pessoa doente em um caixão e carregá-la para a cova. Você

gostaria de ficar espichado nessa incômoda canôa, várias horas a fio, esperando a morte ?

Os índios calaram-se...

O bom missionário teve apenas tempo de batizar a velhinha, que logo depois espirou, porque as sacudidelas da viagem e o sol abrazador tinham acelerado a morte.

Nos primeiros tempos da missão de Taracuá, um índio pediu ao padre umas tábuas para fazer o caixão destinado ao filho que acabara de morrer. O missionário atendeu ao pedido e recomendou-lhe que trouxesse o defunto à sepultura, antes do anoitecer. Às seis horas da tarde, vendo que não apareciam, desceu à povoação e viu, horrorizado, que o pequeno estava ainda vivo. Aplicou-lhe uma injeção, tratou-o, e o menino sarou. O caixão passou a servir de banquinho na maloca.

Eis mais um caso, que mostra a mentalidade dêsses índios com relação aos doentes

Certa vez, veiu um homem pedir um remédio para o pai que se achava muito doente. O padre, depois de informar-se bem sôbre a doença, preparou-lhe o remédio e indicou-lhe como devia aplicá-lo. O índio desceu até ao rio e, voltando pouco depois, disse ao padre:

— Eu quero, também, duas dúzias de pregos.

— Para quê — inquiriu o padre.

— Para fazer o caixão, quando meu pai morrer.

MORTE E ENTERRO

Os índios não acreditam que um homem possa desaparecer por morte natural; e, se morreram os que o rodeavam, é porque tinham inimigos. Cada um dos que sobrevivem é bom, não faz mal a ninguém e, portanto, não morrerá. Até velhos decrépitos já com o pé na cova, afirmam que não morrerão, embora alguns há que desejem morrer, como me dizia um dêles, certa ocasião:

— Quero morrer, porque meus dentes estão cansados de mastigar.

Essa crença na imortalidade da vida material os torna insensiveis e apáticos aos ensinamentos das verdades eternas. Dificilmente abandonam a corrupção em que vivem, o que se verifica sómente nos velhos.

Apenas o moribundo dá o último suspiro, o parente mais próximo solta um grito lancinante e todos os presentes desatam em pranto, relembrando, às vêzes, os feitos do finado. Fazem as lamentações debruçados sôbre o cadaver ainda quente, dando-lhes abraços, apalpando-o em tôdas as partes do corpo, fazendo isso três ou quatro ao mesmo tempo: uns pegam na cabeça, outros nos pés, outros nas mãos e com tão pouca delicadeza, que se, por acaso, o coitado não estivesse morto, morreria certamente com o abalo sofrido.

Se o morto fôr um filho ou uma filha, os pais dirão: — *Iee makque, iee makcó* — "meu filho, minha filha", — repetindo essa exclamação centenas de vêzes com a maior expressão de dôr. Os homens dão gritos extentóricos, enquanto as mulheres os repetem com uma cantilena que passa da nota mais baixa à mais aguda da escala cromática.

Se o falecido for o pai ou a mãe, os filhos dirão: — *Iee pakque* — "meu pai"; *iee pakcó* — "minha mãe". A mulher que chora a morte do marido dirá sómente: — *Iee poná pakque* — "ó pai de meus filhos", — sem jamais dizer "meu marido". De sua parte, o homem que chora a mulher, dirá — *Iee poná pakcó* — "ó mãe de meus filhos". O pranto dos homens é mais breve, porque êles devem preparar o enterro, enquanto as mulheres continuam a chorar ininterruptamènte, até que o defunto seja enterrado. A mãe, quando chora a morte de um filho ou do marido, fica de cócoras perto do cadaver e com uma das mãos vai garatujando no chão.

O caixão é feito com uma ubá cortada transversalmente, sendo sobrepostas as duas partes e amarradas. Enquanto uns preparam o caixão, outros cavam em um canto da maloca a fossa de um metro e pouco mais de fundura. O extinto é envolvido na sua própria rêde com os trapos que constituem tôdas as suas "riquezas"; e, se tiver fósforos, os colocarão pertinho do corpo, porque a alma, sentindo frio, poderá precisar dêles para aquecer-se e, à sua falta poderá molestar os vivos. Os presentes jogam terra com as mãos e as mulheres intensificam o pranto e os gritos, para interrompê-los bruscamente, logo que o caixão desaparece. Dois homens entram na cova, para socar bem a terra com os pés, ao redor e por cima do caixão. Acabado o enterro, cessam as cerimônias e as choradeiras. E nunca mais se falará no finado.

Se outros parentes e amigos chegam depois do entêrro, irão até à sepultura para chorar um pouco e dizer mais ou menos o seguinte: "Morreu meu parente, morreu meu amigo; aquêle que me queria bem, que me dava peixes, aquêle que brincava comigo; morreu, morreu".

Quando um índio recebe a notícia de que um parente faleceu longe, deita-se na rêde e chora uns dez minutos, repetindo o nome do falecido; depois, levanta-se e não mostra mais nenhum sinal de dôr ou tristeza. É incrivel a facilidade com que os índios passam das lágrimas à tranquilidade, à indiferença e mesmo à alegria tumultuosa. Por mais de uma vez, vi alguns que, menos de uma hora depois de ter derramado lágrimas, soltavam gargalhadas, como se nada de triste tivesse acontecido.

Tarianos, um mês depois do falecimento do tuchaua, costumam celebrar uma grande festa em memória do finado, com dansas, cantos e bebedeiras. O Exmo. Monsenhor Lourenço Giordano, primeiro Prefeito Apostólico do Rio Negro, poucos mêses antes de falecer, assistiu a uma dessas festas em Jauaretê-Cachoeira e a descreveu magistralmente, como se lê no *Boletim Salesiano* de novembro de 1919 (página 295) e que abaixo transcrevemos:

"CERIMÔNIA FÚNEBRE PELA MORTE DO TUCHAUA.

O PRANTO DOS HOMENS E DOS PÁSSAROS.

"Às dez horas do dia 16 de outubro (1918), chegavam em grandes e pequenas canoas, muitas famílias de índios de diversas partes, e observei, com prazer, que todos vinham saudar o missionário, aliás por alguns já conhecido. Uma cena esquisita. Os homens estavam todos armados com lanças e bastões. Reunidos em pelotão, dirigiram-se à praça da maloca (grande barraca) e, depois de diversas evoluções a passo e em corrida, entraram na maloca batendo fortemente com os bastões na porta. Uma numerosa multidão de mulheres ocupava já a parte central. Tinham os cabelos soltos, choravam e gritavam. Os guerreiros se alinharam em longa fila, ficando primeiro em pé, depois sentados sôbre os calcanhares, e começaram também o pranto e os lamentos.

"De repente, todos se levantaram e começaram a falar em voz alta, cada qual em seu dialeto, dirigindo a palavra a

si mesmos, em monólogo teatral. Celebram o valor do finado, fazendo fortes lamentações pelo seu desaparecimento inesperado e lançam impropérios e ameaças contra aquêle ou aquela que foi causa da sua morte. Para compreender o porquê dêsse desprêzo, convém saber que os índios não crêem absolutamente que se possa morrer de doença natural ou de velhice. Êles atribuem, sempre e exclusivamente, a causa da morte a malefícios, ao mau-olhado, a veneno propagado por ódio ou por vingança.

"As vozes de dor, desprêzo e ameaças eram acompanhadas de um gesticular nervoso e de mudanças de fisionomia, ora grave, ora lacrimosa, ora ameaçadora. Acabou-se esta primeira cena com assobio, grito e bater de palmas.

"Nesse meio tempo, avançam muitas figuras bizarramente vestidas, como mascarados. Eram homens que vestiam uma espécie de túnica ou camisão feito de casca de tururí. Do tronco muito poroso dessa árvore, bem lavado e batido, extraem uma casca de um tamanho: cosida depois, dão-lhe a forma de uma túnica ou camisola, muito levantada por cima da cabeça e estendendo-se em baixo em forma redonda, com arco sobreposto; pintam-na com diversas côres, desenhando, na parte que corresponde à face, a figura ou bico de um pássaro, por exemplo de urubú, ou de anú, ou de gavião, ou de tucano, etc., ou também de uma borboleta.

"Aquêles que vestiam a túnica, caminhando a sós ou dois a dois, emitiam vozes e gritos, procurando imitar o pássaro que representavam. O urubú, por exemplo, gritava: *"Uaiuré, uaiuré"* o anú: *"cucuréua, cucuréua"*, etc., etc. Quem representava a borboleta corria um pouco à direita, um pouco à esquerda, para imitá-la no vôo. E que vem fazer essas aves ? Vêm tomar parte no luto geral pela morte do tuchaua das suas florestas.

"As mulheres, parentes mais próximos do finado, repetiam entre outros, êste lamento: *"Pakque, pakque, noope bokcánaçari mani akpi pakque ?* — ó pai, ó pai, onde encontraremos nós outro pai ?"

"Esta cena de lágrimas, estas exclamações, êstes movimentos, êstes gritos, sucediam-se com tão poucas e breves interrupções, que não deixavam nunca um instante de silêncio.

"Os que não tomavam parte ativa na cerimônia permaneciam sentados, ou em pé, silenciosos ou chorando, os homens de um lado as mulheres de outro, de modo que a maloca apre-

sentava uma cena semelhante àquela que descreveu o nosso Dante Alighieri:

Parole di dolore, accenti d'ira,
Voci alte e fioche e suon di man con elle,
Facevano un tumulto, il qual s'aggira
Sempre in quell'aria turbinosa...

(Palavras de terror, acentos de ira,
Voz alta ou fraca e som de mãos com ela,
Faziam um tumulto, o qual regira,
Sempre, naquele ar turbinoso...).

"Ninguém pode tocar em alimento durante êsse tempo, mas a todos é servido com abundância o caxirí e o caapí.

"Esta cerimônia fúnebre começou às dez horas da manhã, continuou o dia e a noite tôda. Ao romper da aurora, queimaram-se as armas e tudo o que pertencia ao defunto. Todos se retiraram deixando só, na maloca, o filho primogênito, que, por direito de sucessão, tornou-se o tuchaua do lugar."

O PAGÉ

Não é coisa fácil dar idéia exata e completa do pagé. Êle nunca fala do que sabe e do que faz; não diz o porque de certas cerimônias, nem como aprendeu a sua arte; e, sobretudo, não gosta de fazer as *bakcecé* (cerimônias) na presença de pessoas estranhas ou brancas e, muito menos, na do missionário.

O conde Ermano Stradelli, que viveu mais de quarenta anos no Amazonas e teve tempo de impregnar-se do ambiente indígena, assim definiu o pagé:

O pagé é o médico, o conselheiro da tríbu, o padre, o feiticeiro, o depositário autorisado da ciência tradicional. Pagé não é um qualquer. Só os fortes de coração, os que sabem superar as provas da iniciação, os que têm o fôlego necessário, podem aspirar ao posto de pagé. Com menos de cinco fôlegos, não há pagé que possa afrontar impunemente as cobras venenosas; é preciso ter mais de cinco fôlegos para poder curar as doenças com a simples imposição das mãos e com o cuspo as mordidelas das cobras venenosas. Os pagés que têm sete fôlegos ou mais, lêem claro no futuro, curam à distância, podem transportar-se à vontade no animal que lhes convém, tornar-se invisíveis e mudar de um lugar para outro com o simples esfôrço da própria vontade.

"Hoje não há mais pagés", dizia-me o velho Taracuá, somos todos curandeiros". E eram as queixas de colega a colega, porque eu passei sempre por bom pagé, graças à fotografia, ao microscópio e às coleções de plantas, espécie de caládios, que levava durante o tempo que passei entre os indígenas, no rio Uaupés.

O pagé, na língua dos índios, chama-se *iaíua* (onça). Como se vê, até o nome indica temor.

O pagé entra em tôdas as circunstâncias importantes da vida do índio. Falando das crianças, vimos que o pagé é cha-

mado para exorcizar e assegurar a vida ao recém-nascido. Intervém no nascimento dos gêmeos, para que se cumpra a lei dos antepassados, porque êle é o depositário autorizado das tradições da tríbu. É o encarregado de incentivar e manter vivas tôdas as lendas e, pela autoridade que goza entre os índios e pelo temor que todos têm dos seus sopros mortíferos, torna-se sumamente orgulhoso e cheio de sí mesmo, chegando alguns a serem cognominados *Uaque Bukque* (Velho Deus).

Os segredos que possui, fruto da observação e da experiência, e também herdados dos antepassados, valem por um atestado da sua autonomia e autoridade. Porisso, o pagé é tido por um ser superior e, ainda que não seja amado, e com razão, todos lhe dedicam grandíssimo respeito e uma obediência ilimitada, até os mesmos tuchauas. Passa por sábio no conhecimento da virtude de certas fôlhas, plantas e raizes, de cujos elementos prepara as suas drogas. Há pagés, dizem os índios, que podem dar, querendo, bom ou mau tempo, boa ou má saúde. O seu maior poder está no sôpro, na aspiração acompanhada de fumo. Nunca exerce a arte sem o tabaco; e, se não o tiver, pedí-lo-á aos outros e ninguém lho negará, por medo de alguma doença.

O pagé é, também habil prestidigitador, iludindo os presentes com uma longa série de caretas, movimentos rápidos, sucções fortes, cuspos, massagens, fricções úmidas sôbre as partes doloridas, aplicações de emplastros de fôlhas, raízes, resinas, tudo, porém, previamente purificado pelo sôpro. Médico operador, sem bisturí e sem pinças, sabe extrair pedras, espetos, espinhas de peixe, ossos de animais, etc., que se introduzam no corpo do doente. A função mais importante do pagé é a que exerce sôbre um doente isolado em lugar escuro, derramando-lhe água em cima e passando a mão com força sobre a parte dolorida, a fim de eliminar a doença. Esta pode, também, ser tirada do corpo mediante sucções, e então, cuspindo a doença fora, o pagé faz ver aos presentes a causa do mal: pedras, espetos, ossos, etc. Às vêzes, o pagé obtém resultados com a sugestão e alcança curas.

Removida a causa da doença, o enfermo deve sarar. Ficará devendo a vida e a saúde ao pagé, que nunca trabalha de graça e sempre se faz pagar bem.

Quando todos êsses artifícios não forem suficientes para debelar o mal, o pagé proclamará a morte do paciente, dizendo que os inimigos lhe inocularam nova quantidade de veneno ou lhe fizeram o *dohoceré* (malefício). O infeliz doente, tor-

nando-se objeto de reprovação, é impiedosamente abandonado à sua triste sorte, enquanto a honra do pagé é sempre salva.

Às vezes, os índios, não se conformando com a fatal sentença, vão em procura de outro pagé mais hábil... embora o resultado seja sempre o mesmo.

Quando a mortandade, em algum lugar atinge cifra muito elevada, ocorrendo várias mortes em pouco tempo, o pagé declara o lugar infestado e inabitável: os inimigos teriam passado por lá (*dohátohapa*) e o infeccionado com sôpros ou pontas de cigarros. Nesse caso todos devem abandonar o lugar o mais depressa possível, levando consigo o estritamente necessário. Isso custa aos índios grandes sacrifícios e privações, mas é preciso obedecer à ordem do pagé. Às vêzes, a fuga é tão precipitada, que abandonam roupas, cachos de bananas, camutis para água, etc., como se escapassem diante de um exército invasor.

No ano passado, em uma povoação das mais numerosas do rio Tiquié, que contava mais de duzentos índios, depois da morte de três pessoas, uma mulher e dois rapazes, ocorridos em dois dias, o pagé disse que o lugar estava envenenado (*dohoceré*) e que os habitantes precisavam sair imediatamente. Uns cinquenta índios seguiram rio acima onde permaneceram numa barraquinha improvisada, e os outros 150 fugiram rio abaixo. Mas, improvisar e preparar uma maloca para tanta gente, não era fácil. Precisavam vários dias de trabalho para derrubar, cortar árvores e fazer a limpeza. Trabalharam todos, homens, mulheres e crianças, não se importando com a chuva frequente daqueles dias. Os que mais sofreram foram as pobres criancinhas, expostas às intempéries.

Quando lhes perguntei porque tinham abandonado tão repentinamente suas casas cômodas, de taipa e bem cobertas, responderam-me com tôda a convicção: — "O filho do tuchaua dos Tarianos, quando aqui passou, há dois meses, soprou em nossas casas e lançou o malefício e o veneno (*dohoceré*). Já morreram três e, se não fugíssemos logo, teríamos morrido todos".

Observe-se que no rio Tiquié não há índios Tarianos, à exceção de duas mulheres casadas com tucanos e com família.

É certo que por alí passara um jovem tariano, para servir de intérprete a um branco que fazia o recenseamento. Êsse moço, educado na missão de Iauareté, sabe ler, escrever e falar português. Estou certo de que não praticou mal algum. Apenas, enquanto fazia múltiplas perguntas aos índios e as tra-

duzia para o recenseador, pode ser que, diante das dificuldades que as mulheres encontravam para dizer o próprio nome, tenha êle dado algum sinal de enfado com um suspiro, ou que, fumando, tenha aspirado com mais veemência e jogado alguma ponta de cigarro. Teria isso bastado para que os índios lhe atribuissem a *causa mortis* dos três falecidos e o envenenamento da povoação.

Toda maloca ou povoação abandonada por sentença do pagé fica interdita e nenhum índio nela pisará antes de passados dez anos, por medo de apanhar alguma doença.

Quantas vêzes, em minhas viagens de canoa, ao anoitecer e em lugar abandonado, que podia ainda oferecer algum abrigo, os índios remadores preferiam, embora cansados, continuar remando para alcançar outra pousada, ou dormir na mata, ao relento e expostos à chuva !

Há poucos meses, umas mulheres de Parí-Cachoeira (rio Tiquié), trabalhando na roça, ouviram rugidos de onças. Cheias de medo, voltaram logo e pediram ao pagé que soprasse as feras para longe. Lá foi, no outro dia, o valentão. Soprou, soprou na direção noroeste, e mandou embora as onças. Poucas horas depois, mandamos seis índios com boas armas para dar caça aos terríveis felinos; mas êles, encontrando de volta o pagé, que lhes assegurou terem as onças penetrado mata a dentro, conforme lhes indicara, ficaram tão convencidos do seu poder que imediatamente voltaram. E, no outro dia, as mulheres foram trabalhar na roça, sem receio de encontrar os animais.

Os índios têm tanta fé no sôpro que até os remédios que recebem na missão, antes de aplicá-los, os levam ao pagé, para que os sopre e lhes dê a virtude de curar. Todos os apetrechos que êle usa são cuidadosamente guardados em uma caixa feita com fôlhas de palmeira entrelaçadas, e nunca índio algum tem coragem de abrir e olhar o que contém, por temerem a vingança do pagé.

Uma vez, ví uma dessas cestas pendurada na maloca, e quis abrí-la para ver-lhe o conteúdo, mas os índios que me acompanhavam fugiram para não vêr. Fiz isso porque não havia gente na maloca. A caixinha continha pedras compridas e ponteagudas, da grossura de um dedo, pedaços de ossos, espetos, espinhos de peixes e até cabelos.

Aconteceu que um pagé dos arredores da missão de Taracuá pediu ao padre João que o batizasse, porque também êle queria ser filho de Deus. O missionário lhe respondeu que

só era possível se êle deixasse de enganar tanta gente e não abusasse mais da ignorância e boa-fé dos seus semelhantes, pois o padre conhecia muito bem aquela arte enganosa e sabia em que consistia a caixinha mágica.

— O padre sabe mesmo; vou acabar com esta vida de hipócrita.

— Entregue-me então a caixa, replicou o padre, — aprende o catecismo, e, na festa do Santo Natal, eu o batisarei.

O pagé prometeu, cumpriu a palavra e foi batizado

Apesar da conversão, que podemos julgar verdadeira, tendo êle deixado de exercer a sua arte, os índios muitas vêzes iam chamá-lo para tratar os doentes, e, como não fôsse, levavam-lhe os enfermos à própria casa, suplicando-lhe que fizesse o *bakcecé*. Tais são a fé e a confiança que todo índio deposita no poder do pagé.

IDÉIAS RELIGIOSAS

Nossos índios ignoram a origem do mundo e dos sêres que o habitam. Não se preocupam com isso, nem com a origem e o fim do homem.

Dão ao Ser supremo o nome de *Uaque* — Deus, — dizendo que é bom e que não faz mal a ninguém. Não lhe prestam culto, nem sabem que é o criador de tôdas as coisas e o juiz supremo das ações humanas.

Acreditam que, além do nosso mundo, existem mais outros dois: um, acima das estrelas, onde há gente boa; e o outro, debaixo da terra, onde também há gente boa. Sómente aqui na terra, dizem, há gente boa e ruim. Dizem, também, que, debaixo da terra, há uma grande velha, que sustenta o nosso mundo na palma da mão. A essa velha chamam *Ieépali*.

No ano passado, mandámos cavar um poço, para termos água potável. Embora os índios não acreditassem que assim encontrariam água, principiaram a trabalhar sem dificuldades, mas zombando do missionário por ter dado a ordem. Quando chegaram à profundidade de cinco metros, não quiseram mais continuar, com mêdo de cair no mundo que há embaixo da terra, onde poderiam ser mal recebidos, embora lá só houvesse gente boa.

Assegurei-lhes o contrário; cavando, encontrariam certamente água. Mostravam-se, porém, cada vez mais desconcertados e medrosos. Então, um pouco brincando e caçoando, prometi-lhes um prêmio logo que encontrassem água. Animei-os a continuar, até que, aos sete metros, apareceu água. Inútil dizer que todos ficaram pasmos com o grande (!) saber do missionário, que mandava tirar água embaixo da terra, sem medo de cair naquele mundo subterrâneo.

Todos acreditam na imortalidade da alma humana, mas nunca falam dos mortos, por medo de que os venham molestar, e nem gostam de ver as fotografias dos mesmos. Quando alguém morre, êles o julgam logo, dizendo, se era bom, que foi com Deus, e, se era máu, que foi com o diabo.

"Tucanos" nas suas danças características, que duram dias seguidos

UAKTÍ-IÉ OU FESTAS PROFANAS

Uaktí é o nome que dão ao demônio, de cuja existência ninguém duvida. Dizem que Uaktí é muito máu e que faz o maior mal possível aos homens, porisso, todos os índios o temem. Não exercem nenhum culto em honra do demônio, nem tão pouco em honra de Deus. Sendo materialistas, não se preocupam de propiciar a Deus com louvores e preces, como nada fazem em honra do demônio, para que não lhes faça mal.

Dizem êles que o *Jurupari* (palavra da língua geral) e o *Dabucurí* (palavra também da língua geral) são festas que o demônio ensinou aos seus antepassados e que êles conservaram como tais. Tanto assim é que a essas festas dão os nomes de *Uaktí-ié* (coisas do demônio) e *Uaktí bakçacé* (canto-dansa do demônio).

Os índios têm tanto mêdo do Uaktí, que ao verem uma figura qualquer do demônio, logo lhe arrancam os olhos com as unhas, para não serem vistos por êle e em sinal de desprezo.

Explicam a origem dessas festas com a seguinte lenda:

Antigamente, dois meninos foram à procura de frutas e, sem perceberem, afastaram-se muito da maloca. Depois de várias horas em que estiveram despreocupados, levantou-se um grande temporal, acompanhado de muitos trovões e relâmpagos, tão assustadores que os meninos, cheios de mêdo, perderam o caminho e ficaram chorando debaixo de uma grande árvore. Durante a tempestade, passou por lá o Uaktí, o qual lhes disse que, para se salvarem, deviam entrar logo no grande buraco de um pau que havia perto. Os meninos aceitaram o conselho e entraram; mas o demônio fechou o buraco e os meninos ficaram presos.

Passado o temporal, os pais dos garotos sairam em procura dos filhos perdidos. Depois de muito andar e chamar, encontraram o Uaktí, que lhes disse:

— Seus filhos estão comigo e eu só os entregarei se vocês fizerem também as coisas que eu faço.

Os homens prometeram cumprir as ordens do Uaktí. Êle, então lhes ensinou como deviam fazer a festa do *Jurupari* — *Uaktíe* e o *Dabucurí* — *Uaktí bakçacé* (canto-dansa do diabo).

Dabucurí quer dizer, também, "festa em geral", mas cada festa tem o seu nome próprio, conforme a fruta ou ingrediente com que se prepara a bebida, chamada em tucano *perú* e em língua geral *caxirí*. Assim, temos o *Enguené poocé* — dabucurí de pupunha; o *Mené poocé* — dabucurí de ingá; o *Anhunga poocé* — dabucurí de bejú; o *Nhumú poocé* — dabucurí da bacaba, etc.

O dabucurí consta de três partes distintas: 1) Recepção de Uaktí no pôrto; 2) Entrega das ofertas dos convidados; e 3) Dansas-cantos e guerrilhas.

Alguns dias antes, o tuchaua estabelece com os homens o dia do dabucurí e qual há de ser a bebida; em seguida, dá ordens competentes para os preparativos. As mulheres devem preparar todo o vasilhame, a água e as diversas pinturas; os homens, trazer a fruta ou passar a cana e preparar os instrumentos de música; enquanto outros irão convidar os amigos e vizinhos da mesma tríbu, e os das tríbus das suas mulheres.

Nota-se então, em tôda a maloca, enorme atividade e uma alegria sem par. Os convidados devem trazer para a festa os presentes, conforme o nome do dabucurí: pupunha, ingá, peixe, etc.

Na véspera, reúnem-se todos no lugar da festa, para pintar-se e ornamentar-se, trabalho êsse que dura várias horas, por entre gargalhadas e comentários os mais variados. O início da festa é sempre ao anoitecer. Os homens, enfeitados e pintados, com seus instrumentos de música na mão, dirigem-se ao pôrto, apenas toca pela primeira vez a trompa do *Jurupari*. O som dêsse instrumento ou buzina parece-se com o mugido de um touro e causa mêdo a quem o ouve pela primeira vez.

As mulheres e as crianças escondem-se tôdas no interior da maloca, a fim de não verem o *Jurupari*, o que lhes é proibido sob pena de morte.

Os homens, no pôrto, tocam todos juntos, para dizer ao *Uaktí* que vão fazer a festa, conforme êle mesmo ensinou; em seguida, em fila, dirigem-se à praça da maloca, ou à casa onde se fará a festa, e fazem evoluções ao redor do *Jurupari*, que representa *Uaktí*.

Que é, pois, êsse *Jurupari* ao redor do qual fazem evoluções ?

Dom Frederico Costa, bispo do Amazonas, deixou escrito o seguinte:

"A questão do *Jurupari* é uma questão bastante complicada. Em dado momento da festa, à meia claridade das luzes, apresenta-se um indivíduo ridiculamente vestido, um palhaço, ou demônio, com uma varinha na mão. Aparece fazendo trejeites e batendo com a varinha em todos os assistentes: depois, desaparece de repente. É o *Jurupari*. Os instrumentos, a que dão êsse nome, representam a voz e a palvra do *Jurupari*. As mulheres não o podem ver, sob pena de morte. É que os índios querem fazer crer às suas mulheres que aqueles roncos do instrumento são produzidos pelo próprio *Jurupari*, que lhes havia aparecido anteriormente..."

Terminadas as evoluções, escondem o *Jurupari* e dão o sinal, entrando na maloca todos os homens tocando seus instrumentos. Saem as mulheres de seus esconderijos e vão tomar parte na festa.

Os convidados, então, apresentam ao *Bakçaiá* (mestre da festa) os presentes que trouxeram, e o cumprimentam apertando-lhe a mão. As mulheres cumprimentam também, sem apresentar a mão. A saudação é rápida e fria, sem expansão alguma, sem mesmo uma troca de olhares.

Antes de começar a dansa, as mulheres levam aos homens, começando pelo *Bakçaiá*, grandes cuias de *caxiri*. Todos bebem a grandes goles e sem respirar.

O *dabucuri* consiste em um círculo formado por pares de homem e mulher; unidos simplesmente por uma das mãos sôbre o hombro, dansam ao som de toscos instrumentos e entoam diversos cantos, que terminam quase sempre com gritos e assobios. A dansa, em sí, nada tem de imoral, assim como os cantos (de que falaremos mais adiante). Durante essas festas, há um exercício que apreciam imensamente e que nunca deixam de executar. Consistindo em simular o assassínio de um inimigo ou de um branco: armam de repente uma briga, correm todos, com a lança na mão, a plantá-la em um só ponto... e o branco fica executado.

No princípio da festa, há completa separação entre os homens e as mulheres: aqueles ficam de um lado, ao passo que estas últimas se mantêm tôdas juntas de outro lado. Quando, por qualquer motivo que seja, alguém é obrigado a levantar-se no meio da festa, deve sair do lugar, fazer a volta e despedir-se de todos, como se de fato para êle estivesse tudo terminado e muito embora volte depois. As dansas e cantos

são continuamente alternados com bebidas fermentadas, que, enquanto esquentam a cabeça, põe as pernas em movimento, até à perda total do equilíbrio, a ponto de não poderem os participantes andar mais dois passos, sequer, em linha reta. Desaparece, então, a separação dos sexos e sucedem-se grosserias, leviandades e brigas, com ferimentos, às vêzes mortais, quando não mortes violentas e, como consequência, tristeza, ódio e desejo de vingança.

Tais festas duram, no mínimo, dois dias, enquanto haja bebida e possibilidade de dansar. As crianças maiores nelas tomam parte indireta, petiscando e pinoteando por conta própria, enquanto as de peito sofrem as mais tristes consequências, porque as mães, durante êsses dias, nada comem, só pensando em beber e em dansar. Temos disso uma prova entre os índios Tarianos, que vivem perto da missão de Iuauareté Cachoeira. Nestes últimos oito anos, tendo êles abandonado por influência do missionário, essas orgias e desordens, e passando a viver mais morigeradamente, as crianças crescem mais fortes e sadías. Os próprios índios reconhecem o fato que serve para convencê-los das vantagens proporcionadas pela civilização e pela moral que lhes ministram os missionários. As tríbus muito dadas à bebida e á dansa mais dificilmente se evangelizam e civilizam.

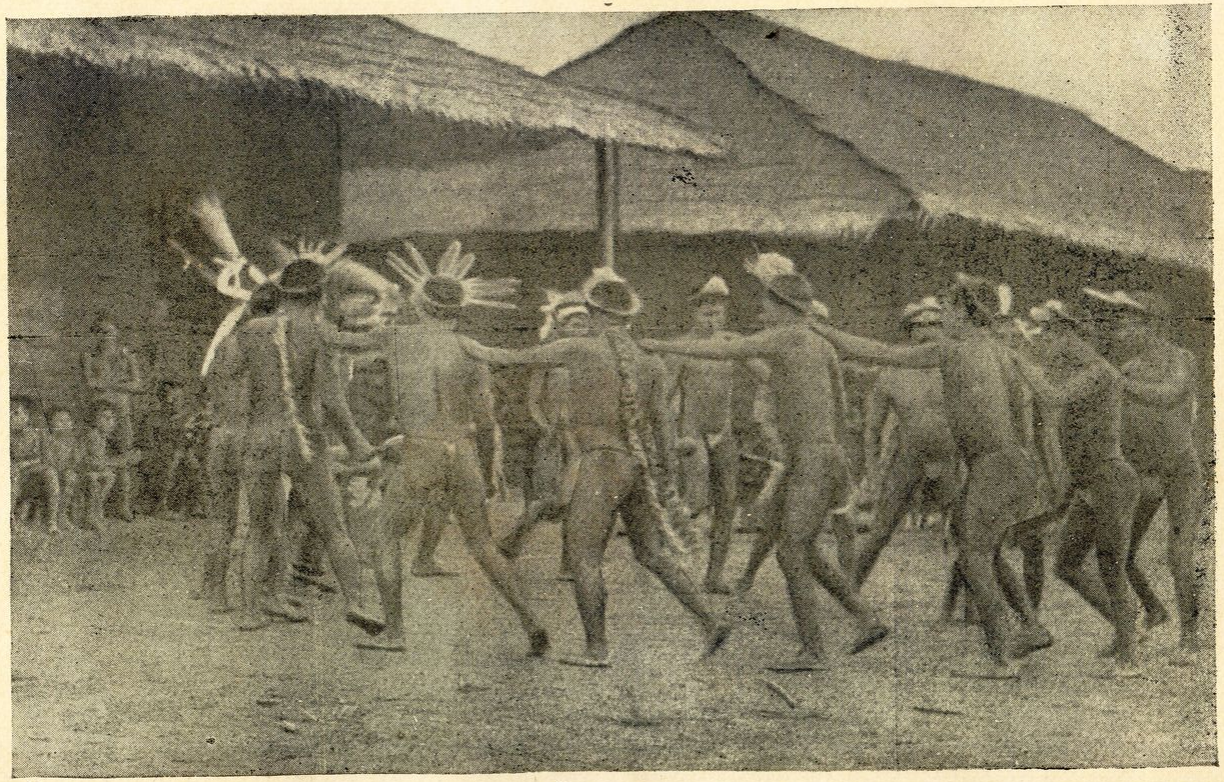
A importância da festa está sempre na razão direta da abundância de bebida.

Ao viajante que chega à maloca depois de um grande *dabucurí*, apresenta-se um quadro degradante e desolador. Homens deitados à porta, ou fóra, no capim, em suma, por tôda parte a imundície mais asquerosa: instrumentos de música jogados àtoa, mulheres que parecem demônios com os cabelos desalinhados, horrivelmente pintadas, olhos vermelhos e carregados de sono, sobraçando crianças irreconhecíveis. As únicas pessoas com quem é possivel falar são as velhas que já não tomam parte nas orgias.

Quem viu, como eu, um quadro dêssses, nunca mais o esquece e fica convencido de que tais festas, só podiam mesmo ter sido ensinadas pelo Diabo ou *Uaktí*.

O remate da bebedeira é o *caapí*, isto é, a infusão da casca do cipó do mesmo nome, previamente socada num pilão e mal diluida em um pouco de água. Essa bebida é tomada exclusivamente pelos velhos e homens feitos, que a sorvem em muito pequena quantidade, em cuias minúsculas adrede preparadas. Seu efeito não é embriagar, mas deixa o indivíduo em uma

espécie de sonolência e torpor momentâneo dos sentidos. Durante êsse estado, a pessoa fica estranha a tudo quanto se passa; vê tudo ao redor como se fossem coisas indiferentes; coisas pequeninas parecem-lhe extraordinariamente grandes; as figuras mais estranhas, as cenas mais curiosas, uma espécie de cinematógrafo puramente subjetivo, apresentam-se-lhe diante dos olhos. Isso tudo, porém, é tão rápido que o que cada um sente passa quase completamente despercebido aos demais.



Homens "Tucanos" enfeites e instrumentos musicais, formam roda para as suas danças monotonas

BAKÇACÉ
CANTOS E DANÇAS

O Missionário Salesiano Pe. Antonio Colbacchini, distinguido pelo Govêrno do Brasil com o oficialato da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, escreve que, entre os índios Bororos, de Mato-Grosso, há cantos sôbre a caça, a pesca e a morte. Entre os selvícolas do Uaupés, esses cantos não existem. Êles têm sómente o canto da festa do *Dabucurí* ou *Uaktiié*. Na língua tucana, há uma só palavra para indicar canto e dansa, porque não há dansa sem canto, nem canto sem dansa. A palavra é *bakçacé*, chamando-se *bakçaiá* aquêle que dirige a dansa e o canto.

Os cantos não têm melodias. São tristes, monótonos, sem expressão, começando às vêzes por uma espécie de gemido gutural e acabando com um forte e prolongado assobio. Apesar disso, o índio quando canta e dansa, mostra-se compenetrado do que está fazendo e só olha para o chão e para a ponta dos pés.

As palavras dos cantos são, na quase totalidade, incompreensíveis. Divergem da língua falada, os próprios índios não sabem o que significam. Serão formas de uma língua antiga que desapareceu ? Ou serão variações da mesma língua ? Isso é um mistério para nós.

Embora as palavras dos cantos sejam diversas, a música é sempre a mesma, com a única variante de que alguns acabam com assobios e outros com um grito. Assim, há o *Ikquipuní bakçá* — canto da folha de palmeira; o *queenó bakçá* — canto do chocalho; o *caí bakçá* — canto do periquito; o *uaí bakçá* — canto do peixe; o *poali bakçá* — canto dos enfeites; o *buá bakçá* — canto dos acotís (êste canto começa com as palavras: "*Maape bu uu-ueemi, ti ti ti* — no caminho, a acoti faz: ti, ti, ti; as outras palavras são ininteligíveis, terminando o canto, outra vez, com "*ti, ti, ti*").

Além dêsses cantos, há outro reservado exclusivamente ao tuchaua, depois de um grande cigarro que vai passando pela

bôca de todos. Enquanto os homens fumam, o tuchaua canta, com a mesma música dos outros cantos, as seguintes palavras: "*Maní bukquená, maní pakqueçumea bakceié duhí ueemí pané, iee nique poná, nhú duhí nhú duhí ueeiá, mekçá ieeponá*" (Nossos velhos, nossos antepassados, sentados, faziam cerimônias; como faziam êles antigamente, fazei vós, também, meus filhos, fumando sentados, fumando como êles fumavam"). É o único canto que conserva palavras claras.

"Tucanos" dançando. Nas cabeças, as belas acangataras de penas coloridas.

INFANTICÍDIO

Infelizmente, o infanticídio é ainda uma triste sombra que paira sôbre êsses índios. Tem causa na superstição e também na maldade.

No capítulo do casamento, disse eu que os índios gostam muitíssimo de ter filhos, a tal ponto que um casal sem filhos é o mais infeliz de todos. Apesar disso, há casos em que os índios tiram a vida aos recem-nascidos.

Quando nasce uma criança defeituosa, os índios fazem uma cova perto da choupana e nela enterram viva a infeliz criancinha. Pensam que um defeito físico grave não lhe permitiria, mais tarde, prover às suas necessidades materiais, de modo que se tornaria um peso para os outros. Êste é o motivo pelo qual não se encontra crianças aleijadas entre êles.

Quando nascem gêmeos, costumam matar um, porque assim mandam os pagés e assim sempre fizeram seus antepassados. Os índios dão como justificação que a mãe não pode criar dois filhos ao mesmo tempo, porque não teria leite suficiente, e, além disso, ficaria impossibilitada de atender aos trabalhos da casa e da roça. São forçados a assim proceder e, embora sabendo que fazem mal, não encontram solução para salvar o gêmeo. As índias não criam os filhos alheios, mesmo que se trate de mãe que perdeu um recem-nascido: descarregará os peitos amamentando um cachorrinho, como muitas vezes eu vi, mas não alimentará um orfãozinho.

Naturalmente, para explicar essas deficiências, deveríamos conhecer a psicologia dos índios e o que há na inteligência dêles; deveríamos conhecer aquilo que lhe interessa, aquilo que estimam, conforme à sua lógica, aquilo que julgam fátuo e inútil; aquilo que os atrai e aquilo que repelem. Só com tais conhecimentos poderiamos explicar certas anomalias que encontramos na sua mentalidade.

Conversava eu, certa ocasião, com umas famílias, sôbre a questão dos gêmeos. Dizia-lhes que era um grande mal ma-

tar um, pois êsse tinha direito de viver como o outro, e que em outras partes ninguém fazia isso e que os poderes públicos castigam severamente êsses crimes. Como prova do que lhes dizia, mostrava-lhes umas fotografias de gêmeos, já grandinhos, mas especialmente a dos três irmãozinhos nascidos em Manaus, em 1939. Acrescentei que, sendo a mãe muito pobre, o Govêrno tomou a si o encargo de criá-los e educá-los e que uma companhia produtora de leite condensado (a Nestlé) havia oferecido, gratuitamente, o leite de que precisassem. Os índios que me ouviam ficaram maravilhados e o tuchaua disse, então, com tôda a ênfase:

— Se é assim, eu quero que minha mulher me dê também três filhos de uma vez; e você, padre, mande vir muito leite condensado".

Pedí-lhes que me avisassem logo que nascessem gêmeos, assegurando-lhes que a Missão Salesiana lhes daria o leite necessário. É fácil imaginar como ficaram contentes. E, assim, já conseguimos salvar três gêmeos.

Quero, também, salientar que a Companhia Nestlé do Brasil, há dois anos, vem colaborando na importante obra de proteção às crianças indígenas, enviando-nos mensalmente certa quantidade de seus ótimos gêneros alimentícios, que servem para os casos acima e para as crianças necessitadas.

Outro caso de infanticídio (e êste por maldade) dá-se quando as moças querem evitar a vergonha de se tornarem mães antes da união matrimonial. Quem tal lhes aconselha, obrigando-as a isso, são as próprias progenitoras, que as levam ao mato, ou a uma roça, para que se desembaracem. Dizem os selvícolas que um filho de pai e mãe da mesma tríbu ("irmãos" como lhes chamam) não deve viver. Se quem abusou da filha fôr um branco, a criança, em geral, é poupada.

LIMPEZA E HIGIENE

Entre os nossos índios, não há nenhuma idéia do que seja a limpeza. Embora todo índio se banhe várias vezes por dia, dificilmente se encontra limpo e bem apresentável.

Na casa, ou maloca, servem como toalha geral as paredes e os esteios centrais. Todos comem com as mãos, em uma panela ou pequeno recipiente de barro, como também bebem na mesma cuia. Durante as festas, entregues alma e corpo à bebedeira, é que aparece a imundície mais asquerosa.

Uma grande cuia com uns dois litros de bebida inebriante é oferecida, por uma mulher, ao *bakçaiá* (mestre da festa e dansa) e, depois, passará pela bôca de todos, que vão bebendo aos grandes goles, sem respirar sequer uma vez. Assim também, passa o grande cigarro pela bôca dos homens.

Quando alguém tem ferida purulenta, limpa-a com qualquer pauzinho encontrado perto do fogo e cobre-a com cinza. Se houver doentes de doença infecciosa, não tomam nenhuma precaução, porque não acreditam que a doença se propague por falta de limpeza, mesmo que se trate de um tuberculoso com hemorragias. Neste último caso, cobrem o sangue jogando terra com as mãos e, depois, sem se lavarem, pegam em qualquer alimento. Costumam enterrar em um canto da maloca as dejeções dos doentes.

O único desinfetante é o fogo, que arde sempre, dia e noite, perto dos doentes.

Sistema verdadeiramente selvagem usa a mãe, para limpar o nariz do filhinho: toma na bôca o narizinho da criança, chupa-o e, em seguida cospe no chão. Uma vez, disse eu a uma mulher que isso era muito feio. Ela me respondeu que eu fazia peor, porque, depois de me assoar com o lenço, guardava-o no bolso, enquanto que ela lançava o muco à terra. Lógica de índios !

Estando uma vez de viagem, pedí a uma índia que fizesse um beiju para comer com o café, depois de celebrar a Santa Missa. Ela o preparou, grande e bonito; mas, como tinha um filhinho no braço e outro pela mão, trouxe-me o beiju dobrado debaixo do braço... E não tinha camisa !

Em geral, as crianças e as mulheres têm bastante piolhos nos cabelos. A mãe cata os dos filhos e as filhas os da mãe, e à medida que os vão catando, entregam-nos aos respectivos portadores, que olham bem os bichinhos e os... comem.

Quando um índio ganha um terno de roupa, lava-o antes de usá-lo e, enquanto fôr novo, lava-lo-á muitas vezes por semana; quando achar que está velho, não o lavará mais, e o usará até cair aos pedaços.

Raras vêzes, lavam as rêdes de dormir; se estas, porém, são de trinta fios não as lavam nunca, de modo que ficam quase pretas e impregnadas de suor e fumaça. As panelas e utensílios são grosseiramente lavados: passa a mão ligeiramente, vendo-se, às vezes, nas panelas, restos da comida anterior. Mas, os índios, não têm nojo de nada disso. Não co-

nhecem a colher e menos ainda o garfo; as mãos servem para tudo e, se a comida fôr quente, servem-se de um pauzinho, de um cavaco ou de um pedaço de folha dura.

Raramente, varrem a casa, mas, quando chega um branco ou o missionário, as mulheres correm logo a fazer a limpeza. Satisfazem as necessidades no mato e especialmente no rio; quando um doente não pode sair, cavam debaixo da rêde um buraco de dois palmos, e tudo fica remediado. Quando, na missão, fizemos as primeiras privadas, todos os índios que chegavam iam visitá-las, fazendo os mais variados comentários. O sabão era-lhes desconhecido.

CAÇA E PESCA

Tão somente os índios Macus, dos quais falaremos em capítulo à parte, são verdadeiros e valentes caçadores de arco e flecha. Os outros índios não costumam caçar, porque não sabem preparar flechas envenenadas. Alguns com a *carauatana*, caçam aves, acotís e macacos; pouquíssimos, porém, são os caçadores de arco e flecha. Com as armas que fabricam, não são capazes de defender as plantações dos maiores devastadores, que são os porcos-do-mato e as antas. Mas, desde que alguns comerciantes, e especialmente a Missão Salesiana, importaram armas de fogo, muitos índios dedicam-se à caça, com bastante frequência e grande resultado, revelando-se ótimos caçadores de porcos, antas e até de onças. Em todas as povoações há espingardas de carregar pela bôca e com estas defendem êles suas roças. Antes de terem armas de fogo, costumavam matar a anta fazendo um buraco, no caminho por onde passava, de um metro e meio de profundidade, cobrindo-o com folhas. O animal, ao passar, caía dentro e, não podendo mais sair, era morto a cacetadas.

Se em algum lugar a onça fazia alguma vítima, êles apanhavam-na com um cercado ou com armadilha. Há poucos anos, uma onça, no alto rio Papurí, atacou no mato um índio Tucano, acompanhado por um índio Macu e um menino. Como o Macu não tinha arco e flecha e o Tucano só um velho terçado, não puderam defender-se e foram vítimas do terrível felino; o menino conseguiu fugir. A onça comeu quase todo o Tucano e apenas provou o Macu. Os índios foram ao lugar da tragédia, fizeram um cercado com altas estacas e puzeram no interior o cadáver do Macu; depois, ficaram de sentinela. No outro dia, a onça veiu e, andando em redor do cercado, encontrou uma única porta pela qual entrou, para não mais sair. No melhor do banquete, os índios fecharam a porta, depois rodearam o cercado com um fogo que fazia muita fumaça, e assim conseguiram matar a onça. Em seguida, cortaram-na em pe-

dacinhos, queimaram-na e lançaram as cinzas no rio, porque êles acreditam que nesse animal há um mau espírito; porisso, não querem conservar nada, nem a pele tão preciosa.

Quanto à armadilha, é feita da seguinte maneira: Fincado no chão um caibro comprido e de madeira flexível, amarram na extremidade uma corda, formando um laço, e vergam a ponta até quase tocar a terra, onde fica presa a umas varas. O animal, para comer a presa, desarma a armadilha e fica enlaçado e suspenso no ar, sendo depois fácil aos índios matá-lo a cacetadas ou com machado.

A ocupação preferida, e à qual todos indistintamente se dedicam, é a pesca. A caça é sempre individual; a pesca ora individual, ora coletiva. A pesca individual é trabalho de todos os dias, enquanto que a pesca coletiva é só na vazante do rio, quando pescam com veneno ou timbó. Os índios gostam tanto da pesca que até as criancinhas de três anos para cima costumam passar horas e horas a fio, sentadas numa ubá, sem falar, sem chorar, sem se incomodar com o sol ou a chuva, atentas ao papai que está pescando. O leitor há de lembrar-se do que dissemos, falando dos meninos, da grande paixão que êles têm pela pesca.

Na língua tucana, há um vocabulário referente à pesca, que demonstra a importância que êles dão a essa arte que, podemos afirmar, é a mais importante para a vida do índio.

Se êle pesca tão sómente com caniço ou anzol, sentado numa ubá ou à beira do rio, dirá *uai uehencé;* se for à noite, com um facho aceso, dirá *mukpuni;* e, se for encandeando os peixes que dormem à beira do rio, dirá *uai uaancé.* Geralmente, vão sempre dois; um alumia e o outro mata os peixes com flecha ou zagaia.

Em certos igarapés, ou também na vazante do rio, onde aparece água clara e baixa, o índio pesca com arco e flecha e dirá *uai beecé.*

Quando o rio enche e invade grande extensão da mata (*diacuero*), o índio entra com pequenas ubás nesses lugares alagados, amarra anzóis aos arbustos e, de madrugada, vai retirar os peixes. Então dirá *uai poocé.*

Há outro sistema de pescar que é sempre coletivo, chamado *uai puacé,* isto é, pesca com timbó ou veneno. Êste método é o que lhes proporciona mais peixes, mas causa um mal imenso nesses rios, porque os peixes vão desaparecendo assustadoramente, especialmente nos afluentes. Só é possível quando o rio está na vazante, de novembro a março.

Fecham a foz de um riacho ou igarapé com o *parí* (ciripa), cerca de pequenas estacas de *uaktá* (palmeira) amarradas com cipó, à distância de dois centímetros uma da outra, e de dois a três metros de altura. A cêrca fica prêsa a umas estacas ou paus bem firmes no fundo, deixando apenas uma abertura para os peixes do rio entrarem para dormir, como êles dizem. Altas horas da noite, os índios mergulham devagar e fecham a porta; os peixes, quando acordam, não podem mais sair. De manhã, um índio mergulha no cercado, para verificar se há muitos peixes; e, quando pode dar a grata notícia de que há muitos, todos os homens, mulheres e crianças dirigem-se ao lugar, com grande alegria, e começam a colheita.

Os homens levam diversos feixes de timbó, machucam a erva com paus, misturam-na, com barro e lançam-na ao igarapé cercado. O barro, impregnado dêsse veneno fortíssimo, afunda logo, obrigando os peixes a vir à tona. Então começa a matança, por entre gritos e gargalhadas. Os homens pegam os peixes com flexas ou zagais, e as mulheres com cestos ou pequenas rêdes. Depois de uma hora, os peixes que não foram apanhados aparecem mortos à flor da água. É incrível a quantidade de peixinhos que morrem. A água, infeccionada pelo timbó e pelos peixes, causa, depois, disenterias aos moradores das margens a jusante. Tais peixes, muitas vezes, causam essa mesma doença e outros desarranjos aos próprios pescadores. Durante a vazante do rio, os índios de tôdas as tríbus passam mêses entregues à matança dos peixes, não só na foz dos igarapés, mas nos pequenos lagos e, à falta dêstes, em qualquer enseada do rio onde haja água mansa. Deitam comida para atrair os peixes, fechando depois o rio com o parí. Nenhum dos que tomam parte na pesca *uaí puacé* pode comer algo que seja doce, especialmente bananas; porque, se um só faltar a essa regra, dizem os índios, os peixes não morrem e fugirão do cercado.

Quando será possivel fazer cumprir, nesses rios, a providencial lei da caça e pesca ? Nós, missionários, temos falado muito contra êsse bárbaro costume, que tanto empobrece as águas, mas os índios se riem e não fazem caso, pois não admitem compatibilidade entre as suas e as nossas idéias.

Além dêsses diversos modos de pescar, os índios pescam também com o *uairo*, armadilha que lhes custa semanas de trabalho; mas, quando está bem feita, fornece-lhes peixes durante mêses e das melhores qualidades. A descrição dessa

armadilha foi feita, admiravelmente, pelo Conde Ermanno Stradelli, no seu *Vocabulário Nheengatú-Português*, ao tratar da palavra em língua geral *Cacurí* correspondente em tucano ao *uairo*. Diz êle:

"Consiste esta armadilha numa barragem construída nos lugares de maior correnteza, geralmente apoiada à margem, com a qual forma ângulo, e destinada a obrigar o peixe, que, subindo, arrosta a correnteza, a entrar num curral de que a barragem é um lado, onde fica preso. O parí, ou a grade de que são feitas as paredes do curral, é armado sôbre uma forte armação de paus fincados no leito do rio e em terra, até onde chega a enchente. O curral é uma espécie de quarto mais ou menos quadrangular, com a abertura virada a jusante. Esta é formada por dois panos soltos de grade, que fecham o lugar por onde o peixe deve entrar simplesmente pela fôrça da correnteza, coincidindo, apoiados sôbre as travessas da armação, exatamente no ponto onde a barragem faz ângulo. É fácil compreender como a armadilha funciona. As extremidades dos panos da grade, que não são amarradas, cedem facilmente à pressão do peixe, que vem subindo com fôrça para vencer os obstáculos que se lhe opõem e é levado à entrada pela forma da barragem, penetra no curral e aí fica prêso, vítima inconsciente do instinto. O peixe, assim preso, não pode mais sair, a porta fecha-se automaticamente pela fôrça da correnteza; qualquer esfôrço para sair não só se torna improfícuo, mas tem o efeito de melhor vedar a saída. Do cacurí ou uairo, pode ser retirado quando ao dono convém, recolhendo o que prefere e não retirando senão a quantidade de que precisa. Nessa armadilha, às vezes, entram também cobras e peixes elétricos. A respeito desta armadilha, há uma superstição:

Dizem os índios que a mulher que está para ser mãe não pode comer peixes pegados no *uairo*, porque o espírito da criança que está para nascer vai chorar de noite, perto dêle, e os peixes que vêm subindo, ouvindo a choradeira do menino, não entram mais na armadilha. Porisso, quando os proprietários de *uairo* não encontram peixes, atribuem a causa a alguma mulher embaraçada, que comeu dêsses peixes. Então, para evitar que o espírito da futura criança continue com sua choradeira, impedindo a entrada dos peixes, os índios cortam um cipó venenoso, o machucam e depois o colocam em derredor da paliçada. Assim, quando o espírito chegar aí para chorar, percebendo o veneno, se afastará, e outra vez os peixes entrarão na armadilha."

O missionário padre José Domitrovitch entre quatro tuchauas (chefes) do alto rio Uaupés

Os que moram perto das cachoeiras pescam também com *euá*. É um cercado de paus num salto da cachoeira, tendo no meio um gradeado feito com fasquias de madeira dura, especialmente de palmeira paxiúba. O gradeado é colocado como um trampolim: os peixes, quer subindo, quer baixando, são levados pela correnteza e lançados na extremidade do cercado, onde sempre há algum índio à espera. Há ocasiões em que pegam grande quantidade de peixes, especialmente surubís e piraíbas.

Quando os peixes vão subindo nos igarapés, pescam-nos com o *bukcaue*. Êste consiste em um cesto feito de cipó, de forma alongada e aberta em ambas as extremidades em forma de funil, por onde o peixe entra com algum esforço. Fica então, sendo-lhe impedida a saída pelas pontas das talas, que, viradas para dentro, só permitem a entrada. Para colocar o *bukcaue*, aproveitam paus caídos através do igarapé, fincando varas no fundo e encostadas nos paus, fechando depois a passagem da água com galhos e deixando apenas um buraco para o *bukcaue*.

Quando um índio quer que seu filho seja bom pescador, faz no corpo do menino largas feridas com dentes de peixes, cujas cicatrizes duram tôda a vida.

TUCHAUA = VIOGUE

O têrmo *tuchaua* é da língua geral ou nheengatu e significa "chefe"; em tucano, diz-se *viogue*.

O *viogue* é o chefe da maloca ou da povoação. Sua autoridade estende-se tão sòmente àqueles igarapés e parte do rio onde se assenta a maloca ou aldeamento, onde se fazem as roças, pescam e caçam os da mesma povoação. Como o *habitat* dos índios de cada tríbu varia conforme os lugares, uma mesma tríbu terá tantos viogues quantos são os lugares que ocupa.

Erram os que pensam que o tuchaua é o rei da maloca ou da tríbu, com todos os poderes de vida ou morte sôbre os subditos; atualmente, a autoridade dos tuchauas é limitadíssima e tende a desaparecer. Com certeza, antigamente, devia ter muita autoridade sôbre os subditos, porque os entregava aos brancos para os trabalhos da extração da borracha, ou para remar nas viagens. Conhecí ainda um dêstes tuchauas, no alto rio Tiquié, tão valente e destemido que lhe prestavam obediência, não só os Tucanos da sua grande maloca, mas muitos outros da redondeza e até uns índios Barás e Tuiúcas que

viviam mais acima. Quando algum índio não queria aceitar suas ordens, dava-lhe surras e, se persistia na desobediência, afastava-o da povoação. Conhecí diversos índios afastados assim e que só voltaram a viver entre seus parentes depois da morte dêsse tuchaua.

Como conseguiu êle tanto poder e despotismo entre os seus, quando nenhum dos outros tinha tanta autoridade? Foram uns brancos interessados que lhe conseguiram, dos delegados dos índios, diversas nomeações de capitão (como se diz em linguagem oficial), uma espada e uma mala de roupa, que êle nunca usou. Com êsses presentes, não faltava a cachaça, que é a suprema tentação a que todos os índios cedem. Por êsse motivo, o valentão abusava sobremaneira de sua autoridade: mandava homens a trabalhar para os brancos, obrigava as mulheres da maloca a preparar farinha de mandioca em abundância, que êle trocava por um garrafão de cachaça, retribuindo-as raras vêzes com uma miserável saia de algodãozinho. Lembro-me de que, uma ocasião, desejando eu tirar uma fotografia de todo o pessoal da sua grande maloca e não conseguindo que as mulheres saissem, bastou que o tuchaua desse um berro à porta para que, num instante, aparecessem tôdas, sem dizer palavra.

Um belo dia, porém, essas mesmas mulheres eliminaram-no para sempre. Durante uma grande festa de *dabucurí*, quando o tuchaua, que costumava tomar caxiri especial, já tinha ingerido bastante, uma mulher misturou forte veneno numa cúia da bebida. Uma hora depois, êle começou a ter vômitos e disenterias com tanta abundância que morreu em poucas horas, por entre a gritaria infernal dos índios. Terminado o entêrro, na mesma maloca, e feitas as choradeiras de costume, os índios atearam fogo na casa e trasladaram-se para a margem oposta. Os Tucanos que moravam mais abaixo, contentes com a morte do tal tuchaua, mandaram logo avisar ao sucessor que não o consideravam como seu tuchaua e não lhe obedeceriam: por viverem mais longe, queriam ter o próprio tuchaua na povoação, como se estava praticando em tôda parte. E assim fizeram. O missionário aprovou tal determinação, que, aliás, era desejada por todos.

O sucessor do tuchaua é, em regra, o filho maior do mesmo, se já atingiu a maioridade, e, se fôr menor ou o falecido não tiver descendentes, será o parente mais próximo. O tuchaua é coadjuvado por um conselho dos homens mais importantes da maloca: o pagé e dois ou três velhos mais influentes. Êstes conselheiros ajudam o tuchaua a manter

vivas as tradições e os costumes, a marcar o tempo para as festas e reuniões, ou para a pesca coletiva, ou para abandonar a maloca em caso de doenças, etc. São também *bakçaiá* (mestres da festa) nos dabucurís e os que instruem os moços acêrca das lendas.

Naturalmente, o tuchaua não toma nenhuma decisão importante, sem primeiro consultá-los.

Sabem o que este "tucaninho" está saboreando com a melhor das bocas? Lagartas colhidas em certas árvores da região.

ALIMENTOS DE TODOS OS DIAS E PETISCOS RAROS

Como os nossos selvícolas cultivam mandioca, banana, cará, etc., em geral não lhes falta comida. Além da caça e pesca, a mata fornece-lhes grande variedade de frutas em quase tôdas as épocas do ano. Não costuma o índio ter hora marcada para as refeições: come quando tem. De manhã, logo que volta do banho, toma o mingau de farinha sem sal e quase frio, pois lhe acrescenta água, não gostando de alimentos quentes.

Antes de ir para as ocupações, os homens, primeiro, depois as mulheres, comem quinhapira com beiju.

Quinhapira é palavra da língua geral ou nheengatú; em tucano, diz-se *biate*. Consiste num môlho de peixe esmiuçado, cozido com grande quantidade de pimenta e quase sempre sem sal. É a comida que se encontra em tôdas as malocas e que é oferecida aos hóspedes à porta da casa, como veremos em capítulo subsequente. O biate é conservado em panelinhas de barro.

O beijú, palavra da língua geral, chama-se em tucano, *ahunga*. É um bolo de farinha de mandioca, em forma de torta, cozido no forno até perder o veneno, mas sem torrar e sem endurecer. É o pão do índio.

O biate e o ahunga são a comida de todos os dias, em tôdas as malocas de tôdas as tríbus.

Para comê-los, não há convite, nem lugar de honra, nem mesa, nem cadeira, nem colher, e não se perde tempo em cerimônias. É um assalto que dura de dez a quinze minutos: todos de cócoras, ao redor da panelinha do biate e do ahunga, rasgam pedaços dêste, mergulham no môlho e comem com a maior rapidez possível, quase sem falar. Apenas satisfeitos, levantam-se e se afastam, sem agradecer, para dar lugar a outros. Primeiro os homens, depois as mulheres. Quando há diversas panelinhas de biate e ahunga, as mulheres fazem a

refeição à parte, ao mesmo tempo que os homens: as crianças podem tomar parte com qualquer grupo.

Nas cabeceiras do rio Tiquié, Papurí e outros afluentes, onde escasseiam os peixes, os índios alimentam-se também de lagartas, que aparecem de agosto a novembro nas árvores *cumurí* da família das euforbiáceas. São lagartas de côr escura, com pontos brancos e do tamanho de um dedo. Para apanhá-las, limpam a mata em baixo da árvore, cobrem o chão com fôlhas de bananeira da mata, a modo de lençol, depois sacodem os galhos, fazendo-as cair em grande quantidade. Apanham-nas, torram-nas e guardam-nas em paneiros. como a farinha de mandioca.

Quando aparecem lagartas, os índios largam os trabalhos, e lá vão famílias inteiras à cata dêsses bichos. Se as lagartas já se encerraram no casulo, ao redor dos galhos e na bifurcação dos mesmos, bem apinhadas, como os bichos da sêda, os índios cortam os galhos e os levam, para comer as crisálidas torradas ou cruas. Vêem, então, homens, mulheres e crianças, cada qual com um galho na mão, a rasgar com as unhas o casulo e a comer as crisálidas com a maior avidez.

No rio Uaupés, desde a foz do rio Tiquié até pouco acima da foz do Papurí, numa extensão de 250 kms., aparecem, de agosto a dezembro, uns besouros chamados, em tucano, *ucassiá*. Durante certas épocas não se encontra um só; em outros anos, porém, aparecem em tanta abundância que enchem as povoações e, especialmente, a superfície do rio. Os índios não sabem dizer de onde vêm, nem de que se alimentam, porque, quando aparecem, já não comem mais e só procuram a terra para esconder-se. A aparição do *ucassiá* é festejada com dansas, festas e bebedeiras. São apanhados sómente os vivos, na água do rio, perto das casas. Os índios enchem cestos e cestos, torram-nos e, assim têm alimento para diversos mêses. Costumam também comê-los vivos, como às lagartas. Para recolher êsses besouros, descem das cabeceiras do Papurí e Tiquié, voltando depois com as ubás carregadas. As águas dos remansos do rio, cheias dêsses besouros mortos e apodrecidos, fedem horrivelmente, tornando-se intragáveis (para nós)...

Os índios, quando se alimentam de lagartas e besouros, expelem um fedor nauseante.

Quando são felizes na pescaria, preparam o piracúi, isto é: moqueiam o peixe, até ficar bem seco e quebradiço, socam-no no pilão reduzindo-o a pó, peneiram-no logo e colo-

cam-no em paneiros forrados de fôlhas, como farinha. Assim preparado, dura muito tempo e serve admiravelmente para preparar o *biate*, cozido com pimenta. Se se ouvir na mata o coaxar de uma espécie de rãs, que vivem nas árvores, chamadas *omá*, os índios vão apanhá-las e, sem as limpar, cozinham-se com pimenta e sal, se há, e comem-nas com avidez. É uma festa de poucos dias, durante os quais comem à tripa fôrra. Entre as frutas silvestres, há uma que é muito procurada, chamada *uame* em tucano, ou *umari* em nheengatú. É uma fruta com caroço, perfumada e levemente adocicada. Os índios põem a fruta de môlho, para perder a seiva amargosa, e a fécula misturada com a massa da farinha de mandioca serve para preparar o *ahunga* ou o beijú que toma a cor rósea.

CAPACIDADE INTELECTUAL

Nossos índios, no estado primitivo, revelam bastante capacidade intelectual. Ao contrário dos índios Bororos, de Mato Grosso, que não trabalham, não plantam, não colhem e não se preocupam com o futuro, os dessa região são essencialmente agricultores. Todos têm plantações de mandioca, banana, abacaxí, cana e especialmente cará; em alguns lugares, até milho, como no alto rio Tiquié e Papurí. Isso prova que, outrora, deviam ter certo gráu de civilização; esta, porém, não progrediu, ficando onde tinham chegado seus antepassados. Possuem memória prodigiosa, e esta é a faculdade mais desenvolvida, pelo exercício contínuo.

O índio não sabe escrever: tudo deve conservar na memória. Lembra-se das lendas, dos cantos, das histórias ouvidas, das tradições antigas; e, o que é verdadeiramente admirável, recordam-se e lembram-se de numerosíssima flora e fauna. Demonstram muita habilidade e extraordinária paciência em preparar enfeites para as danças, peneiras com desenhos e cores diversas, tipitís para espremer mandioca, banquinhos de uma só peça, remos, canoas, côchos para as bebidas, panelas, camotís, etc. Quando suas faculdades são estimuladas e educadas, há provas admiráveis de que são capazes de aprender a desenvolver as artes e ofícios, como qualquer povo civilizado. Conheço um índio tucano que, falando mal o português e não sabendo ler nem escrever, trabalhou algum tempo com um construtor de embarcações, aprendeu o ofício e, sem usar o metro, mas tão sómente o esquadro e o compasso, construiu batelões de duas, quatro e oito toneladas, tão perfeitos que pareciam ter saido de um estaleiro. A maior parte dos motoristas de lanchas do alto rio Negro e do Uaupés são puros índios dessa região, os quais nada têm que invejar aos profissionais de Manaus.

Numerosos práticos de lanchas, nesses rios terrivelmente encachoeirados, são também índios do Uaupés, cuja habilida-

de e intrepidez em superar as cachoeiras são admiradas por quantos alí viajam. Lembro-me de um índio tucano, prático do rio Uaupés, que fez apenas duas viagens, com outro prático, pelo rio Negro, até à fronteira de Cacuí, e que depois de oito mêses, levou uma lancha por aquêle rio, sem bater em pedra alguma, através de um trecho de uns 300 kms. A memória locativa do índio, podemos dizer, era tão perfeita, que não tinha esquecido, mesmo depois de tantos meses, nenhum perigo da navegação.

As comissões demarcadoras de fronteiras Brasil-Colômbia, que viajaram por êsses rios durante vários anos, só tiveram, como práticos das embarcações e trabalhadores, indígenas dessa região, os quais deram "as melhores provas de honestidade", como afirmou o Sr. Cap. José Guiomar dos Santos, Chefe da 2.ª Turma Mista Brasil-Colômbia.

Há índios que trabalharam com brancos, no baixo rio Negro e seus afluentes, para a extração da borracha e a colheita da castanha. Aprenderam a falar a língua geral ou nheengatú e o português. Mais tarde, seguiram outros patrões, nos balatais da Colômbia, e lá aprenderam o castelhano. Eis porque, às vezes, índios completamente analfabetos falam diversas línguas, o que é suficiente para provar suas boas capacidades intelectuais. Das nossas escolas, saíram bons alfaiates, carpinteiros e motoristas, que sabem ler, escrever e falar a língua do país.

Em geral, o índio gosta de aprender e civilizar-se, para "virar branco", como dizem, pois estão convencidos de que, uma vez educados, são capazes de fazer as mesmas coisas que fazem os civilizados.

Uma típica "malóca" do alto rio Negro. Habitação coletiva onde residem às vezes até 10 famílias.

A CONVERSA E A RECEPÇÃO

A conversa, entre nossos índios, é monótona, consistindo em simples interrogações. Dada a resposta, esta é repetida pelo interrogante. O argumento das conversas não tem nexo algum, passando de uma coisa para outra, como as crianças, e a sua nota principal são as risadas prolongadas, estridentes e sonoras, especialmente das mulheres.

Quando conversam, não se olham, nem mesmo para dar mais expressão ou importância ao que estão dizendo. Essa é a regra geral, tanto entre os homens como entre as mulheres. Conversam horas e horas de cócoras ou sentados no *cumonó*, banquinho feito de um só pedaço de madeira e não tendo mais de 15 a 20 centímetros de altura. Nas reuniões familiares, especialmente quando há um pouco de bebida, conversam todos ao mesmo tempo, em verdadeira confusão babilônica, destacando-se as gargalhadas das mulheres.

Quando viajam em canoa e passam o dia batendo o remo, a conversa nunca se interrompe, porque as flôres, as frutas do mato, as aves ou qualquer sinal de peixe, fornecem assunto continuamente. Se nuvens negras aparecem no céu e o trovão ronca ameaçador, primeiro o piloto e depois todos os remadores afastarão a tempestade passando a mão debaixo do sovaco, soprando em seguida sôbre a mão fechada e lançando o hálito da mão contra as nuvens. Se o temporal, apesar de tantos gestos e sopros, se aproxima, os índios não se assustam. Tiram a roupa (se a tiverem!) escondem-na debaixo da tolda ou a cobrem com fôlhas e, depois, esperam a procela com a maior tranquilidade e alegria. A conversa, porém, anima-se e aumenta cada vez mais, especialmente se a chuva é acompanhada de ventania. Remam, então, com mais energia e celeridade, rindo e gargalhando, caçoando do pilôto que não sabe ou não pode governar bem a embarcação sacudida pelas ondas. Em tais circunstâncias, o índio não experimenta nenhuma timidez ou dificuldade, porque se habituou, desde pequeno, à

luta com a natureza que o envolve e da qual deve tirar tudo aquilo de que precisa. Passado o temporal, comentam os acidentes ocorridos, até os mais insignificantes. Riem das coisas passadas como das novas, e uma história rídicula, ouvida muitas vêzes, os faz prorromper em gargalhadas, como da primeira. Se chegam a um sítio para pernoitar, a conversa é contínua com os moradores: comentam as peripécias e acidentes da viagem, referem notícias e histórias ouvidas em outra parte, contam tudo o que o missionário fêz e disse no trajeto.

A recepção, entre os índios, é característica. Apenas encostada a embarcação, os viajantes dirigem-se, em fila indiana, à porta da casa, e ficam esperando o dono. Êste vem recebê-los e cumprimenta-os, com a pergunta: — *Ektatí mee?* ("Chegaste?") — *Ektape* ("Cheguei") — responde o hóspede. E, no mesmo instante, se tocam levemente as mãos. A cerimônia é feita para cada um dos visitantes, por numerosos que sejam. Depois do dono, passarão todos os homens da casa a cumprimentar os recem-chegados um a um, do mesmo modo. Surgem então as mulheres para os cumprimentos, repetindo cada uma, a cada homem, a pergunta: — "Chegaste?" mas sem estender a mão e em geral olhando para o chão. Terminada a cerimônia, que é feita com muita frieza, a dona da casa vai logo buscar a panelinha de quinhapira e a peneira com o beijú e coloca-as no chão, no meio da casa, se já entraram, ou à porta, se estiverem fora. Os hóspedes, de cócoras, em redor dos recipientes, sem palavras nem cerimônias, rasgam um pedaço de beijú, mergulham-no na quinhapira e comem rapidamente alguns bocados; depois, levantam-se, sem agradecimentos, porque na língua deles não existe a palavra "agradecer".

Quando chega um parente muito próximo e de quem há anos não tinham notícias, o primeiro encontro é frio e a primeira pergunto é também: — "Chegaste?" — Nenhuma manifestação de alegria, regozijos, abraços ou beijos: nada disso. Se os filhos pegam na mão dos pais, é para a *cheirar* e não beijar, como fazem os civilizados. Se o recem-chegado fôr o chefe da família, que esteve trabalhando vários anos com os civilizados, sem nunca poder enviar notícias, a esposa lhe oferece o quinhapira e o beijú, senta-se ao lado dêle, a uns passos de distância, e, sem olhar, diz-lhe chorando: — "Ó pai dos meus filhos, tu chegaste, finalmente. Foste com o branco muito longe, longe, e a mãe dos teus filhos ficou aqui sózinha, sem ter peixes para os filhos, sem poder fazer roça nova, abando-

nada, sem saia, ou só com uma muito usada e já em pedaços... Oh! como é triste viver assim! como é triste!"

Enquanto fala, todos os outros parentes vão cumprimentar o recém-chegado. Se êste traz notícias da morte de algum dos companheiros, dirá logo: — "Morreu Fulano". — Todos repetem: "Morreu Fulano, morreu". Se, pelo contrário (coisa raríssima), fôr portador de boas notícias, então a conversa começa com alvoroço, gritos de alegria e grandes gargalhadas.

EPISÓDIO INTERESSANTE

Acabava o missionário de fazer um batizado numa choupana, quando chegou uma mulher, bastante jovem, carregando um aturá às costas. Deposto o fardo perto da porta, logo a velha da casa a cumprimentou friamente, como sempre. A recém-chegada sentou-se depois em um banquinho e, garatujando no chão com os dedos, assim relatou a sua triste história:

— "Eu estava uma vez com meus pais, e era feliz e contente. Trabalhava na roça com minha mãe, comia os peixes que meu pai pescava e passava muito bem. Depois, veio aqui um rapaz, gostou de mim e me levou para a sua casa. Lá também, era feliz: êle pescava muito, era bom marupiara, derrubava a mata, e eu plantava mandioca, cará, batata, banana... Mas uma pessoa ruim, muito ruim, envenenou o meu marido, e, êle depois de pouco tempo, morreu, embora o pagé tenha feito tudo o que sabia para lhe tirar o veneno; e assim fiquei agora sózinha. Oh! como é triste! Como é triste!"

E chorava, chorava...

A velha, que a cumprimentara e lhe ouvira de pé a triste história, respondeu-lhe, sem a olhar:

— "Oh! Eu tinha uma filha, que era tão boa! Trabalhava comigo na roça, ajudava-me em todos os trabalhos da casa, estava sempre perto de mim. Mas, um dia, um homem a levou longe, muito longe, e eu fiquei sózinha, sem auxílio. Já sou velha, quase não posso mais trabalhar na roça... Oh! como é triste! Como é triste!"

Em seguida, deram-se um abraço, confundindo lágrimas e amarguras. Eram mãe e filha. Esta ficara viuva e tornava para junto dos pais.

Nisso, o missionário, que tinha presenciado a cena enternecedora, quis também falar e contar-lhes suas penas. Disse-lhes:

— "Eu também, uma vez, estava em casa com meus pais e meus irmãos. Não me faltava nada. Deus, porém, me chamou para ser padre e vir aqui fazer um pouco de bem a esta gente que não o conhece. Já vão muitos anos que não vejo meus pais. Minha mãe morreu, há pouco tempo, e meu pai é velho. Quem sabe, se o poderei ver ainda uma vez? Êle está longe... Oh! como é triste! Como é triste!"

Então, as duas mulheres em sinal de que participavam da tristeza do padre, por viver tão separado dos seus entes queridos, passaram-lhe as mãos sôbre os braços, como fazendo carícias, repetindo a frase:

— "Oh! como é triste! Como é triste!"

A CONDIÇÃO DA MULHER INDÍGENA

Em capítulo anterior disse eu que, dos cinco anos em diante, começa a aparecer um traço distintivo entre o menino e a menina. Esta começará a trabalhar com a mãe: em casa, carregando água, cuidando dos irmãozinhos, do fogo; na roça, plantando maniva, arrancando ervas daninhas e, na volta, carregando um aturázinho de mandioca, ou um pouco de lenha, ou o irmãozinho nos quadrís. Essa é a sua sorte: trabalhar e trabalhar sempre...

A mulher indígena, verdadeiro animal de carga, é mais resistente do que o homem, pelo contínuo exercício. Quando a roça fica longe da beira do rio, a coitada, depois de ter trabalhado até uma ou duas horas da tarde, mal alimentada e sob o sol causticante, volta carregando às costas uns 40 quilos de mandioca num aturá preso à testa com uma casca de árvore (Curataria); e, à cabeça, traz um feixe de lenha, que segura com uma das mãos, enquanto com o braço livre segura ao colo uma criança. O homem virá atrás, unicamente com um terçado e, às vezes, umas varas para preparar o caniço. Desde as primeiras horas da madrugada até à noite, a mulher indígena está trabalhando. Ao chegar imprevistamente a alguma maloca ou choupana, nunca encontrei uma mulher que não estivesse ocupada em algum trabalho.

É a mulher quem prepara as bebidas para os caxiris, passando noites a fio nesse trabalho; é ela quem limpa o tucum e tece as rêdes para os filhos que vão crescendo; é ela quem prepara com barro especial todo o vasilhame de que precisa a casa; é ela quem faz tôda a farinha, não só para a alimentação, mas para vender, a fim de que o homem possa comprar tudo o que deseja, até cachaça...

Apesar de ser de tanta utilidade, não goza de nenhum privilégio; pelo contrário, às vêzes, não é dona do fruto de seus suores. Praticamente, é uma escrava, embora o ignore. Quando moça, não tem, muitas vêzes, liberdade na escolha do

marido e, em geral, é sempre entregue a quem melhor remunere os pais ou irmãos. Nem os filhos, que gerou e criou com tanto carinho e sacrifícios, lhe pertencem, por isso que, após a morte do marido ou mais tarde, lhos arrancam definitivamente.

A mulher não influi nas relações de parentesco e seus filhos pertencem exclusivamente à tríbo do pai. Os índios não casam jamais com os da mesma tríbu, porém facilmente contraem matrimônios entre primos-irmãos, por parte de mãe, porque a afinidade de sangue materno não tem importância alguma.

Quando alguém deseja saber notícia do marido de alguma mulher, não lhe dirá: "Onde está o teu marido?", mas "Onde está o pai dos teus filhos?". A própria mulher chamará o marido do mesmo modo, isto é, se tiver um só filho ou uma só filha, chama-lo-á sempre: "Ó pai de João (se êste fôr o nome do filho), ou "Ó pai de Luisa (se êste fôr o nome da filha). Se os filhos forem vários bastará acrescentar o nome de um dêles.

O marido, porém, nunca chama a mulher pelo nome, pois muitos há que até o ignoram. Dará apenas um assobio, ou um grito especial muito bem compreendido pela mulher.

Quantas vêzes, fazendo assentamentos de batizados, o marido ignorava o nome da espôsa, ou, se o sabia, não queria dizê-lo, limitando-se a responder-me: — "Pergunte a êla mesma".

Quando a mulher está para ter filhos, continua a trabalhar até ao último dia, pois não sabe calcular o tempo. Já se deu o caso de uma mulher ir à roça pela manhã e voltar à tarde com o recémnascido nos braços. Depois do parto, quase não tem resguardo e, se não pode ir à roça, ficará em casa, onde se ocupa sempre com algum trabalho.

Nunca ví um só homem, lamentar com gritos e choradeiras, a morte da própria mulher, mesmo que ela o tenha deixado carregado de filhos pequenos, que necessitem dos cuidados maternos.

A PACIFICAÇÃO DOS ÍNDIS BARÁS PELO PE. JOÃO MARCHESI

— I —

Os Barás são índios que atualmente pertencem à Colômbia e seu *habitat* são as matas das cabeceiras do rio Tiquié. Antes que as Comissões de Limites Brasil-Colômbia fizessem as demarcações, julgávamos que essa tríbuo pertencesse ao Brasil e, portanto, estivesse debaixo da nossa jurisdição espiritual.

Como os Barás viviam em contínuas discórdias com os índios Tuiucas (brasileiros) e de quando em vez se empenhavam em lutas sangrentas, o Pe. João Marchesi, quando diretor da missão de Taracuá, decidiu fazer uma viagem até a região habitada por aqueles índios e ver se era possível apaziguá-los. Nós, Salesianos, procuramos dissuadí-lo da viagem, que sabiamos longa, difícil e perigosa, segundo as informações que ouviramos sôbre a ferocidade dos Barás. Mas, o zeloso missionário a nada prestou ouvidos e partiu confiando no auxílio do céu.

Viajou 16 dias em canôa, para subir o rio Tiquié, visitando tôdas as malocas, até encontrar os índios Tuiucas, inimigos dos Barás. Alí parou dois dias, para fazer os preparativos, pois a viagem devia ser pela mata. Naturalmente, nenhum Tuiuca aceitou o convite para o acompanhar naquela viagem. Então, o padre convidou seis Tucanos, que eram conhecidos pelos Barás e Tuiucas, e partiu. Bagagem às costas, viajaram o dia inteiro por lugares pantanosos, atravessando riachos com água até ao peito ou por cima de paus, muitas vêzes abrindo à foice o caminho pela mata cerrada. Ao pôr do sol, fizeram alto numa plantação de mandioca, levantaram uma choupana e pernoitaram. Na manhã seguinte, o bom padre não pôde celebrar missa, por forte nevralgia, apanhada em consequência da chuva e umidade. Reforçado o estômago com

pouco de mingáu, tirado da panela dos companheiros, continuou a viagem, com a esperança de chegar quanto antes à maloca dos Barás. Com efeito, pelas dez horas, avistaram, à beira de um riacho cristalino, a primeira maloca dos selvagens Barás. O aparecimento do missionário provocou por parte das crianças e mulheres, grandes gritos e enorme mêdo, pois fugiram imediata e confusamente para a floresta, ao passo que os homens, com o cacique à frente, colocaram-se todos à porta da maloca, esperando que se aproximasse aquela visita tão estranha e audaz, que, sem os avisar, punha os pés em seu reino. O aspecto dos índios, todos horrivelmente pintados, era tão sério e ameaçador que teria amedrontado qualquer pessoa.

O missionário, porém, em missão de paz, não se amedronta e prossegue, implorando em seu coração o auxílio do Céu. Tem na mente o pensamento de que uma flecha envenenada possa alcançá-lo, mas confia na graça de Deus, porque não vai à conquista de terra, mas à procura de almas. Os Tucanos que o acompanham saúdam imediatamente os Barás e lhes apresenta o missionário com estas palavras:

— "Veiu aqui, entre vós, o Pe. João, bom amigo de todos nós, procurando a todos fazer bem e mal algum a ninguém. É branco (civilizado), mas não é mau como os outros. Fala-nos de Deus e de muitas outras cousas bonitas. Veiu, porque também quer muito bem a vós: podeis, ver, não traz armas".

O cacique, então, cumprimenta o missionário, apresentando-lhe a mão. A gentileza é retribuida pelo padre, que tem nos lábios um sorriso de paz. Em seguida, convida-o o cacique a entrar na maloca e oferece-lhe uma rede para sentar-se. A apresentação que os Tucanos lhes fizeram não foi por êles julgada suficiente para os convencer da bondade do padre; por isso, para estarem seguros, quando se sentou, rodearam-no e interrogaram-no, como faz a polícia quando prende um bandido. Uns puzeram-lhe as mãos nos bolsos, tirando-lhe o lenço; mexeram-lhe nas meias, nos sapatos, nas calças, na batina. Outros passaram-lhe as mãos sôbre o cabelo e a barba, enquanto o missionário como um manso cordeirinho, deixava-os à vontade e ria-se. Convencidos de que não trazia armas e achando-o realmente bom, restituiram-lhe as coisas tiradas dos bolsos e puzeram-se de cócoras ao redor dêle, para observar-lhe todos os movimentos e trocarem entre si sinais de admiração. Enquanto estavam fazendo estas operações na maloca, um índio foi à mata chamar as mulheres e crianças,

para que viessem ver o "Pai", que tinha chegado entre êles. Então, as índias, com as crianças às costas ou nos quadrís, uma a uma aproximaram-se da maloca, mas nenhuma queria ser a primeira. Empurravam-se umas às outras, e as crianças berravam de mêdo. Estavam tôdas pintadas de um modo grosseiro e mais ou menos vestidas da cintura aos joelhos. O cacique, vendo-as acanhadas, repreendeu-as asperamente. Elas entraram e aproximaram-se para "cheirar" a mão do padre, — conforme ao costume. Os meninos e meninas não se avizinharam: observavam o padre à distância, e, quando êste os chamava, afastavam-se.

Nesse meio tempo, os Tucanos já tinham começado animada conversa com os Barás, falando-lhes do grande bem que o padre fazia entre as outras tríbus do rio Uaupés, ensinando-lhes a construir casas e a formar aldeias com uma igreja e uma praça no centro. Falaram de modo particular do que estava fazendo na missão de Taracuá o missionário, onde recolhera muitos meninos indígenas, vestira-os como aos civilizados e os ensinara a ler, escrever e trabalhar. Contaram o que faziam as Irmãs de Maria Auxiliadora (chamadas pelos índios "padres-mulheres); hospitais, oficinas de carpintaria, alfaiataria, etc. Tudo isso confirmou ainda mais aos Barás que o missionário era realmente bom, de maneira que podiam depositar nele toda a confiança.

Assim pôde o padre João, sem perigo, demorar-se o dia inteiro entre êles. À noite, reunindo-os todos em um ângulo da maloca, abriu o seu altar portátil, colocou em cima uma bonita imagem da Virgem Auxiliadora e lhes fêz o primeiro sermão sôbre as verdades cristãs. É mais fácil imaginar do que descrever a admiração daqueles pobres índios, que ouviam pela primeira vez uma doutrina desconhecida e que achavam tão boa. Se o missionário tivesse continuado tôda a noite, não haveria quem se mexesse. Oh! como Dom Bosco, do Céu, terá contemplado e abençoado aquêle seu filho intrépido, que, desprezando todo perigo, se embrenhara no coração da floresta, procurando os índios mais abandonados e miseráveis, para amansá-los e torná-los filhos de Deus e da Pátria!

Acabada a função religiosa, da qual muito gostaram os Barás, pediu-lhes o padre que fôssem deitar-se; e, depois de ter jantado *more* indígena num cantinho da maloca, deitou-se na rede, com o coração cheio de santas emoções. Na maloca, estavam acesas uma dúzia de fogueiras e, ao redor delas, alguns Barás, em animada conversa, falavam sôbre o novo hós-

pede, e sôbre o que disse e fez, interrompidos, às vezes, aquí e acolá, por uma gargalhada.

O missionário não pôde dormir. Pensava no fato de se achar entre os temíveis Barás, que outrora lhe pareciam tão difíceis de serem aproximados e que agora, pelo contrário, encontrava tão mansos, graças à visível proteção do Céu. Pensava que naquela maloca, por tantos anos teatro de imundície e barbárie, celebraria, ao amanhecer, pela primeira vez, a Santa Missa, imolando no pequeno altar o divino Cordeiro, morto na Cruz, também, por aquêles infelizes.

Como Deus quis, passou a noite sem novidade alguma e, ao amanhecer, fêz os preparativos para celebrar a Missa. Não foi preciso acordar os índios, porque, muitos antes dêle, já estavam a contemplar as novidades do "*Pai*". Enquanto revestia os sagrados paramentos, os índios, como estáticos, davam gritos de maravilha, porque nunca tinham visto vestes tão ricas nem tão belas. Durante a missa, porém, mantiveram-se tão silenciosos que se podia ouvir as môscas voarem. Por isso, o padre de novo lhes dirigiu a palavra sôbre argumento religioso, sendo ouvido com a máxima atenção. Depois de ter fechado o altar, acompanhado pelo cacique e quase todos os outros, visitou a grande maloca, sorrindo a todos, sem poder, porém, aproximar-se dos meninos, porque, à sua chegada, fugiam sempre de mêdo.

Antes de separar-se daqueles pobres índios, o padre colocou sôbre o esteio principal da maloca uma imagem de Nossa Senhora, para que os protegesse como Mãe Bondosa. Prometeu-lhes que, depois de tantas luas (assim avaliam êles o tempo), os visitaria novamente; e, em sinal de amizade, deu de presente ao cacique o único par de calças que tinha na mala, e aos outros pequenos presentes. Também os selvagens quizeram mostrar-se generosos e deram-lhe de presente formigas e lagartas assadas (estas últimas, do tamanho do bicho-da-sêda) prato dos mais delicados para êles; e o acompanharam depois, até ao caminho da mata, despedindo-se com sinais de grande amizade e alegria. O primeiro e mais difícil passo tinha saído às mil maravilhas, graças a Deus.

De novo entre os índios Tuiucas, êstes ficaram admirados quando souberam que o padre não só chegara até aos Barás, mas se tornara seu grande amigo e às suas malocas voltaria outras vêzes. O padre contou-lhes o encontro e as promessas que lhe fizeram de ouví-lo e obedecer-lhe. Voltando para a missão de Taracuá, em tôdas as malocas que visi-

tava, os Tucanos que o tinham acompanhado contavam alegremente, com a admiração geral, o feliz encontro do padre com os Barás.

— II —

Segundo a promessa, o Pe. João, 11 luas depois (11 meses) fêz novamente a viagem pelo rio Tiquié, e, desta vez, ia para completar a obra. Subindo o rio, parava, como de costume, em tôdas as malocas que encontrava na rota da expedição. Chegando entre os índios Tuiucas, convidou o cacique a mais dois outros índios para o acompanharem até a maloca dos Barás e, na sua presença, fazerem as pazes entre as duas tríbus. Ao ouvir essa proposta, não quizeram absolutamente ceder, porém o missionário lhes falou tão bem que os tuiucas, confiando na sua palavra de proteção contra qualquer ataque dos Barás, aceitaram o convite e partiram. O caminho através da floresta foi mais ou menos como da primeira vez.

No segundo dia, chegaram à maloca dos Barás. Por casualidade, naquele momento encontravam-se alí sómente sete índios com o cacique. Logo que percebeu a chegada do padre, o cacique vestiu depressa a calça que tinha recebido na primeira visita e foi recebê-lo e saudá-lo à porta da maloca. Voltou rápidamente para onde estavam os companheiros, tirou a calça, deu-a a um dêles, que a vestiu e foi também cumprimentar o padre. Depois, voltou e passou-a a um terceiro; e assim fizeram todos, menos o último, o qual, em lugar de vestí-la, colocou-a ao pescoço, à maneira de gravata. Talvez não a soubesse vestir ou não fosse digno disso; o certo é que essa primeira calça fêz sucesso entre os índios.

O missionário, que presenciara a cena com tôda a seriedade necessária naquela circunstância, apresentou aos Barás os companheiros Tuiucas, acrescentando que, sendo êle o amigo e pai de todos os índios, desejava que também os Barás fôssem amigos de todos, esquecessem as injúrias recebidas e fizessem a paz. Acrescentou que os protegeria contra as injustiças e sevícias dos maus civilizados. As palavras do missionário convidando-os à paz, ditas num tom de voz todo particular e acompanhadas de um olhar perpassado de bondade e carinho, calaram profundamente na alma daqueles selvagens, que nunca tinham ouvido tais discursos. Reconhe-

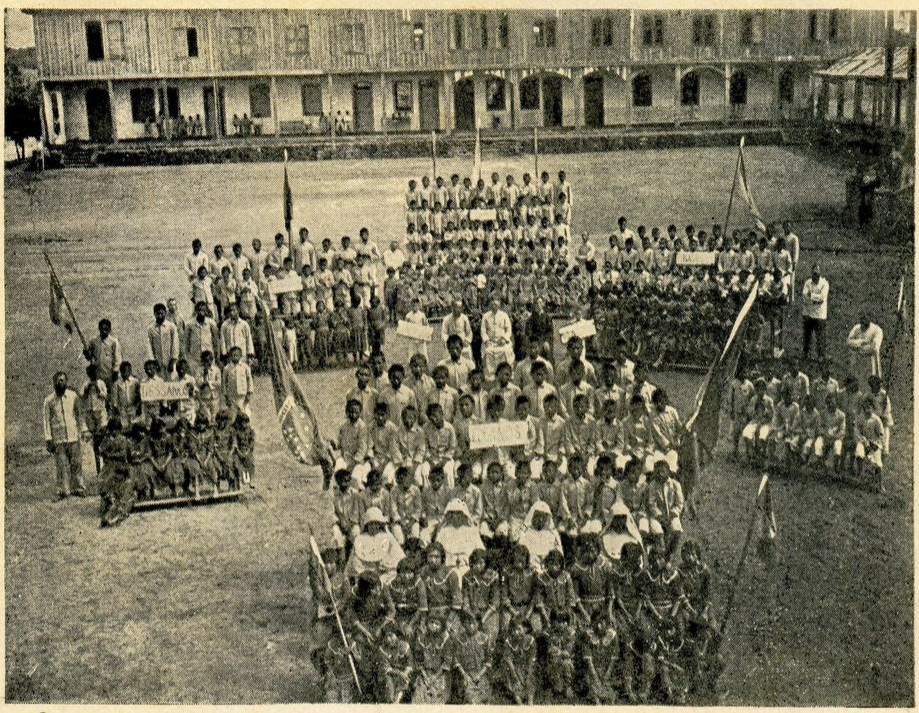
cendo a bondade e a justiça da proposta, aceitaram a paz apertando a mão dos Tuiucas, que até àquele instante tinham odiado e perseguido.

O padre, satisfeitíssimo pelo acontecido, prometeu aos Barás que viria até à sua maloca, tôdas as vêzes que visitasse o rio Tiquié. Acrescentou, porém, que o trajeto pela mata era muito dificil e penoso e que, portanto, êles deviam abrir caminho pelo riacho, cortando as árvores que outrora tinham feito cair, como trincheira, para obstruir o passo aos inimigos. Manifestou-lhes, também, o desejo de que fôssem visitar a residência de Taracuá e, assim conhecessem o que os missionários e missionárias fazem pelos selvícolas de tôdas as tríbus.

Concluida a paz, o padre demorou-se dois dias entre os Barás batizando as crianças e administrando a todos a divina palavra. À sua volta, acompanharam-no até Taracuá dois Barás e quatro Tuiucas, os quais passaram duas semanas na missão, voltando depois satisfeitíssimos.

Já passaram diversos anos e, até ao presente, não houve uma só contenda, tendo vivido todos em boa harmonia.

Alguem poderia perguntar, como alcançou o Pe. João tanta ascendência sôbre os selvagens. A resposta é que o dito padre foi sempre o defensor dos índios contra as injustiças e perseguições dos civilizados sem consciência, e é conhecido como o pai e amigo de todos, tendo demonstrado sempre, para com êles, muitíssima paciência e caridade *sem interesses materiais.*



Alunos internos da Missão Salesiana de Iauareté-Cachoeira. Cada grupo representa uma tribu. Ao centro em primeiro plano e mais numerosos, os "tucanos".

HISTÓRIA DE UM INDIOZINHO DA MISSÃO DE TARACUÁ

Antes de concluir estas notas despretenciosas, quero relatar a história de um indiozinho da Missão de Taracuá. Trata-se de episódio histórico em tôdas as suas particularidades, servindo para revelar a grande dificuldade de educar e levar o índio à civilização. Nós Salesianos, cumprindo a ordem do santo fundador, S. João Bosco, procuramos atrair a nós a juventude, colocando-a nos internatos, com escolas, oficinas e trabalhos agrícolas. Verificamos, pela experiência, que êsse é ainda o melhor sistema para conduzir também os adultos à civilização e à luz do evangelho.

Com uma família de índios dessanos, do Igarapé, afluente do rio Tiquié, chegou êsse indiozinho à missão de Taracuá, no ano de 1927. Tinha, talvez, sete anos de idade, e depressa se deu a conhecer, pela índole fogosa e esperteza em tirar tudo o que pudesse servir para os seus dentes. Visitava tôdas as plantas frutíferas, arrancava a macacheira e a roía como os ratos do mato. Quando os trabalhadores indígenas, de cócoras em tôrno da panela, devoravam a sopa que lhes dávamos, o pequeno vagabundo aparecia e, se não podia meter a mão dentro, recolhia tudo o que os outros deixavam cair e tornava a saborear os restos de peixes, disputando-os com os cães, que corriam mais do que êle.

Completamente nú, girava por tôda a missão, como um cachorrinho esfaimado. Se o chamavam, respondia com um sacudir de ombros ou com um gesto que queria dizer: "Vou, se tens alguma coisa para dar-me".

Tinha acompanhado aquela família dessana, mas ninguém se preocupava com êle, que vivia como um animal. Não tendo cama para dormir, passava a noite junto das cinzas do fogo, no meio dos cães. Quando algum da família descia da rêde para esquentar-se, punha-c para fora com um pontapé, e o pobrezinho ia dormir, em outro fogo. Enquanto esteve en-

tre nós, dormia debaixo do pórtico, entre a parede e um caixão, na terra núa. De vez em quando, ouvia-se forte e sonora palmada dada em si mesmo para matar os mosquitos que em vão procuravam furar-lhe a pele mais dura que a dos bois.

Um belo dia, foi-se e só voltou depois de alguns meses. A segunda vez que apareceu, estava de passagem na missão um civilizado, o qual, depois de ter observado o pequeno, pediu aos Dessanos que o deixassem ir consigo, como empregado. O missionário interveiu no contrato e não permitiu que fôsse levado, porque sabia muito bem que o pobrezinho perderia para sempre a liberdade.

O padre convidou-o a entrar na missão e lhe ofereceu calça e paletó, mas êle deu uma sacudida de ombros, para demonstrar que não sentia necessidade de nada. À hora do almoço, o missionário convidou-o a entrar no refeitório com os alunos, oferecendo-lhe sopa e farinha de mandioca. Aceitou o alimento, mas não ficou à mesa comum: saiu a comer de cócoras. Mal terminou, correu ao rio, banhou-se, rolou na praia e desapareceu até a hora do jantar. De novo, o missionário lhe ofereceu um terno, pois não era conveniente que entrasse nú no refeitório. Desta vez, aceitou roupa e comida, pois os companheiros o repreenderam fortemente. Comeu depressa e correu ao rio, a recolher qualquer coisa da panela dos trabalhadores. De noite, não quis entrar na igreja para a reza, nem no dormitório: foi dormir no barracão do pôrto, com os parentes. Assim procedeu durante uma semana: alimentava-se na missão e dormia fora, passando o dia na vagabundagem. Quando, porém, os Dessanos saíram definitivamente, o pequeno órfão aceitou fazer vida comum com os companheiros e entrou na missão como interno. Pela primeira vez, duas lágrimas brilharam-lhe nos olhos.

Começou o segundo período de sua vida cheio de lutas pelo bem. Não é fácil descrever o que se passou naquela alma selvagem, até chegar a uma completa transformação. O sistema de Dom Bosco, apoiado todo na razão, na religião e no carinho, aplicado entre os civilizados, deu, também aquí, ótimos resultados.

Nos primeiros dias, o novo aluno fugia de todos os lugares, especialmente dos trabalhos agrícolas. Na igreja, não sabia ficar de joelhos, mas sentado sôbre os calcanhares. Se chegava uma barca, corria ao pôrto e observava os índios aonde iam ou o que traziam. Amiudadas vêzes, zangava-se

com os companheiros e tornava-se um tigre. Mas, eram repentes passageiros, que quase sempre acabavam com quatro grossas lágrimas. Não conservava rancor de ninguém.

Na escola, aprendia pouco, pois ficar meia hora sentado, a soletrar ou escrever, era para êle um sacrifício. Às vêzes, estando com calor, tirava a calça, dobrava-a e sentava-se em cima; repreendido pelos companheiros, respondia com socos, mas, convidado com caridade pelo mestre, obedecia e tornava a *entrar na calça*, como dizem os índios.

De caráter impulsivo, respondia "não" a quem quer que fôsse, sem pensar no que dizia. Chamado à ordem com bons modos, reconhecia que tinha feito mal, chorava e batia com os punhos na testa. O castigo que mais sentia e que melhor o induzia ao bem era o superior mostrar-se descontente, não lhe dirigir a palavra e olhá-lo sem responder ao seu "bom-dia" ou "boa-noite". Então, o pequeno índio sofria muito, girava e regirava em tôrno do superior, procurando pretextos para encetar uma conversa, interrompendo os companheiros e oferecendo-se para algum recado. Não desistia senão quando tinha conseguido fazer as pazes com o superior. Chegou até a humilhar-se públicamente e a perdir perdão. Tôdas as vêzes que, conversando familiarmente, se lhe perguntava se queria ser bom e obediente como os outros, respondia que sim, mas que não sabia como fazer, porque sua cabeça era muito dura.

Tinha duas excelentes qualidades: além de reconhecer os próprios defeitos, era muito serviçal e tinha grande facilidade em aprender a língua portuguesa, esforçando-se continuamente para a falar. Depois de dois anos de luta, passou a ser um menino dócil e obediente, e aprendeu não só a ler e a escrever, mas também o ofício de carpinteiro, tornando-se elemento útil à pátria e motivo de satisfação para os seus educadores.

OS ÍNDIOS MACUS

O termo Macu (parece da língua geral ou nheengatú) é traduzido em tucano por Pokcé e significa "escravo". Os índios dêsse nome formam a classe dos mais atrazados da região. Chamam-se todos assim mas pertencem a várias famílias, como provam os dialetos completamente diversos que falam. Seus usos são bastante uniformes nos vários núcleos. Habitantes do centro das matas, ocupam as cabeceiras dos principais afluentes dêsse rio. Embora possuam uma localidade onde costumam morar, saem frequentemente nas várias direções da mata, de maneira que se podem considerar nômades. Verdadeiros senhores da selva, conhecem-na palmo a palmo e são os melhores guias para as travessias mais difíceis.

Os Macus, em geral, são pequenos de estatura, magros, cabelos compridos e quase sempre de aspecto melancólico.

Diversamente dos outros índios, não são agricultores, mas vivem da mata, que lhes dá frutas variadas, insetos, lagartas e caça abundante. Quando a caça escasseia, por causa da sêca, ou não há frutas suficientes, alimentam-se quase exclusivamente de insetos, sauvas, cupins, lagartas, ratos, rãs, etc. Todos os homens são grandes consumidores de ipadu (planta que fornece a cocaina), que sabem preparar muito bem e em grande quantidade, fornecendo-a até aos outros índios.

Sendo dificílimo conseguir sal, os Macus costumam suprir-lhe a falta da seguinte maneira: Tôdas as vêzes que matam porcos do mato, antas, veados, onças, depois de comerem a carne, cozinham os ossos e socam-nos, reduzindo-os a pó, que misturam com grande quantidade de pimenta.

Costumam pegar peixinhos nos igarapés, fechando-os e colocando o matapí. Todos os Macus são habilíssimos caçadores de arco e flexa, que sempre levam em suas correrias

pela mata. São os únicos que sabem preparar os curares mais poderosos, cujo segrêdo nunca revelaram a ninguém nem mesmo aos outros índios.

Os das outras tríbus dizem que os Macus não são gente, mas filhos da onça; por isso, não só os exploram, mas até os maltratam, quando se recusam a fazer algo. Assim procedem os Tucanos, Tarianos e Dessanos, que convidam os Macus a trabalhar na roça e a preparar material para as casas. Obrigam-nos a entregar os filhos, para servirem como criados ou pagens dos pequenos tucanos, dessanos e tarianos. Os tuchauas do Tiquié e Papurí têm seus Macus, que servem fielmente e lhes procuram caça e pesca. Deu-se até o caso de um tuchaua que, ao deixar o filho na escola da Missão, pediu ao padre que aceitasse também o Macu, para servir o aluno em tudo, como fazia na maloca.

Graças a êsses frequentes contactos com os índios de outras tríbus, numerosos Macus falam a língua tucana e são aptos para o trabalho, o que não se dá com os Macus mais afastados.

Quanto à origem dos Macus, segundo êles próprios dizem, teriam sido os primitivos habitantes dessa região, mas, com a invasão dos outros índios, teriam sido vencidos e obrigados a deixar o seu *habitat*. Alguns índios Tucanos dizem que os Macus foram levados como escravos pelos seus antepassados. De fato, antigamente, os Tucanos vendiam Macus aos brancos, como se vendem jacamins, e recebiam em troca mercadorias. A prova é um documento escrito pelos missionários Franciscanos, em 1882, no qual se proíbe terminantemente que os Tucanos do alto rio Tiquié preassem os Macus e os vendessem aos brancos.

É verdadeiramente impressionante o estado de inferioridade dêsses pobres índios. Não podem morar na mesma casa dos outros, mas perto da casa dos patrões, onde improvisam barraquinhas de fôlhas de açaizeiros e recebem comida à parte. Nem das festas lhes é permitido participar, a não ser como simples espectadores.

As primeiras tentativas dos missionários para reabilitá-los foram frustradas, em parte pelas instigações dos outros índios e em parte pelo estado moral dêles mesmos, que parecem convencidos de ter nascido para o serviço dos outros. Muitas vêzes, convidámos Macus a trabalhar em nossa Missão, retribuindo-os com roupas; mas, quase sempre, os outros ín-

dios lh'as tiravam, alegando que os Macus, filhos da onça, não precisam vestir-se.

Diante disso o Pe. João imaginou um novo método: Convidou alguns Macus mais espertos para acompanhá-lo em suas viagens, e, para que os outros índios não os maltratassem, chamava a cada Macu seu "irmão menor" (*iee akcabi*). Assim, em todas as localidades, os índios aprenderam que o Macu é irmão menor do padre, o que os impressionava muito e incutia-lhes respeito. Conseguiu, dessa forma, levar mais outros à Missão, visitou-lhes as malocas no centro da mata e obteve até meninos e meninas da tríbu, que colocou como internos na missão de Iauareté. Custou-lhe muito conseguir que os outros alunos respeitassem os Macus, porque para aquêles era uma humilhação ser igualados a êstes últimos. As meninas adaptaram-se mais facilmente, tendo ficado três; mas, dos meninos apenas um se adaptou à vida colegial, revelando boa inteligência e aprendendo muito bem a ler, escrever e falar português. E o que é mais de admirar é que êsse macuzinho não tem mêdo dos outros e sabe usar muito bem os pés, as mãos e até os dentes, para fazer-se respeitar. Foi a primeira reação que notámos.

Foram ainda os Macus que acompanharam o Pe. João pela mata, entre os rios Tiquié e Papurí (mais de 70 quilômetros), para marcar o rumo da estrada destinada a prestar relevantes serviços nessa fronteira. Êles próprios abriram a primeira picada. Agora aparecem frequentemente na Missão, vestidos, sem que ninguém os moleste, porque passam por irmãos do padre. Atualmente, os Macus internados como alunos são dez: cinco meninas e cinco meninos.

COMO OS ÍNDIOS MACUS PREPARAM O CURARE

O segredo da preparação do curare é exclusivo dos índios Macus, os quais nunca o revelam aos outros índios e muito menos aos brancos. Eis como um índio da tríbu dessana, que tinha ao seu serviço muitos Macus, contou-me a preparação do verdadeiro curare:

Recolhem na floresta os cipós, as folhas e raizes de diversas plantas, fazem um atado bem forrado com fôlhas e o colocam em cima do fogo lento, a fim de secar bem, mais ou menos como para fazer moqueado.

Depois de dois dias, tiram as fôlhas do fôrro, colocam o conteudo numa panela de barro e cozinham a fogo lento, du-

rante mais dois dias. Enquanto cozinha, o Macu não deverá deitar-se na rêde, nem comer beijú, nem fruta doce: deve permanecer de cócoras, ao lado da panela em fervura. Só poderá, de vez em quando, tomar um pouco de farinha com água. Se faltar a uma dessas regras, o veneno não produzirá efeito quando fôr injetado em algum animal. A decocção continuará, até ficar no fundo da panela um amálgama semelhante ao mel muito espêsso. Para o uso, basta molhar a ponta da flexa na massa e deixá-la secar.

P.e ANTONIO GIACONE
S. S.

ETNOGRAFIA E FOLCLORE

DAS

TRIBUS DO RIO UAUPÉS, AFLUENTE

DO

RIO NEGRO (AMAZONAS)

(2.a PARTE)

SEGUNDA PARTE

LENDAS EM LÍNGUA TUCANA E TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS

A segunda parte desta obra compreende a coleção de lendas em língua original tucana vertidas em português. Não pense o leitor que seja fácil colecionar lendas e histórias entre os selvícolas. Pela natural desconfiança que têm dos que não pertencem à raça indígena, mostram-se receosos. A quem lhes pede que contem uma história aprendida dos antepassados, respondem imediatamente:

— "Não sei, não conheço nenhuma".

Por isso, quando eu queria saber uma lenda, começava a contar-lhes uma história qualquer e terminava dizendo-lhes:

— "Agora, contem-me uma".

Então, um dos mais velhos, a pedido de todos, contava uma lenda. Mais tarde, encontrando-me com selvícolas de outras tríbus, fazendo-me de esquecido, pedia-lhes que me contassem a tal lenda, ouvida muito tempo antes em outra parte; e assim, confrontando os apontamentos tomados anteriormente, podia verificar a autenticidade da lenda.

São conhecidíssimas dos nossos selvícolas as lendas sôbre o jabotí, colecionadas nos sertões do Brasil pelo General Couto de Magalhães e publicadas em língua nheengatú com a tradução portuguêsa. (Vide: Curso de Língua Tupí Viva ou Nheengatu, do General Couto de Magalhães — Companhia Editora Nacional, 1933, páginas 175-227). Eis a sua relação:

1.º) — *Jautí tapiira cahaiuára* — O jabatí e a anta do mato.
2.º) — *Jautí iauareté* — O jabutí e a onça.
3.º) — *Jautí cuaçu* — O jabutí e o veado.
4.º) — *Jautí oiuiuanti macaitá irumo* — O jabutí encontra-se com macacos.

5.º) — *Jautí iuiri iauaraeté* — O jabutí e de novo a onça.
6.º) — *Jautía amu iauaraeté* — o jabutí e outra onça.
7.º) — *Iautí micura* — O jabutí e a raposa.
8.º) — *Iautí micura* — O jabutí e a raposa.
9.º) — *Iautí apgaua* — O jabutí e o homem.
10.º) — *Iautí cahapora-uaçu* — O jabutí e o gigante.
11.º) — *Çuaçú Iauaraeté* — O veado e a onça.

Deixo também de publicar as lendas dos Tarianos colecionadas e divulgadas em língua italiana pelo Conde Ermano Stradelli, no *Boletim da Società Geografica Italiana di Roma* (Vol· VI, págs. 141-148, 1.º Maggio 1896), e magistralmente comentadas pelo Dr. Luís da Câmara Cascudo, presidente da Sociedade Brasileira de Folclore, no precioso opúsculo *Em Memória de Stradelli* (Livraria Clássica — Manaus, 1936).

*
* *

Na impossibilidade de compôr as lendas que reproduzimos a partir da página seguinte, colocando sob cada palavra tucana, a sua equivalente em português, a composição foi feita da seguinte maneira: as palavras em itálico são da língua tucana, logo seguidas da tradução literal em português, tradução que figura em tipos redondos, entre parêntesis

IAMACURÚ MAKÇAMPÉ QUEKTÍ (1)

DO DIABO DO SEPULCRO HISTÓRIA

Dikporópe (Antigamente) *Uaktí* (Diabo) *nique,* (um), *Iamacurú* (Iamacurú) *uamétigue,* (chamado), *pahana* (muita) *makçané* (gente) *uehen-ueemi,* (matando estava) *tohoueena* (por isso) *makçá* (gente) *nipetina* (tôda) *queené* (a êle) *eona ueepa* (odiando estava) *queené* (a êle).

Uakpévio (Viuva) *nicó* (uma) *ulti-ueemo* (chorando estava) *coó* (de, seu) *manape* (marido) *ueniceré* (a morte), *Iamacurú* (Iamacurú) *quee* (a sí) *bakçuperé* (mesmo) *ueremi*: — (disse:—) *Coó* (Dela) *petope* (perto) *uaá-egaá.*— (ir quero.—) *Tineme* (Outro dia) *numió* (a mulher) *dakcieunené* (camarões) *haman-ueeno* (procurando estava) *diá,* (rio) *somútope* (beira na,) *Iamacurú* (Iamacurú) *coore* (dela) *uaa-metangue* (andando adiante) *ianocun-makciticémena,* (ser visto poder sem,) *cooré* (a ela) *dokqué-ueemi* (jogando estava) *uairé* (peixes) *coó* (ela) *quero* (depressa) *nheengo-ueemo.* (apanhando ia). *Bero* (Depois a) *numió* (mulher) *calicumo* :— (grita :—) *Noá nití* (Quem é que) *ieeré* (a mim) *oogue* (está dando) *pahaná* (muitos) *uairé ?* (peixes ?) *Iee* (Eu) *queené* (a êle) *lan-egaa;* (ver quero) ; *deroueegue* (porque) *que e* (êle) *neonueepáli ?* (escondendo-se está ?) *Ieeré* (A mim) *buéia* (ensina) *deró* (como) *uehen-makciça* (matar-possa) *pahaná* (muitos) *uairé.*— (peixes.—) *Iamacurú nipi*:— (Iamacuru disse:) *Iee* (Eu) *meené* (a tí) *buégueti* (ensinarei) *inhupe* (porém) *mee* (tua) *iauiípe* (casa em) *sahan-duúia* (entrar deixa) *ieeré* (a mim.) *Numió* (A mulher) *ietimo*:— (responde:—) *Mee* (Tu) *egacape* (querendo) *uaáia* (vás) *iauiípe.* — (minha casa em.—) *Iamicape,* (De noite,) *uakpévio* (da viúva) *poná* (os filhos) *canicura,* (dormindo), *Iamacurú* (Iamacurú) *coó* (dela) *iauipe* (casa em) *sahán-tomi.* (entrou.) *Numió* (A mu-

---

(1) É uma lenda dos "Tucanos" sobre o Cruzeiro do Sul.

(1) **Narrador:** Vicente, de 60 a 70 anos, índio tucano irmão do tuchaua de Pari-Cachoeira, no rio Tiquié. Fala somente o tucano e um pouco a língua geral, ou nheengatú.
A mesma lenda foi-me contada por outro velho da mesma tribu, com palavras quase idênticas.
Colhida em Outubro de 1940.

lher) *ecaticémena* (alegria com) *queené* (a êle) *potenitohamo* (recebeu), *anhunó-quena* (bem e) *ueétohamo* (tratou) *queené*. (a êle.) *Iamacurú pehé* (Iamacurú muito) *iokçoqueré* (moqueado) *mitohape*: (levou:) *pamó* (tatú,) *uaí* (peixe), *okçó*, (jacaré), *ahá* (nambú), *seemé* (paca), *cooré* (a ela) *oo-peótohami*. (deu tudo.) *Numió* (A mulher) *iokçoqueré* (moqueado) *neon-uaamo;* (esconder vai); *imecoli* (dia) *nukque* (cada) *baamo*, (come) *coó* (seus) *ponané* (filhos) *ooti-buktiago* (não dá nada). *Iuhúpe Iamacurú*. (Porém Iamacurú) *iamica* (noite) *nukque* (cada) *coó* (dela) *tirope* (perto) *uaami*, (vai), *coó-mena* (ela com) *baami* (come,) *simini-quena*. (bebe também). *Iamica* (Noite) *nicá* (uma) *coó* (seus) *poná* (filhos) *uacánecana* (acordando) *iántohapa* (viram) *coó* (sua) *pakcoré* (mãe) *nhaano* (o mal) *ueequeré*, (que fazia,) *tohoueena* (por isso) *ameni* (um ao outro) *uerena* (dizendo) *nima*:—(estão:)—*Ukçá* (Nossa) *pakcó* (mãe) *iabimo* (não gosta) *ulçané* (de nós), *teá* (vamos) *dutina*.— (fugir.—) *Totá* (Assim) *ueétohapa* (fizeram) *naá* (êles.) *Akpineme* (No outro) *nukquepe* (dia mato no) *dutina* (fugindo) *ueepa;* (vão); *Topetá* (lá mesmo) *cokperé* (buraco) *seétohapa* (cavaram) *neon-ateré* (esconder para) *naá* (si) *bakpuperé*. (mesmos.) *Pakco* (A mãe) *uktitiamo* (não chora) *coó* (de seus) *poná* (filhos *duticeré* (a fuga.) *Iuhupe* (Porém) *coó* (ela) *imecoli* (dia) *nukque* (cada) *ukcepe* (roça na) *uaacá* (ir) *dikporo*, (antes) *nhocaré* (de manicuera) *uaharo* (cuia) *duumo* (deixa) *Iamacurú* (Iamacurú) *sini-até*. (beber para.) *Nicáneme* (Um dia) *uakpévio* (a viuva) *uekcepe* (roça na) *daracape*, (trabalhando), *coó* (seus) *poná* (filhos) *uiipe* (casa na) *sahántohapa* (entraram,) *nhokcape* (manicuera na) *monétohapa* (misturaram) *mikcí* (de cipó) *nimaré* (veneno,) *berope* (depois) *dutipa* (fogem) *naá*. (êles.) *Iamacurú ektami*, (Iamacurú chega,) *pahiró* (grande) *menoné* (cigarro) *unhumi*, (fuma,) *berone* (depois) *nhokcaré* (manicuera) *sinigue*, (bebendo,) *ueniami*. (morre.) *Uakpévio* (A viúva) *queené* (a êle) *iaa-sinimo* (enterrar quer) *nokcucape*, (terra em,) *iunhupe* (porém) *Iamacurú egatimi*, (Iamacurú não quer) *quee* (êle) *uaátohami* (foi) *emánope* (alto no) *toopetá* (lá mesmo) *quee* (seu) *makçampé* (sepulcro) *nipa* (está) *curuça* (do Cruzeiro) *nhokcuá* (das estrelas) *betope*. (redor ao).

Uakpévio (A viuva) *punica*, (porém), *Iamacurumena* (Iamacurú com) *caktítohamo* (viveu,) *tohoueego* (por isso) *makquené* (filho) *potenítohapo*, (recebeu) *queené* (êle) *piipe* (balâio) *peogo*, (em colocando) *uiimoano* (do telhado) *dokcá* (debaixo) *uehemoneomo*. (amarrava.) *Pakco* (A mãe) *u-uaaca-*

pe, (quando toma banho), *coó* (seus) *poná* (filhos) *uiipe* (casa em) *sahana* (entrando) *ueepa*, (vão) *ianocun- ateré* (contemplar para) *akcabiacané* (o irmãozinho). *Quee* (Êle) *sotiroaca* (devagarinho) *bukqueague* (crescendo) *nimi;* (vai); *nicáneme* (um dia) *naá* (êles) *queené* (o) *miátohapa* (levaram) *nukquepe* (mato no) *pakcó* (a mãe) *uekcepe* (roça na) *daracape*. (quando trabalhava). *Berope* (Depois) *naá* (êles) *boteá* (de imbaú) *dikpoli* (galhos) *dektecá* (cortando) *akcabiaca* (do irmãozinho) *dipocaniné* (os pés) *detepa*, (amarram), *iakpi* (de batata) *puní* (das) *petote* (folhas perto) *queené* (o) *cúntohapa* (colocaram êles). *Quee* (Êle) *puniné* (as folhas) *baague*, (comendo,) *quero* (depressa) *bukqueácami;* (está crescendo); *berope* (depois) *naá* (êles) *quee* (dêle) *petope* (perto) *chacape*, (chegando *quee*, (êle) *bupugue*, (pulando), *quero* (depressa) *dutimi*, (foge), *nhamá* (veado) *dikcaiútohami* (virou.) *Até* (Isso) *iébuiri*, (por causa), *numió* (a mulher) *ponatigo*, (grávida), *baati-buktiago* (não come) *nhamá* (de veado) *diiroré*, (a carne), *uuigo* (temendo) *coó* (seu) *makquené* (filho) *ueniceré*. (a morte).

Tradução corrente da lenda acima:

O SEPULCRO DE IAMACURÚ (DIABO)

Antigamente, um diabo, chamado Iamacurú, matava muita gente e, por isso, todos o odiavam e queriam matá-lo, mas nunca podiam vê-lo.

Estava uma viuva chorando a morte do marido, quando Iamacurú disse: — Vou ter com ela.

No outro dia, a mulher foi apanhar camarão à beira do rio e Iamacurú, andando na sua frente, sem se deixar vêr, jogava-lhe peixes, que ela apanhava com facilidade. Então, a mulher gritou:

— Quem é que me dá estes pêixes? Quero vê-lo. Por que se esconde? Ensina-me como se apanham tantos peixes.

Iamacurú respondeu:

— Ensinar-te-ei, se me abrires a porta de tua casa.

Replicou a mulher: — Vem, quando quiseres; abrir-te-ei a porta da casa.

De noite, quando os filhos da viuva estavam dormindo, Iamacurú foi ter com ela, que o recebeu com muita alegria e o tratou bem. Iamacurú trazia muito moqueado: tatú, peixe,

jacaré, inambú, paca, etc., e tudo lhe entregou; ela porém, escondeu-o e, todos os dias, o comia, sem o partilhar com os filhos. Entretanto, Iamacurú, todas as noites, ia ter com a mulher e com ela comia e bebia.

Uma noite, os filhos da viuva acordaram e descobriram o mau proceder da mãe. E disseram:

— Nossa mãe não gosta mais de nós, vamos fugir.

Assim fizeram.

No outro dia, fugiram para o mato, onde fizeram um buraco para se esconder. A mulher não chorou a fuga dos filhos.

Quando ia à roça, deixava sempre em casa uma cuia de manicuera, para Iamacurú beber. Um dia, enquanto estava trabalhando na roça, os filhos entraram na casa e misturaram na cuia de manicuera um forte veneno de cipó, e depois fugiram

Iamacurú veiu, fumou primeiro um grande cigarro, depois bebeu a manicuera com o veneno, e morreu.

A viúva queria sepultá-lo na terra, mas êle não quis e foi sepultar-se no firmamento, e seu sepulcro está no grupo de estrêlas que rodeiam o Cruzeiro do Sul. Como a viúva tinha coabitado com Iamacurú, deu à luz um filho que costumava colocar sempre em um aturá, amarrado debaixo do telhado. Quando ia tomar banho, os filhos entravam em casa para ver o irmãozinho. Como ia crescendo muito devagar, um dia, quando a mãe estava na roça, os filhos levaram o irmãozinho para o mato. Lá cortaram galhos de imbauba, amarraram com êles os pés do pequeno, colocaram-no perto de uma planta de batatas. Êle comeu as fôlhas e cresceu muito depressa. Quando foram vê-lo deu um pulo e fugiu: tinha virado veado.

Por isso, a mulher indígena quando está para dar à luz, não come carne de veado, porque teme que o filhinho morra.

UAKTÍ UAI UEHENGUE (2)
O DIABO PESCADOR

Rio Negro pahigue uktampa buipe, Uaktí uairé uehengue eemi: ueecá dokquecape, quee ueremi: "Talita pau" — quero uai baami, Uaktí tuktuarómena queené dokqueami uàtampa sirope.

Pahaná mamea ateré iana, ameni-utemutohapa, puno egalipehana queoceré ueheriço, ueecá mosingue.

Mame nique, punica, uuitibuktiague, ueremi: — Iee makcii dareceré, iee Uaktiné coángueti diape, quee ueheriço, ueecáquena iahágueti. Akpena queené buhipaana; berope queené uerena totá dareateré. Ani mame nicáneme queocémena, neon-ueemi quee bakçuperé uktampa somútope, toopetá Uaktí uaí uehengue uaami.

Berope Uaktí atiami; ueheriço, ueecá anhunó akpo-ueemi, uktampa buipe duhigue, ueecaré dokqueami ningue: — Talita pau — totá quero nimetancé uairé uehéntohami.

Name iami ueecé nitipa akpeié ueecá, nipa curuça ueeroro, ahuno ouani nipa.

Sotiroaca ohominigue, Uaktí ueecá dokquécarope, tuktuarómena nheéntohami amupamanímena ueecaré miateré; inhupe Uaktí puno tuktuanemocémena mamené coantohami uktampa sirope, nocúcape berequeague puno pieticémena.

Uaktí quee petope ehague, anhumó ianocungue, beró nipi: — Noá nití ani uehenquené? Té nicano iee ianti-buktiague uaiquem-né totá; iee pakque, iee nhekque ieeré buetitohapa atigue uaiquem niceré diape; iuhupe ieeré buétohapa nipetina ekcanané. — Berope Uaktí mamené padaregue, nipi: — Aní uaiquem queóçari quee diiroré baateré? Dipiiré mi-uaa, dektee dekcómena, totá makciça. Uaktí uaami. Mame quero uacanecangue, nheepi Uaktí, ueheriço ueecaré-quena, diape bupugue pea-atéré.

Dekcómena ehacape, Uaktí ektami, iangue quee ueheriço ueecaré-quena iahanoqueré, puno uarómena calicumi: — Ue-

(2) **Narrador:** João de Oliveira, 48 anos de idade, caboclo do rio Negro, filho de branco com índia, falando bem o português, o nheengatú e regularmente o tucano. Contou-me a lenda durante uma viagem de lancha, depois que passamos junto à pedra. Mais tarde ouvi a mesma história de índios tucanos dos rios Tiquié e Uaupés, que m'a contaram em tucano, com variantes mui insignificantes.
Colhida em Dezembro de 1931.

hengue atiato, nheenha ani uaiquemné, iee ueheriço ueecaré mosingue iahaqueré· — Uehengue atipa, iuhupe mame teeneueegue, dutimi. Uaktí aupétiro calicumi: — Euá atiotó, queené nheenha. Euá atipa, iuhupe mame baktami, akpátuli dutimi. Uaktí calicumi: — Uairo atiató, biato ani uaiquemné. Uairo atipa, inhupe mame uihiague, dutimi. Uaktí calicumi: Mikcí buktiro atiató, detéia ani uaiquem nhaambuktiaguené, iee ueheriço ueecaré iahaqueré; — Mame quero bague uaami, canoaca dikça akpé somutope eha-ateró.

Mikcí atipa, detepa mamené puno tuktuarómena. Mame duti-makcitigue, coangue-ueemi ueheriço, euecaré; totá diaque eha-makcitohami siecuipe.

Uktampa Uaktí duhicarope, darécarope até quektiré, uamétiro; Uaktí uai uehengue uktampa.

O DIABO PESCADOR

(tradução corrente)

Sôbre uma grande pedra do rio Negro, o diabo costumava pescar; cada vez que lançava o anzol na água, dizia: — *Talita pau*, — e logo um peixe mordia, e o diabo, com um forte puxão, lançava-o à terra, atrás da pedra.

Um grupo de rapazes, que o tinha observado de longe, comentava o fato, desejando ardentemente possuir o caniço e o anzol tão marupiara. Então, um moço muito valente disse:

— Já sei como fazer,. vou jogar o diabo no rio e roubo-lhe o caniço com o anzol.

Os companheiros deram uma gargalhada e animaram-no a cumprir a prometida façanha. No dia marcado, o rapaz foi-se esconder ao lado da pedra, onde o diabo pescava. Na hora de costume, veiu o diabo: preparou o caniço, o anzol, a isca e, sentando-se na pedra, lançou o anzol dizendo: — *Talita pau* — e logo pegou o primeiro peixe. O rapaz reparou que o anzol não era como os outros, mas em forma de X, e a isca era um pedaço de ôsso. Devagarzinho, mergulhou no mesmo ponto em que caía o anzol do diabo, e, logo que êste bateu na água, agarrou-o com ambas as mãos e deu um puxão para baixo; mas o diabo, dando um contragolpe mais forte, tirou o rapaz da água e lançou-o pelos ares, caindo em terra, atrás da pedra. Com o corpo machucado e ferido, o coitado começou a gemer. O diabo foi perto e, olhando bem para êle, disse:

— Oh! que bicho é êste que eu peguei? Nunca vi um bicho assim no rio; nem meu pai, nem meu avô me falaram de que havia um bicho assim no rio; e, todavia, ensinaram-me a conhecer todos os animais.

Examinou-o bem, apalpando-o por tôda parte. Depois disse:

— Será que êste bicho tem carne boa para comer? Vou buscar o meu facão e cortarei um pedaço para ver.

E saiu. O rapaz levantou-se depressa, tirou o caniço e o anzol do diabo, e entrou no rio, para alcançar a margem oposta. Já estava na metade do rio, quando chegou o diabo e, vendo que o rapaz lhe tinha roubado o caniço e o anzol, cheio de raiva gritou:

— Venha o puxá (1), e pegue êste bicho que me roubou o caniço marupiara.

Veiu o puxá e prendeu o rapaz, mas êste o rasgou e fugiu. O diabo gritou:

Venha o parí (2), e pegue êsse bicho.

Veiu o parí, mas o rapaz o rompeu e fugiu novamente.

O diabo gritou pela terceira vez:

— Venha o cacurí, e encerre êste bicho.

Veiu o cacurí (3), mas o rapaz saíu dele e fugiu.

— Venha o cipó mais forte que há no mato, e amarre êste bicho danado, que me roubou o caniço marupiara, — gritou pela última vez, o diabo, pois o rapaz já estava quase alcançando a margem oposta.

Veiu, então, o cipó e começou a enrolar o rapaz, o qual vendo que não podia livrar-se mais, largou o caniço e o anzol, e assim pôde fugir para a margem oposta.

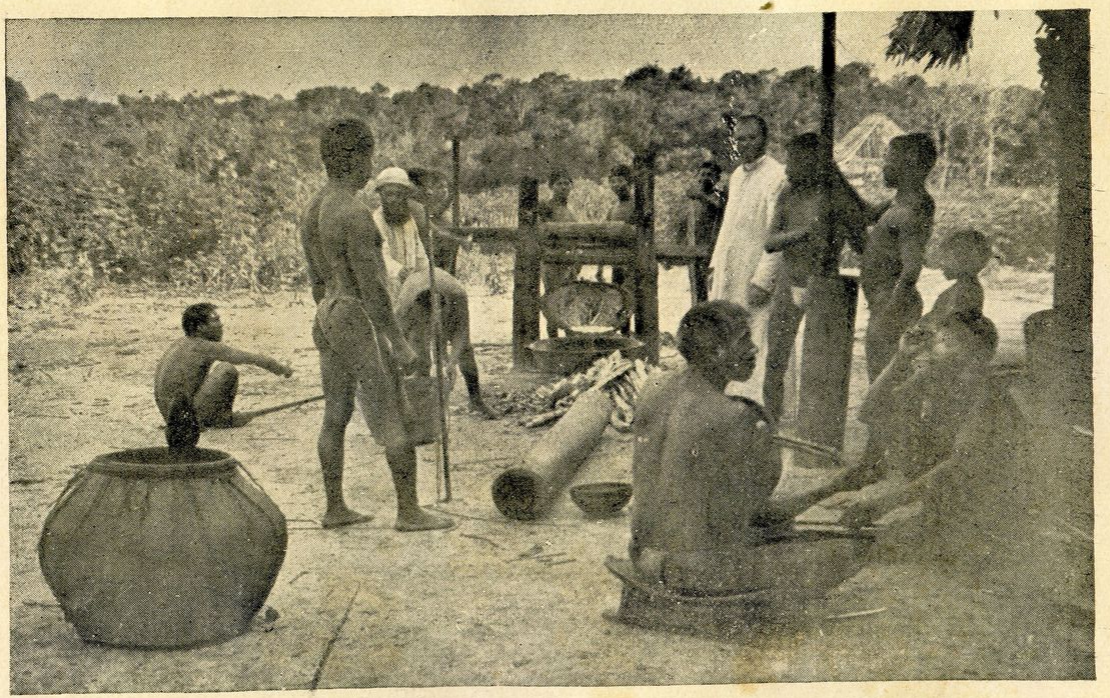
(Chamam a pedra, onde o diabo se sentava para pescar, de "pedra do diabo pescador" — *uktá Uaktí uaí uehengue).*

---

(1) **Puxá** — Pequena rêde para pescar nos poços, em tempo de sêca. A malha é diferente das outras, mas sôlta e formada pela simples torção do fio, bastante resistente para impedir a saida dos peixes.

(2) **Parí** — Gradeado feito de espiques de palmeira paxiúba, amarrados com cipó, com que barram a boca dos lagos ou dos igarapés, para impedir a saida dos peixes.

(3) **Cacurí** — Armadilha para pegar peixes, consistindo numa armação de paus fincados no leito do rio e em terra, até onde chega a enchente.



Os missionários salesianos Giacone e Domitro vitch, entre índios de Pari-Cachoeira. Ao fundo, uma primitiva engenhóca de moer cana

DERÓ DIÍCANA DOHÓTOHAPA AKQUEA (3)

COMO OS "TUIUCAS" VIRARAM MACACOS

Makçá marco-fronteira, Brasil-Colômbia *petope, diá Quekçá potepe nina, Diícana uameieena nima. Naá dekcope até quektí niça.*

Nicáneme pahaná Diícana iukque-dikcaré uame uamétiro, nukquepe haman-uaátohopa; soope Uaktíquena nitohami.

Diícana pehé iukque-dikcaré bokcacape, ianti-buktiana ímeco peouaaça; tetá naiqueacape, naá uihia-makcitipa nukqueré.

Soope, unusanticémena canina ueepa. Naá canicape, Uaktí ehague, diícangue nukque petone, queené dona-ueemi, quee ianceré bahuliktiateré. Nique diícangue diaque canitingue, Uaktí queené doha-makcitimi.

Iamiácape, siancé naané bahuticape, naá calicúna nima iamí ieereticémena; iuhupe diícangue canitigue, naané ueremi, deró Uaktí dohatohami naané, deró-quena iancé maniçaa naané.

Ateré tiona, diícana calicuna, uktina naá dohócere; beró, queené senitiána-nima quee naané mia-ateré naá iauicéripe.

Sií diícangue joaca mikciré detegue, naané nheen-duktigue ateré, quee sirope uaa-duktiami. Totá darétohapa naá.

Na uaacape, akpena uerena ueepa: — Nheené ueéboçari ukça numiá ianocuna ukçá ian-makcitinané? Ulçané buhínaçama naá; tetá puno bokpoiacé uaároçaa ukçané. Até anhúboçaa: ukçá dikcaiúboçaa ukçá cakperiré, cakperi ueetaçacémena; ukçá cakperi manina, nhaan-buktiana nii.

Sií diícangue ian-makcigue, hamanuaátohami okteceré cakperi ueroro, naané oótohami ateré; iuhupe naá mikciré nheencape, quee sirope uaa-ateré, quee mikciré detegue, dutimi, naané mehencacungue nukquepe. Naá daha-makciticape, mehánaçama iukqueguepe, calicuna "Au, au, au" totá akquea dohotohapa naá.

Pehetiaca diícana Quekçá potepe nina, sií diícangue dutique, poná nima.

---

(3) **Narrador:** Gabriel, índio tucano de Parí-Cachoeira no rio Tiquié. Fá-la somente o tucano e um pouco a língua geral. Deve possuir mais de 70 anos, pois já tem bisneto.
Colhida em Novembro de 1940.

COMO OS "TUIUCAS" VIRARAM MACACOS
(tradução corrente)

Os tuiucas são índios que vivem no alto rio Tiquié, perto do marco da fronteira Brasil-Colômbia. Conta a lenda que, uma vez, muitos Tuiucas foram buscar frutas em um grande umiritizal, e lá estava também *Uaktí*, o diabo. Os índios, ocupados em ajuntar muitas frutas, não perceberam que o dia se ia acabando, de modo que anoiteceu antes que pudessem sair do mato. Resignaram-se, então, a dormir lá mesmo.

O diabo, enquanto todos dormiam, ia pertinho de cada um dêles e, soprando-lhes os olhos, cegava-os sem acordá-los. Um Tuiuca, porém, estava acordado, e a êste o diabo nenhum mal fêz.

De manhã, acordando, nada enxergavam. Então começaram a queixar-se de que a noite era comprida demais e nunca chegava o dia; o Tuiuca que não estava cego contou-lhes o que lhes tinha acontecido durante a noite e como estavam todos cegos. Começaram a gritar e chorar sua triste sorte, pedindo ao companheiro que os levasse para casa. O Tuiuca cortou um cipó e mandou que todos o agarrassem e seguissem, em fila, atrás dêle. Assim fizeram. Durante a viagem, os pobres disseram:

— Que dirão as nossas mulheres quando chegarmos em casa? Oh! que grande vergonha passaremos! Certamente caçoarão de nós, e todos darão grandes gargalhadas sôbre a nossa sorte. Seria bom que puséssemos uns olhos postiços, porque, assim, sem olhos, somos feios demais.

Pediram ao companheiro que os levava que lhes procurasse uma semente que parecesse com o ôlho humano. O Tuiuca foi à procura da semente e entregou duas a cada um, para colocar nos olhos; mas, quando agarraram o cipó, para continuar a viagem, aquêle Tuiuca o cortou e fugiu, abandonando-os no mato. Então todos começaram a trepar nas árvores e a gritar:

— Au! au au! e assim viraram macacos barrigudos.

Daquele único Tuiuca, que se salvou, vêm os poucos índios que vivem na cabeceira do rio Tiquié.

DERÓ DIKPORÓPÊ UEKQUE BAHULIÓTOHAMI QUÉÊ VIÓGUÊ NICERÉ NIPETINA EKCANA BUI.

COMO A ANTA PERDEU, OUTRÓRA, A SUPREMACIA SÔBRE OS OUTROS ANIMAIS.

Dikporope uekque nítohami viogue nipetina ekcanané. Uekque uucé ieenenacátohapa iaí uuceré; quee calicugue nicape akpena ekcana nanaçántohapa; i ktecepuktí-quena bereduupa puniné.

Nipeticé iukque-dikcaticé uekqueié nipa; quee iauí cené buipe nipa; toope akpena ekcana maha-makciti-buktiana; uekquequena dihatítohami okcoré sini-ateré maape; eene betope nigue; uekque panamena emeteana nítohapa okcoré punímena.

Nicánema quee panamena calibuktiana puní teenecé iebuiri, uekque petope ehana dikporo, uekqueré senitiántohapa quee berecé maape sini-ateré.

Uekque tiogue naá senitiangueré, duhiátohami maapé. Akcó anhupunicé, iikceacé, uini-manicé nipa; totá uekque pahiró siniuemi, joaca u-uami, akpe-uemi-quena.

Akpena eene betope nina, uekque manicape, soope uaátohama, nipeticé okteceré tanátohapa quero naá poteónomena, beró dutítohapa iukque-dikaré miapeótohapa.

Uekque akpecé-bero, tuhague eenepe, iangue nipetice oktece tanaque, puno uarómena, tuktuarómenaquena calicútohami: totá iktecé-puktí bere-duútohapa puniné, nipetina ekcana dutina-quena dokquequeátohapa, héripona bahuliktina, puno uiicé iebuiri.

Uekque puno calicu-nemogue akpena ekcana sirope uaami, naá petope eha-ateré.

Ekcague nukque mia-ueemi nica iukquedikcaré diaque, uekque nimetangue ekcague petope ehague, queené senitiántohami: "Nheené mianti mee?" Quee ietigue nipi: "uamerá mia-uee". — Ieeré oóia-ukque ueremi. Quee oomi. Uekque

baacape, ekcague uakçosenitiami quee puktitoré. Uekque uakçótohami quee puktiroré. Totá uekque ueétohami nipetina ekcanamena: naá oona ueepa iukque dikcaré uekque naané uakçomi puktiroré.

Akque. Sei sirotucangue nimi, quee potenigue uekque puktiroré, quero dikcaiútohami akpeié puktiroré; beró meha uaami okteguené. Uekque, uaacé dikporo, calicu-sinigue ekcana nanaçan-ateré, puktítohami puktiroré dikcaiuqueré, iuhupe uiiceré diaque ueétohami, akpena ekcana nipetina uiiceré tiona buhítohapa puno ecaticémena.

Totá uekque bahuliótohape quee viogue niceré nipetina ekcana buí; até iebuiri-quena akque sei uucé ieerenecampa akpena ekcana uuceré; quee calicucé ueecape oktecé-pukti nanaçampa.

COMO A ANTA PERDEU, OUTRORA, A SUPREMACIA SÔBRE OS OUTROS ANIMAIS

(tradução corrente)

Antigamente, a anta era o rei dos animais. Seu grito era mais forte que o da onça e, quando berrava, todos os animais tremiam e as árvores deixavam caír as fôlhas. Tôdas as frutas do mato lhe pertenciam e a sua morada era sôbre uma montanha onde havia tôda classe de frutas. Nenhum outro animal se atrevia a subir àquela montanha, e a anta nunca descia de lá, nem para beber água no igarapé que corria junto, pois os netinhos, quando ela tinha sêde, levavam-lhe água servindo-se de umas fôlhas.

Um dia, os netinhos, cançados de tantas viagens, porque as fôlhas se rasgavam antes de chegar perto da anta, pediram-lhe que descesse e fôsse beber no riacho. Aceitou a avó a proposta e desceu a beber. Como a água era muito fresca, limpa e boa, a anta não só bebeu, mas tomou banho e ficou brincando muito tempo na água.

Entretanto, todos os outros animais que estavam ao redor da montanha, aproveitando a ausência da anta, subiram e derrubaram, com a maior presteza possível, tôdas as árvores frutíferas, e fugiram carregados de frutas. Quando a anta, cançada de tanto brincar na água, voltou à montanha e viu tôdas as árvores derrubadas, cheia de raiva, berrou com tanta fôrça e violência que as árvores ao redor deixaram cair as fôlhas e os animais que estavam fugindo caíram no chão co-

mo mortos. A anta os perseguiu, berrando cada vez mais, até que os alcançou.

Os animais estavam todos em fila indiana e cada um carregava só uma qualidade de fruta. Chegando a anta perto do primeiro, lhe perguntou:

— Que frutas levas tu?

— Levo umiri — respondeu êle.

Passa para cá — disse a anta.

E o animal a entregou. Enquanto ela comia, o animal lhe pediu emprestado o apito grande que ela levava. A anta aquiesceu. Assim fêz com todos os animais: êles lhe entregavam a fruta e ela lhes emprestava o apito. O último animal foi o macaco guariba, o qual, mal recebeu o apito da anta, o trocou por outro quase igual e depois trepou numa grande árvore.

A anta, antes de afastar-se, quis fazer silvar o seu apito, para assustar os animais, mas, em vêz de dar um grande uivo como antes, só deu um pequeno assovio que arrancou uma sonora gargalhada de todos os animais; por isso, perdeu a supremacia sôbre todos os animais, passando esta para o macaco guariba, o qual, quando grita, faz estremecer a floresta.

DERÓ "POKÇÁ" DOHÓTOHAPA IEKCEA (4)

COMO OS INDIOS MACUS VIRARAM PORCOS DO MATO

Nicáneme pahaná Pokçá nukquepe haman-uaátohapa uukque-dikcaré ekca-ateré. Naá iaíua bokcatohami mhumu okteceré pehé-queocémena. Iaíua detegue nicá okpacuré, piiré mumútohape; beró maape ehague anhunó cuétohami nhumuré; beró oótohami akpena pokçané: naá baátohama ateré puno ecaticémena. Tetá imecoli nukque aní iaíua nicá piiré mumugue, akpena pokçá queené senitiántohapa ueregue anhunó cue-uakpamoceré nhumuré baana dikporo.

Naá héripona anhunó uaacá ueena, nhumuré seena-uaáma; beró ateré baátohapa cueia-manicémena; até ieberuiri aná pokçá dohótopa iekcéa.

Tetá akpena makçá (dakcéia, uiina, diícana) uerena nima, deró iekcea nukquepe nicánomena uaána ueepa; aná iekcea dikporope pokçané nitohapa.

COMO OS ÍNDIOS "MACÚS" VIRARAM PORCOS DO MATO
(tradução corrente)

Andavam, uma vez, os índios Macus pelo mato, em procura de frutas para comer. O pagé dêles encontrou uma grande bacabeira bem carregada de frutas amadurecidas, cujos cachos tocavam o chão. Cortou um só cacho, e foi o suficiente para encher o aturá. Levou as frutas ao riacho, lavou-as bem e depois as entregou aos outros Macus, que as comeram com grande alegria.

Como êsse pagé, todos os dias, trazia um aturá cheio, perguntaram-lhe os outros onde encontrava tantas bacabas. O pagé mostrou-lhes a grande bacabeira e recomendou-lhes que deviam lavar bem as frutas, antes de comê-las. Contentíssimos, os Macus foram apanhar as frutas, mas esqueceram-se de lavá-las, comendo-as como as apanhavam... Por isso, viraram porcos do mato.

(Essa é a explicação que dão os índios para o fato de os porcos do mato andarem sempre em bandos. Antes, seriam índios Macus, que andavam em turmas...)

---

(4) **Narrador:** O mesmo índio Gabriel que contou a lenda dos Tuiucas que viraram Macacos.
Colhida em Novembro de 1940, em Parí Cachoeira.

BU TARIANA QUEKTÍ (5)
LENDA TARIANA SÔBRE A COTIA

Capirículi queótohami nique makquené; quee nítohami anhu-buktiague uiti-buktiague-quena. Uaque sia-uaa-duumi quee makquené atí turipe, makçané ian-ateré, anhunó makciateré; totá quee viogue nicape, anhunó dukti-makcíboçami naané.

Iaí--puéia makçá dekcope nicó numió iaíua ueroro nimo, coó maibuktiago nimo Capirículi makquené; tohouego coó senitian-uemo Uaque makquené; iuhupe Capiriculi oo-egatiami.

Bukcó dohátohami uimenguené; totá quee iano-makcitigue nimi, beró coó nheéntohapo queené.

Capirículi makque cooné heompeogue uemi: dara, pekcaiegue, pekcá migue, okcó ueague, anhunga daregue; totá bukcó pehé dohócere dare-makcimo akpena makçané.

Uimangue bukqueami; mame nicape, bukcó coan-egamo queené; iuhupe quee pahiró baague, ian-makcigue egami, nheené coó dare-uemo, derónica coó akpena makçané dohamakcimo, totá quee coan-uemi coó dohácere; totá bukcó dohamakciti-buktiago dikporope dohararo.

Coó doha-makcimo diaque, quee baacape. Até iebuiri bukcó queene oogo iano-makciceré, coán-tohapa mani iaturipe.

Quee atope ektague, Capirículi petope, uaami, senitianateré quee coteceré. Uaque quee makquené ueetamu-egami; iuhupe quee makque pehé quemaní ieereótohami bukcó iaíuamena, dohácere bue makcitohaboçami quee. Capirículi makcaré queogue, oótohami quee makquené, oktecé niátere. Beró Uaque queené peckcaié-buétohami buécate-mena, anenguemena,akpeié uamoiecé-mena.

Capirículi Makque quee héripona anhunó uaacá-uemi: pekcaiogue, uaí uehengue, oktegue-quena.

Nukque dekcope makçá nhaan-buktiana níçama, pokçá uametina, akpena maçané heompeona nima.

---

(5) **Narrador:** O pagé Francisco, dos arredores de Javareté, auxiliado na narração pelo tuchaua Leopoldino. Francisco possue uns 70 anos de idade, fala bem o tucano e o tariano.

Colhida em Maio de 1932.

NOTA: — A mesma lenda foi publicada em língua portuguesa pelo dr. Ernestino de Oliveira, médico da Comissão de Limites Brasil-Colômbia.

Nicáneme Capirículi makque pekcaiegue uaacape, té pokçá maape ehami. Soope nítohapo numió pokçó, anu-buktiago, piiré ueago. Capirículi makque iangue cooné iuhuncémena, ueetamu-egami. Migue coó piiré ueátohami té coó iauipe.

Capirículi iangue emánope quee makquené pokce ueroro nigue, puno calibokcuami.

Capirículi makque uekcé anhunó bukqueapa: ohoca, dekque pinipa, bukqueapa, ane pehé nipa-quena.

Capirículi pihigue quee makquené, queené nipi: — Deruegue ueátohati mee pokçá piiré? Makci-ueetí mee pokçá niceré maní darana; mée pokce ueroro darétohape, tohouegue iee buiri-daree meené.

Capirículi makçóntohami buré, quené baa-peoduktigue makque okteceré. Imecoli nukque bu Capiriculi makque uekcepe ehami, quiré ba-ateré, akpeié okteceré boa-ateré.

Mame puno calibokcuami até iebuiri; beró ian-cotegue ueemi, noá quee uekceré boátohape. Iangue buré, queené uehen-sinimi, iuhupe bu quero dutimi. Dalítero nukque bu ioaca utamu-uaami akque-mena té iami sahancape. Nicáneme Capirículi makque naané iangue, buecantohami buré, iuhupe bu dutimi, camino sahántohapa akquené; totá imecoli nukque Capirículi makque uehen-sinimi buré.

Titape bu Capirículi petope ehague, Queené nipi: — Mee ieeré baa-peo duktiotohaa mee makque uekceré; iuhupe ateré iee dare-makciti-buktiague; quee uehen-sinimi ieeré, makcigue iauiré

Capirículi ietigue buré, nipi: — Nipeticénemini mee niuakpamoça cokpepe, iuhupe iee makque uekceré baágueçaa mee, ateré dareegaticá iée meemé buiri-darehaque.

Capirículin makque puno calibokcuami, beré quee pakquemena uere-uami, ningue: — Iée pakque, mee puno buiri-darétohape ieené, nicano ehatua. Iee soo-egaa. — "Soóia, iee makque, iuhupe bu baa-diohaque niape mee uekceré. Totá iee agaa." — Beró nicáneme ekcana bokcéneme darétohapa, buquena uaa-egami, migue quee mahápal akcaroré. Bu uaacape, potenimi Capirículi makquené; quee buré uehen-sinigue bu sirope uaami... Bu iuhuncémena, akcituague nicape, sahami cokpepe, quee akcaroré coangue.

Makçá uameana diá Papuriré, ian-makcínaçama bu akcaroré cokpé petopé. Akcaro dikcaiupa uktampané.

LENDA DOS ÍNDIOS TARIANOS SÔBRE A COTIA
(tradução corrente)

Capiríçuli (o Deus dos Tarianos) tinha um filho que era muito bonito e destemido. Deus o deixou ir passear pelo mundo, para ver os homens e conhecê-los bem, porque assim, quando fôsse rei, saberia governá-los bem. Entre a gente tariana de Iauareté, havia uma velha feiticeira (como pagé); ela gostou muito do filho de Capiríçuli e, por isso, o pediu a Deus, mas Capiríçuli não quis dá-lo. Então, a velha deu um feitiço ao menino, tornando-o invisível, e depois o levou. O filho de Capiríçuli servia a velha em tudo: trabalhava, caçava, ia buscar água, acendia o fogo, preparava o beijú; assim, a velha podia fazer suas bruxarias entre as outras pessoas.

O menino ia crescendo. Quando já era rapaz, a velha queria botá-lo para fora, mas o rapaz comia muito e queria saber que coisa a velha fazia. Se ela fazia feitiço contra alguém, êle o desfazia. Por isso, a velha não podia mais fazer bruxarias.

Só podia fazer feitiço, quando o menino comia. Por êsse motivo, tornou-o visivel e o jogou neste mundo. Chegando aquí, êle foi ter com Capiríçuli, para pedir proteção. Capiríçuli queria ajudar o filho, mas como êste passara muitos anos com a velha bruxa, poderia ter aprendido o feitiço. Então, Capiríçuli, marcando um sítio, entregou-o ao filho, para que fizesse plantações. Depois, ensinou-o a caçar com arco e flecha e outras armas. O filho de Capiríçuli estava muito contente: pescava, caçava e plantava.

No meio da mata, há uma raça de gente muito ruim, chamada Macus: são os escravos dos outros índios. Um dia, o filho de Capiríçuli, indo caçar, chegou até ao caminho dos Macus. Lá, havia uma mulher macu, muito bonita, que carregava um aturá. O filho de Capiríçuli, vendo-a cançada, quis ajudá-la. Pegou no aturá e o levou até à casa dela.

Capiríçuli, vendo de lá do alto que o filho era como Macu, ficou muito aborrecido.

A roça do filho ia crescendo bem: o milho e a maniva brotavam e cresciam. Havia também muita cana. Um dia, Capiríçuli chamou o filho e lhe disse:

— Por que carregaste o aturá da Macu? Não sabes que os Macus são nossos escravos? Tu te fizeste Macu; por isso, vou castigar-te.

Capiríçuli criou uma cotia e mandou-a comer tôda a roça do filho. Todos os dias, a cotia chegava à roça do filho de Capiríçuli, para comer a mandioca, e estragava as outras plantações. O rapaz estava muito triste com isso e quis ver quem lhe estragava a roça. Vendo a cotia, quis matá-la, mas ela fugiu depressa.

Tôdas as tardes, a cotia ia conversar com um macaco, até à boca da noite. Um dia, o filho de Capiríçuli os viu e flechou a cotia; esta fugiu e o macaco ficou ferido. Então, a cotia foi ter com Capiríçuli e lhe disse:

— Tu me mandaste comer na roça do teu filho, mas lá não vou mais; êle me quer matar e já conhece a minha casa.

Capiríçuli respondeu:

— Deverás sempre estar em um buraco e comer ainda na roça de meu filho; se não quiseres fazer isso, hei de castigar-te

O filho de Capiríçuli ficou também muito aborrecido e foi falar com seu pai, assim.

— Meu pai, tu me castigaste muito: agora, basta. Quero descançar.

— Descança, meu filho, mas a cotia comerá menos na tua roça. Assim eu quero.

Muito tempo depois, houve uma grande festa entre os animais, e a cotia quis ir à festa levando a mala dos enfeites. Pelo caminho encontrou o filho de Capiríçuli. Querendo matá-la, correu atrás dela. A cutia, quando já estava cançada, entrou num buraco, deixando fora a sua acangatara. A gente que sobe o rio Papuri pode ver, ainda hoje, a mala da cutia, perto do buraco onde entrou.

A mala virou pedra.

MARICAUSSÚ BUIA

(Fato verídico)

Descendo pelas solitárias e alagadiças margens do rio Içana, um cubeu (a tribu dos cubéus habita o alto Içana, em território colombiano) foi surpreendido por uma enorme sucuriju que, preguiçosamente, se movimentava à tona dágua.

Sem perder tempo, o índio se preparou para o ataque e, num instante, retesou as cordas do arco, e certeira flecha feriu mortalmente o colossal ofídio.

Com o auxílio de um gancho, a custo, a sucuriju foi arrastada para terra, semimorta pelo indígena, que tivera talvez o intuito de tirar-lhe a pele rara para preparar o *mucaem*, que depois poderia vender aos brancos, como se fôsse jacaré moqueado. É costume muito comum, nessas paragens, fazer passar gato por lebre.

Um fenômeno esquisito, porém, chamou logo a atenção do selvagem: a enorme barriga que tinha a cobra. Sua curiosidade não o fêz esperar. Imediatamente, armado de um quicé (faca), tentou descobrir o segrêdo da enorme barriga. Jeitosamente, deslizou sôbre o ventre do animal o gume do afiado instrumento. Súbito, afasta-se assustado: ao romper-se a última membrana, aparece no interior do ventre da sucuriju a figura cadavérica de um homem. Tímido, novamente se aproximou, devagar, daquele monstro, e, com cuidado, rasgou por completo o estômago do animal, donde se despegou um amarrotado e pegajoso corpo de homem, ainda em perfeito estado de conservação. Uma espontânea exclamação saiu da bôca do índio: — *Matiara!* — E, sem perder tempo, com o próprio remo, cavou na margem do rio uma rasa sepultura, para onde rolou os corpos da sucuriju e do infeliz desconhecido

Sem um "descansa em paz", ali está desconhecida, nas margens do Içana solitário, a sepultura daquela pobre vítima da sucuriju e da superstição indígena.

Lentamente, a canôa do cubeu, novamente desliza por sôbre as águas pretas do rio, em demanda da taba. Vai satisfeito, pois sepultou um malfeitor da sua raça...

MATIARA É O QUE SE EMPREGA NA PRATICA DO MATÍ (1)

Matí, na interpretação indígena, é um homem mau, que, altas horas da noite, se transforma em um fantasma qualquer, com o intuito de fazer mal aos homens. Outros acreditam que Matí são feiticeiros e pagés, que vão de um lugar para outro exercer vinganças; e outros, ainda, dizem que *Matí* é um velho ou uma velha de uma só perna, que anda aos pulos.

Quando, por exemplo, numa povoação, aparece alguma epidemia, dizem que foi o *Matí* que veio, durante a noite, e deixou veneno no pôrto, nas canoas ou nas praias. Quando uma roça não produz, é a influência do *Matí*, que causa o mau resultado. Quando os índios de viagem, têm de passar a noite em alguma praia e nela encontram algum sinal esquisito, não ficam alí e preferem dormir no mato a fazê-lo em tal praia, pois dizem logo que por alí passou o *Matí*, que certamente terá deixado veneno enterrado na praia.

Quando a sucuriju enguliu o homem, dizia o Cubeu, estava colocando veneno na praia, "para fazer mal à gente".

Se numa casa ficam doentes várias pessoas, logo tratam de mudar de lugar, por julgarem que alí existe veneno colocado pelo *Matí*.

Matí eqüivale ao lobis-homem, tão temido pelos sertanistas do interior dos Estados.

---

(1) O relato do **Maricauaçú Buia** e do **Matiara**, e as quatro lendas seguintes foram colecionadas entre os caboclos do rio Negro pelo Sr. Teutônio Ferreira, agrônomo da Escola Agrícola de São Gabriel.

LENDA SÔBRE AS ESTRÊLAS "TRÊS MARIAS"

Segundo a lenda indígena, *Araraparí-Paia* é o nome que dão ao grupo de três estrêlas, que vulgarmente chamamos de "Três Marias". Perto dessas estrêlas, há um aglomerado de estrêlas, a que dão o nome de *Ciucí-Raira* (Filho).

Do lado oposto ao Araraparí-Paia, há um outro aglomerado maior de estrêlas, chamado *Ciucí-Paia* (Pai).

Perto de Ciucí-Paia, há outro grupo menor de três estrêlas, chamado *Araraparí-Raira.* A história do Araraparí-Paia e -Raira (pai e filho), bem como do Ciucí-Paia e -Raira (pai e filho), é a seguinte:

Certa vez, Araraparí-Paia (pai) passou perto de Ciucí-Paia, sem que êste o percebesse, e lhe roubou o filho, Ciucí-Raira. Quando Ciucí-Paia deu pela falta do filho e soube que êste fôra roubado pelo Araraparí-Paia, zangou-se muito e jurou vingar-se.

Noutra ocasião, Ciucí-Paia encontrou Araraparí-Raira, e o raptou, levando-o consigo. Desde então, ficaram inimigos e nunca se restituiram os respectivos filhos. Por isso é que, onde está Araraparí-Paia, está Ciucí-Raira, ao mesmo tempo que Ciucí-Paia conserva sempre Araraparí-Raira junto de si, tendo-o roubado a Araraparí-Paia por vingança.

O BUIAUAÇÚ

Dizem os indígenas que no céu há uma grande cobra, formada por diversas estrêlas, à qual denominam *Buiauaçú.*

Em certa época do ano, quando caem as maiores chuvas, cai também a Buiauaçú que procura logo o leito dos rios, subindo-lhes até as cabeceiras. Devido ao grande volume do seu corpo, o rio enche até transbordar. Nessa passagem pelos leitos dos rios, a Buiauaçú vai engulindo os peixes que encontra e, quando volta, vomita-os todos. Essa é a causa da falta de peixes por ocasião das grandes enchentes ou do Buiauaçú.

PATRONA DE MACACO

Nas margens dos rios, existe uma fruta chamada "Patrona de Macaco" e que, quando amadurece cai. Como é muito apetecida pelos peixes, êstes comem tôdas as que encontram dentro d'água.

Logo que chega ao estômago, a fruta cresce e de tal forma aumenta que êste chega a sair pela bôca do peixe.

Assim, com o estômago fora da bôca por algum tempo, os peixes ficam impossibilitados de comer. Por isso, enquanto o estômago não volta para dentro, os peixes não podem morder o anzol. Essa é a causa, dizem, pela qual, em certas épocas, se torna impraticável a pesca com o anzol.

A PIRANHA

A causa da abundância de piranhas, em certos trechos dos rios, é assim explicada pelos indígenas:

Há no céu um grupo de estrêlas com forma de peixe: é a Piranha. De vez em quando, ela cai nos rios e, no lugar onde cai, costuma pôr muitos ovos. Pouco tempo depois, todo o lugar onde a Piranha pôs os ovos fica repleto de piranhas.

LENDA DOS ÍNDIOS PIRATAPUIAS SÔBRE A ORIGEM DAS TRÍBUS TUCANA, DESSANA, ARAPAÇO E PIRATAPUIA

Há muitíssimos anos, Deus subiu o rio Negro e entrou no Uaupés, com uma grande canoa cheia de peixes e aves. Quando chegou à ilha do Jacaré (Ióaçon nukqueno), que dista uns 150 kms. da foz, encostou a canoa a uma grande pedra, onde ainda se lhe vê a marca. Depois, tirou os peixes que levava e, com o seu poder, transformou-os em homens, e assim apareceram os *Uaicana* ou *Piratapuias* (Índios de Peixes). Depois, apanhou as aves e fêz os *Tucanos* ou *Dakcéia*, os *Arapaços* ou *Coné* (Picapaus) e os *Dessanos* ou *Uiina* (Filhos do Trovão).

Antes de dividí-los, Deus pôs em terra, a certa distância, uma velha espingarda, dizendo-lhes que o primeiro que a pegasse ficaria mais perto dos brancos e os outros deviam subir mais o rio. Em seguida, deu o sinal. Todos correram, mas um Dessana foi mais esperto e a pegou primeiro. Por isso, muitos Dessanos estabeleceram-se abaixo da Ilha do Jacaré, perto dos brancos, e outros no rio Negro, até à foz do Curicuriarí.

Depois, Deus continuou a viagem até à grande cachoeira do Ipanuré, onde colocou numa grande pedra a semente dos outros índios, que vivem no Uaupés e afluentes.

CURUPIRA

Curupira, palavra da língua geral, é a mãe do mato, o gênio maléfico que vive na floresta e que pode ser fatal aos que, por acaso, o encontrem. Dizem os indígenas que tem figura de homem, com dois metros de altura, muito peluda, um ôlho na frente e outro atrás, além da particularidade de ter os pés virados para trás e com mais de meio metro de comprimento. Dizem que vive na cabeceira dos igarapés, comendo caranguejos.

Se uma pessoa entra em um igarapé onde esteja o Curupira, e o vento sopra para cima, o Curupira, percebendo pelo cheiro que há gente, vai logo ao encontro dessa pessoa, pega-a, fura-lhe a cabeça e chupa-lhe o sangue.

Se, percebendo por algum barulho que no igarapé há Curupira, a gente tenta fugir, o Curupira urina por cima da mata e basta que uma gota caia sôbre a pessoa para matá-la imediatamente.

Daí o medo pavoroso que todo índio tem do Curupira. Quando a gente viaja e faz comida à beira do rio, deve prestar muita atenção para que a panela, em fervura, não entorne; porque, se isso acontecer, pode vir o Curupira.

No rio Tiquié, há um igarapé chamado Curupira. Dizem os índios que, na cabeceira dêsse igarapé, há uma grande casa de Curupira, e que vivem lá muitos dêles. Nesse igarapé, ninguem tem coragem de entrar, e quem passa perto da foz caminha o mais depressa possível.

Há velhos que dizem ter visto o Curupira e que só puderam fugir porque o vento soprava em sentido contrário, de modo que o Curupira não os viu. Dizem que estava à beira do Igarapé com as mãos enterradas no barro, buscando caranguejos. Mal o viram, tiveram tanto mêdo que ficaram de corpo mole como um abacate podre.

Dizem que o Curupira nunca vem à beira de rio grande, só aparecendo nos riachos. Explicam isso do modo seguinte:

Um pescador valente e destemido estava uma noite, pescando à beira de um rio grande, com *turí* (facho) aceso, quando viu, mais acima, na mesma margem, o Curupira a pescar também com *turí*. O pescador apagou o facho, escondeu a canoa e entrou na água, ficando-lhe só a cabeça de fora.

O Curupira vinha baixando e iluminando a beira do rio, para procurar peixes. Quando chegou perto do pescador, alumiou-lhe a cabeça e gritou logo:

— Oh! que bicho é êsse?

— *Uekque pakcó* (mãe da anta) — respondeu o pescador.

O Curupira, assustadíssimo, fugiu mata a dentro, gritando:

— *Uekque pakcó! uekque pakcó* (Mãe da anta! mãe da anta!).

OS MACÚS DO CAUABORÍ OU CABURÍ, AFLUENTE DO RIO NEGRO

Na margem esquerda do rio Negro, município de São Gabriel, desde Santa Isabel até quase à fronteira de Cucuí, anda pela mata virgem uma tribu de índios bárbaros e selvagens, chamados Macus pelos caboclos e brancos, talvez por terem *habitado* no centro da floresta. Parece-me que foi em 1925 que esses índios atacaram pela primeira vez os trabalhadores ocupados na extração da balata, no alto Caburí, e os obrigaram a se retirarem deixando diversas vítimas.

Os balateiros tornaram mais tarde ao trabalho, bem armados e preparados para repelir qualquer ataque dos ferozes índios; mas, nada conseguiram. As incursões se repetiam continuamente , não só no interior da mata, mas até à beira do rio Negro, onde os índios queimaram casas, flecharam gado e trucidaram indefesos moradores, obrigando todos os outros a trasladarem suas moradas para a margem direita.

Perto de Marabitana, no alto rio Negro, em 1934, esses Macus atacaram de surprêsa um caboclo venezuelano que trabalhava na roça com a filha. Embora ferido conseguiu fugir. A jovem, porém, foi capturada pelos índios, que a levaram mata a dentro, e até hoje (1943) ninguem sabe do seu paradeiro. Essa moça fôra educada na missão de Taracuá, pois sua mãe era uma índia tucana do Tiquié.

Uns cablocos do baixo rio Negro, cansados de tantos ataques traiçoeiros dêsses índios, pois flechavam até os pescadores que se avizinhavam da margem esquerda, armaram-se de rifles e fizeram uma incursão contra os Macus, atacando-os de improviso e obrigando-os a se retirarem precipitadamente. Na fuga, abandonaram êles três crianças, que os caboclos carregaram como troféu de vitória. Pensavam com tal medida, ter afastado para sempre êsses selvagens: sucedeu o contrário. Os índios fizeram-se mais atrevidos e já de-

ram provas de que estão sempre à espreita para tirarem vingança.

Os encarregados do S.P.I., com base na ilha do Arutí, na foz do Caburí, com o fim de atrair êsses índios e amansá-los, largaram em diversos lugares por onde costumavam passar, alguns presentes de roupa, facas, espelhos, missangas, etc. Os Macus, porém, em lugar de os levarem, deixaram outros para os brancos, isto é, cacetes, como para dizer que só por êsse meio entrarão em relações com os brancos. Isso teria sucedido em 1942, segundo me disse o encarregado do Posto.

Os poucos leitores que aturaram com paciência a leitura destas notas sôbre os selvículas do Uaupés hão de ler com prazer a seguinte narrativa, que d. Luciana Venceslau Cândido, capturada imprevistamente por êsses bárbaros índios, fêz ao missionário salesiano Pe. José Leão, em língua geral ou nheengatu, por êle vertida em português (Missão Salesiana de Santa Isabel, em 7 de novembro de 1942):

"Foi no ano de 1927, quando eu, juntamente com meu espôso Feliciando Cândido e outros nossos parentes, trabalhávamos na extração da balata, no rio Maia, afluente do Caburí, fomos assaltados pelos índios selvagens Macus. Caiu primeira vítima das flechas envenenadas o meu sobrinho, João Cândido de Oliveira, o qual, tendo-se arrastado por uns 200 metros de distância, foi morto a cacetadas. Fugí espavorida atrás do meu marido e dos meus parentes com meu filhinho de dois anos, Franquelino, segurando outro de cinco anos nas minhas mãos, quando os Macus, seguindo em nosso encalço, atirando atrás de nós as suas flechas mortíferas, uma das quais, raspando o meu corpo, atingiu o meu filhinho em pleno peito, o qual, sem dar um grito, morreu nos meus braços. enquanto gritava e chorava desesperadamente, os índios me cercaram e fizeram prisioneira juntamente com o meu filhinho. Obrigaram-me a caminhar durante seis dias pela mata, até à cabeceira do rio Maia. Após essa longa viagem, que me deixou extenuada, chegámos à própria habitação dos Macus. Não constava de uma maloca ou casa comum, como entre os outros índios, mas de um conjunto de quase cem casebres, independentes uns dos outros, cobertos com fôlhas de *Ubi*. As casas formavam um quadrilátero, deixando no meio uma ampla praça de cem por duzentos metros, mais ou menos.

"Grande foi a minha maravilha encontrando lá tanta gente; excluindo mulheres e crianças, contei uns 300 homens, de ombros largos, de compleições fortes e robustas, tendo

uma altura média de um metro e sessenta e cinco. A côr dos Macus, em comparação com as das outras tríbus, é mais clara, motivada talvez por viverem sempre nas sombras das florestas e quase nunca expostos aos raios causticantes do sol tropical. Os homens raspam os cabelos, deixando apenas uma pequena parte circular, pintando essa grande coroa de vermelho, côr extraida da planta de *Urucu*. Não usam traje de espécie alguma; tanto os homens como as mulheres andam completamente despidos, representando ainda o ínfimo grau de selvajeria. Como pude constatar pelas freqüentes visitas, deve haver outras povoações indigenas mais numerosas, no centro da mata, espalhadas entre o Brasil e a Venezuela. Entre êsses Macus, não existe a poligamia; encontra-se prole muito numerosa e, ao mesmo tempo, também pessoas de idade muito avançada, expoente de resistência e saúde.

"Apesar da minha convivência de três meses entre êles, não me foi possivel distinguir um chefe superior da tribo, parecendo que talvez não exista, tendo cada casa ou tapirí seu próprio chefe de família.

"Ao primeiro aparecer da aurora, todos se levantam, indo juntos ao banho no próximo rio, tomando, em lugar de mingau, simplesmente água. Os homens, apenas clareou o dia, depois de se terem pintado fantásticamente, vão todos para a caça de pacas, tapiíras, macacos, tapurus, etc., sustento principal dêsses selvagens. Apenas chegados à casa, lançam o animal inteiro com couro, pelos e ossos dentro de uma panela, ou melhor "tacho", que provávelmente foi furtado aos brancos em alguma incursão. Por longo tempo, sem tempêro e sem sal, cozinha-se a caça até ficar reduzida a um caldo grosso e espêsso, que o chefe distribui aos membros de sua própria família.

"Os Macus não plantam mandioca, mas sómente macaxeira, milho e bananeiras. Cozinham o milho como nós o feijão, porém sem tempêro algum.

"A propriedade é, entre êles, sumamente respeitada, aplicando-se aos transgressores, embora, ao nosso parecer, em matéria leve, a pena de morte; pelo contrário, em relação aos brancos civilizados, tidos por êles como inimigos implacáveis, o furto é virtude e patriotismo. Apesar de fazer parte dos mesmos, não me maltrataram a mim e tão pouco o meu pequeno Franquelino, concedendo-nos sempre comida e caça abundantes.

"Um dia, aproveitando a ótima ocasião em que todos os homens foram à caça e as mulheres para as plantações de macaxeiras, fugí da povoação dos selvagens, tomando a direção oeste, e cheguei, embora extenuada de fôrças e arripiada de mêdo, depois de uma semana de viagem pela mata e pelo rio Maia, ao Caburí, onde encontrei ainda, enquanto os demais já tinham todos fugido, um morador de nome Gregório Olava, que me tratou carinhosamente, juntamente com o meu filhinho, dando-nos embarcação para podermos continuar a viagem, até encontrar os nossos queridos da família, que ficaram fora de sí de alegria e contentamento".

À MARGEM DE UM ESCRITO DE STRADELLI

Lendo a publicação do conde Ermanno Stradelli, L'Uaupés e Gli Uaupés, encontrei afirmações fantasiosas a respeito dos índios. É verdade que Stradelli percorreu o rio Uaupés por três vezes. Para melhor conhecer os índios deixou-se pintar com o vermelho do *carairu (carairu* ou *carajuru, Bignonia chica*) e dansou convictamente no meio da indiada, bebendo repetidas cuias de capí entontecedor. Fêz muitas observações, mas entendia-se com os índios tão sómente pela língua geral ou nheengatu.

Falando do rio Tiquié, diz Stradelli:

"Uma rêde de caminhos liga as malocas que existem à beira do rio, de modo que, sem precisar de embarcação, os índios estão em comunicação entre si; e eu nunca cheguei a uma maloca sem que os habitantes não tivessem sido prevenidos, e, às vezes, era impossível que alguém tivesse ido por água mais depressa do que eu, que viajava em uma ubá impelida por sete remeiros vigorosos."

Na maior parte do percurso do Tiquié, em território brasileiro, isto é, até Tucano Cachoeira, não há nenhum caminho pela mata, mas sim muitos *Iuktí* (em tucano) ou Paraná-mirí (em nheengatu) isto é, canais ou braços do rio. Êsses *iuktí*, às vêzes encurtam a viagem de muitas horas, como eu mesmo experimentei mais de uma vez subindo o rio de motor; encontrava, às oito horas da manhã, uns índios que subiam em canoa, passava por êles e, de tarde, tornava a encontrar os mesmos mais adiante. Muitos dêsses braços são irreconhecíveis, especialmente se o rio está na cheia; só os que viajaram durante muito tempo os conhecem. A viagem regular, desde a foz até Parí-Cachoeira, dura, em média, de doze a catorze dias, como eu mesmo a fiz; porém em companhia de um velho Tucano que conhecia os canais, fiz a mesma em nove dias. No alto Tiquié, há muitos caminhos pela mata, mas freqüentados quase exclusivamente pelos índios Macus.

Diz Stradeli que tanto no Uaupés como no seu afluente Papurí, aparecem vestígios de *campinas*. Tenho percorrido o Uaupés e o Papurí muitas vêzes, desde 1926 até 1943, e nunca encontrei vestígios de campinas, mas simplesmente capoeiras, *viácaro*, como dizem os índios, isto é, lugar onde, derrubada a mata, foi plantada a mandioca, colhida e abandonada. Essas capoeiras duram poucos anos, pois se confundem logo com a mata, pela exuberância da vegetação.

Em outra parte, diz Stradelli que "as mulheres andam completamente nuas e a tanga usam-na pouco e sómente na dansa".

Tal afirmação de Stradelli, muito aceita ao tempo em que escrevia, é especiosa. Os velhos que conheceram Stradelli disseram-me que é uma grande mentira e que, quando as mulheres não tinham fazenda, usavam uma sub-casca da árvore *uakçoro*, a mesma que usam os homens para cobrir as partes pudendas. Em 1927, fiz uma viagem de quase dois meses: subí o rio Tiquié até Parí-Cachoeira, e dali, embrenhando-me pela mata a dentro, alcancei o Papurí e descí o mesmo até a sua foz em Iauareté. Arranjada nova tripulação com o tuchaua dos Tarianos, subí o Uaupés até perto do Querarí, entre os índios Uananas e Cubéuas. Entrando novamente pela mata, cheguei ao Aiarí, afluente do Issana, entre os Siosi-tapuias e Baniuas, que me levaram até ao rio Negro, ou melhor, até à nossa residência em São Gabriel. Visitei, naquela viagem, 104 malocas de tôdas as tríbus existentes nessa imensa região; a maior parte das vêzes, cheguei inopinadamente no meio dêles, mas nunca encontrei, nem entre os Macus do centro da mata, uma só mulher que não tivesse ao menos um pedaço de saia velha e, à falta desta, uma entrecasca que a cobria perfeitamente, desde a cintura até ao joelho. Uma dessas saias primitivas eu mesmo a consegui trocando-a por outra de fazenda, para levá-la à casa central da nossa missão.

Dis mais Stradelli que, "lá, onde a civilização ainda não chegou, a mulher tira a roupa do branco para ver se é homem como os outros, e arranca-lhe os cabelos das pernas, para averiguar se são pegados à pele ou fingidos". Outra afirmação falsa. A mulher indígena é tímida demais para fazer tais coisas ao branco que chega entre elas pela primeira vez. Para o índio, o *pekcace* (branco) é sempre mau, tirânico e enganador, indo ter com êles somente por interêsse.

Stradelli, porém, para não ser tachado de exagerado, salvou-se dizendo:

"Qualquer que chegue ao rio Uaupés, encontra quase todos os habitantes vestidos, porque, logo que percebem a chegada do branco, correm a cobrir a nudez. O vestido, porém, para êles, é só uma ornamentação da qual fazem ostentação diante daqueles que os ensinaram a vestí-lo, mas que abandonam logo que o branco se retirou".

Se assim é, como se explica que todos os índios façam tantos sacrifícios para ter uma roupa, mesmo aquêles que moram em lugares muito afastados, aonde nunca chega o branco?

Mais uma observação sôbre o pretenso costume de o indígena do Uaupés calcinar e reduzir a pó os ossos de seus mortos e absorvê-lo misturado com o caxirí.

Antes de tudo, o indígena tem horror a mexer com os mortos, como constatámos nas duas ocasiões em que tivemos de trasladar o cemitério da missão. Nem um só índio ousou tocar os esqueletos, mesmo com promessas de boa recompensa. Uma velha, vendo tirar os ossos de seu antepassado, pôs-se a chorar como no entêrro, sem derramar lágrimas.

É verdade que os índios do Uaupés faziam a cerimônia indicada acima, mas raras vêzes por vingança e só quando se tratava de um inimigo enterrado na vizinhança. O fato que Stradelli presenciou em Taracuá confirma o que digo:

"Morrera um velho Piratapuia e, mêses depois, desenterraram-lhe o corpo, limparam o esqueleto, tornaram-no em pó e êste reunido ao *capi* foi bebido ao som da música, numa solenidade de que apenas os homens tinham o direito de participar..."

Em Taracuá, nunca habitaram Piratapuias, mas sim Tucanos, que fizeram tal cerimônia por vingança, pois ainda agora notamos desacordos entre os Tucanos de Taracuá e os Piratapuias que habitam algumas horas mais acima.

Fiz essas observações exclusivamente para restabelecer a verdade.

O marco assinala nossas fronteiras com a Colômbia, próximo à Missão de Iauareté Cachoeira, onde os pequenos filhos das selvas aprendem a conhecer, amar e erguer bem alto o símbolo da Pátria.

O RIO UAUPÉS NA ATUALIDADE

Antes de encerrar estas notas, quero acrescentar que, atualmente, o rio Uaupés já está bem longe do que tenho descrito. Há 20 anos que os Salesianos entraram nesse rio, para implantar a moralidade, pregar o respeito e obediência às leis do país e da igreja, e, sobretudo, levar aos filhos das nossas florestas a luz da fé e da civilização. Dom Bosco recomendou aos seus primeiros missionários:

"Ocupai-vos primeiro das crianças, e ganhareis depois os adultos".

O sistema educativo do nosso grande Pai deu também, entre os selvícolas, ótimo resultado, porque se apoia nas palavras de S. Paulo: "A caridade é paciente, é benigna... tudo sofre, tudo espera e suporta qualquer incomodidade..."

Aberta a primeira residência de Taracuá, em uma barraca de fôlhas feita pelos índios, os missionários trataram logo de recolher os meninos. A maior dificuldade era a língua indígena, que os missionários ignoravam e não tinham livros ou mestres com quem a aprendessem. Só o tuchaua do lugar sabia um pouco de português e fazia o papel de intérprete.

Os meninos, crescidos na maior liberdade, só entravam na missão quando queriam, pois os pais, nesse ponto, eram, como estranhos: não os aconselhavam a se educarem. Começar com um externato teria sido quase inútil, pois o contacto diário com as superstições e orgias do ambiente onde haviam nascido e crescido teria com certeza destruido a nossa obra. Eis porque o nosso ativíssimo prelado Dom Massa mandou abrir o internato, apesar das vultosas despesas que teria de fazer para dar gratuitamente aos pequenos selvícolas a roupa e a alimentação. Foi preciso ganharmos a confiança e o amor dos pequenos para convidá-los a entrar definitivamente na missão.

O indiozinho, desconfiado por natureza antes de entrar, passava dias e dias observando o missionário e girando por todos os cantinhos da missão até convencer-se das boas intenções do Pai. Só depois disso, aceitava o convite. Vestia en-

tão a primeira calça (pois andava completamente nu) e fazia parte da nova família. Mas, quanto trabalho e quanta paciência foram necessários para formar o ambiente de estudo, trabalho e piedade! Quantas vêzes, ao acordar de madrugada, o missionário encontrava diversas rêdes vazias, porque os alunos tinham fugido para a maloca, a fim de tomar o mingau ou comer quinhapira. O mesmo se diga dos trabalhos agrícolas e do estudo. Mas, a caridade tudo vence, tudo espera e tudo suporta.

Deixando de lado tudo que podia parecer rigor ou constrangimento, os missionários salesianos, usando só de muita familiaridade e constante alegria, lograram que os pequenos filhos da selva, sem o perceberem, entrassem em um perfeito regime de disciplina e trabalho, como em qualquer outro estabelecimento de ensino. Em 1929, cinco anos depois de aberta a missão, trinta alunos de Taracuá, a convite do diretor do Colégio Dom Bosco, o inesquecível e bondoso Pe. Pedro Ghislandi, foram a Manaus, a fim de abrilhantar as festas da beatificação de Dom Bosco. Na presença de tôdas as autoridades civís, eclesiásticas e militares, além de milhares de espectadores, os indiozinhos puros exibiram-se em um grande teatro, com discursos em língua tucana e tradução portuguêsa, cantos patrióticos, declamações à bandeira e ginástica, conseguindo aplausos estrondosos. O Dr. Álvaro B. Maia, atualmente D.D. Senador Federal, pronunciou, na ocasião, eloqüente peça oratória, exaltando a obra patriótica dos Salesianos, felicitando os pequenos selvícolas pelo progresso alcançado e animando-os a completarem sua formação, a fim de entrarem no convívio da grande Pátria Brasileira.

Aberta, em 1930, a nova missão de Iauareté, em frente à Alfândega Colombiana, teve ela entre os índios Tarianos, um desenvolvimento assombroso, pelo auxílio que deram os ex-alunos da missão de Taracuá e pelo conhecimento que os missionários já tinham da língua indígena. A matrícula atual dessa escola é de 280 crianças de ambos os sexos, pertencentes a sete tríbus diversas, internadas nos dois estabelecimentos: o dos Salesianos e o das Filhas de Maria Auxiliadora. Estas, desde o início das missões, no rio Uaupés, vivem e se sacrificam pela educação e elevação moral da mulher indígena.

Nos internatos, os selvícolas aprendem a ler, a escrever e a falar a língua nacional, e se educam profissionalmente nas escolas de agricultura, oficinas de carpintaria, alfaiataria e olaria. Os mais inteligentes aprendem as primeiras noções de mecânica e o manejo de motores.

Após cinco ou seis anos de formação moral, profissional e cívica, voltam a viver entre os parentes, mas com idéias novas, tendo-se tornado ótimos elementos de progresso moral e material. Foi com o auxílio dêsses ex-alunos que os missionários conseguiram que os velhos abandonassem as malocas, fontes de imoralidade e preguiça, para construir cada família a sua própria habitação. Surgiram, assim, nas margens do Uaupés, e dos seus afluentes, o rio Tiquié, e o Papurí, uns 60 povoados, bem asseados, e umas 15 capelas, onde, todos os domingos e dias santos, os nossos selvícolas elevam preces a Deus em língua portuguêsa, guiados por um ex-aluno. A nova geração dêsses índios aprende não sómente a amar e servir a Deus, mas também a conhecer a amar a pátria, o Brasil, alternando os cantos religiosos com os cantos patrióticos. Todos os domingos, após a missa do povo, nossos alunos e alunas, ladeados por centenas de patrícios, elevam suas vozes argentinas, acompanhados pelo roncar das cachoeiras, para cantar o Hino Nacional, enquanto, lenta e solenemente, se desfralda o auriverde pendão da Pátria naquele último rincão do imenso Brasil.

Dom Frederico Costa, Bispo de Manaus, visitou demoradamente o Uaupés, em 1908, com o intuito, diz êle, de conhecer e ver o que é possível fazer em benefício dêsse pedaço importantíssimo do território pátrio. Levantando sua voz de bispo e brasileiro contra os abusos inqualificaveis e perniciosos de negociantes exploradores e gananciosos e sem probidade, deixou escritas as seguintes palavras, brotadas de um coração ardente de amor a Deus e à Pátria:

"Será utopia qualquer tentativa que se faça em favor de uma zona tão vasta? Fosse embora utopia, é dever urgente trabalhar para o engrandecimento material e moral das terras brasileiras, banhadas pelos rios Negro, Içana e Uaupés, onde tantos cidadãos brasileiros estão lutando pela vida e tantas almas abandonadas estão pedindo a luz da civilização. Pois bem, a Igreja saberá cumprir o seu dever. Novos apóstolos partirão para os rios Negro e Uaupés, seguirão nossas pisadas, farão o que fizemos e dedicarão tôdas as suas energias em prol da Religião que professamos e da Pátria querida a que pertencemos; trabalharão para salvar as almas e, ao mesmo tempo, envidarão todos os esforços para elevar o nível intelectual dos nossos selvícolas...

O zeloso bispo foi profeta: os filhos de Dom Bosco estão realizando seus ardentes desejos.

QUADRO COMPATIVO DOS DIVERSOS DIALETOS FALADOS NO RIO UAUPÉS E AFLUENTES

Português	Nheengatú	Tucano	Dessano	Piratapuia
1 — **Cabeça**	**Acanga**	**Dikpoá**	**Dikpuru**	**Dakpú**
2 — Cabelo	Aua	Poali	Pooli	Poali
3 — Olhos	Cecá	Cakperi	Cuirú	Cakpeá
4 — Orelhas	Nambí	Eméperi	Ngamino	Camonó
5 — Nariz	Tin	Equea	ínguino	Equea
6 — Bôca	Iurú	Ukcero	Dikciro	Dikcedo
7 — Peito	Putiá	Cuktiro	Corétibi	Cuktido
8 — Coração	Piá	Héripona	Siípona	Héripona
9 — Pele	Pirera	Cakcero	Gakciro	Cacedó
10 — Osso	Can-uera	Ouáni	Ngoáni	Coáni
11 — Mão	Pú	Amupa	Mohoto	Amucá
12 — Pai	Paia	Pakque	Aê	Maí
13 — Mãe	Manha ou Cy	Pakcó	Meó	I-iá
14 — Filho	Raira	Makque	Mague	Makque
15 — Filha	Embira	Makcó	Mango	Makcón
16 — Filhos	Embiraitá	Poná	Ieépona	Ieeponá
17 — Netos	Chimiarirú	Panamena	Iepanamí	Panamino
18 — Irmão	Imú	Mamí (irmão maior)	Gamoni	Uanú
19 — Avó	Arya	Nhekque	Iekque	Iekque
20 — Avô	Ariá	Nhekcó	Iekcó	Iekcó
21 — Velho	Tuiné	Bukque	Aê	Maíquiro
22 — Moço	Curumíassu	Mame	Mame	Mame
23 — Homem	Apigáua	Makce ou Umê	Umêgue	Umeno
24 — Mulher	Cunhã	Numió	Noméo	Numinó

	Uanana	Cubéua	Macú	Tariano	Baníua
1 —	Dakpu	Hipope	Nu	Ividá	Hívida
2 —	Poali	Poolá	Pant	Uatciale	Hividécipa
3 —	Calpali	Iacorí	Cáuen	Uatidape	Liti
4 —	Camono	Camuca	Botó	Ueheni	Chéeni
5 —	Queenó	Ueca	Ton	Uatacu	Lítacu
6 —	Dekcero	Uhécamu	Nocón	Uanoma	Linuma
7 —	Cuktiro	Nhaanêba	Àuetar	Uacuda	Licuda
8 —	Héripona	Homéde	Auegue	Uácale	Lícaue
9 —	Cakcaro	Cahé	Têbok	Liía	Lía
10 —	Coani	Pureanabo	Têquên	Uapipe	Líapi
11 —	Uamúmaca	Bere	Depú	Uacapi	Licáapi
12 —	Pakquiro	Paqué	Ié	Uaniri	Híniri
13 —	Pakcoró	Ipacó	Nhá	Hádoa	Hídua
14 —	Makqueno	Imaque	Ten	Liiri	Liri
15 —	Makcono	Imaco	Ton	Loito	Litu
16 —	Pohoná	Iirébahu	Ten	Ieenipe	Liínipe
17 —	Panámana	Ipánamena	Tentén	Nondáquena	Lidaquéri
18 —	Uamino	Iioque	Ó	Nopéga	Líqueta
19 —	Bekcoro	Bukquegue	Uú	Uauériri	Lité
20 —	Nhoncó	Bukqueco	Hô	Ihidoa	Lmuaca
21 —	Bukquero	Bukqueque	U	Pedálio	Pequiri
22 —	Uamêno	Ihéroinque	Peçaú	Ualíquiri	Uahipali
23 —	Makceno	Emúa	Hup	Ináique	Atia
24 —	Numino	Noomió	Táin	Ualiquidoa	Inaru

	Português	Nheengatu	Tucano	Dessano	Piratapuia
25 —	Dia	Ara	Ímeco	Ume	Dekcó
26 —	Noite	Pituna	Iamica	Iamica	Iamica
27 —	Ontem	Quaicé	Canne	Canne	Canne

(1) O dialeto Baníua é falado só no rio Içana e afluentes, mas aqui o colocamos, a fim de confrontá-lo com o dialeto tariano.

28 — Ante-ontem	Amú-quaicé	Tíneme	Irine	Tíneme
29 — Sol	Coaracy	Muhipu	Abé	Akcé
30 — Lua	Yacy	Muhipu-iamica	Abébuiu	Akcémbulio
31 — Estrêla	Yacy tata	Nhokcuán	Neca	Iapícoan
32 — Nuvem	Iuaca ikiasáua	Omé-cururí	Emica-cururí	Uiinó-cururí
33 — Chuva	Amana	Ikcoro	Dekcóie	Okcodó
34 — Vento	Uitu	Uiinó	Minuié	Uinonó
35 — Fogo	Tatá	Pekcamé	Peamé	Pekcáa
36 — Lenha	Iepeá	Pekcá	Peá	Pekcá
37 — Panela	Panela	Quipute	Quipuçaro	Biáto
38 — Camocin	Camutí	Sistéue	Sírobu	Sestú
39 — Água	Y	Akcó	Dekcó	Okcó
40 — Sal	Iukira	Moá	Moá	Moá
41 — Peixe	Pirá	Uaí	Uaí	Uaí
42 — Banana	Pacuá	Ohó	Ohó	Ohó
43 — Pimenta	Quinha	Biá	Biá	Biá
44 — Mandioca	Maníua	Quií	Quí	Quie
45 — Casa	Oca	Uií	Uií	Ueê
46 — Rêde	Makira	Pungue	Pungue	Pênno
47 — Remo	Apoquitáua	Uahapi	Uahami	Uehoró
48 — Canoa	Igara	Iukquece	Gacirú	Queçoa
49 — Cuia	Cúia	Uaharo	Coani	Uahaga

Uanana	Cubéua	Macú	Tariano	Baníua
25 — Dakcio (ch. cas.)	Aráue	Uague	Ekcóapi	Hequopi
26 — Iamiciá	Nhamí	Chomb (ch. (2) cast.)	Léiquena	Déepi
27 — Canepê	Eneoá	Chan (ch. (2) cast.)	Aécu	Hécuiam
28 — Tíneme	Akpéaraue	Chamáuagan	Patece	Meiámina
29 — Seê	Aviá	Uero	Queeri	Héeri
30 — Seê iamicia	Iamícaca-aviá	Chambái-uero	Queeri-léiquena	Queri
31 — Iapício	Aviáçone	Uerométor	Uiícone	Tuié
32 — Coroturú	Okcótope	Batúk	Iiça-canape	Itámana
33 — Cooró	Ococáiue	Dê	Iía	Iíaua
34 — Uinono	Omebu	Boot	Caleru	Quáuli

35 — Pikciaca	Toabo	Tengor	Siáua	Tíie
36 — Pikoiá (ch. (2) cast.)	Pecá	Tembá	Siée	Tíie
37 — Biato	Puenhe	Bok	Siíua	Aquepa
38 — Stú	Orobe	Bodáue	Suru	Aquepide
39 — Coó	Ocó	Dê	Uuni	Uni
40 — Moá	Araque	Boó	Iuí	Iukira
41 — Uaí	Moaque	Homp	Cuúpe	Cupé
42 — Hó	Oonre	Baá	Deeri	Dézina-parana
43 — Biá	Biá	Cóu	Aaci	Aati
44 — Queê	Queênca	Queiék	Quéini	Idaita-aépeti
45 — Ueê	Querami	Moín	Panici	Pánte
46 — Pêeno	Paonque	Iágue	Ámacu	Apita
47 — Uaháiro	Hiálos	Hóimba	Ecuitá	Túive
48 — Uahaca	Acóue	Boó	Ueciá	Cúia
49 — Bekçoca	Iáoco	Hotégue	Iitá	Ita

	Português	Nheengatu	Tucano	Dessano	Piratapuia
50 —	Arco	Mirapara	Boécate	Buiríbero	Berita
51 —	Flecha	Ueyua	Boequê	Ganêgue	Canê
52 —	Tabaco	Pityma	Menó	Mono	Menó
53 —	Rio	Paraná	Diá	Diá	Diá
54 —	Riacho	Igarapé	Ma	Mague	Maá
55 —	Cachoeira	Caxieura	Púeia	Tamu	Peó
56 —	Praia	Yuycuin	Nokcúmparo	Imíparo	Padedó
57 —	Branco (côr)	Murutinga	Bukticé	Boleri	Iecéie
58 —	Preto	Tapaiuna	Nhiincé	Nhiini	Nhiinido
59 —	Verde	Iakira	Iaçacé	Iaçarí	Iaçáie
60 —	Roxo	Tuíra	Sótiro-iáçaro	Bolé	Deedo-iaçaie
61 —	Amarelo	Táuá	Eui-ueroro puni	Nhiini	Nhiinido
62 —	Vermelho	Piranga	Soancé	Diári	Soaié
63 —	Um (numero)	Iepe	Nique	Iuhugue	Nican-hidó

(2) Ch castelhano, como: **muchacho.**

64 — Dois	Mucoin	Peana	Pgena	Peádo
65 — Três	Muçapíri	Itiana	Eelena	Itiado
67 — Cinco	Iepé pu	Nicámuquena	Iumótoquena	Peiéquina
68 — Muitos	Ceíaitá	Pahaná	Mahaná	Peiéqui
69 — Veado	Suassú	Nhamá	Nhamá	Nhamá
70 — Borboleta	Panápaná	Mumonó	Póguro	Umónoa
71 — Arara	Arara	Mahá	Mahá	Mahá
72 — Árvore	Yua	Iukquegue	Iukquegue	Iukque
73 — Fôlha	Caá	Puní	Puúni	Puúni
74 — Cantar	Nheengare	Bakçacé	Báiari	Bakçáie
75 — Matar	Iucá	Uehencé	Ueheni	Uehéie

	Uanana	Cubéua	Macú	Tariano	Banîua
50	— Beénekta	Temodarabe	Quimba	Ianitiape	Iatiápoti
51	— Canéque	Témuio	Mu	Cidoána	Iatíucuta
52	— Menó	Pucí	Hunt	Ieema	Iéema
53	— Diá	Iiá	Dempón	Uni	Uni
54	— Maé	Iáhin-ie	Demetón	Nhaápo	Itáapu
55	— Póaie	Queratancue	Hu	Ihipa	Hípa
56	— Padêro	Epacu	Venguió	Quéida	Caída
57	— Buktiga	Borica	Têtoho	Haléperi	Háare
58	— Nhiía	Nheenú	Têça	Cadáperi	Hádali
59	— Iakçága	Eménicae	Têtoho	Poléperi	Hen.pete
60	— Soága	Emeno	Têçá	Poléperi	Camoin
61	— Eui-ioároça	Edúbeçae	Têpopón	Iríperi	Tuádali
62	— Quenquiro	Uinaque	Aiúp	Peepa	Páda
63	— Pearo	Pecana	Quen-hat	Iamepa	Iamanda
64	— Tiaro	Iobénquena	Mórogab	Madalipa	Madalida
65	— Piktiaiaro	Iouéqueuaio	Ibábni	Quipúnipe	Liquadáçada
67	— Queçánipe	Cuinapurupe	Aiúdepun	Peéncpai	Penpacape
68	— Paáie	Okpétiue	Dabeçáp	Manúpe	Héepi
69	— Nhamá	Nhamaco	Mohoí	Neéri	Néeri
70	— Uamóno	Tatáraco	Bebép	Mácalo	Macali
71	— Mahá	Má	Iák	Ándaru	Ádaru

72 — Iukquegue	Oqueque	Ténglu	Aícu	Linana
73 — Puúni	Iocá	Chuquét (2) (cast.)	Panape	Lípe
74 — Bakçaga	Upáiue	Nhammái	Uarápanique	Liachnétaca
75 — Uahaga	Boáie	Mem-iéi	Uainónipe	Línu
Português	**Nheengatu**	**Tucano**	**Dessano**	**Piratapuia**
76 — Morrer	Manô	Uenicé	Siniué	Ialiare
77 — Brigar	Iuaki	Amequencé	Nhamecani	Caméqueie
78 — Pescar	Pinatica	Uaí uehencé	Uaíueheni	Uaíioié
79 — Falar	Nheen	Ucuncé	Uerénini	Iaúrucuie
80 — Comer	U ou Mbaú	Baacé	Baari	Iiáie
81 — Beber	U	Sinicé	Iriri	Siníie
82 — Dormir	Kiri ou Kire	Canicé	Canini	Caníie
83 — Trabalhar	Puraky	Daracé	Momeni	Dadáie
84 — Fumar	U-pitima	Uhucé	Uhuri	Uhúie
85 — Vem cá	Iure quaquití	Atiá	Árique	Taiá
86 — Vamos	Iaçuana	Teá	Iina	Içátoemani
87 — Depressa	Cotexinga	Quero	Pombéro	Meieana
88 — Vamos trabalhar	Iaçuana iapura-qui	Teá daraná	Iina me mena	Sá-darêna
89 — Sabes tú	Requán será	Makcití mee?	Makciniméquena?	Makciarimeangu
90 — Não sei	Ixé teaquán	Makcítiça	Makcinuírica	Makciéndaga
91 — Sei	Aquán	Makcíi	Makcimpeoca	Makcimpeoca
92 — Va embora (Imp.)	Recuana	Uáia	Uaape	Uáia
93 — Eu não faço	Ixé teamunhã	Iee dareue	Iee momébea	Ie iédani
94 — Bom	Catú ou poranga	Anhú	Uaá	Quenoare
95 — Mau	Ayua ou puxí	Nhaani	Nheena	Nhaánide
Uanana	**Cubéua**	**Macú**	**Tariano**	**Baníua**
76 — Ialiaga	Auétaiaibi	Naií	Liamínipe	Muiámen
77 — Camácega	Aramatema	Um-meheín	Mandálitanipe	Linúacau
78 — Uaí-uahaga	Moábo:gue	Hompain	Ucupe-uainónipe	Licaleta
79 — Durucúa	Borótohaque	Eêdei	Uaácunipe	Caáconi
80 — Ceêga	Iníhaque	Uernéi	Iáncaci	Línhaca

81 — Siniga	Hocóanque	Engai	Pairánipe	Líraca
82 — Caniga	Cahanque	Hcoin	Uemánipe	Límaca
83 — Daraga	Coheáque	Beei	Uekpánipe	Lidechnica
84 — Uhuga	Bucunoháque	Onéi	Uemianipe	Letuetúaca
85 — Tagá	Dahaque	Nênê	Pinú	Pinú heréchen
86 — Maçá	Hánica	Amái	Uacá	Uarçáua
87 — Quero	Oápeta	Pum	Quea	Quéia
88 — Maçá darahina	Hánica memena	Amái mbeáine	Uatça-uekpani	Uarça uadechnica
89 — Makciáli	Maníquene	Ipáia ham	Pieeca-mahapiani	Piá-piachnem
90 — Makciéraga	Mahibeue	Ipan-neha	Nuúie-cacá rema	Nhã nuáchneca
91 — Makcica	Mahiue	Ipái	Nuúie-cánuca	Núa-chneni
92 — Uaálica	Naháque	Ham	Caiapiaca	Uarça péiaua
93 — Iee ioéra	Meméquene-ibéue	Bem-nehá	Maániquecu	Nhã nanaita
94 — Noaná	Meáue	Náo	Matciánoca	Matiádali
95 — Nhansinide	Meámeue	Pái	Matcímanoca	Matídali

TERCEIRA PARTE

P.e ANTÔNIO GIACONE
S. S.

PEQUENA GRAMATICA

E

DICIONARIO

DA

LÍNGUA TUCANA

MISSÃO SALESIANA
DO
RIO NEGRO-AMAZONAS

NOTA — A 1.ª edição desta Pequena Gramática saiu num pequeno volume impresso pela Papelaria Velho Lino, Manáus, Amazonas.

PEQUENA GRAMÁTICA DA LÍNGUA TUCANA

LIGEIRAS REGRAS PARA LER O TUCANO

1.º — A letra **H**, no princípio de uma palavra, ou no meio de duas vogais, é aspirada. Ex.: **héripona** — coração; **tiótohapa** — ouviram.

2.º — A letra **K**, no meio de uma palavra, é aspirada e com som duro. Ex.: **makçá** — gente; ukçá — nós.

3.º — A vogal **E**, no fim das palavras terminadas em **gue** e **pe** é muda. Ex.: **darague** — trabalhador; **daracape** — trabalhando.

4.º — Os pronomes e adjetivos possessivos **iee** — eu, meu, minha; **meo** — tu, teu, tua; **quee** — êle, seu, sua, se lêem como se fôssem mudos.

5.º — As partículas **mena** — com, pelo, etc.; **bero** — depois, e **quena** — e, também... no fim de uma palavra, não têm acento, mas êste cai sôbre a palavra que as precede. Ex.: **pakcômena** — com mamãe; **queocêmena** — pelo sinal; **José Marióquena** — José e Mario.

ACENTO

NÃO HÁ REGRAS FIXAS: Algumas palavras têm certa regularidade, outras se aprendem só com a prática. Porém, para facilitar, poremos sempre o acento quando a palavra não fôr grave.

TODOS OS VERBOS NO INFINITO TÊM ACENTO NA ÚLTIMA. Ex.: **Canicé** — dormir; **Oocé** — dar; **bacé** — nadar, etc.

Para as palavras compostas, podem seguir-se as seguintes regras:

a) — Se a palavra fôr composta de um simples sufixo, conservará o acento ordinário. Ex.: **nicano** — agora; **nicanota** — agora mesmo; **nicara** — hoje; **nicâcane** — de hoje.

b) — Se a palavra fôr composta de verbos, nomes, etc., a última palavra que entra na composição segue a regra das palavras simples; as outras levam o acento na última sílaba do radical de cada palavra em composição. Ex.: **uaá-egacé** (palavra composta dos verbos **uaacé** — "andar" e **egacé** — querer); na composição, a primeira palavra perde a desinência **cé** e o acento passa para a última sílaba do radical **uaá**, enquanto que a última palavra, **egacé**, conserva o acento. Logo, se diz: **úaá-egacé** — querer nadar; **dokque-coan-siniticé** (palavra composta de **dokquecé**, **coancé** e **siniticé**): as duas primeiras perdem a desinência **cé** e a última conserva o acento literalmente: "deitar a perder não querer", ou, como dizemos em português, "não querer deitar a perder".

ARTIGO

Na língua tucana, não há artigo; usa-se sòmente o artigo indefinido **nique** — um; **nicó** — uma e **nicá** — uma (coisa inanimada). Ex.: **nique bukque** — um velho; **nicó uakpévio** — uma viúva; **nicá uií** — uma casa; **nicá iukquece** — uma canoa.

SUBSTANTIVO — GÊNERO

A língua tucana tem três gêneros, como a língua latina: masculino, feminino e neutro. Tratando-se de pessoas, o feminino será com a final em **o**. Ex.: **pakque** — pai; **pakcó** — mãe; **mami** — irmão maior; **mamió** — irmã maior; **akcabí** — irmão menor; **akcabió** — irmã menor; **uakpévii** — viúvo; **uakpévio** — viúva; **nhekque** — vovô; **nhekcó** — vovó. Tratando-se de animais, se indicará o gênero acrescentando ao nome próprio do animal a palavra **ume** — "homem", para o masculino, e a palavra **mumió** — "mulher", para o feminino. Ex.: **cáneque ume** — galináceo-homem, ou galo; **cáneque numió** — galináceo mulher, ou galinha.

NÚMERO

Para a formação do plural, não há regras fixas. Só com o uso é que se aprende. Muitas vêzes, para indicar o gênero no plural, usa-se a palavra **umea** — homens, e **numiá** — mulhéres. Ex.: **Buktúia umea** — crianças-homens, ou "meninos"; **buktúiana numiá** — crianças mulheres, ou "meninas".

Damos, porém, algumas regras para a formação do plural.

a) — Os nomes terminados em **gue** (masculino) e **go** (feminino) formam o plural em **na** isto é, o final **gue** o **go** troca-se por **na**. Ex.: **darague** — trabalhador; **daraná** — trabalhadores; **darago** — trabalhadora, **daraná** — trabalhadoras.

SINGULAR	PLURAL
Darague — Trabalhador	**Daraná** — Trabalhadores
Darago — Trabalhadora	**Daraná** — Trabalhadoras
Buegue — Mestre	**Buená** — Mestres
Buego — Mestra	**Buená** — Mestras

b) — Os nomes terminados em **ue** formam o plural perdendo essa final. Ex.: **uaique** — peixe; **uai** — peixes; **mumiáue** — abelha, **mumiá** — abelhas.

c) Muitos nomes em **o** formam o plural em **ri** e **li**, como: **emépero** — orêlha, **eméperi** — orêlhas; **oro** — flôr, **oli** — flôres.

d) — Muitos têm o plural em **a**: **ume** — homem, **umea** — homens; **numió** — mulher, **numiá** — mulheres.

e) — Muitos nomes em **a** têm o plural em **ni** ou **ri**: **umuca** — braço, **umúcani** — braços; **cakpéa** — ôlho, **cakperi** — olhos.

f) — Os nomes terminados em **cé**, **nó**, **ro** não têm desinência do plural; êste se indica com um adjetivo indefinito de quantidade, ou com um numeral. Ex.: **dukticé** — mandamento; **pehé dukticé** — muitos mandamentos, ou **nipeticé dukticé** — todos os mandamentos; **egaró** — vontade, **pehé egaró** — muitas vontades.

CASOS E RELAÇÕES

1) — Os casos **genitivo, dativo** e **acusativo** indicam-se com o sufixo **ré, ou né,** segundo a eufonia. Ex.: dá-lo ao pai — **oóia pakqueré;** chama o pai — **pakquené pihia;** adora a Deus — **uaquené heompeóia.**

2) — Quando se trata de relação de posse, o possuidor precede sempre a coisa possuida. Ex.: a roupa do pai — **pakque sutiro;** caldo de carne — **diiró okcó** ou, abreviando as duas palavras — **diicó.**

COLOCAÇÃO DA FRASE

O complemento direto sempre precede o verbo. Ex.: "eu amo meu pai", em tucano se dirá — "Eu meu pai amo" — **Iee pakqueré maii.** Ex.: Deus manda os homens fazer o bem — Deus aos homens manda o bem fazer — **Uaque makçané duktipi anhuceré darecé.**

Nunca se pode separar o complemento do sujeito. Ex.: O bom filho ama e obedece a sua mãe — O filho bom a sua mãe ama e obedece — **Makque anhungue quee pakcoré maimi heompeópiquena.**

SUFIXOS E TERMINAÇÕES

1.º) — O sufixo **Cacé,** como final de uma palavra, indica origem. **Ex.: meenó Rio Brancocacé** — tabaco de Rio Branco. Ex.: **oktecé nukquecacé** — planta silvestre.

Cancé é um verbo que indica presença, atualidade, ação, perduração. **E.: ímeco** — dia, **imecocancé** — que é do dia; **iamica** — noite, **iamicangue muhipu** — que é da noite, o astro, a lua; **nukque** — mato; **cangue** — o que está; **nukquecangue** — o que está no mato; **duhicé** — sentar, **duhicancé** — estar sentado, **duhícana** — os que estão sentados; **dekcó** — meio, **dekcocancé** — estar no meio.

Tucé quer dizer — pôr fortemente uma coisa. Ex.: **Paacé** — bater, **paatucé** — bater com fôrça.

Ticé, quando unido a um substantivo, quer dizer possuir, ou ter. Ex.: **uamé** — nome, **uameticé** — nome ter, ou ter nome; **dikçá** — fruta, **dikcaticé** — ter fruta; **uakpana** — inimigos, **uakpanaticé** — ter inimigos, etc.

Ieecé — indica ação de dar ou procurar. Ex.: **duktí** — doença, **duktiieecé** — dar ou procurar doença; **tuktuaro** — fôrça; **tuktuaroieecé** — dar fôrça.

Tamucé — indica ajudar a fazer. Ex.: **daracé** — trabalhar; **daratamucé** — ajudar a trabalhar; **ueacé** — carregar; **ueatamucé** — ajudar a carregar.

Poocé — verbo que indica costume ou hábito. Ex.: **iahacé** — roubar; **iaha-poocé** — costume de roubar; **uhucé** — fumar; **uhu-poocé** — ter costume de fumar, etc.

Peocé — verbo que indica acabar por completo. Ex.: **oocé** — dar; **oopeocé** — dar tudo por completo; **okcobohocé** — esquecer ou perdoar; **okcobohopeocé** — esquecer tudo ou perdoar tudo.

Peticé — verbo que indica o fim de uma coisa no momento preciso. Ex.: **baacé** — comer; **baapeticé** — acabar de comer naquele certo tempo; **oacé** — varrer; **oapeticé** — acabar de varrer naquele certo tempo.

Metancé — verbo que indica prioridade de tempo. Ex.: **uacancé** — acordar; **uacametancé** — acordar primeiro — literalmente, começar primeiro a acordar; **uaacé** — andar; **uaametancé** — começar a andar primeiro.

Pihacé — verbo que tem a mesma significação do verbo **Poocé e, às** vezes, o sentido de multiplicidade. Ex.: **iá** — piolho; **iapiacé** — ter muitos piolhos.

Taçacé — verbo que significa simulação, falsidade. Ex.: **pukticé** — soprar; **puktitaçacé** — fingir de soprar; **nhumbuecé** — rezar; **nhumbuetaçacé** — simular de rezar.

Iancé — verbo **ver**; unido a outro verbo, quer dizer **provar**. Ex.: **bakçacé** — cantar; **bakçaiancé** — provar cantar; **baacé** — comer; **baaiancé** — provar a comida.

Behucé — verbo que indica abuso de uma coisa, ou ter em demasia. Ex.: **sinicé** — beber; **sinibehucé** — beber em demasia; **sinibehugue** — homem que bebe demais; **paga** — ventre; **pagabehugue** — barrigudo.

Bukque — velho, **bukqueó** — velha, **bukquena** — velhos, indicam um costume inveterado e incorrigivel. Ex.: **queacé** — embriagar; **queacé bukque** — bêbado incorrigivel; **niçocé** — mentir; **niçogó bukqueó** — mulher mentirosa de profissão.

Nene — partícula que vai entre o radical e a final do verbo, indica intensidade ou reforçamento de uma ação. Ex.: **uakcunce** — pensar, **uakcunenecé** — pensar muito, preocupar-se, meditar, etc.

Em tucano, quase nunca se usam preposições.

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

1.º) — **União dos verbos** — Em tucano, o verbo determinante se antepõe sempre ao verbo determinado. Ex.: "mandar dar", se dirá o contrário do português: "dar mandar", isto é: **oo-dukticé**. O verbo que precede perde sempre a final **cé**: **oocé-dukticé** converte-se em **oo-dukticé**. Ex.: **bamakcicé** — saber nadar (palavra formada por **bacé** — nadar e **makcicé** — saber, ou poder). Como se vê no exemplo, o primeiro verbo perdeu a final **cé**. Ex.:**bereoo-dukticé** — mandar para baixo (palavra composta de três verbos: **berecé** (cair), **oocé** (dar) e **dukticé** (mandar). Na composição da palavra, os dois primeiros verbos perdem a final **cé**).

2.º) — **União de verbos com nomes e advérbios** — O verbo vai sempre em último lugar. Ex.: "estar no último lugar", se dirá em tucano: "último lugar estar" — **sirocancé** (**siro** — último lugar e **cancé** estar). Ex.: **toberocancé** — estar em segundo lugar (palavra formada de **tóbero** — segundo lugar e **cancé** — estar).

Quando se deve unir um nome com um advérbio ou adjetivo, o nome fica em último lugar: **siro-cana** — os que estão atrás (**siro** — atrás ou último lugar e **cana** — os que estão).

ADJETIVO

O adjetivo, em tucano, é formado por substantivos derivados. Ex.: **ume anhungue** — homem bom; **numió darago** — mulher trabalhadora; **daraná tuktuana** — trabalhadores fortes.

Os nomes com as finais **cé, no** e **ro** formam o adjetivo com o sufixo **mena**. Ex.:**pakcó maicêmena** — mãe amorosa; **uaque tuktuarômena** — Deus forte.

Outro ex.: **olí anhucémena** — flôres lindas. Os três adjetivos: **maicémena, tuktuarômena** e **anhucêmena,** literalmente, seriam: "com amor", "com fôrça" e "com beleza".

Os tucanos, porém, muitas vêzes, para evitar equívoco, fazem preceder essa forma qualificativa, quando se trata de pessoa, de um adjetivo possessivo. Ex.: **pakcó coó maicêmena** — a mãe com seu amor; **uaque quee tuktuarómena** — Deus com seu poder.

O negativo dos adjetivos forma-se pondo depois do radical a partícula **ti.** Ex.: **ume anhutigue** — homem não bom; **numió daratigo** — mulher não trabalhadora; **daraná tuktuatina** — trabalhadores não fortes.

Há três outras formas de negação que podem ser usadas como adjetivos:

a) — **Ticêmena** — para negação simples.

b) — **Manicêmena** — para negação mais especificada.

c) — **Iamanicêmena** — para negação desejada.

1.º — Ex.: **Daraticêmena** — sem trabalho ou desocupado, simplesmente.

2.º — Ex.: **Daracé-manicêmena** — sem trabalho ou desocupado, porque não se precisa de trabalho.

3.º — Ex.: **Daraiamacênimena** — sem trabalho ou desocupado, porque não mandaram trabalhar.

GRAUS E COMPARAÇÕES

1.º — **Igualdade.** O têrmo de igualdade se designa com **nehó** — como. Ex.: Deus não é como nós — **Uaque maní nehó nítimi.** Literalmente, seria: "Deus nós como não é".

Quando o têrmo de igualdade é um verbo, então se exprime repetindo o verbo substantivado com a final **no** ou **ró.** Ex.:José fala como Carlos — **José uereroro, Carlos ueremí.** Literalmente, seria: "José fala como Carlos fala". Vive como Jesus Cristo — **Jesus caktiroro mee caktia.**

2.º — **Superioridade e inferioridade.** O grau de superioridade ou de inferioridade se indica negando a um têrmo comparativo o que se afirma do outro têrmo. Ex.: O pai é melhor do que a mãe — **Pakque anhungue nimi, pakcó anhungo nítimo.** Literalmente, seria: "O pai bom é, a mãe boa não é". Ex.: João é mais alto de que Antônio — **João pahigue nimi, Antônio pahigue nítimi.**

Pode-se também usar o verbo **ieerenecancé** — estar passando. Ex.: Pedro é melhor do que Paulo — **Pedro ieerenecapi Pauloné quee anhucêmena.** Literalmente, seria: "Pedro está passando a Paulo com sua bondade". Ex.: Os meninos correm mais que os homens — **Buktúiana umea ieerenecampa umeané naa umhacémena.** Literalmente: "Crianças homens estão passando os homens com seu correr". Os meninos trabalham menos que os homens — **Buktúiana umea ieerenecantipa umeané naa daracêmena.** Literalmente: "Crianças homens não estão passando os homens com seu trabalho".

Em tucano, não existe o superlativo, que se pode indicar com o verbo **ieerenecancé.** Ex.: Pedro é o melhor de todos — **Pedro ieerenecapi nipetinané quee anhucémena.** Ou também usando como sufixo as partículas **puno** — muito, **punicé, punicancé,** — muito, e **buktiacé** — maduro, completo. Ex.: **darapuno** — trabalhar muito; **darapunicé** — trabalhar com muita fôrça; **darapunicancé** — trabalhar mais que todos.

ADJETIVOS NUMERAIS CARDINAIS

E tucano, só há quatro números fundamentais, que são os seguintes:

1 — **nique**, masculino; **nicó**, feminino; **nicá**, neutro.

2 — **peana** ou **peá**, para o masculino e o feminino de pessoas ou animais; e **peaga** ou **pearo**, para coisas inanimadas.

3 — **itiana** ou **itiá**, para os três gêneros.

4 — **bapálitina**, para o masculino e o feminino de pessoas ou animais; e **bapaliticé**, para coisas inanimadas.

"Cinco" se diz — **nicámuquena**, que quer dizer **uma mão. Nicámuquena** serve para as pessoas e animais, e **Nicámuquece** serve para o neutro ou coisas inanimadas. Ex.: **Nicámuquece siopa** — cinco enxadas.

6 — **akpe-muca-nique** — (masculino) **penipeana**, "outra mão um aumentar"; **akpe-muca-nicó** (feminino) **penipaena**, "outra mão uma aumentar";**akpe-muca-nicá** — (neutro) **penipeana**, "outra mão uma coisa aumentar".

7 — **akpe-muca-peana penipeana**, para o masculino e o feminino de pessoas e animais, e **akpe-muca-pea-penipehacé**.. para o neutro (literalmente: "outra mão dois aumentar").

8 — **akpe-muca-itiana-penipeana**, para o masculino e o feminino de pessoas e animais e **akpe-muca-itiá-penipehacé**, para o neutro (literalmente: "outra mão três aumentar").

9 — **akpe-muca-bapálitina-penipeana**, para o masculino e o feminino de pessoas e animais e **akpe-muca-bapálitice-penipehacé**, para o neutro.

10 — **peámuquena**, para pessoas e animais (literalmente: "duas mãos") e **peámuquece**, para o neutro ou coisas inanimadas. Ex.: dez esteios — **peámuquece boktali**; dez doentes — **peámuquena doatina.**

Nota importante: Depois de contar até cinco, os tucanos, em lugar de dizer tôda a frase que vimos antes, apresentam as mãos indicando com os dedos o número até dez. Contando de dez a vinte, apresentam as duas mãos e indicam nos dedos dos pés o número que desejam. Ex.: 14 — mostram 4 dedos do pé e as duas mãos. O número 20 será: duas mãos e dois pés. Depois, não há mais números. Usa-se ainda o número **papaçaua** (100), mas é tirado da língua geral ou **nheengatú.** O número 50 se dirá: **papaçaua dekcómena** — no meio de 100, 200, 300, 400, etc.: **peá papaçaua, itiá papaçaua, bapálitina papaçaua**, etc.

ADJETIVOS NUMERAIS ORDINAIS

Em tucano, só existem três adjetivos numerais ordinais:

1.º) **Nimetacangue** — primeiro (para o masculino singular).

Dipocacangue — o que vem no princípio (para o masculino singular).

Nimetacango — primeira (para o feminino singular).

Dipocacango — a que está no princípio (para o feminino singular).

Nimetácana — primeiros ou primeiras (para o plural).

2.º **Tóberocangue** — segundo, ou o que vem depois (para o masculino singular).

Tóberocango — segunda, ou que vem depois (para o feminino singular).

Tóberocana — segundos ou segundas (para o plural).

3.º) **Sirotucangue** — o que está atrás ou último lugar (para o masculino singular).

Sirotucango — a que está atrás, ou a última, para o feminino singular.
Sirotúcana — os últimos.

ADVÉRBIOS DE FREQUÊNCIA E EXPRESSÕES FRACIONÁRIAS

Forma-se o advérbio de freqüência acrescentando a partícula **tii** à forma neutra dos dois primeiros números, e a partícula **tiri** aos demais. Ex.: uma vez — **nicatii**; duas vêzes — **peatii**; três vêzes — **itiátiri**; quatro vêzes — **bapáliticetiri.**

"Metade" se traduz por **dekcômena**; "um e meio" por **nicá akpé dekcômena** (literalmente: "um e outro meio"); dois e meio por **pea akpe dekcômena**; "dois dias e meio" por **peáneme akpéneme dekcômena**; e "todos juntos" por **nicânomena.**

Outras frações não há.

ADJETIVOS POSSESSIVOS

SINGULAR	PLURAL
Meu, minha — **iee**	Nosso, nossa — **maní** (de todos nós)
Teu, tua — **mee**	Nossos, nossas — **ukçá** (de alguns de nós)
Seu, sua — **quee** (para o masculino)	Vosso, vossos, vossa, vossas — **mekçá**
Seu, sua — **coó** (para o feminino)	Dêles, delas — **naá, ana.**

ADJETIVOS DEMONSTRATIVOS

SINGULAR	PLURAL
Êste — **aní** ou **atigue**	Êstes, estas — **naá, ana**
Esta — **atigo**	Aquêles — **soócana**
Aquêle — **sií**	Aquelas — **soócana.**
Aquela — **sikcó**	
Isto — **até, atigo, atíga**	
Isso — **sikcé**	

Para o neutro: **sikcé** ou **até.**

ADJETIVOS INDEFINIDOS

SINGULAR

Um — **nique**; uma — **nicó**; uma coisa — **nicá.**

Algum — **makee**; alguma — **makçó**; alguma coisa — **makçá.**

Todos — **nipetína** (para o masculino e feminino).

Tudo — **Nipeticé.**

Cada um — **nukque**; cada uma — **nukcó**; cada coisa — **nukcá.**

O plural dêstes adjetivos é igual ao dos demonstrativos.

Nenhum — **makçá manicé**; pequeno — **cangueaque**; pequena — **cangoaco.**

Pequeno (neutro) — **cangaca**; bocadinho — **canoaca.**
Muitos e muitas — **pehaná**; muito — **pehé.**
Nada — **manicé**; qualquer coisa — **dikcé.**
Outro — **akpí**; outra — **akpego**; outros e outras — **akpena.**
Outra coisa — **akpé, akpeié akpega.**

PRONOMES PESSOAIS

SINGULAR	PLURAL
Eu — **iee**	Nós — **maní** (todos nós)
Tu — **mee**	Nós — **ukçá** (alguns de nós)
Êle — **quee**	Vós — **mekçá**
Ela — **coó**	Êles e elas — **naâ, ana**

"Mesmo, mesma" traduz-se por **bakçupé**; Eu mesmo — **iee bakçupé**; tu mesmo — **mee bakçupé.** Usa-se também traduzir por **tá**, sufixo do pronome: **ieetá** — eu mesmo; **meetá** — tu mesmo; **queetá** — êle mesmo; **cootá** — ela mesma, etc.

Em tucano, não há pronomes relativos; êstes se substituem pelo particípio presente ou pelo passado, conforme o tempo do verbo ao qual se referem os pronomes relativos: Deus que nos ama — **Uaque maniné maiguc**; Deus que nos amou — **Uaque maniné maique**; o livro que eu li — **papératuli ianqué**; o homem que faleceu chamava-se José — **ume uenique José uameiétohami**, etc.

PRONOMES INTERROGATIVOS

Quem? — **Noá?** (Para pessoas, tanto no singular como no plural.
Que coisa? — **Nheé?** (Singular e plural).
De quem? — **Noaié?** (Singular e plural).
A quem? — **Noané?** (Singular e plural).
Ex.: Quem és tu? — **Noá nití mee?**
Que coisa estais fazendo? — **Nheené ueetí mekçá?**
Que coisa é? — **Nheé nípali?**
Que coisa há? — **Nheé nití?**
De quem é esta canoa? — **Noaié níçari até iukquece?**
A quem pertence êste remo? — **Noané níçari até uahapí?**

Pronomes possessivos

O pronome possessivo é formado do adjetivo possessivo, ao qual se acrescentam os sufixos **ié** para o singular e **iana** para o plural. Faz excepção o primeiro, que no singular é **ié** — meu, minha, e no plural **iana** — meus, minhas, e não **iee-ié.**

SINGULAR	PLURAL
Meu, minha — **ié**	Meus, minhas — **iana**
Teu, tua — **meeié**	Teus, tuas — **meeiana**
Seu, sua — **queeié** (masculino)	Seus, suas — **queeiana**
Seu, sua — **cooié** (feminino)	Nossos, nossas — **maniiana** ou **ukçaiana**
Nosso, nossa — **maniié** ou **ukçaié**	Vossos, vossas — **mekçaiana**
Vosso, vossa — **mekçaié**	Dêles, delas — **naaiana**
Deles, delas — **naaié**	

Nota importante. — Às vêzes, o sufixo **ié** toma a forma de **iá, iague, iaro,** conforme o substantivo que substitui. Ex. **Noáiaro niçari até suti? Coóiaro** — De quem é êste vestido? E' dela. **Noaiágue diaí cunitohapali? Ukçaiague** — De quem é o cachorro que mordeu? E' nosso.

Verbo

O mais difícil de aprender na língua tucana é, sem dúvida alguma, o verbo; porque é impossível poder determinar tôdas as formas que os selvícolas usam na linguagem corrente. A fim de poder ajudar os que se dedicam a êste estudo, daremos a conjugação de um verbo na forma ativa. Em seguida, mostraremos a forma passiva de um verbo, a negativa e a interrogativa.

Na língua tucana, só há uma conjugação terminada em **cé.**

PRESENTE

Todos os verbos que, antes da desinência **cé,** têm uma vogal, formam o presente do indicativo eliminando o **cé** e duplicando a última vogal. Vamos ao exemplo: **maicé** — amar, **bakçacé** — cantar, — **ueecé** — fazer, **oocé** — dar, etc.

Iee mai-i — eu amo
Mee mai-i — tu amas
Quee mai-mi — êle ama
Coó mai-mo — ela ama

Mani ou **ukçá mai-i** — nós amamos
Mekçá mai-i — vós amais
Naá maima — êles amam

Iee bakça-a — eu canto
Mee bakça-a — tu cantas
Quee bakçami — êle canta

Maní ou **ukça bakça-a** — nós cantamos
Mekçá bakça-a — vós cantais
Naá bakçama ou **bakçapa** — eles cantam

Coó bakçamo — ela canta

Iee uee-e — eu faço
Mee uee-e — tu fazes
Quee uee-mi — êle faz
Coó uee-mo — ela faz

Maní ou **ukçá uee-e** — nós fazemos
Mekçá uee-e — vós fazeis
Naá ueepa ou **ueema** — êles fazem

Iee oo-o — eu dou
Mee oo-o — tu dás
Quee oomi ou **oopi** — êle dá
Coó oomo — ela dá

Ukçá e maní oo-o — nós damos
Mekçá oo-o — vós dais
Naá oopa ou **ooma** — êles dão

Todos os verbos que, antes da desinência **cé,** têm uma consoante, formam o presente eliminando a dita consoante com a desinência **cé** e duplicando a vogal anterior. Também se conjuga o verbo com o auxiliar **ueecé** — fazer, mas então a consoante não desaparece. Ex.: **ucuncé** — falar; **uacancé** — levantar; **somancé** — aquentar-se (de cócoras ao sol ou perto do fogo).

Ucuncé — falar:

a) **Iee ucun-uee**
Mee ucun-uee
Quee ucun-ueemi
Coó ucun-ueemo
Maní ou **ukçá ucun-uee**
Mekçá ucun-uee
Naá ucun-ueepa

b) **Iee ucu-u** — eu falo
Mee ucu-u — tu falas
Quee ucu-umi — êle fala
Coó ucu umo — ela fala
Maní ucu-umo — nós falamos
Mekçá ucu-u — vós falais
Naá ucu-upa — êles falam

Uacancé — levantar:

a) Iee uacan-uee
Mee uacan-uee
Quee uacan-ueemi
Coó uacan-ueemo
Maní uacan-uee
Mekçá uacan-uee
Naá uacan-ueepa

b) Iee uaca-a — eu levanto
Mee uaca-a — tu levantas
Quee uaca-mi — êle levanta
Coó uaca-mo — ela levanta
Maní uaca-a — nós levantamos
Mekçá uaca-a — vós levantais
Naá uacampa — êles levantam.

Somancé — aquentar-se:

a) Iee soman-uee
Mee soman-uee
Quee soman-ueemi
Coó soman-ueemo
Maní soman-uee
Mekçá soman-uee
Naá soman-ueepa

b) Iee soma-a — eu me aquento
Mee soma-a — tu te aquentas
Quee soma-mi — êle se aquenta
Coó soma-mo — ela se aquenta
Maní soma-a — nós nos aquentamos
Mekçá soma-a — vós vos aquentais
Naá somampa — êles se aquentam.

Nota importante. — Na prática, porém, os tucanos usam muito mais fàcilmente a primeira forma com o verbo ueecé — fazer.

PASSADO

O passado dos verbos, em tucano, forma-se eliminando a desinência cé e colocando o sufixo **toha**, ou **tohapa, tohaue, tohape.**

Maicé — amar:

1.º — Pretérito imperfeito (com os sufixos **tohape** e **tohaue**)

Iee maitohape
Mee maitohape
Quee maitohapi (mi)
Coó maitohapo (mo)
Mani ou ukçá maitohape
Mekçá maitohape
Naá maitohape

Iee maitohaue — eu amava
Mee maitohaue — tu amavas
Quee maitohaui — êle amava
Coó maitohauo — ela amava
Maní maitohaue — nós amávamos
Mekçá maitohaue — vós amáveis
Naá maitohaua — êles amavam

2.º — Pretérito perfeito (com os sufixos **tohapa** e **tohaa**)

Iee maitohapa
Mee maitohapa
Quee maitohapi
Coó maitohapo
Maní maitohapa
Mekçá maitohapa
Naá maitohapa

Iee maitohaa — eu amei
Mee maitohaa — tu amaste
Quee maitohami — êle amou
Coó maitohamo — ela amou
Maní maitohaa — nós amámos
Mekçá maitohaa — vós amastes
Naá maitohapa — êles amaram.

3.º — Pretérito perfeito (com o sufixo **tohace**)

Iee maitohace — eu amei
Mee maitohace — tu amaste
Quee maitohaci — êle amou
Coó maitohaço — ela amou
Maní maitohace — nós amamos
Mekçá maitohace — vós amastes
Naá maitohaça — êles amaram.

Nota importante. — E' muito difícil determinar a significação própria de cada forma, porque a língua tucana é falada por todos os selvícolas do rio Uaupés e afluentes; selvícolas que, entre si, falam o próprio idioma (1), o qual sempre difere da língua tucana. Assim, uns dizem que a forma **tohapa** indica que faz muito tempo, ao passo que a forma **tohaue** parece incluir a idéia de exclusão. Por exemplo: **iee bakçátohaue** — eu cantei e os outros não cantaram. A forma **tohaa** indica simplesmente tempo passado e a forma **tohaee** parece incluir idéia de desgôsto, aborrecimento. Por exemplo: **iee iahátohaee** — eu roubei, mas estou desgostoso por ter roubado, e não roubarei mais.

Para fazer-se compreender pelos selvícolas, é suficiente usar as formas: **tohaa, tohape** ou **tohapa.**

FUTURO

a) — O futuro simples forma-se eliminando a desinência **ce** e colocando os sufixos **gueti, gueçami, gueçamo, nati** e **naçama,** conforme o exemplo que vamos dar. O acento tônico do verbo difícilmente cai sôbre o sufixo.

Bakçacé — cantar:

Iee bakçágueti — eu cantarei
Mee bakçágueti — tu cantarás
Quee bakçágueçami — êle cantará
Coó bakçágueçamo — ela cantará
Maní bakçánati — nós cantaremos
Mekçá bakçánati — vós cantareis
Naá bakçánaçama — êles cantarão

b) — Pode-se também formar o futuro eliminando a desinência **cé** e colocando os sufixos **gueçaa, gueçami, gueçamo, naçaa** e **naçama,** conforme o exemplo seguinte:

Iee bakçágueçaa — eu cantarei
Mee bakçágueçaa — tu cantarás
Quee bakçágueçami — êle cantará
Coó bakçágueçamo — ela cantará
Mani bakçánaçaa — nós cantaremos
Mekçá bakçánaçaa — vós cantareis
Naá bakçánaçama — êles cantarão.

Há uma forma de futuro usada sòmente na primeira pessoa do singular e do plural, com idéia de exclusão. E' a seguinte:

Iee darabe — eu trabalharei e não os outros
Mani bakçabe — nós cantaremos e não os outros.

IMPERATIVO

O imperativo forma-se eliminando a desinência **cê** e colocando o sufixo **ia, to,** conforme o exemplo:

Daraia — trabalha tu
Darato quee e coó — trabalhe êle ou ela
Daraia mekçá — trabalhai vós
Darato naá — trabalhem êles.

Para o imperativo negativo, elimina-se a desinência **cé** e coloca-se o sufixo **ticanha,** que serve para tôdas as pessoas:

Daratícanha — não trabalhar (tu, êle, ela, vós, êles)
Ueeticanha — não fazer (tu, êle, ela, vós, êles)
Uaaticanha — não ir (tu, êle, ela, vós, êles).

---

(1) — Tariano, Dessano, Piratapuia, Tuiuca, etc.

CONDICIONAL

O modo condicional forma-se eliminando a desinência **cé** e colocando como sufixo o verbo **bocé** — ocupar-se. Na conjugação, o verbo principal (o primeiro) fica invariável, conjugando-se sòmente o verbo **bocé**, que segue a regra dos verbos já conjugados. Exemplo:

PRESENTE

Iee bakçáboo — eu cantaria
Mee bakçáboo — tu cantarias
Quee bakçábomi — êle cantaria
Coó bakçábomo — ela cantaria
Mani bakçáboo — nós cantaríamos
Mekçá bakçáboo — vós cantaríeis
Naá bakçábooma — êles cantariam.

PASSADO

Iee bakçábotohapa — eu teria cantado
Mee bakçábotohapa — tu terias cantado
Quee bakçábotohapi — êle teria cantado
Coó bakçábotohamo — ela teria cantado
Mani bakçábotohapa — nós teríamos cantado
Mekçá bakçábotohapa — vós teríeis cantado
Naá bakçábotohapa — êles teriam cantado.

Pode-se também indicar o condicional acrescentando ao radical de qualquer verbo o suffixo **ca** ou **cape**, que serve para tôdas as pessoas. Só há dois tempos: presente e passado.

PRESENTE

Iee bakçacá, bakçacape — se eu cantasse
Mee bakçacá ou **bakçacape** — se tu cantasses, etc.

PASSADO

Iee bakçátohacape — se eu tivesse cantado
Mee bakçátohacape — se tu tivesses cantado, etc.

E assim para tôdas as pessoas.

FORMA PASSIVA

Forma-se a voz passiva dos verbos colocando entre o radical e a desinência **cé** o sufixo **no**. Ex.: **maicé** — amar; **mainocé** — ser amado. A conjugação é como na ativa, conforme as formas ou exemplos dados.

PRESENTE

Iee maínoo — eu sou amado
Mee maínoo — tu és amado
Que maínomi — êle é amado
Coó maínomo — ela é amada
Mani maínoo — nós somos amados
Mekçá maínoo — vós sois amados
Naá maínopa — êles são amados

PASSADO

Paanocé — ser golpeado:

Iee paánotohapa ou **paánotohaa** — eu fui golpeado
Mee paánotohapa ou **paánotohaa** — tu foste golpeado
Quee paánotohapi (mi) ou **paánotohami** — êle foi golpeado
Coó paánotohamo ou **paánotohamo** — ela foi golpeada
Mani paánotohapa ou **paánotohaa** — nós fomos golpeados
Mekçá paánotohapa ou **paánotohaa** — vós fostes golpeados
Naá paánotohapa ou **paánotohaa** — êles foram golpeados.

FUTURO

Iánocé — ser visto:

Iee iánogueti ou **iánogueçaa** — eu serei visto
Mee iánogueti ou **iánogueçaa** — tu serás visto
Que iánogueçami ou **iánogueçami** — êle será visto
Coó iánogueçamo ou **iánogueçamo** — ela será vista
Mani iánonati ou **iánonaçaa** — nós seremos vistos
Mekçá iánonati ou **iánonaçaa** — vós sereis vistos
Naá iánonaçama ou **iánonaçama** — êles serão vistos.

Pelos exemplos expostos, compreende-se claramente que o sufixo **no** faz parte do radical do verbo na conjugação e se coloca sempre antes dos outros prefixos.

FORMA NEGATIVA

Forma-se a negativa de qualquer verbo colocando entre a desinência **cé** e o radical a partícula **ti**. Ex.: **maicé** — amar; **maiticé** — não amar; **bakçácé** — cantar; **bakçáticé** — não cantar; **oocé** — dar; **ooticé** — não dar; **iancé** — ver; **ianticé** — não ver; etc.

A conjugação da forma negativa só difere no presente e no futuro; por isso, vamos dar tôda a forma. Para o passado e o condicional, a forma é a mesma da ativa.

N. B. — Quando um verbo já tiver antes da desinência **cé** um **ti** (como por exemplo **dukticé** — mandar), na forma negativa terá dois **ti**: **dukticé** — mandar; **duktiticé** não mandar; **aticé** — vir; **atiticé** — não vir.

PRESENTE

Dareticé — não fazer:

Usam-se duas formas:

a) **Iee daretiça**
Mee daretiça
Quee daretiçami
Coó daretiçamo (1)
Mani daretiça
Mekçá daretiça
Naá daretima

b) **Iee dareué** — eu não faço
Mee dareué — tu não fazes
Quee daretiçami — êle não faz
Coó daretiçamo (1) — ela não faz
Mani dareué — nós não fazemos
Mekçá dareué — vós não fazeis
Naá daretima — êles não fazem

---

(1) — Em lugar de **daretiçami, daretiçamo**, pode-se dizer também **daretimi** e **daretimo.**

FUTURO

E' o mais fácil de todos, pois basta trocar a desinência **cé** pelo sufixo **çomé**, para tôdas as pessoas:

Iee dareçomé — eu não farei
Mee dareçomé — tu não farás
Quee dareçomé — êle não fará
Coó dareçomé — ela não fará
Mani dareçomé — nós não faremos
Mekçá dareçomé — vós não fareis
Naá dareçomé — êles não farão.

OUTROS TEMPOS

O imperativo negativo, já o demos na conjugação ativa. Para facilitar o estudo, vamos dar apenas o passado, colocando antes o positivo e depois o negativo do verbo. Assim, na comparação de ambos, se compreenderá fàcilmente o mecanismo da língua:

PASSADO POSITIVO

Iee darétohapa — eu fiz
Mee darétohapa — tu fizestes
Quee darétohami — êle fez
Coó darétohamo — ela fez
Mani darétohapa — nós fizemos
Mekçá darétohapa — vós fizestes
Naá darétohama — êles fizeram.

PASSADO NEGATIVO

Iee daretítohapa — eu não fiz
Mee daretítohapa — tu não fizeste
Quee daretítohami — êle não fez
Coó daretítohamo — ela não fez
Mani daretítohapa — nós não fizemos
Mekçá daretítohapa — vós não fizestes
Naá daretítohama — êles não fizeram.

O exemplo acima serve para todos os verbos. (1)

(1) — N. B. — E' muito usada, na linguagem corrente, uma forma tôda especial do pretérito negativo, com o sufixo **tiace**. Ex.: **baátiace** — não comi; **uaátiace** — não fui, na primeira e segunda pessoas.

FORMA INTERROGATIVA

Para a forma interrogativa, usam-se as partículas **ti, pali, çari,** conforme os tempos e as pessoas, em substituição à desinência **cé**:

a) — Usa-se a partícula **ti** quando se trata de pessoa (tu, vós) no presente e também no passado; neste último tempo, porém, deve ser sempre precedida pelo sufixo **toha**. Ex.:

PRESENTE

Bakçati mee? — Cantas tu? **Bakçáa** — Canto ou **Bakçauê** — Não canto.
Bakçati mekçá? — Cantais vós? — **Bakçatiça** ou **Bakçauê** — Não cantámos.
Baati mee? Mekçá? — Comes tu? Comeis vós? **Baauê** — Não comemos.
Etc.

PASSADO

Bakçátohati mee? — Cantaste tu? **Bakçátohape** — Cantei.
Bakçátohati mekçá? — Cantastes vós? **Bakçatítohape** — Não cantamos.
Darátohati mee? — Trabalhaste tu? **Daratítohape** — Não trabalhei.

b) — Usa-se o sufixo **pali** com as terceiras pessoas, tanto no singular como no plural do presente e do passado. Ex.:

PRESENTE

Darápali quee? — Trabalha ele? **Daratimi** ou **daratiçami** — não trabalha.
Darápali coó? — Trabalha ela? **Daramo** — trabalha.
Oópali quee? — Dá êle? **Ooué** ou **oótiçami** ou **oótimi** — Não dá.
Iukquece uakçópali naá? — Emprestam êles a canoa? **Niué** — Não.

PASSADO

Darátohapali quee — Trabalhou êle? **Daratítohami** — Não trabalhou.
Sutiro cuétohapali coó? — (A roupa lavou ela?) Ela lavou a roupa?

FUTURO

Forma-se o futuro interrogativo com o sufixo **çari** em lugar da desinência **cé**, para a primeira e a segunda pessoas do singular, com os sufixos **guéçami** para a terceira pessoa do singular e **naçari** para as três do plural:

Daráçari iee — Trabalharei eu? **Makcítiça** — Não sei.
Daráçari mee — Trabalharás tu? **Umaia** — Talvez.
Darágueçari quee? — Trabalhará êle **Daréçomé** — Não trabalhará.
Darágueçari coó? — Trabalhará ela? **Darágueçamo** — Trabalhará.
Daránaçari naá? — Trabalharão êles? **Niué** — Não.

FORMA INTERROGATIVA NEGATIVA

Forma-se colocando, entre o radical do verbo e o sufixo, a partícula **ti:**

Daratíçari mee? — Não trabalharás tu?
Daratígueçari quee? — Não trabalhará êle?
Daratígueçari coó? — Não trabalhará ela?
Daratínaçari mani? — Não trabalharemos nós?
Daratínaçari mekçá? — Não trabalhareis vós?
Daratínaçari naá? — Não trabalharão êles?

CONDICIONAL

Forma-se o condicional interrogativo colocando o sufixo **boçari em** lugar da desinência **cé** do verbo, para tôdas as pessoas:

Daráboçari iee? — Trabalharia eu?
Daráboçari mee? — Trabalharias tu?
Daráboçari quee? — Trabalharia êle?
Daráboçari coó? — Trabalharia ela?
Daráboçari ukçá? — Trabalharíamos nós?
Daráboçari mekçá? — Trabalharíeis vós?
Daráboçari naá? — Trabalhariam êles?

O exemplo serve para todos os verbos.

PARTICÍPIO

Todos os verbos, em tucano, têm o particípio, que pode ser masculino, feminino, passado e futuro.

PARTICÍPIO PRESENTE

Forma-se eliminando a desinência **cé** e colocando os sufixos **gue para** o masculino, **go** para o feminino singular e **na** para ambos os gêneros do plural. Pode-se também formar com o sufixo **cape**, que toma a significação de gerúndio. Ex.:

Bakçague — aquêle que canta, ou o cantante
Bakçago — aquela que canta, ou a cantante
Bakçana — aquêles que cantam, ou os cantantes
Bakçacape — Cantando.

A forma **cape** serve para traduzir: "Quando canta", "quando escreve", "quando anda", etc. — **Bakçacape, ogoacape, uaacape**, etc.

Essa forma serve para tôdas as pessoas. Ex.: Quando eu canto, quando tu cantas, quando êle canta, quando nós cantamos, quando vós cantais, quando êles cantam — **Iee bakçacape, mee bakçacape, quee bakçacape, coó bakçacape, maní bakçacape**, etc.

PARTICÍPIO PASSADO

Forma-se eliminando a desinência **cé** e colocando os sufixos **que para** o masculino **co** para o feminino singular e **quena** para o plural de ambos os gêneros:

Daraque — trabalhado
Daraco — trabalhada
Daráquena — trabalhados ou trabalhadas
Okcobohoque — esquecido
Okcobohoco — esquecida
Okcobohóquena — esquecidos ou esquecidas

PARTICÍPIO FUTURO

Forma-se eliminando a desinência **cé** e colocando os sufixos **haque para** o masculino singular, **haco** para o feminino singular e **hanha** para ambos os gêneros do plural:

Uaahaque — aquêle que irá
Uaahaco — aquela que irá
Uaahanha — aquêles que irão
Oohaque — o que se dará
Oohaco — aquela coisa que se dará
Oohanha — as coisas que se darão, ou os que darão

N. B. — 1.º) — As frases portuguêsas "dê licença" ou "permita que", optivas, traduzem-se colocando, em lugar da desinência **cé**, o sufixo **ma**: **Darama** — dê licença para trabalhar. **Ogoama** — dê licença para escrever. **Iamá** — deixe ver.

2.º) — A frase portuguêsa "então, vou-me embora", para indicar cansaço na espera de outrem, traduz-se: **Uaánibe**. Usa-se também com o verbo comer: **Baánibe** — Então, vou comer, e vocês façam o que quiserem.

3.º) — Usa-se também um imperativo reforçativo, com significação de insistência: **Daratita** — deixa de trabalhar; **Uaatita** — não vão mais, ou deixem de ir, etc.

"Vamos trabalhar", "vamos brincar", "vamos cantar", etc. se traduz por: **Teá daraná, teá akpená, teá bakçaná,** etc.

4.º) — Para indicar o lugar onde se realizou alguma ação, coloca-se o sufixo **caro** em lugar da desinência **cé** do verbo. Ex.: **Duhícaro** — lugar onde se sentava, ou se sentou (para tôdas as pessoas); **Buécaro** — lugar onde se ensinava, ou onde havia escola; **Canícaro** — lugar onde se dormiu (do verbo **canicé** — dormir).

5.º) — A forma impessoal do verbo **ter** ou **haver**, no sentido de possuir, traduz-se por **nicé** (estar). Ex.: **Nii** — há aquí. **Niape** — tem aquí; **Niápero** — tem aquí mesmo. Na forma negativa, usa-se o verbo **manicé** — não haver, ou não ter: **Maníi** — não há aquí; **Maniápe** — não há mesmo.

A forma **níçaa** quer dizer que **há**, longe de quem fala; e a forma **maníçaa** quer dizer que **não há**, longe de quem fala.

ADVÉRBIOS

DE LUGAR

Aquí — **ató**; aí — **toó, soó**; aquí mesmo — **atotá**; cá — **atope**; acolá — **soope**; lá mesmo — **toopetá**; lá — **toope**; onde — **noope**; de onde — **diepé**; dentro — pé, (no fim da palavra, como **uiipe** — dentro da casa); fora — **sokpepe**; no meio — **dekcope**; abaixo — **dokcá**; debaixo — **dokcape**; acima — **buipe**; perto — **atoaca**; perto de — **petoaca**; em casa de — **petope**; longe — **ioaro**; não longe — **ioaué**; adiante — **dikporo**; atrás — **siro**.

DE TEMPO

Hoje — **nicaca**; ontem — **cáne**; amanhã — **iamiaca**; anteontem — **tineme**; depois de amanhã — **nahata bólero**; agora — **nicano**; agora mesmo — **nacánota**; depressa — **quero** ou **soharómena**; ligeiro — **quero** ou **soharómena**; tarde — **iamica**; de tarde — **dalítero**; de manhã — **iamiácape**; de noite — **iamí-nicape**; cedo — **borecape**; de dia — **ímeco nicape**; outra vez — **akpétiro**; ainda — **iuhupe**, ainda não — **iuhupeué**; quando? — **derónica?**; devagar — **sahatiroaca, sótiro**; então, ou naquele tempo — **titápe**; sempre — **nipeticénemeni**; amiúde — **pehétiri**; depois — **bero**, como em **daracébero** — depois do trabalho.

DE QUANTIDADE

Muito — **pehé**; pouco — **canoaca**; um pouco mais — **pahiroiácuno**; assaz — **ehatua**; não bastante — **ehatuaué**; quanto? **diquece?**; quantos? — **diquena?** (pessoas e animais); quantos? — **diquece?** (coisas em geral); demasiado ou demais — **pahibuktiacaa**; tanto — **atiquice**; tantos ou tantas — **atiquena** (pessoas e animais); quase — **toho**; sòmente — **niquetá**.

DE MODO

Como? — **deró?**; assim — **tohotá**; bem — **anhunó**; mal — **nhaano**; perfeitamente — **anhubuktiacémena**; fortemente — **tuktuarómena**; cabalmente — **bekcecémena**.

N. B. — Todos os substantivos em **ro, cé** e **no** podem servir de advérbio, com o sufixo **mena**. Ex.: **egaró-mena** — voluntàriamente; **viopekçacémena** — severamente, etc.

DE AFIRMAÇÃO

Sim — **ee**; devéras — **ninota**; certamente — **tota nii**; assim é? — **totá niçari?**

DE NEGAÇÃO OU DÚVIDA

Não — **niué**; nada — **manicé**; nunca — **nicati**, com um verbo **negativo**. Ex.: **dareçomé nicatí** — não fará nem uma vez.

Por isso — **tohoueegue**, para o masculino.
Por isso — **tohoueego**, para o feminino.
Por isso — **tohoueero**, para o neutro.
1.º exemplo — Por isso, êle não irá — **Tohouegue quee uaaçomé.**
2.º exemplo — Por isso, ela não virá — **Tohoueego coó atiçomé.**
3.º exemplo — Por isso, não choverá — **Tohoueero okcoro pehaçomé.**

Para o plural, usa-se **tohoueena**. Ex.: Por isso, êles... — **Tohoueena naá...**

Talvez — **akpeteroueegue**, para o masculino.
Talvez — **akpeteroueego**, para o feminino.
Talvez — **akpeteroueero**, para o neutro.
1.º exemplo — Talvez, José virá — **Akpeteroueegue José atigueçami.**
2.º exemplo — Talvez, Maria não sabe — **Akpeteroueego Maria makcitimo.**
3.º exemplo — Talvez, não chove aquí — **Akpeteroueero okcoro pehaué.**

Para o plural, usa-se **akpeteroueena**. Ex.: Talvez êles venham — **Akpeteroueena naá atínaçama.**

No fim do capítulo que trata dos sufixos e terminações, dissemos que, em tucano, quase não se usam preposições; aquí, damos as poucas que se podem usar, especialmente as locuções prepositivas, assim como as conjunções.

Sôbre — **bui**
Por causa de — **buiri**
Em casa de — **petope**
Perante — **dikporo**
Em cima de — **buipe**
Em baixo de — **dokcape**
Em redor de — **betope**
Longe de — **ioaro**
Perto de — **petope**
Com, por — **mena**
Sem — **manicémena**
Também — **quena**
E — **quena**
Depois — **bero**
Para, com — **mena**
Após — **bero**
Atrás — **siro**
Além de — **tóierero**
Junto a — **mena**
Até — **té**

"Mas", "porém", "aliás", "todavia", "portanto" só têm tradução com **iuhupe.**

INTERJEIÇÃO

Agane — ai!, ui!
Adéeee — (indica admiração, estupor)
Tsanna — (exprime admiração)
Aiúuuu — (exprime lástima)
Uaáia — fora!
Anhupunícaa — perfeitamente!

VERBOS E FRASES

Bakciocé — Há jeito de... Ex.: Está bom, há jeito de passar — **Anhuçaa, uaatá bakcioo.**

Bakcioticé — Não há jeito de... Ex.: **Makçané niçotá, bakcioo, Uaquené, niçotá bakcioué** — Há jeito de enganar os homens, a Deus não há modo de enganar.

Diaçá-nicé — Ser difícil. Ex.: E' difícil — **Diaçá niçaa.** E' muito difícil — **diaçá ieeree,** ou **diaçá buktiague.** E' fácil — **Diaçaué.**

Cuacé — verbo reforçativo, usado quase exclusivamente no presente. Ex.: **João calibuktimi** — João está aborrecido: **João calibukcuami** — João está muito aborrecido: **Luísa tuticuamo** — Luísa está muito brava.

Uahameacé — subir o rio remando.

Uameacé — subir o rio sem remar, por exemplo, em lancha.

Teocé — verbo que significa acabar, mas usado sempre com outro verbo. Ex.: Acabar de rir — **buhi-teocé;** Acabar de cantar — **bakçá-teocé.** Quando acabais de brincar? — **derônica akpe-teócari mekcá?** Quando acabas de gritar? — **derônica calicu-teoti mee?** Onde acaba êste caminho? — **Noope ni-teoti ati maá?**

Tuhacé e tuhaticé — Voltar à sua terra. Ex.: **Manuel Manauspe tuhágueçami** — Manuel voltará a Manaus (porque aquela é sua terra).

Dahacé — ir embora e não voltar mais.

Mahacé — verbo que significa encostar a embarcação e desembarcar. Ex.: **Atope mahana uee** — Aqui, vamos encostar e desembarcar.

Tune poóia — frase própria para dizer: "Para a canoa".

Bea-poóia ou **beape** ou **iukque mahami poóia** — as três frases querem dizer: "Vira a canoa".

Mim-hamia — vira a canoa. (Provàvelmente, estas frases vêm dos diversos dialetos, porém são usadas por todos).

Sirope mim-hamia — Dá para trás.

Uaa-dustia — Retrocede ou dá para trás.

Iabicé — não gostar. Ex.: **Iee mekçané iabii** — eu não gosto de vocês. **Quee iabicuami** — ele não gosta de nada.

Iapicé — liso. Ex.: **Iukque lapi** — pau liso.

Iakpicé — fartar-se.

Borcacé — "amanhecer", unido a outro verbo, quer dizer que a ação daquele durou toda a noite, até ao amanhecer. Ex.: **Antônio ukti-borcami** — Antônio chorou até ao amanhecer; **Naá sini-borcana** — êles beberam até ao amanhecer; **Naá uaa-boreana** — êles andaram tôda a noite, até ao amanhecer.

Olecé — mover com a concha ou com um pauzinho a comida na panela.

Ektencé — mover com um pau a farinha no fôrno.

Uihincé — cheirar.

Uihi-iancé — provar cheirando.

Uihicé — entrar água na canoa. Ex.: **Iukquece puno uihipa** — A canoa deixa entrar muita água; **Iukque uihiti buktiague** — Não entra nenhuma água na canoa.

Bekçacé — botar água da canoa com a cuia ou com o remo, etc. Ex.: **Autúm bekçáia** — Jogue o piloto a água da canoa.

Sabecé — amassar barro com as mãos e os pés.

Pekçacé — verbo que indica qualquer animal pousado sôbre uma árvore. Ex.: **Akqué pekçami siecuipe** — O macaco está sentado sôbre a árvore que está no outro lado do rio.

Somancé — colocar-se de cócoras perto do fogo ou ao sol, para se aquecer.

Bereocé — Jogar alguma coisa (por exemplo, fruta) do alto para o chão, e também soltar uma canoa na correnteza.

Monoocé — Jogar alguma coisa (por exemplo, pedra, pau, etc.) para o alto, ou também suspender alguma coisa com cipó, corda, etc.

Iuanecancé — levantar a cabeça.

Iuan-incé — olhar para o alto.

Mahami-iancé — virar a cabeça para olhar para trás.

Iandiocé — olhar par baixo.

Iandiocuncé — apertar com a mão.

Etá-diocuncé — levantar com o pé.

Amendomonocé — acrescentar de baixo para cima; por exemplo, colocar tabua na parte de baixo de uma canoa.

Amendo-diocé — acrescentar de cima para baixo.

VOCABULÁRIO REFERENTE À IDADE DA CRIANÇA

1.º) — **Soagá** — nome que se dá à criança recém-nascida.

2.º) — **Beague** — o meninozinho que já se arrasta sentado no chão.

Beago — a meninazinha que já se arrasta sentada no chão.

Beaná — forma plural das palavras anteriores.

3.º) — **Mamá nocungue** — o menino que já sabe ficar de pé, mas só anda de gatinhas.

Mamá nocungo — menina que já sabe ficar de pé, mas só anda de gatinhas.

Mamá nocuna — forma plural dos nomes anteriores.

4.º) — **Nocungue** — menino que já sabe andar sòzinho.

Nocungo — menina que já sabe andar sòzinha.

Nocuna — forma plural dos nomes anteriores.

VOCABULÁRIO REFERENTE À MANDIOCA

Dekquê bobecé — plantar mandioca.

Qui duacé — arrancar mandioca.

Qui bocuncé — pôr a mandioca de môlho.

Qui bopanecé — descascar a mandioca.

Qui bo-eetabucé — Espremer a mandioca no tipiti.

Qui oecé — ralar mandioca.

Pocá ektencé — fazer farinha de mandioca.

Ahunga.peocé — fazer o meiú.

Ueetá-pocá ueecé — fazer farinha de tapioca.

Putí — massa da mandioca.

VOCABULÁRIO REFERENTE À PESCA

Uaí uehencé — pescar com anzol.

Uaí beecé — pescar com flecha.

Uaí pamecé — pescar nadando.

Uaí toocé — pescar com rêde.

Uaí nhuuncé — pescar fechando com a rêde.

Uaí uaancé — pescar de noite com turi aceso, encandeando os peixes que estão dormindo.

Uaí uaçacé — pescar com cesto na praia, durante a noite.
Uaí puacé — pescar com timbó.
Uaí mion-uehencé — pescar com espinhel.
Uaí poktaneconcé — pescar com uma vara na ponta da qual foram amarrados espinhos.
Uairo — Cacurí.
Uaí poocé — pescar no igapó colocando muitos anzóis amarrados e em fila.
Tiancé — dar de beber.
Teancé — tomar uma criança pela mão.
Sikconcé — arrastar-se no chão.
Sionsiuaacé — tomar pelo braço, para dançar.
Paa-beacé — tomar pela cintura, para dançar.
Nhantucé — pôr a mão sôbre os ombros de outro, para dançar.
Duu-paancé — estender no chão.
Seompeocé — estender sôbre alguma coisa.
Seompeórida — corda estendida, sôbre a qual se estende a roupa para enxugar.
Muninecacé — saudar com inclinação de cabeça.
Iumpeocé — mostrar com a mão.
Nehancé — entrar e subir um riacho.
Piaticé — descer um riacho e entrar no rio grande.
Piatacé — chegar à bôca do rio que se está navegando.
Buatacé — chegar à bôca do rio, vindo por terra.
Buacé — chegar ao rio, vindo por terra. Usa-se especialmente para indicar os porcos-do-mato quando chegam ao rio. Ex.: **Iekcea buana ueepa** — Estão chegando os porcos ao rio.
Siecuipe peencé — passar para o outro lado do rio.
Maticé — doidice, loucura, demência, endoidecer, enlouquecer.
Heompeocé — crer, obedecer, respeitar, venerar, etc.
Paancé — abrir, desatar, desabotoar, desfiar, desatracar, etc.
Niçócé — mentir, negar, falsear, enganar, trair, iludir, mentira, engano, traição, etc.
Ecaticé — alegrar-se, gozar, regozijar-se; alegria, júbilo, regozijo, etc.
Biancé — fechar, tapar, trancar, entupir, etc.
Biaro — fechadura, tampa, rôlha, taramela, trinco.
Ueetamucé — ajudar, socorrer, amparar, defender, facilitar, etc.
Cotecé — cuidar, assistir, guardar.
Anhunó héripona uaacá ueecé — estar contente; literalmente, seria: "bem coração andar fazer", ou "fazer andar bem o coração".
Ehacé — chegar lá (longe de quem fala).
Ektacé — chegar aqui (perto de quem fala).
Dohacé — causar malefício ou má sorte.
Daraiancé — tocar alguma coisa com as mãos.
Amendocé — colocar uma tábua numa embarcação para levantar o bordo; ou também "falca".
Ameceocé — colocar coisas uma por cima das outras.
Bakcecé — cerimônias que faz o pagé sôbre um doente.
Duremono-ioocé — descarregar a canoa, para que flutúe e assim possa passar melhor na cachoeira.
Duremono-oocé — descarregar a canoa, porque é o fim da viagem.
Dure sahancé — carregar a embarcação.
Iehe uacancé — cortar em pedacinhos.
Sanecé — fazer buracos com a verruma.
Sikcecé — enrugar a fronte.
Daramancé — mexer nas coisas dos outros.

Uakciaro uaréia — fala devagar.
Bukcero ninha — fala em voz alta.
Nihiciarómeno ninha — fala baixinho.
Até peticape ou petíromena — quando acabar isso.
Nhaánope — lugar feio.
Tupeocé — pôr na cabeça.
Akcírope — lugar quente.
Uhaque uacampa — vem a febre.
Uhaque suruape — a febre está passando.
Noope uhaque nhéoncati? — onde apanhou a febre?
Okcoro ieereace ou uacéçaa — a chuva está passando.
Okcoro atiro ueéçaa — está com vontade de chover.
Okcoro atiro uee — vai chover.
Okcoro ieerecape — depois que passou a chuva...
Iec egaríneme — no dia em que eu quiser...
Mee egaroré daréia — faze como queres.
Tocánota níçari? — bastará? **Ehátuaa** — basta, ou **tocânota** — **basta.**
Ehátuauê — não basta.

Joáçari? — está longe? **Joa-buktiague** ou **joaieeree** — está muito longe. **Peáneme** ou **itiâneme** — faltam dois ou três dias. **Joátiça** ou **joauê** — não está longe.
Noá niti mee? — quem és tu? **Diepé atiti mee** — donde vens tu?
Nhâmana makee niti mee? — de que tribu és tu?
Ie dakcegue ou **dakcego nii** — eu sou tucano ou tucana.
Iee uaique ou **uaico nii** — eu sou piratapuia.
Iee uinague ou **uinago nii** — eu sou dessano ou dessana.
Iee paague ou **paago nii** — eu sou tariano ou tariana.
Deró quektiti? — que novas tens? **Quekti manii** — não há nada.
Noá uaati mee? — onde vais? **Uaauê** — não vou.
Makçá niti atopé? — há gente aqui? **Niama** — há gente.
Maniama — não há gente.
Makçá maniti atopé? — não há gente aqui? **Maniama** — não há.
Ehátuaromena — suficiente.

Akpoiúia manicémena — desordenadamente.
Niçóia manicémena — sinceramente.
Petia manicémena — infinitamente.
Akcíneme — dia quente.
Okconeme — dia chuvoso.
Daralíneme — dia de trabalho.
Solíneme — dia de descanço.
Pikçu-vionecé — chamar de fora.

Pikçu-soneocé — chamar de dentro.
Calicu pikçucé — chamar gritando.
Dokque-diocé — sacudir o cesto para poder encher mais.

*
* *

Berecé — escorregar ou tropeçar e cair.
Burucé — cair simplesmente.
Bereocé — ir água abaixo.
Bere-dihaticé — verbo usado exclusivamente para indicar a fruta madura que cai da árvore. Ex.: **Bere-dihatiqué** — fruta madura e já caída no chão.

Bereo-diocé — verbo usado exclusivamente para indicar quem apanha fruta e com cuidado a joga para outrem que está no chão.
Pamoancé — cobrir com qualquer coisa.
Pameacé — dizer "sim" com a cabeça.
Jurecé — dizer "não" com a cabeça.
Papeocé — pôr as mãos sôbre a cabeça.
Iandiocé — olhar com ameaça ou fixar a outrem.
Ian-ueniacé — olhar sem preocupação ou à-toa.
Ian-digueacé — olhar por baixo.
Tupeocé — carregar ou levar sobre a cabeça.
Oencé — fiar tucum sôbre a coxa.
Moompaacé — virar a canoa com a bôca para baixo.
Dukti-uehencé — literalmente, seria: "matar de mandar", isto é: "mandar muitas coisas ao mesmo tempo".
Mimicé — a criança que está mamando, simplesmente.
Mimi-iancé — a criança que está mamando e vira os olhos de um lado para outro.
Diá-uekticé — vazar o rio. Ex.: **Diá-uektiro uee** — o rio está vazando.
Diá-pueiaro-ueecé — crescer o rio. Ex.: **Diá-pueiaro uee** — o rio está enchendo.
Noopi — vara comprida com um gancho amarrado na ponta, para apanhar fruta.

Pihícano cakceró — Casca p/ casa
Eomon bohóque — casca p/ casa
Beavraiá — Leva ou guia a canoa p/ o meio
Sionbereoiá — Afasta a canoa de perto
Buktucana neeri — Baunilha
Bekcáue — matapi — Cano ou funil
Bekcaue nheenepá — o funil na bôca do cano
Bekcáue süpikcó — a ponta onde acaba o funil e prende os peixes
Toonecé — enrolar a sanefa do batelão
Seetácaro — Caverna

VOCABULOS DE USO MAIS CORRENTE

CORPO — Ukpe
Cabeça — Dikpoá
Cabelos — Poali
Fronte — Diapóateno
Olho, olhos — Cakpéa, cakperi
Pestanas — Cakpe poali
Sobrancelhas — Cakpe ueeni
Face — Uaçúporo
Nariz — Equêa
Orêlha, orêlhas, — Emépero, eméperi
Bôca — Ukcéro
Dente, dentes — Upica, upicari
Beiço — Ukcébeto
Língua — Ieméno
Queixo — Ecéca
Barba — Ukcero poali
Pescoço — Cantee
Ombros — Ocóporo
Braço, braços — Amuca, amúcani
Cotovêlo — Uamuca-mípero
Mão, mãos — Amupa, amúpamani
Dedo, dedos — Umúpica, umúpicari
Unha, unhas — Umucé, umúceri
Peito — Cuktíro
Ventre — Paga
Costas — Seéma
Perna, pernas — Deépoca, deépocani
Pé, pés — Dikpoca
Joelho, joelhos — Ukcépecuri
Calcanhar — Dikpódia
Coração — Héripona
Pele — Cakcéro
Carne — Diíro
Sangue — Dií
Saliva — Ukcéco
Lágrimas — Iacocó
Suor — Akcituacé
Veias — Dií-uaacé
Respirar, respiração — Hérimice
Hálito — Homé
Falar — Ucuncé
Palavra — Uró
Gritar (grito) — Calícuce
Chorar (chôro) — Ukticé
Dizer — Uerecé
Soluçar (soluço) — Uktinemocé
Dormir — Canicé
Sonhar (sonho) — Queencé
Acordar — Uacancé
Bocejar (bocejo) — Iariticé
Comer (comida) — Baacé
Beber (bebida) — Sinicé
Gaguejar — Cucucé
Morder — Cunicé
Soprar (sôpro) — Pukticé
Andar — Uaacé
Rir (risada) — Buhicé
Alegrar-se (alegria) — Ecaticé
Entristecer-se (tristeza) — Bêgauekticé
Fome — Egueaqueacé
DOENÇAS — Doaticé ou duktiticé
Febre — Uhaque
Catarro — Ehón
Tosse — Saticé
Coqueluche — Uaú
Pneumonia — Iemétuliboace
Ataque — Tiomakcitimi
Ferida — Caminó
Vomitar (vômito) — Ektoacé
Reumatismo — Uacali-punicé
Diarréia — Ioá
Diarréia de sangue — Ioá diímena
Gripe — Gripe
Catapora — Cáneque poocé
Dor de olhos — Cakpéri punicé
Dor de garganta — Uameetá punicé
Dor de ouvido — Emépero punicé
Frieiras — Onéburu
FAMÍLIA — Nicá uiícana. (Literalmente, os que estão na mesma casa).
Parentes — Okcauerena
Pai — Pakque
Mãe — Pakcó
Avó — Nhekcó
Vovô — Nhekque
Filho — Makque
Filha — Makcó
Filhos — Poná
Filhas — Makcoca numiá
Irmão maior — Mamí
Irmão menor — Akcabí
Irmã maior — Mamió

Irmã meior — Akcabió
Irmãozinhos — Akcabiaca
Antepassados — Pakqueçumea
Velho — Bukque
Velha — Bukcó
Neto — Panami
Neta — Panamió
Netos — Panamena
Homem — Uma
Mulher — Numió
Marido — Manape
Espôsa — Nemó

NOÇÃO DO TEMPO

Dia — Ímeco
Noite — Iamica
Meio-dia — Dalítero
Tarde — Dalítero
De dia — Imeco nicape
De noite — Iamí nicape
Hoje — Nicaca
Amanhã — Iamiaca
Depois de amanhã — Nahata Boleró
Ontem — Canne
Ante-ontem — Tíneme
Cedo — Borecape
Outro dia — Akpíneme
Agora — Nicano
Agora mesmo — Nicánota
Mês — Muhipu
Ano — Quemá
Semana — Semana

ANIMAIS — Ekcana
Abelha — Mumiáue
Cutia — Bokçó
Aranha — Bekpe
Arara — Mahá
Barata — Cokció
Boi — Uekque ume
Bicho do pé — Dipuço
Borboleta — Mumonó
Cachorro — Diaí
Carrapato — Tehé
Camarão — Akpe
Carará — Okcó dakcé
Centopéia — Aqui
Cobra — Pinó
Cupim — Buktuá
Escorpião — Cuktipa
Formiga sauva — Biá ponã
Galinha — Cáneque
Garça — Iehé
Gato — Piçana
Inambu — Ahá
Jacamim — Tenta
Guariba — Emó
Jacaré — Okçó
Jararaca — Anha
Lagarto — Okçó
Macaco — Akqué
Mosquito — Mukte
Mucuim — Suaná
Mucura — Uá
Mutuca — Mukte
Mutum — Mitú
Onça — Iaí
Paca — Semé
Paca feia — Bu
Papagaio — Uekcó
Pomba — Buhá
Passarinho — Minicá
Piolho — Iá
Periquito — Caín
Porco — Iekcé
Rã — Omá
Raposa — Oá
Rato — Bií
Rouxinol — Cipa
Sapo — Taroque
Vaca — Uekque numió
Veado — Nhamá
Verme da terra — Áhua
Traça — Duktuáue
Tartaruga — Uú
Urubu — Iukcá
PEIXES — Uaí
Mandi — Ikquiá
Puraquê — Sahón
Piraíba — Mohó
Traíra — Dohé
Tucumaré — Buú
Uaracu — Boté

Dias da semana — (da língua geral ou nheengatú)
Segunda-feira — Muraquipí
Terça-feira — Mucuí
Quarta-feira — Muçapiri
Quinta-feira — Supapá
Sexta-feira — Iukcuacú
Sábado — Saurú
Domingo — Solíneme

FRUTAS — Iukque dikcá
Papunha — Eenguené
Ingá — Mené
Abio — Cané
Cucura — ôôcé
Miriti — Neé
Assaí — Mikpinha
Abacate — Unhú
Banana — Ohó
Pimenta — Biá
Abacaxi — Seená

MOBÍLIA

Rêde — Pungue
Cama — Cunianó
Mesa — Mesa
Banco ou banquinho — Cumonó
Cadeira — Duhiro

Cobertor — Umaquino
Colchão — Tahá ahuro
Espêlho — Eonon
Mala ou armário — Akcaro
Panela — Quiputi
Cuia — Uaharo
Prato — Bakpá
Colher — Coeira
Camotim — Sistéue
Balaio e aturá — Pií
Remo — Uahapi
Canoa — Iukquece
Arco — Buécate
Flecha — Anengue
Machado — Comé
Terçado — Dipí
Terçadinho — Dípiaca
Enxada — Sioga

RIO — Diá
Igarapé — Maa
Torrente — Akcó-tuktuaro
Foz do Rio — Piatacé
Nascente — Poté
Margem — Somuto
Rio cheio — Pueró
Rio pequeno — Uektiro
Igapó — Mininó
Cachoeira — Pueia
Correnteza — Akcó-tuktuaro
Rio manso — Akcó-tucunó
Praia — Nokcúmparo
Pedras — Uktampa
Pôrto — Pektama

CÔRES

Branco — Bukticé
Prêto — Nniincé
Vermelho — Soancé
Verde — Iáçace
Roxo — Sótiro-iáçaro
Amarelo — Eui ueroro puní

ALGUNS ELEMENTOS

Céu — Emekcé
Sol e lua — Mahipu, muhipu iamicape
Lua nova — Muhipu-mame
Lua cheia — Búbague
Lua minguante — Muhipu-petiaue
Nuvens — Omé-cururi
Estrêla — Nhokcuá
Temporal — Okcoro atiro ueecé
Chuva — Okcoro
Orvalho — Nhokcuá ukceco
Vento — Uiinó
Calor — Akcicé
Frio — Iikceácé
Água — Akcó
Sal — Moá

DICIONÁRIO PRÁTICO DA LÍNGUA TUCANA

A

Abacate — Unhú
Abacaxi — Seená
Abaixar — Dihocé
Abaixo — Dokcá
Abalar — Nhumicé
Abanar — Babá-uiancé
Abandonar — Coancé
Abarcar — Suçucé
Abater (árvores) — Iukque paacé
Abelha — Mumiquena
Abençoar (benção) — Oocé
Aberto — Puáncaro-nicé
Abertura — Cokpé
Abio — Cané
Abolir — Mipeocé
Abordar — Somuto-tuhacancé
Aborrecer — Ian-siniticé
Abotoar (botão) — Biacé
Abraçar — Paá-suçucé
Abreviar — Duú-nenecé
Abrir — Paancé
Absorver — Mimicé
Abster — Dareticé
Abundância — Pehé
Abismo — Equeánipe
Acanhado — Ucuntigue ou ucunuiigue
Acariciar — Padaracé
Acatar — Anhunó potenicé
Aceitar — Potenicé
Acelerar — Eme-iancé
Acender — Siancé
Achar — Bokcacé
Achatar — Padiocé
Aclamar — Ecaticémena calicucé
Acomodar — Anhunó akpocé
Açoitar — Tanaacé
Acolher — Potenicé
Acompanhar — Bapaticé
Aconselhar — Anhunó uerecé akpenané
Acordar — Uacancé
Acreditar — Heompeocé
Acudir (socorrer) — Ueetamucé
A dentro — Popeape
Adiantar — Uaa-metancé
Adiar — Iukcuecé
Adivinhar — Uakcun-bokcacé
Admirar — Ian-maniacé
Adoecer — Doaticé
Adormecer — Canicé
Adversário — Uakpague
Afetar (fingir) — Ueetaçacé
Afilhado — Makqueá
Afligir — Begauekticé
Aflorar (emergir á superficie) — Paçauacancé
Afogar — Minicé
Afundar (naufragar) — Minicé
Afrouxar (desapertar) — Detecaroacé
Afrontar — Nhaano ucuncé
Agarrar — Tuktuarómena nheencé
Agir — Daracé
Agitar (chamar com sinais) — Beapicé
Agonia — Uenicé petoaca
Agonizar — Uenicé petoaca
Agora — Nicano
Agora mesmo — Nicánota
Água — Akcó
Aguaceiro — Okcó
Aguardente — Sibioca
Agradar — Nihinciocé
Aguardar — Iukcuecé
Agudo — Ekceioaqui
Agulha — Aviá
Aguilhão — Cuktipa
Ai! — Agane
Aí — Toó
Ainda — Iuhupe
Ainda não — Iuhúpeue
Ajoelhar — Ukcépecuricé
Ajudar — Ueetamucé
Ajuntar — Uee-neencé
Alagadiço — Minino
Alarmar (assustar) — Iamanicé
Alça (argola) — Nheeno
Alcançar (receber) — Potenicé
Alçar (suspender) — Uehecuncé
Alcunha — Uame-buipeocé
Aldeia — Makcá
Alegrar — Ecaticé
Alegria — Ecaticé
Aleijado — Doholi-uií

Além — Tóierero
Alfaiate — Suti-derogue
Alfinete — Piónçuaro
Alguem — Akpí
Alheio — Akpí-ié
Alhures — Akpeciape
Aliás — Totá
Alicate — Cunindioro
Alimentar (dar comida) — Baaceré oocé
Alinhar — Anhunó cuncé
Alisar — Tudiocuncé
Aliviar (melhorar) — Anunó curecé
Almeijar — Akpenané anhunó egacé
Almôço — Baalítero
Alongar — Ioaró-ueecé
Alternar — Dikcaiucé ou akpí akpíbero
Altura — Emano
Alumiar — Sioncé
Alvorada — Boreacape
Amadurecer — Bukticé
Amago — Pópero
Amaldiçoar — Nhaano uerecé
Amamentar — Mioncé
Amar — Maicé
Amarga — Sem-eencé
Amargar — Sem-eencá-ueecé
Amarrar — Detecé
Amassar — Moneencé
Ameaçar — Tuticé
Amêndoa — Iatutú
Amigo — Menacangue
Amizade — Maicé
Amo — Pekcace
Amolar (afiar) — Ekce-iuacé
Amontoar — Okpameçacuncé
Amor — Maicé
Amortalhar — Ueniqueacé
Amparar (defender) — Ueetamucé
Anajá (palmeira) — Ikquí
Ananás — Seená
Ancho — Ekçacé ou ekçaro
Ancião — Bukque
Andaime — Cakçá
Andar — Uaacé
Andorinha — Ciripí
Anel — Sanhanibetó
Animal — Uaiquem
Aninhar — Mínique-sutiró
Ano — Quemá
Anoitecer — Naiqueacé
Anta — Uekque
Ante — Dikporo
Antigo — Dikporope
Anzol — Ueecá
Apagar — Ioocé e tucuecé
Apalpar — Padaracé
Apanhar — Nheencé
Aparar — Seecé
Aparecer — Bahucé
Apartar — Ueetacé
Apedrejar — Uktan-dokquecé
Apertar — Tudiocé e nukteucé
Apetite — Baa-Sinicé
Ápice — Emá-ieregue
Apimentar — Biá-ueecé
Apitar — Pukticé
Apontar — Nhuun-cuncé
Aportar — Pektá-mahá-ehacé
Aprender — Buenocé
Aprestar — Quero-ueecé
Aprumar — Diaque-nucuncé
Aquecer — Somancé
Aquêle — Sií
Aquela — Sikcó
Aquêles — Soócana
Aqui — Ató
Aquietar — Ditá-manicé
Aquilo — Tohó
Aquoso — Okcóierero
Aracú — Boté
Aranha — Bukpe
Arara — Mahá
Arbusto — Oktecé
Archote — Sioncé
Arco — Buécate
Arder — Puno-ehuncé
Areia — Nokcúmparo
Argila — Boré
Arma — Pekcaue
Armadilha — Iuuró
Armação — Cakçáue
Armazém — Doali-tukcú
Aromático — Emeticé
Arpear — Dokquecé
Arraia ou raia — Anhá
Arraigar — Nekcunicuncé
Arrancar — Miuacuncé e duacé
Arranhar — Nhaquencé
Arrasar — Uecetecé
Arrepender-se — Begauekticé
Arriar — Duucé
Arrôcho ou tipiti — Uaktíqueon
Arrojado — Uitibuktiague
Arrombar — Tuktuarómena paancé
Arroz — Aruçú
Arrozal — Aruçú oktecé
Arrumação — Akpocé
Arrulho — Buhá uucé
Arrumar — Anhunó okpocé
Árvore — Iukquegue
Asa — Ueeró
Ascenção — Emeacé
Asfixiar — Heri-peticé
Aspirar — Mimi-diocé
Asqueroso — Nhaanbuktiague
Assado — Siçoque
Assassinar — Uehencé
Assassino — Uehengue
Assim — Totá
Assistir — Cotecé
Assobiar — Uiicé
Assomar — Bahucé
Assoprar — Bukticé
Atalho — Maaque

Atar — Detecé
Até — Té
Atender — Ieeticé
Aterrar — Ditámena moacé
Atoa — Tonicangue
Atoleiro — Sabaro
Atormentar — Pieticé-oocé
Atraiçoar — Niçocé
Atrapalhar — Uee-maçocé
Atrasar — Sirotucé
Atravessar — Peancé
Atroada — Bukpo-ueecé
Aumentar — Nemocé
Auréola — Akcistero
Ausentar-se — Uaacé
Auxiliar — Ueetamucé
Avaliar — Noano uakpaticé
Avançar — Uaacé
Avante — Uaáia
Ave — Minique
Avessas — Mim-hamicé
Avisar — Uereocé
Avistar — Ian-metancé
Avó — Nhekcó
Azar — Dohocé
Azedar — Piacé
Azeitar — Uucé-uarecé
Azul — Iáçaro

B

Baba — Ukceco
Babaçu (palmeira) — Ikquí
Bacia — Bacía
Bagaço — Cakcero
Bagagem — Durecé
Bagre (peixe) — Uaí
Bailar — Bakçacé
Bailarino — Bakçague
Bainha — Ahuro
Baixar — Bereacé
Bala — Pekcape
Balançar — Bahacé
Balbuciar — Ucunecancé
Balde — Tónicano
Baldeação — Duremono-oocé
Banana — Ohó
Banco — Cumonó
Banha — Uucé
Banhar — Uacé
Banzeiro — Pakcuni ueecé
Barata — Cakciá
Barato — Uakpá diocé
Barba — Ukceca poali
Barca — Iukquece
Barraca — Uií
Barro — Ditá
Barulho — Ditaticé
Bastar — Dikçacé
Bastante — Dikçaa
Bastão — Tuaque
Batalha — Ameni uehencé
Batata — Iakpí
Batauá ou patauá — Iumú
Bater — Paacé
Batismo — Uameieecé
Baú — Akcaro
Beber — Sinicé
Beiço — Ukcébeto
Beijar — Mimicé
Beira — Somuto
Bem — Anhucé
Benefício — Anhunó ueecé akpenané
Benevolência — Anhunó héripona potenicé
Benfazer — Anhunó darecé
Benzer — Benção oocé
Berra (cio do veado) — Nhamá uucé
Besouro — Doktó
Besteira — Ueemacancé
Bico — Equea
Bicha e bicho — Uaiquem
Bigode — Ukceca poali
Bôca — Ukcero
Bocejar — Iariticé
Bochecho — Ekcé-mucuncé
Bofetada — Uaçúporo paacé
Boi — Uekque ume
Boiar — Paaçacé
Bojo — Paga pekcacé
Bolsa — Ahuro
Bonança — Soocé
Bondade — Anhuné ou Héripona anhunó oocé
Bonito — Anhupunica
Boquilha — Menó-uhucé
Borboleta — Mumonó
Bordo — Somuto
Bordão — Tuaque
Bordejar — Somuto uaacé
Borracha — Diigue
Borracho — Queague
Borrasca — Okcoro uiínó
Bosque — Nukque
Bosta — Uekque eetá
Botar a perder — Dokque-coancé
Botar em alto — Dokque-monocé
Botar por terra — Dokque-cuncé
Botar dentro — Dokque-sancé
Botar fora — Dokque-vionecê
Bôto — Piraiavara (língua geral)
Braça — Braça
Braço — Amuca
Bradar — Calicucé
Bramido (da onça) — Iaí-uucé
Branco — Bukticé
Brasa — Akcicé
Brava — Uitigue
Breu — Okpé
Breve — Sonarómera
Briga — Amequencé
Brilho — Akci-ieerecé
Brincadeira — Akpecé
Brincalhão — Akpegue
Brinco (das orêlhas) — Eméperi iokçacé
Broca — Senene
Brocha — Uarero
Brotar — Pinicé

Bruxaria — Dohocé
Bubuiar — Paaçacé
Bucho — Eetá-mikcídari
Bulir — Daramancé
Buraco — Cokpé
Burla — Buicancé
Burlar — Buicancé
Buscar — Hamancé
Buçú — Muhi-bekque

C

Cá — Atope
Caba — Uktiá
Cabana — Uuí
Cabeça — Dikpoá
Cabeçudo — Tuktuarocangue
Cabelo — Poali
Caber — Ceçacé
Cabo — Púnemo
Caçar — Pekcaieecé
Caçador — Pekcaieegue
Cacarejo — Cáneca uucé
Cacete — Paaque
Cachaça — Sibioca
Cacho — Okpácuru
Cachoeira — Puéia
Cachorro — Diaí
Cacique — Viogue
Cada — Nique
Cadáver — Uenique
Cadeira — Cumonó
Caiar — Bolé-uarecé
Caju — Soná
Calafetar — Okpémena biacé
Calango — Ióaçon
Calar — Ucunticé
Calça — Cirura
Calcanhar — Dikpodia
Calcar — Eetá diocé
Calcular — Bapa-queocé
Cálice — Sinino
Calmo — Ditá-maningue
Calmaria — Ditá-manicé
Calor — Akcibukquece
Calúnia — Nhaano ucuncé akpenané
Calvo — Poali maningue
Cama — Cunianó
Camada — Buicunhancé
Camaleão — Ukçó ióaçon
Camarão — Dakcíon
Caminho — Maá
Camisa — Camiça
Campainha — Tamaraca
Campo — Tanauécaro
Canastro — Pií
Cancelar — Tucuecé
Candieiro — Siampeocá
Caneca — Sinica
Caneta — Ogoaque
Canhoto — Cumpe
Caniço — Uehériço
Canoa — Iukquece
Cansaço — Iuhuncé
Cantar — Bakçacé
Cão — Diaí
Capa — Buí-sutiro
Capim — Taá
Capinar — Taá-curecé
Capitão — Viogue
Capitari (tartaruga macho) — Uu-ume
Capoeira — Uekcé-mehono
Cápsula — Moano
Cara — Diápoa
Cará — Nhamú
Caracará — Okcó-dakcé
Caracaxá (chocalho para crianças) — Quiktió
Caracol — See
Carajá ou guariba preto — Emó
Caranguejo — Akpe
Carapanã — Mukté
Carcaça — Ouani
Carcoma (bicho que róe madeira) — Uerecé
Cardume — Uaí-túneno
Carga — Akpeca durecé
Caridade — Akpenané anhunó ueecé
Carne — Diiró
Caro — Uakpá-Behucé
Caroço (de abio) — Nané iakpé
Caroço (de pupunha) — Eené iakpé
Caroço (de abacate) — Unhú iakpé
Carpinteiro — Carapina
Carrapato — Tehé
Carregar — Duremonoocé
Carvão — Niktí
Casa — Uií
Casamento — Uamuca detecé
Casca — Cakcero
Cascão — Cakcero buktiró
Casco — Iukquece cuktiro
Castigar — Buiri darecé
Catapora — Cáneca poocé
Catarro — Ehón
Catequizar — Uaque buecé oocé
Catinga — Eenincé
Cavaco — Pass-teque
Cavar — Seecé
Cauda — Pikcono
Caveira — Oán
Caxiri — Peru
Cegar — Ian-bokcaticé
Cego — Ian-makcitigue ou cakperi maningue
Ceia — Baaná-ioncé
Celebrar — Solíneme daracé
Cem — Papaçaua (da língua geral)
Centro — Dekcope
Céu — Emano
Cepo — Tukturo
Cêra — Mumitá
Cêrca — Sanino
Cercar — Sanino ueecé

Cerimônia — Bakcecé
Cerrar — Biacé
Certo — Ninota
Cessar — Duucé
Cesta — Pií
Chaga — Camino
Chama — Omé
Chamar — Pihicé
Chão — Nokcuca
Chefe — Viogue
Chegar (aquí) — Ektacé
Chegar (lá) — Ehacé
Cheirar — Uihincé
Chulear — Hedulecé
Chiqueiro — Iekcé-nino
Choça — Uií
Chocar — Dokque-poteoncé
Chuva — Okcoro
Chorar — Ukticé
Cidade — Makcá
Cigarra — Nhaino
Cima — Emánope
Cinto (cinta) — Paga detérida
Cipó — Mikcí
Cinza — Nohá
Circular (rodear) — Okpá-betoecé
Coati — Mikpi
Cobertor — Omaquino
Cobra — Pinó
Cobrir — Moancé
Coçar — Nhaquencé
Coceira — Nhaquencé
Cochilar — Caniduicé
Coisa — Té
Coivara — Uekcé-taá curecé ou Uekcé-taçacé
Cola — Pioncé
Colchão — Ahuro taá
Cólera (raiva) — U-uacé
Colhêr (frutas) — Neencé
Colmar — Mumucé
Colo — Uametá
Colocar — Cuncé
Com — Mena
Comadre — Toacó
Começar — Necancé
Comer — Baacé
Cometer — Darecé
Como — Ueroro
Compaixão — Pahacé queocé
Comprar — Duucé
Confissão — Uereieereocé
Congote — Cante
Conhecer — Makcicé
Cônjuge — Manape ou nemó
Construir — Uií daracé
Contar — Bapa-queocé
Conversa — Ucuncé
Converter — Dikcaiucé
Cooperar — Ueetamucé
Copo — Sinino
Côr — Bahucé
Coração — Héripona
Corajoso — Uitigue
Corcunda — Okpatu
Corda — Púnemo
Corno (de boi, de veado) — Uekque saví, Nhamá saví
Coroa — Pekçaro
Corpo — Ukpe
Corredeira — Okcó-tuktuaró
Correr — Umhacé
Corromper — Nhaano dikcaiucé
Cortar — Dektecé
Corte — Dektero
Coruja — Bekpe-pakcó
Coser — Derocé
Cozer — Baacé-darecé
Costas — Seema
Cotoco — Okpaci
Cotovêlo — Amucamípero
Couro — Cakcero
Cova — Cokpé
Coxo — Okpá cuci
Cozido — Doaque
Cozinha — Baacé-daréró
Crepitar — Barastecé
Crescente (do rio) — Pueiaro
Crescer — Bukqueacé
Cria — Ponaticé
Criado — Petocangue
Criança — Uimangue
Criar — Makçoncé
Cru — Nhaítigue
Cruz — Curuça
Cruzar — Peancé
Cuia — Uaharo
Cuidar — Cotecé
Cumati — Cumatí
Cume — Dikpóçani
Cúmplice — Nhaanceré dere-uetamugue
Cunha — Padioro
Cunhado — Bekçuque
Cupim — Buktuá
Curandeiro — Iaíua
Curioso — Ian-peo-sinigue
Curuba — Makça-dianá
Curva — Beto
Cuspir — Ukcé-pukticoncé
Cutelo — Dipiaca
Cutia — Bokçó

D

Dançar — Bakçacé
Daquêle — Sií-ié
Daquela — Sikcó-ié
Dar — Oocé
Debaixo — Dokcape
Débito — Uakpamocé
Declamar — Niincé
Declinar — Deocé
Decompor — Uestecé
Dedo — Umúpica
Defecar — Eenacé
Defender — Ueetamucé
Definir — Niceré uerecé
Defluxo — Ehón-coancé

Defronte — Dikporo
Defumar — Omeoncé
Degenerar — Nhaano díkcaiucé
Deglutir — Meoncé
Degolar — Dikpoá dektecé
Deitar — Cahincé
Deixar — Duucé
Deitar-se — Ecaticé
Delgado (magro) — Okpácariro
Delirar — Maticé
Demais — Ató buipe
Demarcar — Queocé
Demasiado — Ni-ierecé
Demência — Maticé
Demolir — Dokquecuncé
Demônio — Uaktí
Demorar — Iukcuecé
Denso (espêsso) — Ee-ierecé
Dente — Ukpica
Derrubar — Dokque-diocé
Desabotoar — Botão-paancé
Desacomodar — Akpoticé
Desacreditar — Akpenané nhaano ucuncé
Desalojar (por vontade própria) — Uihiacé
Desalojar (por vontade alheia) — Coanvionecé
Desamparar — Mehencacuncé
Desapertar — Dete-caroacé
Desarranjar — Akpoticé
Desatar — Paancé
Desatento — Tiopeotigue
Desatracar — Paancé
Desbocado — Nhaano-ucungue
Desbotar — Bukpoacé
Descalço — Sapatu manicémena
Descampado — Uktu-uini-manino
Descarga — Pekcaieecé
Descarregar — Duremoneoncé
Descender — Bereacé
Descobrir — Ian-bokcacé
Desconfiar — Heompeoticé
Desconhecer — Ian-makciticé
Descontar — Diocé
Descoser — Deropancé
Descuidar — Coteticé
Descurar — Coteticé
Desejar — Egalipeacé
Desembarcar — Akpocé
Desencostar — Tupioneoncé
Desenferrujar — Eetá-niceré-micé
Desenho — Queocé
Desenroscar — Sane-vioneoncé
Deserto — Makçá-manino
Desfiar — Paancé
Desfolhar — Puni-coancé ou Puniburucé
Desgarrar — Nhaano dohocé
Desgôsto — Begauekticé
Designar — Ioncé
Desigual — Akpí ueroro nítingue
Desinfetar — Neocancé
Desmentir — Nidikcaiucé
Desmerecer — Bahuliocé
Desnível — Diaque nítiro
Desolar — Begauekticé
Desordem — Akpocé manicémena
Desovar — Diecuncé
Despedir — Anhu dukticé
Despejar — Pioçancé
Despensa — Doari-tukcú
Desperdiçar — Bahuliocé
Despertar — Uacancé
Despir — Suti-paancé
Despontar — Bahucé
Despregar — Prego-paancé
Desprezar — Eopeocé
Desprêzo — Iabicé
Destocar — Tukturo Paancé
Destroçar — Akpaci-ueecé
Destruir — Uesestecé
Desunir — Neenticé
Desvairado — Matigue
Desventura — Nhaano uahacé
Desviar — Maá-dikcaiucé
Deter — Tohanecancé
Deteriorar — Boacé
Detrás — Sirope
Deus — Uaque
Devagar — Sótiro
Devassar — Uesestecé
Dever — Uakpamocé
Devorar — Soaro-baacé ou Cunimeoncé
Dez — Peámuquece
Dia — Ímeco
Diabo — Uaktí
Diáfano — Ian-iereogue
Diante — Dikporo
Diário — Ímecoli
Diarréia — Iohá
Diferente — Akpí ueroro nítigue
Difícil — Diaçacé
Difundir (derramar) — Piocuncé
Dignar-se — leeré-baksaiá
Dilacerar (com os dentes) — Cuni-sestecé
Dilatar — Éçaro-ueecé
Diligência — Anhunó egarómena
Diluir — Moneencé
Dique — Camutacé
Direção — Diaque uaacé
Direito — Diaquengue
Dirigir (guiar) — Diaque miacé
Discernir (separar) — Dikcauaacé
Discurso — Niincé
Disenteria — Iohá
Disfarçar — Ueetaçacé
Disparar — Pekcaieecé
Dispensar — Nerestecé
Dispor — Akpocé
Disputar — Utamu-amequencé
Dissimular — Ueetaçacé
Dissolver (desfazer) — Ueetaacé
Distender — Seompeocé
Distrair — Tiopeoticé
Distribuir — Ekticé
Diverso — Akpí-uerero nítigue
Divertir — Akpecé

Divida — Uakpamocé
Dividir — Dikcauaacé
Divórcio — Manape ou nemó coancé
Dizer — Uerecé
Doador — Oogue
Doar — Oocé
Dobrar — Tupecé ou mipeecé
Doce — Mumí
Doença — Doaticé ou Duktí
Doente — Doatigue
Doer — Punicé
Doidice — Maticé
Doido — Matigue
Dois — Peá
Domar — Nihiciocé
Dominar — Dukticé
Domingo — Solíneme
Dona — Viogo
Dor — Punicé
Dormir — Canicé
Dorso — Seema
Duplicar — Akpátuli ueecé, oocé etc.
Duro — Buktiro
Duvidar — Anhunó makciticé
Dúzia — Duzia

E

Ébrio — Dokquequeague
Eco — Akcá uahancé
Ecoar — Akcá uahancé
Edema — Bikpicé
Edificar — Uií darecé
Egoísta — Maipeogue
Elevação — Emánope
Em — Pe
Emanar (sair) — Uihiacé
Embainhar — Sion-saancé
Embalar — Bahacé
Embaraçar — Camutacé
Embarcação — Iukquece
Embarcar — Iukquécepe sahancé
Embarrar — Ditá-piacé
Embater (encontrar-se) — Potenicé
Embeber — Puacé
Embelecer — Mamaceocé ou Mamaticé
Embira — Mikcí
Embocar (chegar à bôca) — Piatacé
Emborcar — Mohocuncé
Emboscar (esconder-se) — Neoncé
Embrear (cobrir com breu) — Okpémena uarecé ou biace
Embriagar — Queacé
Embrulhar — Omacé
Emendar — Anhunó akpátuli ueecé
Emergir — Mehaticé
Empalhar — Muhí moacé
Empatar — Ueetacé
Empenhar-se — Dare-uakpamocé
Empeorar — Nhaano dohocé
Empinar — Diaque necuncé
Emprestar — Uakçocé
Empurra — Tudokqueocé ou Tuqueocé
Encaixar — Akcaro pabiacé
Encalçar — Sirope uaacé
Encapar — Omacé
Encarar — Iapoteoncé
Encarregar — Cote-dukticé
Encerrar — Biacé
Encharcar (inundar) — Minicé
Encher — Mumucé
Encobrir (não deixar ver) — Ionticé
Encolher — Ioátiro ueecé
Encontrar — Potenicé ou bokcacé
Encostar — Tuha-paacé
Encurtar — Ioátiro ueecé
Endireitar — Diaque ueecé
Endoidecer — Matica-uaacé
Endurecer — Buktiro-ueecé
Enfeitar — Anhunó akpoiucé
Enfermaria — Doatina-nino
Enfêrmo — Doatingue
Enfiar — Pioncé
Enfraquecer — Peá-peticé
Enfurecer — U-haro sahancé
Enganar — Niçocé
Enganchar — Tu-sahancé
Engasgar — Ancancé
Engordar — Dií-ioacé
Engrossar — Bukqueacé ou pahiro ierecé
Enlaçar — Dokqueçancé
Enlodar (sujar) — Uini-ohoncé
Enojar — Calibuktiacé
Enraivecer — U-haro sahancé
Enrascar (apanhar na rêde) — Dokque suacé
Enredar — Uehé-soacé
Enrolar — Uamecé
Enroscar — Uamehencé
Ensaboar — Sabão uarecé
Ensaiar — Queocé
Ensangüentar — Dií-ohoncé
Ensinar — Buecé
Ensino — Buecé
Ensopar — Puacé
Ensurdecer — Tioticé ou Tioticé duucé
Então — Titapunica
Entender — Tiocé
Enterrar — Iaacé
Entoar — Bakça metancé
Entornar — Pioçancé
Entrada — Sahá-nícano
Entranha — Popeápe
Entre — Dekcope
Entreabrir — Sótiro paansé
Entregar — Viacé
Entrementes — Uerócano
Entreouvir — Sátiro-tiocé
Entrever (ver com dificuldade) — Ianbokcáaia manicé
Entristecer — Calibukticé

Entupir — Tubiacé
Enveredar — Maá-uaacé
Envergonhar — Bokpoiacé
Envolver (embrulhar) — Omacé
Enxada — Sioga
Enxaguar — paa-cuecé
Enxame — Mumíquena-ueecé
Enxergar — Ian-bokcaacé
Enxotar — Paa-vionecé
Enxuto — Bokporo
Erisipela — Cakcero boacé
Errar — Uikcicé
Esbulhar (despojar) — Mipeocé
Escama — Uaí pekteno ou uaí niteni
Escancarar (abrir de par em par) — Paan peocé
Escandalizar — Nhaano queoceré oocé akpenané
Escangalhar — Ueestecé ou uetanecé
Escapar — Dutícé
Escarnar — Dii miicé
Escarrar — Ukceco coancé
Escarro — Ukceco
Escassear — Diocé
Escavar — Cokpé ueecé
Escoar — Pio-ueecé
Escolher — Bekcecé
Escôva — Oari bokcá
Escovar — Oari bokcacé
Escravo — Petocangue
Escrever — Ogoacé
Escudo — Baktípacaro
Escuma — Sapoli
Escuridão — Naitiano
Escutar — Tiocé
Esfarrapos — Okpáderero
Esfolar — Panecé
Esforçar — Tuktuarómena ueecé
Esfregar — Tu-uarecé
Esfriar — Iikcea sahancé
Esgotar — Peticé
Esguichar — Nhaan-diopeocé
Esmagar — Moktompeocé
Espaço — Ualé ou Nino
Espada — Nhokcenipi
Espádua — Okcóporo
Espanar — Neocacé
Espantar — Ukqueacé
Espatifar — Dokque sestecé
Espêlho — Éolon
Esperar — Iukcuecé
Espernear — Dikpócani ameiecé
Espêsso — Ee-ierecé
Espêto — Piono
Espiga (de milho) — Ohoca-paró
Espinho — Poktá
Espirrar — Aantsiancé
Espoleta — Espoleta
Espremer — Bikpecé
Espuma — Saporo
Esquecer — Okcobohocé
Esquerda — Cumpecé
Esquina — Somuto
Essa — Coó
Esse — Aní
Esta — Atigo
Estabelecer — Cuncé
Estaca — Sanino
Estada (demora) — Nino
Estalar — Barastecé
Estar — Niicé
Estátua — Makci-ieque
Este — Atigue ou aní
Esteio — Boktá
Esteira — Tupe
Estender no chão — Seoncuncé
Estender sôbre alguma coisa — Seompeocé
Estêrco — Eetá
Estilhaço — Baktaque
Estio — Akcicé
Estôjo — Bubécoaro
Estômago — Cuktiro
Estropiar — Uaní nunicé
Estrume — Eetá
Estupidez — Tiomakciticé
Esvaecer (perder as fôrças) — Tuktuaro peticé
Eu — Iee
Evadir — Dutícé
Excluir — Sahan-duktiticé
Exigir — Tuktuarómena egacé
Existir — Niincé
Expiar — Buiri darecé
Explicar — Anhunó ueecé
Explosão — Tenecé
Expor — Ioncé
Expulsar — Coan-vionecé
Externo — Buí-nincé
Extrair — Tuktuarómena miicé
Extremo — Sirope

F

Faca — Dipiaca
Face — Diápoa
Facho — Mukpuni siancé
Fácil — Diaçaue
Facilitar — Ueetamucé
Facultar — Oocé
Faísca — Akci-sestecé
Falador — Utamu-pihague
Falar — Ucuncé
Falca — Amendoque
Falha — Okpápoa
Falsar e falsificar — Niçocé
Falta — Buiri
Família — Okcauerena
Fantasma — Uaktí-dokqué-quearo
Farçante — Niçogue
Farejar — Uihí bokcacé
Farinha — Pocá
Farol — Siancá
Farrapo — Sutí-cakcero
Fartar-se — Iakpicé
Fatia — Ieeciácaro
Fato — Sutí
Favo — Mumí-sutiro
Favorecer — Anhunó ueetamucé

Fazer — Ueecé
Fé — Heompeocé
Febre — Uhaque
Fechar — Biacé
Fedor — Eenice
Feio — Nhaano
Feixe — Okpá-duktú
Feliz — Ecatigue
Fêmea — Numió
Fender — Paá-uaacé
Feno — Taá-bokpocé
Féria — Siacé
Ferida — Camino
Ferir — Cami-ieecé
Fermentar — Pamencé
Feroz — U-uague
Ferrugem — Eetá-uihicé
Festa — Bokcéneme
Fezes — Eetá
Ficar — Tohaquiacé
Filha — Makcó
Filiação — Poná
Finado — Uenique
Fingido — Ueetaçague
Fingir — Ueetaçacé
Fio — Iuktá
Firma — Uamé-ohoacé
Fisionomia — Bahucé
Fitar — Ian-poteoncé
Fixo — Iumítiro
Flauta — Puktiro
Flecha — Boéque
Flechar — Buecancé
Flexível — Pábeto-ueero
Flor — Oli
Florecer — Olineocé
Fôfo — Buktítiro
Fome — Ehaqueacé
Fonte — Okcó-uihiatiro
Fôrça — Tuktuaro
Formar — Ueecé
Formiga (de fogo) — Emoá
Formiga (pequenina) — Necuma
Formiga (saúva) — Biá-poná
Formigueiro — Biá-poná cokpé ou uií
Forte — Tuktuague
Fortificar — Tuktuacá-ueecé
Fósforo — Pekcame-akcaro
Fossa — Cokpé
Foz — Pitó
Fraco — Tuktua-maningue
Frechal — Ane-beéce
Frente — Diápoa
Freqüente — Pehétiri
Frieira — Onéburu
Frigir — Doacé
Frio — Iikceacé
Fruto — Dikcaticé
Fuga — Dutícé
Fugir — Dutícé
Fumaça — Omé
Fumar — Uhucé
Fumo — Menó
Fundar — Cuncé
Furar — Cokpé-ueecé
Furo — Cokpé
Furtar — Iahacé
Futuro — Toberocancé

G

Gago — Cucugue
Gaguejar — Cucucé
Gaita — Puktiro
Galinha — Caheque-numió
Galo — Cáneque-ume
Gambá — Oá
Gancho — Noopí
Ganhar — Uakpatacé
Ganir — Diaí calicucé
Garapa — Anecó
Garça — Iehé
Garfo — Bobébaro
Gargalhada — Buhí-paancé
Garganta — Uameetá
Gargarejar — Muktuncuncé
Gargarejo — Muktuncuncé
Garoto — Buktuiague
Garra — Iáquina ou nheeno
Gastar (consumir) — Peocé
Gatilho — Paátiano
Gato — Piçana
Gavião — Aá
Gêmeo — Sereague
Gente — Makçá
Germinar — Pinicé
Gesticular — Amenhencé
Giro — Betó
Glutão — Baá-uaní
Golpear — Doktecé
Goma — Iá-uhoncé
Gorducho — Dií-behuaca
Gordo — Dií-behugue
Gordura — Uucé
Gastar — Egaliticé
Goteira — Suçuro bikpiro
Gotejar — Okcóperi surucé
Gozar — Ecaticé
Grande — Pahigue, pahiro
Grão — Okpape
Gratificar — Akpénoho oocé
Gravata — Detero
Grave (pesado) — Nukqueno
Gripe — Gripe
Gritar — Calicucé
Grude — Pirá-oncé
Guará (ave) — Okcó-dakcé
Guardar — Cotecé
Guariba — Emó
Guelras — Uaçúporo
Guia — Uaametangue
Guiar — Uaa-metancé
Gulodice — Baá-behucé
Guloso — Baá-behugue

H

Hábil — Menigue
Habitar — Niincé
Hálito — Pukti-vionecé
Hemorragia — Dií-uihiacé

História — Quektí
Hora — Hora
Hospedar — Canino oocé
Hóspede — Ektague

I

Idéia — Uakcuno
Idem — Totá
Igapó — Diacué
Igarapé — Ma
Ignorante — Makcitigue
Ignorar — Makcíticé
Igreja — Uaque uií
Igual — Akpi ueroro
Ilha — Nukqueno
Iludir — Niçocé
Imenso — Pahí-ierero
Imergir (mergulhar) — Ohocé
Imitar — Akpena ueroro darecé
Imortal — Ueni-makcitigue
Imóvel — Iumitigue
Impacientar — Iukcue-makciticé
Impar — Nicánohoro niticé
Impedir — Camutacé
Impenetrável — Sahan-makcitigue
Imperar — Tuktuaromena dukticé
Ímpio — Nhaan-buktiague
Implantar — Necuncé
Implicar — Nhaano darecé
Implorar — Pahacé queorómena senicé
Implume — U-uecé maningue ou poali maningue
Impor — Tuktuarómena poteni-dukticé
Importunar — Calibukticeré oocé
Impossível — Dare-makcitigue
Imprecar — Nhaanceré egacé ak-penané
Improviso — Uakcunha manicé-mena
Impureza — Ukpe pecadoticé
Imundície — Nhaancé
Imundo — Nhaan-buktiague
Inambu — Ahán
Incarnação — Ume-darenocé
Incendiar — Pekcá-ehancé
Incêndio — Pekcá-eheno
Incesto — Ueacahincé okcauere-nané
Inchado — Bikpigue
Inchar — Bikpicé
Incitar (enraivecer) — U-uaro sa-hancé
Inclinar — Muniqueacé
Incluir — Dekcope-soneoncé
Incógnito — Neongue
Incomodar — Calibukticeré oocé
Incrédulo — Heompeotigue
Indagar — Hamancé
Indicar (com a mão) — Iumpeocé
Indigente — Akpeié-nohómoogue
Indigno — Uakpatatigue
Índio — Potericangue
Indolência — Nihinciancé
Indulgente — Okcobonogue
Ineptar — Queacé
Infalível — Uiki-makcitigue
Infamar — Nhaano uerece
Infância — Uimaná nice
Infeccionar-se — Boacé
Infeccionar a outrem — Penicé
Inferior — Cannaca
Infestar — Uee-sestecé
Inflci — Uame-maningue
Inflamar — Bikpicé
Informar — Quektí uerecé
Inga — Mene
Ingente — Pahí-buktiague
Ingrato — Tiomakcitigue ou nha-angue
Inábil — Darepeo-makcitigue
Inhame — Nhamú
Iniciar — Necancé
Inimigo — Uakpague
Injeção — Bobece
Injustiça — Diaque manicé
Inocente — Buiri-maningue
Inovar — Mamá-ueecé
Inquietar — Sootice
Insalivar — Ukceco uarecé
Instruir — Buence
Inteiro — Nipetiro
Intemperança — Sinibehucé
Intentar — Uee-iancé
Interdizer — Ueeti-dukticé
Interpor — Dekcope-cuncé
Interior — Popeape
Interno — Popeague
Interpelar — Semtiancé
Introduzir — Sahan-dukticé
Inundar — Minicé
Invadir — Tuktuarómena sahancé
Invisível — Ian-makcitigue
Invólucro — Moano
Ira — U-uacé
Ir — Uaacé
Irmã maior — Mamió
Irmã menor — Akcabió
Irmão maior — Mamí
Irmão menor — Akcabí
Irracional — Uakcun-beckce-mak-citigue
Isca — Ahunó
Isolado — Makçá manicémena
Isso — Sikcé
Isto — Até
Itaúba — Popegue

J

Jaboti — Úhuri
Jacamim — Tenta
Jacaré — Ukçó
Jacu — Caktácaçoano
Jacundá (peixe) — Mehá
Jaguar ou jaguara — Iaí
Jamais — Né nicatí
Jundiá — Ikquiá
Janela — Uinope

Jangada — Okpacakçó
Japá (tolda) — Uimoanó
Japim — Nhonçón
Japu — Umú
Jaqueta — Camiça
Jardim — Olióktero
Jaula — Minique sanhano
Jazer (estar sepultado) — Iaacé
Jejuar — Beticé
Jibóia — Uekcécotero
Jiri ou jirau — Cakçáue
Joelho — Ukcépecuri
Jogar — Akpecé
Jôgo — Akpecé
Jorrar — Tuktuarómena uihiacé
Jovem — Mame
Júbilo — Ecaticé
Juiz — Bekcegue
Julgar — Bekcecé
Junto — De-petópe
Jurar — Uaquené pikçumacancé
Juruti — Buhá
Justiça — Diaque nicé

L

Lá — Soope
Lábio — Ukcébeto
Laborar — Daracé
Laçar — Detecé
Laço — Dekcuaro
Lacraia — Aqui
Lactar — Mioncé
Lado — Somuto
Ladrão — lahacé pihague
Ladrar — Diaí calicucé
Lagarta (do ingá) — Mené capétoro
Lagartixa — Ióaçonca
Lagarto — Ióaçon
Lago — Ditara
Lágrima — Jacocó
Laguna — Ditároaca
Lamber — Nenecé
Lambuzar — Uini ooncé
Lamentar (chorar) — Ukticé
Lâmpada — Siancá
Lamúria — Uktinemocé
Lança — Nhoncenipi
Lançar — Dokque coancé
Lancha — Nancha
Lanterna — Siancá
Lanugem — Poali-metancé
Lapidar — Uktam-dokquecé
Largar — Duucé
Largo — Ióaro
Lascar — Baktacé
Lata — Data
Latido — Diaí tuticé
Latir — Diaí tuticé
Latrina ou sentina — Onenó
Lavar — Cuecé
Lêdo — Anhunó héripona ecatigue
Lei — Dukticé
Leite — Okpeco
Leito — Cunianó
Lembrar — Uakcuncé
Lenda — Quektí
Lenha — Pekcá
Lento — Sotiroaca uaague
Leque — Babacétero
Ler — Papera iancé
Lesto — Soharómena uaague
Levar — Miancé
Leve — Canaçacé e nukquetigue
Liberdade — Deténoia manicé
Ligeiro — Eme-iancé
Liquidar — Uakpata-peocé
Liso — Iapicé
Litigar — Ameni tuticé
Litígio — Ameni tuticé
Livrar — Duticé
Livro — Papératuli
Lodaçal — Sabaro
Logo — Nicano
Longe — Ioaro
Lontra — Diatimi e diaió
Loucura — Maticé
Lua — Iamica muhipu
Lua nova — Mamá muhipu
Lua cheia — Búbague
Lua minguante — Búbapeogue
Lucrar — Uakpatacé
Lugar — Nino
Luxúria Ukpe pecado
Luz — Siancé
Luxar o braço ou a perna — Amuca ou dipoca mahacé

M

Maca — Cunianó
Macaco — Akqué
Macaco barrigudo — Sei
Macaco quase amarelo — Makcá akqué
Macaco menor de todos — Menecím
Macaxeira — Macaxeira
Machado — Comé
Machucar — Dokque-tiancé
Macular — Uini ooncé
Madeira — Iukque
Madrugar — Boreacé
Magro — Dii-maningue
Mais — Pehé ou iácuno
Mal — Nhaancé
Mala — Akcaro
Malandro — Tecebehugue
Malária — Uhaque
Maldade — Nhaancé daracé
Maldição — Nhaano uerecé
Maldizer — Nhaano uerecé
Malícia — Nhaano uakcuncé
Maloca — Bakcari uií
Malquerer — Nhaano egacé
Maltratar — Nhaano queocé e Manequeocé
Maluco — Matigue

Mamão — Mamão
Mamar — Mioncé
Mancha — Uiní
Manco — Doholi-uí
Mandamento — Dukticé
Mandar — Dukticé
Mandíbula — Ukcecá
Mandioca — Quií
Manga (da camisa) — **Camiça amuca**
Manhã — Borecape
Manietar — Amúcani detecé
Manicuera — Nhokcá
Manobrar — Autucé
Manso — U-uatigue
Manter — Anhuno menocé
Mão — Amuca
Maqueira — Pungue
Mar — Diá-pahirí maá
Maracujá — Murucuiá
Maranduva — Niçocé
Marcar — Queocé
Margem — Somuto
Maribondo — Uktiá .
Marido — Manape
Marreco — Patu
Martelo — Paateca
Martim-pescador — Sane
Maruim — Mariviá
Marupá — Marupá
Marupiara — Mo-singue
Mascar — Cuni-mektoncé
Mascara — Oharo uaktí
Mata — Nukque
Matar — Uehencé
Matinar.— Boreacé
Mato — Nukque
Mau — Nhaangue
Maxila — Ukceca
Mediar — Dikcauaacé
Medicar — Okco-ieecé
Médio — Dekcómena
Medir — Queocé
Meditar — Uakcunenecé
Medonho — Ukquenegue
Meio-dia — Dalítero
Mel — Mumí
Melar — Mumí-uarecé
Melhorar (a saúde) — **Anhu curecé**
Memória — **Makcínomena nicé**
Menina — Uimango
Menino — Uimangue
Menor — Dehague
Mente — Uakcuncé
Mentiroso — Niçogue
Mentir — Niçocé
Merecer — Uakpatacé
Mergulhar — Ohó-**minicé**
Mês — Muhipu
Mesa — Mesa
Mestra — Buego
Mestre — Buegue
Metade — Dekçomena
Meter — Soneoncé
Meu — Iee
Mexer — Daramancé
Miar — Piçana calicucé
Migalha — Baa-sistecé
Militar — Surara
Mingau — Iumuco
Minguar — Diocé
Miolo — Caí
Mirar — Ianocuncé
Mó (pedra de afiar) — **Uktá-ekce-**iuhaque
Modelar — Queoro darecé
Molhar — Puucé
Mono — Akque nhiingue
Monstruoso — Nhaan-**buktiague**
Montanha e monte — **Eene**
Monturo — Oácuano
Moquear — Sekçocé
Moral — Anhunó ueepoocé
Moralidade — Anhunó **ueepooceré** darecé
Morar — Niincé
Morcego — Okçó
Morder — **Cunicé**
Môrno — **Akci-bukcecé**
Morrer — Uenicé
Morte — Uenicé
Morto — Uenique
Môsca — Moaná
Mosquito — Moanaque
Mostrar — Ioncé
Motejar — Buicancé
Mourão — Boktá
Mover — Iumicé
Movimento — Iuminó
Muco — Ehón
Mucura — Oá
Mudar — Dikcaiucé
Mudo — Ucun-**makcitigue**
Muito — Pehé
Muleta — Tuaque
Mulher — Numió
Multidão — Pahaná-**makçá**
Multiplicar — Nemocé
Mulungu — Poó
Mundo — Mani iaturí
Mugir — Uekque okpenco **micé**
Munição — Pekcáperi
Murchar — Bukque dohocé
Muriçoca — Muktén
Muriti ou buriti — Neé
Murmúrio — Pacuni **bukcecé**
Murro ou sôco — Dokterícua
Murmurar — Unuçancé
Mutuca — Nonane
Mutum — Uánopi

N

Nadar — Bacé
Nanar — Uimanguené **bahacé**
Não — Niué
Narrar — Quekti uerecé
Nascer — Ponatinocé

Naufragar — Minicé
Navegar — E-uaacé e U-uaacé
Neblina — Omé-bukque
Necessitar — Eeacé
Negar — Niçocé
Negociar — Dua-duucé
Negro — Nhiingue
Neném — Uimangueaca
Nenhum — Nenique
Nênia — Ukticémena bakçacé
Néscio — Makcipeotigue
Neto — Panami
Nidificar — Menique sutiro ueecé
Nigua ou bicho de pé — Dipuço
Ninho — Mínique sutiro
Nisso — Totá ou tetá
Nível — Diaqueno
Nó — Detecuaro
Nódoa — Uini
Noite — Iamica
Noivo — Uamuca detegue
Nojento — Uini Behugue
Nome — Uamé
Nomear — Uameieecé
Nora — Makquen nemó
Nós — Mani ou Ukçá
Nossa — Manieé ou Ukçaieé
Nosso — Manieé ou Ukçaieé
Notícia — Quektí
Novêlo — Iokçá puninga
Novo — Mamá
Nu — Suti-maningue
Nublar — Omé-bahuacé
Nudez — Suti-manicémena
Nutrir — Baaceré oocé
Nuvem — Omé

O

Obedecer — Heompeocé
Obeso — Paga behugue
Óbito — Uenicé
Oblíquo — Muníquearo
Obra — Darecé
Obrar — Darecé
Obrigação — Dare-uakpamocé
Obrigar — Dare-uakpamocé
Obscurecer — Naitiancé
Obscuro — Naitiano
Observar — Anhunó iancé
Obcesso — Uaktí sahánoque
Obstar (impedir) — Camutacé
Obstruir — Tubiacé
Obter — Queocé
Obturar — Tubiacé
Ócio — Tecebehucé
Oco — Queotigue
Oculto — Neongue
Ocupar — Nheencé
Odiar — Eocé
Ódio — Eoró
Ofegante — Ukpete-herimingue
Ofender — Nhaano ueecé akpenané
Ofensa — Nhaancé ueecé akpenané
Oferecer — Oocé
Oito — Akpemuca itiá penipehacé
Óleo — Uucé
Olfato — Uihincé
Olhar — Anhunó iancé
Olho — Cakpea
Omitir — Dareticé
Onça — Iaí
Onda — Paconi
Onde — Noope
Ondular — Paconi ueecé
Ontem — Cane
Operar — Darecé
Opor — Dokquepoteoncé
Oposto — Akpi ueroro nítigue
Oprimir — Begauekticeré oocé
Optar (escolher) — Ian-bekcecé
Oração — Nhumbuecé
Orar — Nhumbuecé
Ordem — Akpocé
Ordenar — Akpocé ueecé
Orêlha — Emépero
Órfão — Pakque, pakcó maningue
Organismo — Ukpe
Organizar — Akpocé ueecé
Orgia — Sinibehucé
Orgulhoso — Iehégue
Orientar — Maá-ioncé
Orifício — Cokpeaca
Orla — Somuto
Ornamentar — Anhunó akpocé
Orvalho — Nhokcuá ukceco
Oscilar — Bahacé
Osso — Ouani
Ostentar — Anhunó ioncé
Ótimo — Anhu-buktiacémena
Outeiro — Eene canhaca
Outorgar — Oocé
Outro — Akpí
Outrora — Titape
Outrossim — Tobuipe
Ouvido — Tioró
Ouvir — Tiocé
Ovação — Amúcani paacé
Óvo — Dieri

P

Pá — Siômeno
Paca — Semé
Paciente — Tunheegue
Pacificar — Soocerê oocé
Pacote — Omanó
Pacu — Uhú
Padecer — Punicé
Padiola — Ueeácaro
Padre (sacerdote) — Paí
Padrinho — Pakqueá
Pagão — Uamé maningue
Pagar — Uakpaiecé
Pagé — Iaiua
Pai — Pakque
Palavra — Uro
Palestrar — Ameni ucuncé

Pálido — Dií-petigue
Palma — Ikquinho
Palmito — Mikpí-popero
Palpar — Padaracé
Pança — Paga
Panela — Quiputi
Panema — Miigue
Pânico — Pahiro ukquearo
Pantanal — Saábaro
Papagaio — Uekcó
Papa-peixe ou martim-pescador — Sane
Papeira — Bikpicé
Papel — Papera
Papo — Sen-hen-há e sen-henó
Paralisia — Uaa-makciticé
Paraná — Iukti
Parar — Tohanecancé
Parauaçú (macaco cabeludo) — Akque-poali-behugue
Parecer — Bahucé
Parede — Ditapiácaro
Pari (armadilha de varas para apanhar peixes) — Euá
Parte — Dekcó
Partido (saído) — Uihiaro
Partido (dividido) — Dikcauaro
Partir — Uaacé
Pasmar (espantar) — Ukqueacé
Passagem — Uaacé
Passar — Ieerecé
Pássaro — Minique
Passear — Siacé
Passo — Ieracé
Patear — Dipoticé
Pátio — Akperó
Pato — Pato
Pátria — Nino
Pau — Iukque
Pau-amarelo — Iukque soanque
Pau-d'arco — Bokpoli
Pau-ferro — Iukque buktigue
Paulada — Iukque paaro
Paxiúba — Uaktá
Paz — Hérípona soocé
Pé — Dipoca
Pecado — Pecado
Pecador — Pecadotigue
Peconha (liga de embira posta aos pés para trepar) — Betó
Pedir — Senitiancé
Pedra — Uktampa
Pègada — Makçá dipoca
Pegado — Nheengue ou Pirá-onque
Pegar — Nheencé
Peia (peconha) — Betó
Peito — Cuktiro
Peixe — Uaíue
Peixe-boi — Uekque-uaí
Peixe-aranha — Bukpe-uaí
Peixe-cobra — Pinó-uaí
Peixe-do-mato (acarí, traíra) — Doé
Pelar — Panecé
Pelejar — Amequencé
Pêlo — Poali
Penca (de banana) — Okpáton
Pender — Iooconcé
Peneira — Searo
Peneirar — Seacé
Penetrar — Dokcape sahancé ou Sahanduktice
Penitencia — Buiri darecé
Pensar — Uakcuncé
Pente — Iiro
Pentear — Uehá-puacé
Peor — Nhaan-ieeregue
Peorar — Nhaan-ieerecé
Pequeno — Cangueaca
Perceber — Tiocé
Percorrer — Siacé
Perder — Bahuliocé
Perdiz — Iairo
Perdoar — Okcobohocé
Perecer — Uenicé
Pererèca (rã) — Omá
Perfeito — Anhu-buktiacémena
Pérfido — Nhaan buktiague
Perfume — Emétiro
Perguntar — Senitiancé
Perícia — Makcipeocé
Perito — Makcipeogue
Periquito — Cain
Perlustrar — Anhunó bokcacé
Permanecer — Tohaquiacé
Permitir — Uee-duucé
Permutar — Dikcaiucé
Perna — Dipoca
Pernaltas (ave) — Dipcócani bukque
Pernear — Dipócani nanaçancé
Pernoitar — Iamica ieerecé
Pertencer — Queocé
Perturbar — Uesistecé
Perverso — Nhaan-buktiague
Pesado — Nukquegue
Pesar — Nukquecé
Pescada — Uaí-uehéncana
Pescador — Uaí-uehengue
Pescoço — Cantee
Pesquisar — Anhunó hamancé
Pessoa — Makcé
Peste — Nhaano doaticé
Peteca — Paá-peecá
Petéquias (nodoas vermelhas na pele) — Umuca dorocé
Pião — Bektaga
Piar — Mínique niincé
Picada — Nunanu
Picapau — Coné
Picar (fazer pedaços) — Iehé-siacé
Piche — Uarecé
Pilão — Pamú-dokquero
Pilar (descascar) — Panecé

Pimenta — Biá
Pinça — Cunindioro
Pinga (cachaça) — Sibioca
Pingar — Okcóperi-surucé
Pintar — Uarecé
Piolho — I-iá
Pipiar — Minique-uu-queoeé
Pique (ir a pique) — Minicé
Piracema — Uaí-tunino
Piraíba — Mohó
Piranha — Bee
Pisar — Nhaciropeocé
Piscar — Mimitiancé
Piso — Nokcuca
Pitada (rapé) — Uihincé
Pium — Mariviá
Planta — Oktecé
Pluma — U-ueecé
Pó — Oari
Pobre — Pahacé queogue
Pocilga — Ikcea baaro
Poço — Diktaro
Podar — Dikte-uakciacé
Poder — Tuktuacé
Poderoso — Tuktuague
Podre — Boaque
Podridão — Boaiereacé
Polpa — Popeape
Pólvora — Pekcánoha
Ponta — Iakpa-ekce-lóaro
Pontada — Punicé
Pontapé — Dipoca paacé
Pontaria — Pekcaié-queocé
Ponte — Uaa-cakçaa
Popa — Iukquece siro
Popocar (crepitar) — Bara-uihiacé
Pôr — Cuncé
Poraqué — Sahán
Porção — Pehé
Porco — Iekcé
Porém — Totá
Porfiar — Ametuticé
Porquê — Deró
Portar — Miancé
Pôrto — Pektama
Possível — Poteono
Pote — Sesteue
Prático (piloto) — Autugue
Prato — Bakpá
Prazer — Ukpe ecaticé
Prece — Nhumbuecé
Preceito — Duktiro
Precipitar — Tuktuarómena berecé
Prédio — Pahiri uií
Preferir — Ega-ieereacé
Prega (dobra) — Tutíporo
Pregar (pôr pregos) — Pabipecé
Prego — Perego
Preguiça — Nihiciancé
Preguiça (animal) — Ueene
Premiar — Uakpaieecé
Prender — Detecé
Preocupar — Puno uakcuncé
Preparar — Anhunó akpocé
Preservar — Emacé
Prêso — Nheengue
Prestar — Anhucé
Presumir — Tio-bekcecé
Pretender — Tuktuarómena egacé
Prêto — Nhiincé
Prevalecer — Makci-ieerenecancé
Prevenir (chegar antes) — Dikporo ektacé
Prever — Dikporo iancé
Prezar — Anhunó maicé
Primeiro — Nimetangue
Primo (se é de outra tríbu) — Bakçugue; **se fôr da mesma tríbu, se diz:** Iee pakque mami ou akcabí makque; **isto é: filho do irmão maior ou irmão menor de meu pai.**
Principiar — Dipoca darecé
Proceder — Uaacé
Procurar — Hamancé
Profanar — Ueetenecé
Professor — Buegue
Profetizar — Ueremetancé
Profundo — Enqueacé
Proibir — Uee-duktiticé
Prolongar — Ioácuno ueecé
Pronunciar — Niincé
Propagar — Akpeciepe buecé
Próprio — Bakçupé
Prostração — Tuktua-manicé
Proteger — Anhunó ueetamucé
Prumo — Diaque queoro
Prurido — Nhanquincé
Puba (mandioca posta na água para amolecer) — Quibócunce
Pudor — Bokpoiacé
Pular — Bupucé
Pulga — Nekcuém
Pulmão — Hérimino
Pulular (brotar) — Pinicé
Pulverizar — Oaripokcá ueecé
Punga — Nihiciague
Punhal — Nhokcenipi
Punho — Dukterícaua
Puro — Uini-maningue
Pus — Mokçoní
Pussá (peneira para pescar) — Uehenca
Puxar — Uehécancé
Puxuri — Pucirí

Q

Qual — Noá
Qualquer — Mehón-ningue
Quando — Derónica
Quanto — Díquece
Quarto — Tukcú
Quarto (de dormir) — Caninítukcú
Quase — Canoaca

Quati (coati) — Mikpín
Quatorze — Peámuquena bapálitícé penipeacé. **Lteralmente: duas mãos quatro dedos acrescentar.**
Quatro — Bapalitícé
Quebrado — Baktaque
Quebrar — Baktacé
Queda — Berequeacé
Queimada — Ehunque
Queimar — Ehuncé
Queixar — Calibukticé
Queixar-se — Calibukticé
Quem — Noá
Quentar — Akcipocé
Quente — Akciro
Querer — Egacé
Querido — Mainogue
Questionar — Amentuticé
Quietar — Soocé
Quilha — Autun
Quinto — Nicamuquecangue
Quotidiano — Imecoli nukque

R

Rã — Omá
Rabo — Pikcono
Rabugem — Diaí doaticé
Rachar — Bokpecé
Raiar — Bahuacanticé
Raio — Bukpo viocé
Raiva — U-uaro
Raivar — U-uacé
Raivecer — U-uacé
Raiz — Nekcón
Ralar — Ouecé
Ralhar — Tuticalicucé
Ralo — Sokcono
Rama — Dikpeli
Rancho — Baacé
Ranger — Cuni-diocé
Rapar — Ue-hacé
Rapariga — Numió
Rapaz — Mame
Rapé — Uihincé
Rápido — Soharómena ueegue
Rapinar — Iahacé
Raso — Diáqueno
Raspar — Ue-hacé
Rastejar — Baecé
Rasto — Dipócani
Rato — Bií
Razão — Tiomakcicé
Reanimar — Tuktuaro oocé
Rebaixar — Midiocé
Rebater — Akpátuli paacé
Rebentar — Uktipukticé
Rebocar — Iukquecé uehacé
Rebojo — Dokque moniacé
Rebuscar — Akpátuli hamancé
Recair — Akpátuli berecé
Recear — Ui-ieerecé
Receber — Potenicé
Rechaçar — Poteni-siniticé
Recitar — Bukcero niincé
Reclinar — Akpátuli moniqueacé
Recobrar — Akpátuli bokcacé
Recolher — Neencé
Recompensar — Uakpaieecé
Recordar — Uakcuncé
Recoser — Akpátuli derocé
Recrear — Akpecé
Recuar — Tuhanecancé ou dusticé
Recuperar — Akpátuli bokcacé
Rêde — Pungue
Redenção — Anhunó ieereocé
Redondez — Betó nicé
Reentrar — Akpátuli sahancé
Refazer — Akpátuli darecé
Refeição — Baacé
Refeitório — Baari-tukcú
Refletir — Uakcunenecé
Reforçar — Tuktuaro oocé
Rêgo — Okco uaaró
Regressar (à casa) — Dahacé
Rejeitar — Dokque coancé
Relâmpago — Bukpo viocé
Relampaguear — Bukpo viocé
Remanso — Okcónuno
Remar — Uahacé
Remédio — Okcó
Remendo — Suticakceró
Remeter — Miancé
Remexer — Akpátuli daramancé
Remir — Anhunó ieereocé
Remo — Uahápi
Remorso — Héripona calibukticé
Renegar — Akpátuli niçocé
Renovar — Mamá ueecé
Renunciar — Egaticé
Reparar — Mamá dikcaiucé
Repassar — Akpátuli ieerecé
Repousar — Soocé
Repreender — Tuticé
Reproche — Tuticé
Repuxar — Tuktuarómena uehecé
Requeimar — Akpátuli ehancé
Reservar — Anhunó nenocé
Residir — Niincé
Resmungar — Unucancé
Respeitar — Heompeocé
Respiração — Hérimicé ou herióance
Respirar — Hérimicé
Responder — Ieticé
Restaurar — Akpátuli ueecé
Restituir — Viacé
Resto — Dekçaro
Restringir — Uee diocé
Resvalar — Ektá-sioncé
Retalhar — Iehé-sistecé
Retardar — Iukcuecé
Retificar — Anhunó akpocé
Retirar — Miincé
Retornar — Tuhacé ou dahacé
Retrair — Ue-hetoneoncé

Retroceder — Tohanocancé
Réu — Buiritigue
Reunir — Neencé
Revelar — Ioncé
Rever — Akpátuli iancé
Revestir — Akpátuli suti sanhancé
Revoar — Ueecé
Revolver — Daramahancé
Rezar — Nhumbuecé
Riba e ribeira — Somuto
Rícino — Uucé
Rio — Diá
Rir — Buhicé
Risada — Buhipukticé
Riscar (apagar com traço) — Uaihicé
Robusto — Tuktuague
Roça — Uekcé
Roçar — Tanacé
Roer — Ueerecé
Rogar — Senitiancé
Rolar — Tunucé
Rôlha — Biaro
Romper — Peecé
Roncar — Uniicé
Rondar (vigiar) — Cotecé
Rosnar — Unuçancé
Rosto — Diápoa
Roubar — Iahacé
Roupa — Sutí
Rouquidão — Seacé
Roxo — Nhiimino
Rua — Maá
Rufo — Toaque
Rufar — Toaticé
Rugir (onça) — Djaí uucé
Ruir — Tuktuarómena bereacé

S

Sábado — Saurú
Saber — Makciçé
Sabiá — Makcáneque-boá
Sabichar — Makci-ion-sinicé
Sabichão — Makci-ion-sinigue
Sábio — Makcipeogue
Sabor — Ekceacé
Saborear — Ekcearómena baacé
Sacar — Duacé
Sacerdote — Paí
Saciar — Iakpicé
Saco — Ahuro
Sacramentar — Sacramentoré oocé
Sacrilégio — Santucé teenecé
Sacro — Santubuktiacémena
Sacudir — Nhumicé
Safar — Mi-uacuncé
Sagaz — Dare-makcipeogue
Sagüi ou sagüim — Uikçón
Saia — Saia
Saída — Uihiaro
Sair — Uihiacé
Sal — Moá
Sala — Tukcú
Salgado — Moá-tusanqué
Salino — Moaticé
Saliva — Ukceco
Salpicar (manchar) — Uini ueecé
Saltar — Bupucé
Salto — Bupuró
Salvar — Anhunó ieereocé
Sanear — Anhucá ueecé
Sangrar — Dií-miincé
Sangue — Dií
Sanhaço ou sanhaçu — Ené-suím
Sânie (pús, podridão) — Mokçoní
São — Ukpe anhungue
Sarabatana — Bukpu-ue
Saracura — Saracura
Sarar — Dukti ieerecé
Sarampo — Sarampa
Sarna — Camí-bukque
Satisfazer — Ehatuacémena ueecé
Saturar — Iakpicé
Saudar — Anhu dukticé
Saúde — Ukpe anhucé
Sazonar (amadurecer) — Anhunó bukticé
Sebo — Uucé
Secar — Bokpocé
Secreto — Neonque
Seduzir — Nhaano buecé
Seguir — Sirotu-uaacé
Segundo — Toberocangue
Segurar — Anhunó nheencé
Seio — Cuktiro
Seiva — Iukque-dií
Selvagem — Nukquecangue
Semana — Semana
Semear — Okticé
Sem-fim — Petía manicémena
Sempre — Nipeticénemeni
Senha ou sinal — Queoro
Sentar — Duhicé
Sentenciar — Bekcecé
Sentir — Tiocé e Tio-iancé
Separar — Dikca-uaacé
Sepultar — Iaacé
Séquito — Sirotúcana
Ser — Nincé
Seringa — Digue
Sério — Viopekçague
Serpente — Pinó
Serra — Eene
Serra — Iehero
Serrar — Iehecé
Serrote — Iehero
Servir — Peokancé
Servo — Petokangue
Serzir — Derocé
Seta (flecha) — Ane
Sete — Peá akpemuca penipeacé
Seu — Quee-ié
Seis — Nica akpemuca penipeacé
Sezão — U-haque
Significar — Uere-sinicé
Silêncio — Ditamanicé

Silvo (assobio das serpentes) — Pinó uucé
Simplicidade — Ueetaçacé manicémena
Sinal — Ioncé
Sinalar — Ioncé
Sinceridade — Niçocé manicémena
Síncope — Tiomakcitícé ou tiomakcia manicé
Singular — Niquetá
Sino — Tamaraca
Sítio — Nino
Só — Niquetá
Sobejar — Dekçacé
Soberbia — Ieecé
Sobrar — Dekçacé
Sobrecarregar — Pehé duromonoocé
Sobrelevar — Miconcé
Sobrenatural — Ianha manicé
Sobrinha — Makcoan
Sobrinho — Makqueám
Socar — Dokquecancé
Sôco — Dokquecé
Socorrer — Ueetamucé
Sofrer — Punicé
Sogra — Manhecón
Sogra — Manheque
Sol — Ímeco muhipu
Soldado — Surara
Solo — Nokcuca
Soltar — Pan-vionecé
Soluçar — Uktinemocé
Sombra — Uaktí-dokquéquearo
Sonhar — Queencé
Sonho — Queenó
Sono — Uehá
Soprar — Pukticé
Sororoca — Héritoacé
Sorrir — Buhicé
Sorver — Sinimimincé
Sossegar — Soocé
Sossobrar (naufragar) — Minicé
Sovaco — Quencá-dokcá
Suado — Akcituague
Suar — Akcituaacé
Subir — Emeacé
Sublime (perfeito) — Anhu buktiague
Sucurí ou sucuriju — Diá-utícaro
Suficiente — Ehatuarómena
Sufocar — Héritoacé
Sujar — Uini-ueecé
Sujo — Uinitigue
Sumir — Bahulikticé
Suor — Akcituaacé
Superar — Ieerenecancé
Suplicar — Senicé
Surdez — Tio-makcitícé
Surdo — Tio-makcitigue
Surrar — Tanacé
Surgir — Bahucé
Suruê (montículo de terra construido pelos cupins) — Buktuá-mecá
Surucucu — Sokcóncero
Suspender (pendurar) — Uehémoneocé
Suspirar — Puno egacé
Sussurrar — Eó-uereçancé
Sustentar — Tunheencé
Sustentar — Ukqueacé

T

Tabaco — Menó
Tabique — Tiácaro
Tábua — Tábua
Taiaçu — Iekcé
Taioba — Cakpó
Taipa — Tatípa
Talhar — Detecé
Talho — Detero
Tamanduá — Bukcó
Tambor — Toate
Tambu ou bicho de pau podre — Pikcon
Tampa — Biaro
Tampão — Biaro
Tanga — Uakçoro
Tanger — Pukticé
Tapagem — Biaro
Tapar — Biacé
Tapête — Emisa
Tapioca — Uektá
Tapir — Uekque
Tapuru — Bekcoá
Taracajá — Uú
Taramela — Biaro
Tarde — Dalítero
Tarira — Doé
Tarrafa — Dokqueçano
Tartamudo — Cucugue
Tartaruga — Uú
Tarubá (caxirí feito com beiju e água) — Péru-ahún
Tatu — Pamú
Tauá — Eue-eetá
Tauarí — Tauarí
Tear — Pungue-paáturu
Tecer — Paatucé
Teiru (gaita dos índios) — Mektémporo
Teiú — Ióaçon
Telhado — Uií-moano
Temer — Uicé
Templo — Uaque uií
Tênia — Paácangue-pinó
Tentar — Niqueçancé
Ter — Queocé
Terçado — Diipí
Terceiro — Itiaticangue
Terminar — Peticé
Término — Petiro
Terra — Ditá
Terror — Puno ukqueacé
Tesoura — poali-seeró
Testa — Diápoa
Teu — Mee-ié

Ti — Mee
Tia — Mengó
Tíbia — Niekcándia
Tição — Nikti-akcicé
Tigre — Iaí
Timbó — Ehú
Timucu (peixe agulha) — Corobiça
Tio — Megue
Tio materno — Iee pakcó páneme
Tio paterno — Iee pakque mamí ou akcabí
Tipiti — Uaktíqueon
Tira (pedaço de pano) — Sutícakceró
Tirar — Duk-hacé
Tisnar — Nhiican-ueecé
Toca — Cokpé
Tôco — Tukturo
Todo — Nípetiro
Tolda — Moano
Tolher — Camutacé
Tolo — Matigue
Tomar (roubar) — Iahacé
Tombo — Berecé
Topar (achar) — Bokcacé
Torçer — Aniá-mahamicé bikpecé
Tornar — Tuhaticé
Toro — Dekté-siaque
Torrar — Peoncé
Torturar — Punican-ueecé
Tosse — Saticé ou satiro
Tossir — Saticé
Trabalhar — Daracé
Traça — Dukcuáue
Tracajá — Uú
Traçar — Diaque darecé
Tragar — Meoncé
Trago — Meonó
Trair — Nicocé
Tranca — Biaro
Trança — Seé-patacé
Trancar — Biacé
Transportar — Akpérope cuncé
Transtornar — Akpoticé
Trapo — Suti-cakcero
Transbordar — Pio-sestecé
Traspassar — Ierê-uihiacé
Tratar (medicar) — Okcoiecé
Travar (prender) — Anhunó detecé
Trazer — Miticé
Tremer — Nanaçancé
Trepar — Mehancé
Três — Itiá
Trevas — Naítiano
Trincar. (morder) — Cunicé
Trinchar — Iehé-uacancé ou cunisestecé
Trinco — Biaro
Trino — Itiáticano
Trinta — Trinta
Tripé — Comé-betó
Trocar — Dikcaiucé
Tronco — Tukturo
Trovão — Bukpo
Trovejar — Bukpo bukcecé ou bukpópaacé
Tucano — Dakcé
Tucum — Iokcan puní
Tucumã — Tucumã
Tucunaré — Buú
Tumba — Makçá-iaaro
Turvar — Uini-ueecé

U

Uacapu — Iukque buktique
Uacari (peixe) — Iacá
Uacariguaçu — Iacá pahigue
Úlcera — Camí bukqueró
Último — Iakpaticangue
Ulular — Diaí tuticé
Um — Nique
Uma — Nicó
Umbauba — Botépuní
Umbigo — Sumunga
Umedecer — Okcoticé
Umido — Okcotiro
Ungir — Uarecé
Unha — Umócero
União — Neeno
Unir — Neencé
Uracaçu ou caracará — Okcodakcé
Urina — Oné
Urinar — Onecé
Urro — Ijaí u-uacé
Urubu — Iukcá
Urucu — Mokçan
Usar — Pehétiri ueecé

V

Vadiar — Daraticé
Vagabundo — Siague
Vagem (feijão verde) — Uimancé
Vagir — Uimangue ukticé
Vaiar — Ian-buicancé
Valer (significar) — Uerecé
Valor (coragem) — Uiticé
Valor (preço) — Uakpatacé
Vara — Iukquegue
Varadouro — Maá
Variar — Dikcaiucé
Varíola — Bixiga
Varrer — Oacé
Vassoura — Oari bokcá
Vazante — Uektiro
Vazar — Uekticé
Veado — Nhamá
Vedar — Uee-duktiticé
Veia — Dií-maá
Velar — Cotecé
Velha — Bukqueo
Velho — Bukque
Veloz — Eme-iangue
Vencer — Ieerenecancé
Vender — Duacé
Veneno — Nimá

Ventar (soprar) — Uinó ueecé
Ventas — Equémperi
Ventilar (arejar) — Uinó sahancé
Vento — Uinóno
Ventre — Paga
Ver — Iancé
Verberar (açoitar) — Tanacé
Verde — Iaçacé
Vêrga — Nektó
Vergar (curvar) — Iukque betó
Vergonha — Bokpoiacé
Verme — Bakpaa ou Békcoa
Vermelho — Soano
Verruga — Biapoktá
Verruma — Sanero
Verrumar — Sanecé
Verter (entornar) — Pioncé
Vespa — Cuningue
Vestido — Sutiro
Vestir — Suti sanhancé
Via — Maá
Viajar — Siacé
Viciar — Nhaano ueepoceré oocé
Vício — Nhaano ueepoocé
Vida — Caktícé
Vigiar — Cotecé
Vinagre — Piacé
Vingar — Buiri darecé
Vir — Ektacé
Virar — Mahami pehacé
Virtude — Anhuno ueepoocé
Visco ou visgo — Piráoncé
Visitar — Ian-uaacé
Viúva — Uakpévio
Viúvo — Uakpévii
Viver — Caktícé
Vizinho — Petoacangue
Voar — Ueecé
Vogar — Uahacé
Voltar — Tuhacé
Voltear — Tum-hamicé
Volver — Tuhacé ou dahacé
Vomitar — Ektoacé
Vontade — Egaró
Vós — Mekçá
Vossa e vosso — Mekçaié
Voluntàriamente — Egarómena
Vovô ou avô — Nhekque
Vovó ou avó — Nhekcó
Voz — Uucé

Z

Zanga — U-uacé
Zangar — U-uaroçancé

Tôda correspondência para a Associação Brasileira dos Amerindianistas — ABA — pode ser enviada provisòriamente para a Rua Libero Badaró, 595 - 1.º andar - sala 124 - São Paulo.

Padre Antônio Dallavia SS. — Revisor da Congregação Salesiana, por encargo do Revdmo. Padre Guido Barra, Inspetor dos Salesianos do Norte do Brasil.

AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - Lei nº 9.610/98). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura

CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA